

VIVINA DIAS SOL QUEIROZ

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA DOCÊNCIA NA SALA
DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Campo Grande/MS
2009**

Ficha Catalográfica

QUEIROZ, Vivina Dias Sol, Sentidos e Significados da Docência na Sala de Tecnologia Educacional/Vivina Dias Sol Queiroz – Campo Grande, MS, 2009.

250 f. 30 cm

Orientadora: Sonia da Cunha Urt

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CCHS.

1. Bases Teóricas e Procedimentos Metodológicos. 2. O Trabalho Docente. 3. As Salas de Tecnologias em Mato Grosso do Sul. 4. A Docência na Sala de Tecnologia Educacional. I. Urt, Sonia da Cunha. II. Título.

VIVINA DIAS SOL QUEIROZ

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA DOCÊNCIA NA SALA
DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

Tese apresentada como exigência final para obtenção do título de Doutora em Educação à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof^a Dr^a Sonia da Cunha Urt.

Campo Grande/MS
2009

COMISSÃO JULGADORA

Profª Drª Sonia da Cunha Urt
Orientadora (UFMS)

Profª Drª Ângela Fátima Soligo
UNICAMP

Profª Drª Maria Cristina Lima Paniago Lopes
UCDB

Profª Drª Jacira Helena do Valle Pereira
UFMS

Profª Drª Jucimara Silva Rojas
UFMS

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Júlio Alves de Queiroz e Lenis Dias Sol Queiroz (in memórian) por me ensinarem os valores morais e éticos, as primeiras letras e os primeiros números. Ensinaamentos essenciais que me fizeram compreender a vida e valorizá-la em toda a sua dimensão humana.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de valiosas colaborações que recebemos antes e durante a sua realização, não conseguindo as palavras externar os agradecimentos a todos que nos ajudaram na sua concretização. Algumas, no entanto, foram imprescindíveis para que ora pudéssemos escrever estas palavras.

Ao meu esposo, Professor Doutor Jesus Eurico de Miranda Rescigno, pelo apoio desde a elaboração do pré-projeto.

A minha orientadora Professora Doutora Sonia da Cunha Urt pela amizade, confiança e orientação em todas as fases deste trabalho.

Aos professores e professoras do Curso de Doutorado em Educação que não mediram esforços para trazer este curso para esta universidade, proporcionando-nos o acesso a mais este nível de formação.

Aos colegas da turma, Carina, Carla, Cristiane, Lara, Maria Alice, Maria Cecília, Fernando, Renato (*in memórian*) e Rose, pelas ricas discussões na sala e pelos momentos inesquecíveis que passamos juntos nessa caminhada.

Aos professores e professoras das Salas de Tecnologias Educacionais dos oito COUNE da cidade de Campo Grande-MS, que gentilmente aceitaram colaborar conosco, com informações valiosas sobre seus trabalhos, tornando possível a realização desta pesquisa.

As Professoras Doutoradas Angela Fátima Soligo, Jacira Helena do Valle Pereira, Jucimara Silva Rojas e Maria Cristina Lima Paniago Lopes pelas análises e ricas sugestões no Exame de Qualificação, as quais foram determinantes para a finalização deste trabalho.

RESUMO

Estudar o professor no contexto das atuais tecnologias da informação e da comunicação implica reconhecer que, embora os objetivos em relação à educação possam variar de acordo com as transformações sociais, a complexidade da atividade docente exige que o professor se mobilize para melhor compreender e desempenhar sua função. Com a introdução do computador na educação, muito se tem falado sobre a importância da mediação docente para que o aluno se aproprie dessa ferramenta. Portanto, para desvelar o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional na cidade de Campo Grande-MS, foco central desta investigação de natureza qualitativa, buscou-se o referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural, por considerar o sujeito histórico, concreto e produto da emoção. Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram a entrevista semi-estruturada e o completamento de frases. A entrevista foi realizada no ano de 2007, no período de março a setembro, e os sujeitos entrevistados, escolhidos intencionalmente, constituíram um grupo formado por 16 professores lotados em salas de tecnologias educacionais de diversas escolas da rede estadual. As entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas aos sujeitos antes de serem analisadas. O completamento de frases foi proposto em outubro de 2008 aos mesmos 16 sujeitos, sendo que, desta vez, recebemos somente 9 devoluções. Os resultados aos quais chegamos, revelam um sujeito que, pela possibilidade de uma docência compartilhada, se percebe aprendiz e mediador das relações construídas nas salas de tecnologias educacionais, contudo, pela própria estrutura da organização escolar, também realiza um trabalho limitado. Além disso, a pesquisa evidencia que as condições concretas da atividade realizada parecem determinar a constituição dos sentidos e atribuição de significados na atividade docente realizada em um determinado espaço, seja a sala de tecnologia educacional ou a sala de aula convencional, haja vista os sentidos e significados estarem intimamente relacionados ao uso pessoal e à exigência social da utilização desse ferramental como instrumento de ensino pelo professor e de aprendizagem pelo aluno.

Palavras-chave: atividade docente – sala de tecnologia educacional - sentido e significado .

ABSTRACT

Studying the teacher in today's communication and information technology context infers in recognizing that even though the goals related to education may vary according to the social changes, the complexity of the teaching practice demands that the teacher make a move to understand better and accomplish his job. With the introduction of computers in education, much has been talked about the importance of the teaching mediation so that the student makes the best of this tool. So, to reveal the sense and the meaning of teaching in an educational technology in the city of Campo Grande-MS, main focus of this investigation of qualitative nature, we searched in the reference of the Historical-Cultural Psychology theory, for considering the historical subject, concrete, product of emotion. The instruments used for the accomplishment of this research were the structured interview and the completing of the sentences. The interview was done in the year of 2007, in the period between March and September, and the people interviewed, chosen intentionally, formed a group of 16 teachers in educational technology classrooms of many state schools. The interviews were recorded, written and sent to the people before being analyzed. The complement of the sentences was proposed in October of 2008 to the same 16 people, but this time, we received only 9 devolutions. The results to which we reached, reveal a person who, by the possibility of a shared teaching experience, reflects as learner and mediator of the relations built in the educational technology classrooms, however, by its own structure of the school organization also accomplishes a limited job. Besides, the research shows that the concrete conditions of the activity done seem to determine the building of the senses and attributions to the meanings in the teaching activity accomplished in a determined space, be the educational technology classroom, if senses and meanings are intimately related to the personal use and to the social demands of the use of this tool as instrument of teaching by the teacher and learning by the student

Key words: Teaching practice – educational technology classroom – sense and meaning.

LISTA DE SIGLAS

STE	Sala de Tecnologia Educacional
SAC	Sala de Aula Convencional
SED	Secretaria de Estado da Educação
NTE	Núcleo de Tecnologia Educacional
NTE/CGR	Núcleo de Tecnologia Educacional de Campo Grande
COUNE	Conselho das Unidades Escolares
CEMTE	Centro Municipal de Tecnologia Educacional
DTE	Diretoria de Tecnologia Educacional
COTEC	Coordenadoria de Tecnologias Educacionais
PROINFO	Programa Nacional de Informática na Educação
PRONINFE	Programa Nacional de Informática Educativa
EDUCOM	Educação por Computador
CIED	Centro de Informática Educacional
NIED	Núcleo de Informática aplicada a Educação
NIEE	Núcleo de Pesquisa em Informática na Educação Especial
LEC	Laboratório de Estudos Cognitivos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos.....	25
Quadro 2 – A escolha da docência como profissão.....	26
Quadro 3 – A escolha da STE como espaço para a docência.....	98

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1- Roteiro das Entrevistas.....	140
Apêndice 2- Roteiro do Completamento de Frases.....	141
Apêndice 3- Modelo do Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	142
Apêndice 4- CD contendo as entrevistas transcritas e as frases completadas.....	143
Apêndice 5 – Entrevistas Transcritas	155

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 Resolução SED 1570.....	239
Anexo 2 Resolução SED 1842.....	241
Anexo 3 Resolução SED 2127.....	246

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
CAPÍTULO I AS BASES TEÓRICAS E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ORIENTADORES DA PESQUISA.....	18
1.1 Introduzindo o pensamento de Vigotsky.....	18
1.2 Os sujeitos colaboradores da pesquisa.....	24
1.3 Os instrumentos utilizados na pesquisa: a entrevista e o completamento de frases.....	30
CAPÍTULO II O TRABALHO DOCENTE SOB A ÓTICA DA HISTÓRIA E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	33
2.1 A natureza do trabalho docente.....	33
2.2 A atividade docente.....	41
2.3 Sentido e significado do trabalho docente.....	50
CAPÍTULO III AS SALAS DE TECNOLOGIAS EM MATO GROSSO DO SUL.....	59
3.1 Educação, tecnologia e a introdução do computador na educação.....	59
3.2 A sala de tecnologia educacional e o trabalho do professor.....	69
CAPÍTULO IV A DOCÊNCIA NA SALA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL.....	88
4.1 A sala de tecnologia educacional na visão do sujeito investigado.....	89
4.2 A constituição do sujeito e a escolha da docência na sala de tecnologia educacional.....	95
4.2.1 O sujeito aprendiz.....	101
4.2.2 O sujeito mediador.....	107
4.2.3 O sujeito e o outro, o outro e o sujeito.....	115
4.3 Sentidos e significados da docência na sala de tecnologia educacional na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICES.....	139
ANEXOS.....	238

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Investigar o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional em Campo Grande - MS, além de estar intimamente relacionada à nossa trajetória de vida profissional de utilização do computador na educação, atendendo alunos e professores da rede pública estadual de ensino do estado de Mato Grosso do Sul desde 1991, deve-se também ao fato de Campo Grande ter sido a primeira cidade do Estado e do País a adquirir computadores para 100% de suas escolas públicas, num período de 5 anos (1999 – 2004), exatamente 4 anos após a experiência por nós vivenciada em 1995, quando realizamos a pesquisa “Computadores na Escola: Premissas Docentes e Institucionais em Campo Grande-MS”¹, juntamente com Rosa et al, como parte das atividades da disciplina Atividades Orientadas, no curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

À época, a pesquisa objetivava investigar as diferentes visões que alguns segmentos escolares (diretores, coordenadores, professores) de instituições particulares² possuíam a respeito da introdução dos computadores nas práticas educacionais e as razões pelas quais essas instituições privadas de ensino estavam introduzindo esse instrumento no ambiente escolar. Em um universo de 150 escolas particulares, 15 escolas haviam adquirido seus laboratórios de informática entre 1990 e 1995. Desse número de escolas, 10 aceitaram participar da pesquisa que foi realizada com a proposição de questionários fechados e respondidos por 30 sujeitos escolhidos aleatoriamente.

Nessa pesquisa utilizamos o método estatístico e probabilístico, e os resultados aos quais chegamos apontaram que nessas escolas havia ainda uma indefinição quanto ao papel que o computador deveria desempenhar no processo pedagógico. Os alunos tinham aulas de informática em horário oposto ao da aula regular, que nem sempre eram ministradas por professores, evidenciando-se que o trabalho do professor prescindia da utilização do computador.

¹ Artigo publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 75, n. 179/180/181, p. 341-351, jan./dez. 1994.

² Em 1995 os computadores não faziam parte da realidade das escolas públicas em Campo Grande-MS. A única escola pública que possuía computadores era o Centro de Informática Educacional, lócus da nossa pesquisa de Mestrado em Educação cujo objeto era as interações estabelecidas por sujeitos com deficiência mental em um ambiente informatizado.

Com a criação, em 1996, do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), objetivando equipar as escolas públicas brasileiras com essa tecnologia, o Estado de Mato Grosso do Sul recebeu, no ano de 1999, seu primeiro lote de computadores que foram direcionados a 24 escolas públicas, sendo 17 da rede estadual. Das escolas estaduais, 7 localizavam-se na cidade de Campo Grande: EE Dolor Ferreira de Andrade, EE Lúcia Martins Coelho, EE Maria Constança de Barros Machado, EE Olinda Conceição Teixeira Bacha, EE Maestro Heitor Vila Lobos, EE Maria de Lourdes Toledo Areias e EE Waldemir Barros da Silva.

Para receber esses computadores, algumas salas de aula convencionais dessas escolas foram estruturadas e configuradas para serem laboratórios de informática, que por sua vez, demandaram um profissional da educação que fizesse desses laboratórios um espaço de aprendizagem para alunos e professores. Como não havia no grupo magistério uma função para esse profissional, as primeiras formas de utilização desses laboratórios ocorreram por meio de atos individuais assinados pelo Secretário de Estado da Educação, designando um professor para a função de “coordenador do laboratório de informática”.

Como na estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Educação havia a Diretoria de Tecnologia Educacional (DTE) que atuava na direção da Política Nacional de Informática na Educação com a responsabilidade de disseminar a política de uso do computador na educação nas escolas públicas de Mato Grosso do Sul, os laboratórios de informática dessas escolas estavam ligados hierarquicamente a essa diretoria, assim como os Núcleos de Tecnologias Educacionais (NTE), criados em 18 de dezembro de 1998, com a função de capacitarem, acompanharem, avaliarem e assessorarem os coordenadores dos laboratórios de informática.

No período de 1999 a 2002, mais 17 escolas receberam computadores do PROINFO³, além de outros programas⁴. Com a ampliação desse quantitativo, mais laboratórios de informática foram criados, conseqüentemente, o número de coordenadores nesses laboratórios também aumentou. Assim, a Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso do Sul publicou, em 2002, o primeiro instrumento legal

³ Pesquisa realizada por Arruda e Raslan sobre o PROINFO em Mato Grosso do Sul no período de 1996 a 2007, constante nas referências deste trabalho.

⁴ De acordo com dados por nós obtidos em 2005 junto à Secretaria de Estado de Educação, até o ano de 2002, além do PROINFO, as escolas públicas estaduais receberam computadores oriundos de outros programas como: Emenda Parlamentar (46); Doação de Empresas (7); Associação de Pais e Mestres (2); Convênio com Empresas (1); PROMED - Programa do Ensino Médio (13); Programa Amigos da Escola (1); Recursos Próprios da Comunidade Escolar (1).

que definiu a função desses laboratórios e respectivos coordenadores, que foi a Resolução 1570 de 04 de setembro de 2002, a qual será discutida no capítulo III e consta como anexo deste trabalho.

Por essa Resolução, os laboratórios de informática passaram a ser denominados “Salas de Informática” e os “Coordenadores de Laboratórios de Informática” “Professores em Salas de Informática” com a função de organizarem a utilização dessas salas pelos demais professores e respectivos alunos. Para isso, e de acordo com a Resolução 1570, o professor que escolhesse a sala de informática como espaço de docência deveria demonstrar conhecimentos sobre o funcionamento do computador e suas possibilidades de uso e a capacidade de atribuir função pedagógica aos softwares aplicativos, à rede mundial de computadores e aos ambientes virtuais de aprendizagem, aliado a uma postura questionadora e crítica, ao mesmo tempo, solidária e colaborativa.

À revelia do PROINFO, assim como o fizera a Prefeitura Municipal de Campo Grande em 1999, adquirindo computadores para as 80 escolas da Rede Municipal de Ensino (REME) e instituindo a função de professor instrutor⁵, o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul implantou, em 2004, as salas de informática nas 79 escolas estaduais localizadas na capital, fazendo-se necessário um profissional da educação que disseminasse o uso do computador pelos professores e alunos.

Essa necessidade gerou nas escolas estaduais de Campo Grande um quantitativo de 240 vagas de 20 h de trabalho para cada professor⁶. Nesse cenário, alguns professores deixaram a sala de aula convencional e se candidataram à docência nas salas destinadas aos computadores. Como na época estávamos na direção do Núcleo de Tecnologia Educacional de Campo Grande-MS, tal movimento nos instigou a realizar esta pesquisa que tem como objetivo geral desvelar o sentido e o significado da docência em uma sala de tecnologia educacional e, como objetivos

⁵ As dissertações de Mestrado “A Informatização das Escolas Públicas Municipais de Campo Grande/MS: a atuação do Professor Instrutor”, de Aparecida Campos Feitosa, no ano de 2004, realizada no Programa de Mestrado da UFMS e “Professores Instrutores das Escolas da Rede Pública Municipal de Campo Grande-MS: as relações entre a capacitação recebida e a sua prática pedagógica na Sala de Informática”, de Adriana Rodrigues Silva, realizada no ano de 2006, no Programa de Mestrado da UCDB, discutiram a prática desse professor a partir do seu processo de formação.

⁶ Em algumas escolas foi instalada mais de 1(uma) sala. Isto ocorreu nas escolas: EE Hércules Maymone (5), EE Joaquim Murtinho (3), EE Lucia Martins Coelho (2), EE Maestro Heitor Villa Lobos (2), EE Maria de Lourdes Toledo Areias (2), EE Arlindo de Andrade Gomes (2), EE José Barbosa Rodrigues (2), ampliando de 240 vagas para 275 vagas de professores com 20 horas.

específicos, descrever e analisar a docência na sala de tecnologia educacional na cidade de Campo Grande-MS; identificar os sentidos e os significados que o professor constrói acerca da docência; compreender e analisar a concepção que o professor em sala de tecnologia tem sobre a sala de tecnologia educacional no ambiente escolar. O referencial teórico trazido pela Psicologia Histórico-Cultural representada por Vigotski e seus seguidores, principalmente Leontiev, foi o referencial escolhido por nós como ancoradouro desta pesquisa, aliado às ideias do psicólogo cubano que vive atualmente no Brasil, Fernando González Rey⁷, por considerar o sujeito histórico, concreto e produto da emoção. Para este teórico, a capacidade de produção emocional do ser humano, é parte integrante da produção simbólica da cultura, pois o sujeito ao produzir os sentidos que são subjetivos, responde a sistemas de significações que irão modificá-lo em toda a sua concretude e complexidade humana.

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, como a cidade de Campo Grande é dividida em 8 Conselhos das Unidades Escolares (COUNE), que representam um grupo de escolas de cada região, e pela dificuldade em realizarmos a pesquisa com todos os professores das salas de tecnologias educacionais, escolhemos intencionalmente os nossos sujeitos, de forma que abrangêssemos o universo dessas escolas. A opção de pesquisar um grupo constituído intencionalmente nos fez eleger 16 professores, sendo 1 por escola, na ordem de 2 por COUNE que tem a seguinte distribuição: as escolas da região sul estão distribuídas entre os COUNE 1-Lagoa; 2-Guaicuru; 3-Bandeira e 8-Sul. O COUNE 4, denominado Central, engloba as escolas localizadas na região central da cidade; o COUNE 5-Imbirussu, as escolas da região oeste; o COUNE 6-Hércules Maymone, as escolas da região leste e, por fim, o COUNE 7-Segredo abrange as escolas localizadas na região norte da capital sul-mato-grossense. Esses professores foram entrevistados no período de março a setembro de 2007 e, em 2008, após o exame de qualificação realizado no mês de setembro, colaboraram com o instrumento de completamento de frases, complementando os dados coletados por meio das entrevistas realizadas no ano anterior. Essas informações compõem o desenvolvimento deste trabalho que está organizado em quatro capítulos.

⁷ A ancoragem em Vigotski e González Rey nos permite um enfoque contemporâneo da teoria, pelo avanço e ampliação das ideias do primeiro pelo segundo.

No primeiro capítulo apresentamos as bases teóricas e os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa; no segundo capítulo discutimos o trabalho docente tecendo as interlocuções entre a História e a Psicologia Histórico-Cultural; no terceiro capítulo tratamos das resoluções estaduais que regulamentam o funcionamento das salas de tecnologias educacionais e o trabalho realizado pelo professor nessas salas.

No quarto capítulo, sob a luz do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural, analisamos e discutimos os sentidos e os significados que os sujeitos pesquisados atribuem à docência na sala de tecnologia educacional, e, nas considerações finais, apresentamos algumas reflexões do trabalho como um todo que trouxe desde o início as falas dos sujeitos. Finalmente, nos elementos pós-textuais composto pelos apêndices e anexos, apresentamos os modelos dos instrumentos de pesquisa, as entrevistas transcritas, as frases completadas e a cópia das resoluções emanadas da Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso do Sul que tratam do funcionamento das salas de tecnologias educacionais.

CAPITULO I

AS BASES TEÓRICAS E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ORIENTADORES DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos as bases teóricas e os procedimentos metodológicos orientadores desta pesquisa sobre o sentido e significado da docência na sala de tecnologia educacional, tomando as falas dos sujeitos como fonte de dados empíricos para podermos desvelar o objeto desta investigação. Importante ressaltar que os sujeitos colaboradores são por nós considerados em permanente processo de constituição na relação dialética com o social e a história individual de cada um, o que faz com que sejam ao mesmo tempo singular e universal, histórico, social e concreto, revelando-se em todas as suas expressões como produtores de sentido subjetivo e significado social numa relação de doação e troca, mas também de frustração e expectativa no trabalho docente que realizam no espaço de uma sala de tecnologia educacional situada em uma escola pública estadual localizada em uma região da cidade de Campo Grande-MS.

1.1 Introduzindo o pensamento de Vigotski

Para desvelar o objeto desta pesquisa, consideramos necessário apresentar primeiramente o nosso entendimento sobre as categorias sentido e significado ocupantes de um lugar central neste trabalho. Com o respaldo teórico da Psicologia Histórico-Cultural, entendemos que o sentido aproxima-se mais da subjetividade e só pode ser apreendido via significado expresso tanto na semântica do conceito em si quanto na sua generalização por meio da palavra escrita e verbalizada, já o significado varia de acordo com as produções simbólicas presentes na cultura em que o sujeito se encontra inserido, e o ajuda na elaboração de conceitos, na busca pela compreensão e tentativa de explicação da realidade vivida e produzida, por meio das suas experiências e expectativas. Por isso, tais categorias nos permitem compreender a escolha da docência nas salas de tecnologias educacionais pelos nossos sujeitos como construções históricas e sociais, posto que o sentido e o significado

relacionam-se entre si pela influência que exercem um sobre o outro e por serem constituídos na unidade contraditória do simbólico/emocional e do individual/social.

Considerando os elementos oferecidos pela Psicologia Histórico-Cultural que considera o desenvolvimento do psiquismo como resultado do processo de adaptação do sujeito ao mundo, revelando suas produções objetivas e subjetivas de vida, posto que o sujeito, ao se relacionar com o outro, atribui sentido e significado as suas ações, é possível perceber o caráter histórico do pensamento de Vigotski que diferencia o ser humano dos outros animais pela capacidade que o homem tem de aprender, ensinar, produzir e transformar o meio em que vive.

A tese vigotskiana sobre a influência do meio na constituição da natureza humana, ancorada no pensamento de Marx, defende a ideia de homem como produtor e produto da cultura, uma vez que os produtos elaborados são determinantes da nossa constituição como sujeitos históricos, evidenciando que não existe método desvinculado da concepção que se tem do homem e da sua relação com a realidade que o circunda. Para Vigotski(1999) tal concepção perpassa necessariamente pela compreensão de que o ser torna-se humano no processo de apropriação do mundo que não é somente físico, mas social e cultural. Esse sujeito que se constitui por meio da atividade que realiza, produz em sua forma humana objetos culturais, instrumentos simbólicos e ferramentais, além de estabelecer relações sociais que revelam o modo de produção no qual está inserido.

Vigotski(2003) considera que as relações produzidas pelo modo de produção regem a vida em sociedade e são as responsáveis pelo desenvolvimento das funções psicológicas especificamente humanas como o pensamento, a linguagem, a percepção e a capacidade de memória, que são constantemente transformadas à medida que as condições de produção da vida material também sofrem as transformações provocadas pelo próprio homem, e constituem-se “uma estrutura social complexa, feita de posições sociais e de expectativas de ação a elas associadas”(PINO, 2000a, p, 53).

Basta observar os sistemas educativos em seu desenvolvimento histórico para perceber que os objetivos da educação sempre foram, nos fatos, totalmente concretos e vitais, sempre corresponderam aos ideais da época, à estrutura econômica e social da sociedade, que determina toda a história de uma época. Mas através das palavras, esses ideais sempre foram formulados de outro modo, devido, em cada oportunidade, à incapacidade científica do pensador ou à hipocrisia de classe da época(VIGOTSKI, 2003, p, 80).

Vigotski (2003, p, 80) assevera ainda que:

O feudalismo, cujo único interesse educativo era criar servos submissos e resignados, não podia dizer isso abertamente e então teve de disfarçá-lo por meio da doutrina religiosa da salvação da alma. O mesmo ocorreu em todas as épocas, em que a classe [social] dominante dos exploradores, que também dirigia a educação, dissimulava, mediante palavras abstratas, o verdadeiro objetivo da educação. Atualmente, quando as contradições de classe ficaram evidentes, a necessidade dessa dissimulação desapareceu, e o ser humano de nossa época tende a formular de modo totalmente concreto e preciso o objetivo vital da educação.

A educação como prática social construída historicamente nos permite afirmar que no contexto da atual sociedade, as funções psicológicas superiores ou culturais estão sendo influenciadas pela presença das tecnologias de comunicação e informação em nossas vidas e tem alterado as formas de nos relacionarmos conosco e com os outros. Somos submetidos a um processo de internalização dessas influências, no qual o plano interno não se constitui em mera transposição do social, mas o contém como propriedade essencial, num movimento constante entre o interno e o externo, de tal forma que a linha divisória entre o que é individual e o que é social é tão tênue que a nossa constituição humana não é um atributo oriundo somente da nossa origem genética.

De acordo com Vigotski(1989), internalizamos o cultural por meio da nossa interação com o mundo, num processo de reconstrução interna que envolve os processos psicológicos, propiciando-nos construir uma identidade cultural na relação com o outro, no meio social do qual fazemos parte, ou seja, “[...] de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro as funções psicológicas superiores, de origem sócio-cultural.[...]”(VIGOTSKI, 1989, p, 52). Essas relações promovem a nossa constituição humana na medida em que instituem novas formas de pensar, falar e agir, configurando-se em conjuntos de significantes para nós sujeitos que nos apropriamos desses significados existentes no mundo por intermédio da cultura. “[...] Portanto o desenvolvimento cultural é o processo pelo qual o mundo adquire significação para o indivíduo, tornando-se um ser cultural”. (PINO, 2000b, p, 66)

Em consequência do desenvolvimento tecnológico, a informação e o conhecimento têm sido amplamente difundidos em diversas esferas da sociedade, acarretando a necessidade de desenvolvermos outras formas de aprender para podermos nos apropriar das produções presentes na cultura com a qual interagimos,

pois para o nosso desenvolvimento, as interações com o outro social, além de necessárias são fundamentais, uma vez que são delas que emergem os signos e os significados portadores de sentidos sociais que são por nós internalizados. A preocupação de Vigotski com a influência do meio social sobre o nosso eu individual é explicada por ele por meio da mediação, processo pelo qual a ação do sujeito sobre o objeto é mediada por um determinado elemento.

Esse elemento que pode ser um instrumento, um signo ou um símbolo são construções sociais antes de se tornarem individuais, “[...] mesmo nos estágios mais primitivos do desenvolvimento histórico os seres humanos foram além dos limites das funções psicológicas impostas pela natureza, evoluindo para uma organização nova, culturalmente elaborada, de seu comportamento [...]” (VIGOTSKI, 1989, p, 44). Se o instrumento orienta a nossa ação externamente, o signo por ser endógeno regula e controla as nossas ações psicológicas, enquanto o símbolo orienta a nossa conduta, de modo que possamos interagir no mundo e com o mundo.

À medida que internalizamos os signos e controlamos as nossas atividades psicológicas, criamos os sistemas simbólicos que são os signos estruturados e articulados entre si, como a linguagem, por exemplo, que favoreceu o desenvolvimento social, cultural e intelectual dos grupos culturais e sociais ao longo da história da humanidade, em função das interações e respectivas relações que puderam ser produzidas no ambiente cultural. É pela mediação simbólica que agimos sobre determinados objetos mediados por um instrumento. Assim, quando produzimos um texto no computador, o programa, o teclado e a tela do monitor são os instrumentos mediadores que ampliam as nossas capacidades cognoscitivas.

Esse processo ocorre porque, o elemento mediador envolve necessariamente os signos e os símbolos, carregando consigo, além da sua função original, também as significações sociais que foram se configurando por meio da nossa constituição histórica. Sob essa ótica, o computador, produto social, símbolo do desenvolvimento tecnológico, constitui-se em instrumento que configura o pensamento e a linguagem ao mesmo tempo em que amplia e transforma as nossas funções mentais superiores ou culturais, propiciando-nos caminhar na direção de outros universos criadores de sentidos e significados, pois reúne todos os conceitos defendidos pela teoria de Vigotski.

Mesmo que não tenha sido criado pelos homens para ser utilizado na educação, o computador já conquistou nesta primeira década do século XXI o *status*

de objeto reconhecido sócio-culturalmente como necessário à escola, trazendo consigo as características inerentes ao elemento de mediação, regulando as nossas funções psicológicas superiores, como a memória, por exemplo. Em se tratando do computador que possui mais esse atributo, nos reportamos a Kenski (1998) ao pontuar que a nossa memória é marcada pelo avanço tecnológico que altera a nossa capacidade especificamente humana, como bem definiu Vigotski em sua teoria sobre o desenvolvimento das nossas funções psicológicas superiores.

As tecnologias, em todos os tempos, alteraram as formas de retentiva e lembrança, funções usuais com que os homens armazenam e movimentam suas memórias humanas, seus conhecimentos. Na atualidade, as novas tecnologias de comunicação não apenas alteram as formas de armazenamento e acesso das memórias humanas como, também, mudam o próprio sentido do que é *memória*. Através de imagens, sons e movimentos apresentados virtualmente em filmes, vídeos e demais equipamentos eletrônicos de comunicação, é possível a fixação de imagens, o armazenamento de vivências, sentimentos, aprendizagens e lembranças que não necessariamente foram vivenciadas *in loco* pelos seus espectadores (KENSKI, 1998, p, 59).

Pela capacidade de representar ou expressar os fatos vividos pela humanidade, a memória, segundo a autora, reflete os valores, os comportamentos e as ideologias de uma determinada sociedade. O computador com seus adereços periféricos apresentados sob inúmeros formatos têm presença notória nas diversas atividades que realizamos. O telefone celular, por exemplo, não é apenas um mediador da comunicação verbal, pois sua instrumentalidade extrapola a função mediadora entre o emissor e o receptor. A depender da funcionalidade agregada ao aparelho, seus usuários o utilizam como emissor de mensagem escrita, máquina fotográfica, calculadora, agenda eletrônica, gravador de voz e outros sons, filmadora, televisão, rádio nas frequências AM e FM, etc.

As atuais tecnologias têm influenciado a maneira de organizarmos a nossa vida individual e social, na medida em que são criados novos sistemas simbólicos modificadores das nossas funções mentais superiores; esse momento pelo qual estamos passando, internalizando outros signos e símbolos, faz com que criemos formas divergentes de interagir com o mundo social, ao mesmo tempo em que modificamos a nossa anatomia humana. Para utilizarmos o computador, precisamos dominar o manuseio do *mouse*, ação aparentemente fácil, contudo, para desempenhá-la satisfatoriamente, dependemos da destreza e motricidade das nossas mãos, da capacidade de compreensão da espacialidade e lateralidade visual na tela do monitor,

a fim de podermos realizar os movimentos requeridos na execução da atividade proposta.

Se fizermos um exercício de introspecção sobre como foi o nosso processo de aprender a usar o computador, poderemos visualizá-lo, na fala de Jandira, colaboradora desta pesquisa, por meio de sua experiência ao tocar o *mouse* pela primeira vez. Experiência essa que trazemos a seguir como ilustração da nossa afirmação:

Quando eu comecei na STE eu tinha medo de não dar conta do trabalho. Assim no primeiro dia de aula ali no NTE... Você acredita que eu tive problema com a direção do *mouse*? Eu fiquei nervosa. Eu não conseguia sabe? O *mouse* ia pra lá, pra cá. Aí o professor conversou comigo, você também, lembra? E isso foi nos fortalecendo? Eu e os demais professores que ali faziam curso.

Observamos na fala da nossa colaboradora, a qual apresentaremos no tópico 1.2 deste capítulo, o medo, o anseio, o nervosismo, que foram superados com a ajuda do outro que interveio, de maneira que esses sentimentos não a impediram de almejar a docência na sala de tecnologia educacional. Outro aspecto que devemos considerar nessa fala é o fato de podermos visualizar a presença do outro em nosso processo de aprendizagem que, de acordo com Vigotski(1987, p, 101) “[...] adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer”.

Salientamos que, nesta pesquisa de natureza qualitativa, os conceitos abordados na Psicologia Histórico-Cultural são fundamentais para que possamos apreender os sentidos e os significados como produções históricas e sociais constantemente configuradas nas relações sociais, nem sempre coerentes, contudo, bastante reveladoras da nossa constituição nos diversos grupos sociais com os quais interagimos, haja vista estarmos nos relacionando com um sujeito que é “[...] interativo, motivado e intencional, que adota uma posição em face das tarefas que enfrenta”(GONZÁLEZ REY, 2002, p, 53).

1.2 Os sujeitos colaboradores da pesquisa

De acordo com Chizzotti (2005, p, 83) “[...] na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que dela participam são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas [...]”. Para o autor, “[...] elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais”(CHIZZOTTI, 2005, p, 83). Ressaltamos que sem os sujeitos que contatamos e que aceitaram participar desta pesquisa, com suas práticas e conhecimentos, não teríamos um objeto que merecesse ser pesquisado.

Para compormos o grupo de sujeitos participantes desta pesquisa, enviamos *e-mail*, nos meses de fevereiro e março de 2007, para todos os professores lotados nas salas de tecnologias educacionais em uma das 79 escolas da rede estadual na cidade de Campo Grande-MS, convidando-os a serem nossos colaboradores. Esse contato foi seguido de telefonemas, solicitando-lhes as devolutivas dos *e-mails*. Vinte e cinco professores retornaram, confirmando o interesse em colaborar conosco.

Nesse ínterim, enviamos novamente por *e-mail* um roteiro piloto da entrevista para 4 professores lotados em STE em duas escolas localizadas no interior do estado de Mato Grosso do Sul e entrevistamos pessoalmente uma professora que estava deixando a docência na sala de tecnologia educacional, para que pudéssemos validar o instrumento proposto e reformulá-lo, caso fosse necessário.

Como na cidade de Campo Grande as escolas fazem parte dos Conselhos das Unidades Escolares (COUNE), dentre os 25 professores que aceitaram o convite, escolhemos intencionalmente 16 sujeitos de modo que cada um dos oito COUNE estivesse representado. Para tanto, além de aceitar colaborar com a pesquisa, o sujeito deveria estar trabalhando em uma sala de tecnologia educacional há pelo menos 3 anos anteriores a 2007.

Tendo o grupo constituído, reenviamos *e-mail* aos colaboradores confirmando os números dos telefones celulares, residenciais e profissionais. De posse dessas informações, contatamos os professores selecionados por meio de ligações telefônicas para explicarmos que suas colaborações seriam por meio de entrevistas que iríamos realizar pessoalmente com cada um deles. Para tanto, telefonamos e agendamos o local e a hora, de acordo com suas disponibilidades de

horário, para realização das entrevistas. A exceção de 4 professores que preferiram nos receber em suas residências, os outros 12 nos concederam as entrevistas em seus locais de trabalho, ou seja, na sala de tecnologia educacional de suas escolas.

As entrevistas acordadas por *e-mail* e confirmadas por meio de ligações telefônicas ocorreram entre os meses de março e setembro de 2007 e tiveram em média 1 hora de duração. Após terem sido gravadas, foram transcritas e enviadas por *e-mail* aos sujeitos entrevistados para conhecimento do seu teor, solicitando a sua devolução também por meio do correio eletrônico num prazo de 15 dias. Decorrido o prazo, caso o professor não retornasse, nós o contatávamos novamente e combinávamos uma nova data. Esse procedimento possibilitou a consulta imediata e, em caso de dúvidas, algumas falas puderam ser ampliadas, melhoradas ou retiradas. Como a transcrição foi feita na íntegra, observamos que a maior parte das correções ocorreu mais no aspecto gramatical.

Esses colaboradores, sujeitos concretos, únicos, singulares, afetivos, históricos e sociais, que, antes de escolherem a sala de tecnologia educacional como espaço da docência, constituíram-se professores, serão apresentados com nomes fictícios no quadro 1, a seguir, a fim de preservarmos suas identidades e, ao mesmo tempo, podermos identificá-los no percurso desta tese, pois como anunciamos anteriormente, suas falas ilustram todos os capítulos deste trabalho.

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos

COUNE	SEXO	GRADUAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	SUJEITO	STE
1	M	Matemática	Não	Frederico	2004
	M	Ciências	Gestão da Informação	Jacinto	2004
2	M	Filosofia	Não	Joaquim	2004
	F	Geografia	Não	Vera	2003
3	M	Graduação de professores	Não	Joel	1999
	F	Matemática	Desenvolvimento de Software	Valéria	2004
4	M	Ciências	Não	Fabício	2000
	F	Pedagogia	Informática na Educação	Adelaide	2004
5	F	Pedagogia	Mestranda em Educação	Maura	2004
	F	História	Informática na Educação	Margarida	2001
6	M	Educação Física	Não	Jair	2000
	F	Pedagogia	Formação Docente a Distância	Mafalda	1999
7	F	Letras	Não	Mabel	2003
	M	Geografia	Não	Leandro	2004
8	M	Ciências	Tecnologias Aplicadas à Educação	Camilo	2000
	F	Pedagogia	Não	Jandira	2000

Organização: Queiroz, 2008

Em relação à formação, todos os sujeitos possuem curso superior, e 7 deles têm pós-graduação *lato sensu*, havendo um equilíbrio entre os diversos campos do conhecimento. No quesito tempo de serviço, há uma variação entre 3 e 8 anos de pleno exercício da atividade docente na sala de tecnologia educacional, atendendo a

um dos critérios da nossa escolha. Destacamos 1 sujeito cujo ponto de partida foi a especialização em informática na educação e outro que ultrapassou a formação inicial e continuada oferecida pelo NTE, chegando à pós-graduação *stricto sensu*. Extraímos de suas falas que se tornaram professores por terem sido bons alunos, influenciados pelo outro – um familiar, um professor – ou mesmo pela oferta do mercado de trabalho, conforme veremos no quadro 2, a seguir.

Quadro2 – A escolha da docência como profissão

Por que quis ser professor	Quantidade
Por ter sido bom aluno	2
Por influência da família	6
Pela admiração por um professor	2
Para enfrentar o desemprego	4
Por acreditar na vocação para a profissão	1
Pelo sonho de ser professora	1
Total	16

Organização: Queiroz, 2008

Observamos no quadro acima a influência do outro predominando sobre as escolhas dos sujeitos. A influência exercida pela família foi apontada como motivo por Valéria, Maura, Mafalda, Jandira, Jacinto e Camilo.

Bom. Foi o acaso, mas desde pequena eu ouvia meus pais falarem e aquilo de certa forma foi sendo gravando na minha mente. Mas chegou a certa altura que eu percebi que além de poder aprender, eu também poderia estar passando algum aprendizado. Apesar de que o aprendizado maior que você tem no ensinar é porque a cada dia você aprende.

Pode parecer brincadeira, mas todo mundo sonha em ser professora e não foi diferente comigo não. A minha mãe, não que ela seja formada, mas para quem morava na fazenda e tinha um pouco mais de estudo do que os outros, era sempre chamada para dar aulas para as crianças e para as pessoas que tinham dificuldades de ler um documento, de entender alguma coisa. Então minha mãe sempre era chamada nesses momentos. E para a gente isso era admirável. Então isso foi ficando na nossa cabeça e entre 8 irmãos você acaba ensinado seus irmãos menores. Ou seja, daí para o Magistério foi um passo e, desde então, não saí mais da sala de aula.

Foi desde criança mesmo. Foi influência da minha mãe. Ela era professora e coordenadora. E eu sempre substituí as professoras. Quando eu estava na 5ª série eu já ia dar aula para criança de 1ª a 4ª.

Porque quando eu era criança o professor tinha destaque na sociedade. Era elite. E o meu pai, ele era uma pessoa semi-analfabeta, mas sempre deu muito valor ao ensino, à aprendizagem. Ele falava assim: Minha filha um dia vai ser professora. Ele ficava apaixonado ao ver uma professora passar. E quando eu estava com 6 anos de idade, e não era idade da educação infantil ainda, ele pediu para eu ser aluna visitante de uma sala de aula. Ele era muito apaixonado por essa profissão. E por ele ser

apaixonado, influenciou em mim também. Então, eu cresci dizendo que seria professora.

Olha, eu sempre gostei. Acho fascinante essa coisa de ensino. Eu sempre gostei muito dessa área. E até acompanhando meus filhos. Eu tenho dois filhos, uma inclusive está fazendo faculdade agora. Então a gente acaba sempre se envolvendo com esta questão e mesmo antes de fazer faculdade eu já lecionava. Mesmo porque eu também fui criado com uma família em Araçatuba que tinha professores. Eu tenho 5 irmãos de criação, e todos eles são dentistas e dão aulas. A vida inteira eles deram aulas. Então aquele meio me puxou e eu acabei pendendo para este lado. E como eu queria um dia ter uma faculdade como eles, que são dentistas, eu acabei fazendo Biologia. Talvez isso tenha tido uma influência grande que me fez tomar esse rumo.

Na época eu já trabalhava em secretaria de escola. E também eu tenho 3 irmãos que são professores. Então eu achei que isso era a minha área. Uma área que gostava de trabalhar. Gostava de trabalhar com jovens. Eu era muito de grupo jovem e me dava bem nessa área. Então achei que era uma opção e que eu poderia trabalhar com jovens.

A admiração por um determinado professor foi o motivo apontado por Jair e Leandro:

Porque aprendi com os professores que eu admirei, que eu mais gostei. Gostava do professor de Educação Física, coisa que todo mundo gosta. Mesmo porque é uma das disciplinas que mais mexe com você. Praticar esporte, competir, é um incentivo além de ser saudável. Não que as outras disciplinas não tragam conhecimentos e tantas outras coisa boa para sua vida. Mas quando se é guri novo, você está mais voltado para a área do esporte. Você não pensa muito no que tem para aprender em Matemática, Português, ou nas outras disciplinas.

Me entusiasmei com a metodologia do meu professor de Geografia no cursinho. E também na época houve a divisão do Estado. Quando estava naquele preâmbulo da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, as perspectivas do trabalho como funcionário público eram muito grandes. O salário era bom. Era um incentivo muito grande para a gente trabalhar no Estado, dar aulas. E tem a minha irmã, que foi professora, hoje ela é advogada, é procuradora do Estado. E tem também a minha tia que foi professora de Inglês e hoje está aposentada no Estado. Mas foi esse professor que me influenciou. E nem era professor formado. Ele dava aula para cursinho, mas era guia de turismo. Ele tinha uma empresa de turismo aqui em Campo Grande. Acho que por conta disso, conhecia muito da área de Geografia. E no fim, pela vida dele, pela sua experiência ele conseguia dar uma boa aula de Geografia. E isso me entusiasmou para a profissão.

A necessidade de ingressar no mundo do trabalho foi o motivo apontado por Joaquim, Vera, Joel e Fabrício.

Bem, eu queria ser padre porque à época eu acreditava que era uma opção, eu tinha, vamos dizer assim, vocação para a vida eclesial, mas a partir do momento que eu comecei a estudar filosofia, entrei em contato com várias teorias, passei a ter uma outra visão e aí houve a mudança de pensamento e eu desisti de ser padre. Primeiramente porque houve um confronto de idéias, entre aquilo que a gente estudava, e o pensamento

implantado pela igreja. Não concordava com algumas coisas, por isso me afastei. E fui ser professor no primeiro momento por falta de opção, ou seja, no primeiro momento era o mercado de trabalho, no qual o meu curso de graduação me habilitava, não era uma coisa que eu almejava como profissão, no primeiro momento.

Na verdade eu não queria ser professora. Eu queria trabalhar na área de geógrafa mesma. Só que depois, como não encontrei campo de trabalho nessa área eu comecei a dar aula no meu Estágio e comecei a gostar e nunca mais me desvinculei. Foi aí que eu me descobri na sala de aula. Vi que tinha jeito com as crianças, gostava e foi assim que eu me descobri. Eu não fiz faculdade para ser professora, eu queria ser geógrafa.

Em função do curso que havia feito, na faculdade. E também na época eu estava sem emprego. Fiquei sabendo do concurso, fiz, passei, assumi, trabalhei durante 9 anos no curso técnico de contabilidade até a sua extinção.

Porque na época, eu tive que financiar meus estudos com crédito educativo. E já no primeiro ano depois de formado você tem que cumprir aquele contrato firmado, que depois de três ou quatro anos você vai restituir para o Estado o que foi investido na sua educação. Então eu tive que partir para pagamento dessa dívida, para depois pensar em outra atividade. Mas aí comecei a dar aulas, e fui ficando como educador. Tornei-me professor e depois também veio o casamento e outros problemas particulares me impediram de levar adiante a idéia inicial de ser pesquisador.

Para poder ajudar o outro foi o motivo de Margarida, classificado por nós como sonho:

Desde quando eu tinha mais ou menos os meus 5 ou 7 anos de idade eu já havia decidido que seria professora, por vários motivos: um deles era porque eu não tive acesso à escola. Eu fui alfabetizada pelas minhas irmãs. Então eu cultivei um sonho dentro de mim e determinei que iria estudar e que um dia eu seria professora para poder ajudar aquelas pessoas que assim como eu não tiveram acesso às escolas. Meu sonho era dar aulas para pessoas adultas que não tiveram oportunidade de frequentar uma escola. Esse sonho eu ainda não realizei, não sei se algum dia eu realizarei; mas é uma coisa muito forte dentro de mim. Então quando eu terminei o que naquela época era o ginásio, eu já tinha determinado que faria o magistério. Porque eu tinha vindo da zona rural e precisava desenvolver um pouco mais a comunicação. Eu me achava muito tímida, muito fechada. Então, ser professora foi por essas duas coisas.

A vocação foi citada por Adelaide como sendo o motivo da escolha da profissão.

Acho que foi vocação mesmo, porque fiz eletricidade no 2º grau e depois eu fui para o Magistério e depois comecei a atuar como professora. Preparei-me para ser professora, gostei da didática, da metodologia e segui isso profissionalmente como professora. Eu gosto de ensinar, de aprender. Gosto de orientar os alunos para que eles consigam aprender mais alguma coisa na vida deles.

A escolha da docência como profissão em decorrência de terem sido bons alunos na escola foi o motivo apontado por Frederico e Mabel:

Porque eu sempre fui um bom aluno. Então eu pensava: se sou bom aluno então serei um bom professor. Então eu parti desse princípio. Como um bom aluno, serei um bom professor também. Eu sempre, talvez, bem lá no fundo eu sempre quis ser professor, então por isso que eu escolhi. E como eu falei, eu trabalhava durante o dia e dava aula à noite.

Porque gostava e achava legal, os professores ensinarem. E eu sempre fui boa aluna. Então eu queria fazer alguma coisa parecida.

Tornar-se professor é uma construção social e cultural antes de ser individual. Isso implica compreendermos que as escolhas dos nossos sujeitos estão sedimentadas tanto na objetividade quanto na subjetividade. Constituído no social, o sujeito interioriza a significação do outro na relação que estabelece com esse outro, fazendo emergir sua microgênese, processo psicológico especificamente humano, responsável pelas configurações atribuídas pelo indivíduo às experiências por ele vivenciadas. A esse respeito afirma Leontiev(1978, p, 272):

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objectivos da cultura material e espiritual e os encarnam, mas são aí *postas*. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, [...] o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante, através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, [...] aprende a actividade adequada.

Nessa perspectiva e de acordo com Basso (1994), os professores, ao escolherem a docência como profissão, escolheram-na não somente pelos seus desejos pessoais e individuais, como também pelas circunstâncias ou condições sociais e materiais para realização daquela atividade. Nóvoa (1992) afirma que a constituição pessoal e profissional do professor perpassa pela adesão, pela ação e pela autoconsciência da profissão.

As falas dos nossos sujeitos sobre suas escolhas denotam tanto as aquisições de Leontiev(1978) como as condições materiais referenciadas por Basso(1994) quanto às categorias elencadas por Nóvoa (1992), evidenciando o movimento constante entre o social e o individual de constituição do sujeito em sua ontogênese. Nesse movimento, os sujeitos desta pesquisa tornaram-se professores da educação básica e, posteriormente, professores de tecnologias educacionais, e suas escolhas profissionais ocorreram mediadas por uma relação estabelecida com o outro aqui apresentada sob diferentes facetas.

Foi o professor de Jair e Leandro, a família de Maura, Frederico, Mafalda, Camilo e Jandira, o bom aluno de Mabel e Frederico, o (des)emprego enfrentado por

Joaquim, Vera e Joel que representaram o outro na vida desses sujeitos. “Nessa perspectiva, o outro é significativo para o desenvolvimento [...] do sujeito, pois se converte [...] em uma fonte de produção de sentido”(GONZÁLEZ REY, 2004, p, 20). A constituição do sentido pelo sujeito precisa ser subjetivada para que esse sentido seja integrado ao conjunto de “sentidos subjetivos e operações associadas a atividades em diferentes áreas da vida” (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 14).

Para compreendermos as escolhas dos nossos sujeitos nesse movimento apontado por González Rey, utilizamos a entrevista como primeiro instrumento da pesquisa empírica e o completamento de frases como segundo instrumento, tendo a abordagem qualitativa como referência de análise, conforme veremos no tópico subsequente.

1.3 Os instrumentos utilizados na pesquisa: a entrevista e o completamento de frases

Na pesquisa de abordagem qualitativa, também considerada Epistemologia Qualitativa por González Rey, a entrevista é um dos instrumentos mais utilizados. E como o nosso objetivo maior é a apreensão do sentido e do significado atribuído pelo professor à docência na sala de tecnologia educacional, a adoção desse instrumento nos permitiu o contato direto com o sujeito da investigação, pois, na entrevista:

Surgem inumeráveis elementos de sentido, sobre os quais o pesquisador nem sequer havia pensado, que se convertem em elementos importantes do conhecimento e enriqueceram o problema inicial planejado de forma unilateral nos termos do pesquisador. A pesquisa é um diálogo permanente em que as opiniões, cosmovisões, emoções, enfim, a subjetividade do sujeito estudado constitui elemento relevante para o processo, o que resulta impossível predizer nos momentos iniciais (GONZÁLEZ REY, 2002, p, 89).

É desse teórico a afirmação de que “[...] a entrevista, na pesquisa qualitativa, tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta em seu mundo real” (GONZÁLEZ REY, 2002, p, 89). Nesse contexto, a entrevista é muito importante para a coleta de dados, pois se trata de um instrumento interativo, conforme destacam Ludke e André (1986, p, 33-34):

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.[...] Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no

momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Ainda de acordo com as autoras, dependendo da delimitação do estudo e de seus objetivos, podemos escolher entre entrevistas estruturadas, não totalmente estruturadas e semi-estruturadas. Nesta pesquisa utilizamos a entrevista semi-estruturada porque queríamos fazer as mesmas indagações para todos os sujeitos acerca dos motivos que os conduziram à escolha da sala de tecnologia educacional como espaço da docência. Para tanto, as falas apreendidas durante as entrevistas estão sendo utilizadas em todos os capítulos como ilustração das nossas ideias e das ideias dos autores que nos apoiam na construção desta tese.

Essa estratégia metodológica nos permitiu trazer os sujeitos como colaboradores em diferentes momentos, pois, de acordo com Vigotski(1991), apreender a fala de alguém significa apreender seu pensamento. “[...] o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento”(VIGOTSKI, 1991, p, 104).

Sabemos que na pesquisa de natureza qualitativa a construção dos dados é dinâmica porque dinâmica é a vida, conseqüentemente dinâmicos são os nossos colaboradores, portanto, após, a realização do exame de qualificação em setembro de 2008, sentimos a necessidade de lançarmos mão de outro instrumento que complementasse os dados das entrevistas realizadas no ano anterior. Assim, contatamo-los novamente para que continuassem colaborando com a pesquisa, preenchendo um instrumento de complemento de frases.

De acordo com González Rey (2005) a natureza de um instrumento escrito “[...] representa a possibilidade de posicionar o sujeito, de forma rápida e simples, diante de indutores que facilitem o trânsito para outros indutores diferentes [...]” (GONZÁLEZ REY, 2005, p, 51). Para ele, o instrumento em que o pesquisado tenha que escrever propicia-nos “[...] uma construção, o mais ampla possível, dos sentidos subjetivos e dos processos simbólicos diferentes que caracterizam as configurações subjetivas do estudado” (GONZÁLEZ REY, 2005, p, 51).

Assim, a escolha por mais um instrumento um ano após a realização das entrevistas se justifica pelo fato de que na pesquisa qualitativa o desenvolvimento de uma análise crítica e reflexiva do fenômeno estudado só é possível se o

interpretarmos continuamente sob a forma de um espiral em permanente processo de construção, já que no interior de um mesmo instrumento é possível de serem produzidos “[...] sentidos subjetivos distintos que facilitem a amplitude e a complexidade de suas diversas expressões [...]” ((GONZÁLEZ REY, 2005, p, 51).

Entre os instrumentos escritos existentes na literatura, escolhemos o completamento de frases por considerarmos que este “[...] como qualquer instrumento, é suscetível de múltiplas opções de análise qualitativa”. (GONZÁLEZ REY, 2005, p, 139) e como no período em que realizamos as entrevistas os sujeitos colaboradores desta pesquisa estavam vivenciando um momento de expectativa em relação às mudanças propostas pela Secretaria de Estado da Educação com a inclusão da docência em sala de aula convencional como requisito obrigatório da docência na sala de tecnologia educacional, o instrumento de completar frases foi pensado como estratégia metodológica para apreender do sujeito a sua percepção sobre a sala de tecnologia educacional no ambiente escolar.

O contato com os sujeitos para a proposição desse instrumento também foi feito por *e-mail* aos 16 professores e obtivemos o retorno imediato de Frederico, Jacinto, Maura, Margarida, Jandira, Jair, Joel, Fabrício e Adelaide. Mafalda e Valéria, por terem deixado a sala de tecnologia educacional, justificaram a ausência nessa fase da pesquisa. Vera, Camilo, Leandro, Joaquim e Mabel não nos responderam. Contudo, a não participação de todos os colaboradores iniciais não prejudicou a proposição do instrumento que de acordo com González Rey (2005, p, 165) “[...] são verdadeiros “trechos vivos” de informação quando conseguimos converter nossa relação com os sujeitos estudados em um espaço produtor de sentidos [...]”. Para tanto, 10 frases incompletas foram apresentadas aos sujeitos para serem completadas com informações acerca de suas visões sobre a sala de tecnologia educacional, a sala de aula convencional e os alunos nesses espaços, de maneira a colaborar com o nosso objetivo maior de desvelar o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional. As frases propostas e completadas serão analisadas no capítulo IV e constam no apêndice deste trabalho.

CAPÍTULO II

O TRABALHO DOCENTE SOB A ÓTICA DA HISTÓRIA E DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Com o apoio da História e fazendo uma interlocução com a perspectiva teórica da Psicologia Histórico-Cultural, discutiremos neste capítulo o trabalho docente e o professor, sujeito permanentemente constituído a partir de sua base concreta de produção da vida material e das ideias decorrentes dessa produção. Considerando o trabalho como ação dotada de sentido capaz de modificar o homem e por este ser modificado, portanto, essencial à nossa constituição humana, apresentamos o trabalho docente nos diferentes momentos históricos, chegando até os dias atuais para compreendermos o trabalho do professor mediado pelo computador, instrumento simbólico e tecnológico.

2.1 A natureza do trabalho docente

É a partir da atividade cotidiana do trabalho que nós, seres humanos, tornamo-nos seres sociais, construindo a nossa concepção de humanidade, visto que é na relação com outros homens que nos tornamos capazes de criar formas que satisfaçam as necessidades produzidas na nossa interação no mundo e com o mundo. Afirma Vigotski (2003, p, 188) que, “inclusive em suas formas mais primitivas, o trabalho não aparece apenas como um processo entre o homem e a natureza, mas também como um processo entre os seres humanos [...]”, pois o trabalho é condição essencial para a nossa existência humana. E Antunes (1997) colabora com a discussão ao considerar que a história da nossa realização como ser social concretiza-se por meio da produção e reprodução da nossa própria existência, pela ação do nosso trabalho.

Portanto, é na luta pela sobrevivência, que estabelecemos relações com a natureza, modificando-a e adquirindo novas necessidades e, conseqüentemente, novas formas de relações para satisfazê-las. Essas relações se alteram na medida em

que as nossas necessidades também se transformam, criando novas formas de atividades sociais. Dessa maneira, o trabalho pode ser entendido como uma atividade humana capaz de transformar e ser transformada pela realidade, modificar e ser modificada por meio dessa transformação, permitindo a nossa compreensão de como a sociedade se organizou em cada fase da sua história, pois, tal qual o trabalho humano em sua universalidade, a natureza do trabalho docente em sua singularidade também se constituiu historicamente, iniciando-se na figura dos preceptores no Egito e na Grécia antiga.

De acordo com Manacorda (1989, p. 9) “[...] do Egito é que nos chegaram os testemunhos mais antigos e talvez mais ricos sobre todos os aspectos da civilização e, em particular, sobre a educação”. Assim, para tratarmos da natureza do trabalho docente na história da humanidade, não podemos nos esquecer de referenciar os antigos egípcios. “Amon fundou todos os países, fundou-os após ter criado primeiramente o Egito. A arte veio de lá, de onde tu vens, até aqui onde eu estou, e a educação veio de lá até aqui onde eu estou.” (MANACORDA, 1989, p. 9)

Se a tradição histórica oriental acerca da docência está permeada de lendas e mitos, no Ocidente não foi diferente. Segundo Bittar e Ferreira (2002), na Grécia antiga, os primeiros relatos acerca da docência foram trazidos por Homero, no século IX a. C., por meio da epopeia narrada na sua obra *Ilíada* que relata a trajetória do guerreiro Aquiles na guerra empreendida pelos gregos contra os troianos pelo controle da cidade de Troia, localizada estrategicamente no mar Egeu. Em sua obra Homero detalhou a educação recebida pelo guerreiro de seu preceptor Fênix para que fosse o melhor e o mais perfeito de uma época em que a força física aliada ao poder econômico era determinante para a supremacia de um povo sobre outro.

E eu te fiz crescer, ó Aquiles, tão grande como agora és, semelhante aos deuses, e te amei de coração, tanto que tu nunca querias outro quer para ir a um banquete ou te alimentar em casa, se antes eu não te pusesse a sentar nos meus joelhos e não te desse os bocados cortados e não enchesse teu copo de vinho. E quantas vezes molhastes minha túnica no peito, esborrifando sobre mim o vinho em tuas manhas pirracentas! Assim, por ti suportei muitas fadigas e muitos sofrimentos, com esta idéia: eu te considerava meu filho, ó Aquiles, semelhante aos deuses, para que um dia pudesse me defender de uma indigna morte. Por ti me enviou para cá o velho Peleu, fustigador de cavalos, aquele dia em que de Fthia te enviou, ainda criança para Agamenon, quando ainda não conhecia a guerra implacável, nem as assembléias, onde os homens se tornam ilustres: para isto exatamente ele me enviou, para que te ensinasse tudo, a ser orador de palavras e operador de fatos. (MANACORDA, 1989, p. 42)

Tanto no antigo Egito como na Grécia antiga, considerados berços da cultura escrita, a preocupação em ensinar os valores da época de maneira organizada e sequencial àqueles que precisavam ser ensinados sempre esteve presente nas esferas superiores. Preocupação que continua presente neste século XXI e que nos permite afirmar que o trabalho docente, guardadas as peculiaridades de cada época, é um dos mais antigos da história humana.

Na antiguidade egípcia e grega, para desempenhar seu trabalho de ensinar, era necessário o domínio da arte de falar bem. O princípio da educação era baseado no binômio: saber falar e saber ser obediente.

Se a tua boca procede com palavras indignas, tu debes domá-lo em sua boca inteiramente... A palavra é mais difícil do que qualquer trabalho, e seu conhecedor é aquele que sabe usá-la a propósito. São artistas aqueles que falam no conselho... Reparem todos que são eles que aplacam a multidão, e que sem eles não se consegue nenhuma riqueza. (MANACORDA, 1989, p. 14)

Dominadas por Roma na antiguidade, as culturas educacionais, egípcia e grega, foram apropriadas por esta e modificada de acordo com a concepção de homem que se pretendia para uma sociedade que tinha no trabalho escravo a base da sua produção material. Em Roma percebemos certa hierarquização de saberes que deveriam ser ensinados pelos sábios gregos e egípcios tomados como escravos. A dominação romana sobre as outras civilizações exigiu que o cidadão romano aprendesse, além da arte de falar e guerrear, a arte de saber governar. “Mas a ti, ó romano, cabe governar os povos com leis firmes (esta é tua arte!), impor a tua paz ao mundo, perdoar aos vencidos e dominar os soberbos” (MANACORDA, 1989, p. 85).

As contradições internas inerentes à expansão do Império Romano, aliadas às pressões externas sofridas pelos constantes ataques dos denominados povos bárbaros que viviam no entorno do Império, provocaram transformações na sua base produtiva com a substituição gradativa do escravo pelo servo e do paganismo pelo cristianismo, inaugurando outro modo de produção que ficou conhecido na história como feudalismo e, por isso, a arte de ensinar a falar bem, a guerrear e a governar foi substituída pela arte de ensinar a ser um bom cristão temente a Deus.

O modo de produção feudal marcado pelo processo de ruralização dividiu a Europa em feudos⁸ e suas principais características foram: a economia agrária, o poder político nas mãos dos grandes proprietários rurais – conhecidos com senhores feudais – a sociedade hierarquizada e a hegemonia ideológica e cultural da Igreja Católica. As relações sociais, nesse modelo econômico, desenvolveram-se em torno da terra e os trabalhadores (camponeses que mantinham laços de servidão com seu senhorio) tinham o direito de usufruí-la e ocupá-la a partir do pagamento das taxas fixadas pelos costumes sobre os produtos ou sobre as terras que eram de propriedade dos senhores feudais e/ou da Igreja Católica.

Enquanto os senhores feudais detinham o poder econômico, a Igreja Católica detinha o conhecimento que lhe permitiu inculcar a visão de mundo que interessava à sociedade da época, lançando as bases do pensamento moderno ocidental e desempenhando importante papel na formação do homem medieval. Com uma estrutura fortemente hierarquizada, concentrando saber e poder, a Igreja atuou em todos os níveis da vida social. Estabeleceu normas, orientou comportamentos e imprimiu nos ideais do homem medieval os valores da cultura religiosa, transmitindo à população que não fazia parte da nobreza uma visão de mundo conveniente e adequada àquele modelo de sociedade. Explicava a pobreza e a riqueza segundo os desígnios de Deus, ao mesmo tempo em que reforçava o domínio da nobreza, justificando seus privilégios terrestres e confortando a pobreza com a garantia do paraíso celeste após a morte.

Esse poder por parte da Igreja Católica foi mais intenso entre os séculos V e VIII, quando parte do clero constituído por monges que viviam afastados do mundo material, recolhidos em mosteiros praticando votos de obediência, pobreza e castidade, transformaram esses locais que desempenhavam importantes funções econômicas e políticas em centros da vida intelectual da Idade Média.

No dualismo Estado/Igreja, o poder imperial e os seus cuidados pelas escolas ficaram enfraquecidos, mas os aspectos administrativo-culturais do domínio ficaram em parte nas mãos dos romanos, organizados em sua igreja. E é justamente por obra da Igreja como parte de suas atividades específicas, que cultura e escola se reorganizam. Não é por acaso que

⁸ Grandes propriedades rurais descentralizadas que se estruturaram entre os séculos V e X, quando então viveu seu apogeu, até desencadear nas sucessivas crises iniciadas no século XII e arrebatadas no século XV.

muitos bispos foram antes funcionários romanos dos reis bárbaros. E considerando que a igreja já tem uma dupla estrutura eclesial que devemos procurar os primeiros testemunhos do surgimento de novas iniciativas da educação cristã, ao lado das remanescentes ilhas livres de romanidade clássica. (MANACORDA, 1989, p, 114)

Como na História as relações não são estáticas e tampouco lineares, em meio ao controle da Igreja e do Sacro Império Romano Germânico, Bittar e Ferreira (2002 p. 127) afirmam que “[...] foi das entranhas do próprio feudalismo que, por volta do ano 1000, nasceram duas experiências destinadas a dar uma guinada na história da Educação: as Corporações de Ofício e as Universidades.” Nas corporações de ofício o ensino era realizado por meio do trabalho, numa relação em que o mestre detinha o conhecimento que era repassado ao aprendiz. As Universidades por sua vez se constituíam como um *lócus* privilegiado de saber, onde o conhecimento que deveria e poderia ser ensinado àqueles que o buscavam era realizado por meio dos mestres livres e dos mestres clérigos.

Manacorda (1989) afirma que os mestres livres foram protagonistas de uma nova situação social e jurídica diferente das práticas medievais, a partir dos conteúdos ensinados e da relação trabalhista que se estabeleceu. Para ensinar, os mestres recebiam um valor e ensinavam de acordo com o contrato firmado entre contratante e contratado.

Eu, Giovanni de Cogorno, empenho-me em manter contigo meu filho Enricheto pelos cinco anos próximos vindouros, para te servir, aprender teu ensinamento, instruir como melhor souber teus escolares e para escrever as escrituras que tu mandarás lavrar. Eu te prometo e me empenho em que até o fim do tempo estabelecido ele ficará contigo, guardará com boa-fé as coisas de tua casa e não te abandonará; e se fugir, fá-lo-ei voltar aos teus ensinamentos e aos teus serviços, continuando a escrever as tuas escrituras e a ensinar os livros que tu lhe terás ensinado e o saltério que aprendeu às tuas ordens. Além disso, te prometo pelo ensinamento e a instrução que darás ao mencionado meu filho, o pagamento de 1 libra e 11 soldos por três anos, a saber, 10 soldos ao ano. (MANACORDA, 1989, p, 169)

Esses foram alguns dos indícios de que, na passagem do século XII para o século XIII, no interior do feudalismo estava emergindo uma outra classe social que podia e queria pagar para que se ensinasse aos seus filhos aquilo que acreditavam ser necessário àquela sociedade e o que era solicitado pelo mundo dos homens e não pelos desígnios de Deus. Tais transformações mundanas sinalizavam que o panorama social da época em termos de crescimento populacional demandava novos conteúdos

para a população, contribuindo assim para que o conhecimento adquirisse valor venal.

Nos fins de 1200 [...] em Milão, [...] cuja população tem cerca de 200 mil habitantes [...] Os professores de gramática são 8 e ensinam cada um uma quantidade de alunos, explicando a gramática com muito esforço e diligência; não sabemos, porém, quantos são os professores que vêm de outras cidades. Os mestres elementares, que ensinam a ler e a escrever, são mais de 70[...].(MANACORDA, 1989, p, 172)

Com um novo modo de produção nas entranhas da sociedade feudal, marcado pelo predomínio do capital comercial e das manufaturas, estavam criadas as condições materiais para a gênese do sistema capitalista com seus dois elementos essenciais: Capital e Trabalho. O primeiro, pertencente aos donos dos meios de produção, e o segundo, às pessoas que possuíam um único bem, a força de trabalho que podia ser comprada pelos primeiros. Diante desse novo panorama, o homem moderno ou o homem burguês em construção necessitava adquirir um conhecimento capaz de sujeitar a natureza às suas necessidades. Para tanto, a escola foi erigida como *locus* de preparo dos indivíduos para a produção de riqueza por meio do manejo dos instrumentos, criado pelo modo de produção capitalista, cujo marco foi a Revolução Industrial ocorrida primeiramente na Inglaterra no século XVIII. Nesse contexto, a ciência foi incorporada à produção e a docência instituída como profissão assumida pelo Estado.

Nóvoa (1995) pontua que o Estado Nação, ao assumir o processo de escolarização do povo, substituiu os antigos mestres, como eram conhecidos no período medieval, por funcionários com salários e horários de trabalho estabelecidos por esse modelo de sociedade em construção. Nesse cenário, tanto a indústria quanto a escola buscaram objetivar o trabalho humano. A primeira, por meio do direcionamento das atividades produtivas, a segunda, condicionando e generalizando as funções cognitivas individuais, ambas engendradas na tecnologia moderna⁹, fruto da Revolução Industrial que, no entender de Saviani (1994, p, 159), provocou uma revolução educacional: “[...] Dir-se-ia, pois que à Revolução industrial correspondeu uma Revolução educacional. Aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo, esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação”.

⁹ A tecnologia moderna foi se construindo a partir do século XVIII “pari passu” ao desenvolvimento do capitalismo e à substituição do modo de produção feudal/corporativo, do sistema de transmissão de conhecimento apoiado na aprendizagem pelo emprego do trabalho assalariado e do sistema escolarizado de transmissão do conhecimento. (GAMA, 1986, p. 30).

Petit (1994, p, 150) afirma que “próximo a 1900 quase todos os países atingidos pela industrialização haviam adotado a escola primária, gratuita e obrigatória”. E, Ibernón (2000, p, 30) confirma:

Com o surgimento da escola e da ciência objetiva, surge a figura do professor ou da professora como sujeito a quem se atribui a capacidade de planejar os processos de aprendizagem dos alunos e das alunas considerados objetos.

Nóvoa (1995) assevera ainda que a profissão de professor constituiu-se no século XIX com a substituição da Igreja pelo Estado na tutela do ensino, e, no decorrer desse século, consolidou-se a imagem de um professor cuja atividade docente era o reflexo de múltiplas influências e mudanças externas, resultantes principalmente do processo de industrialização e de urbanização que expandiu o número de escolas, trazendo no seu bojo novos instrumentos de trabalho.

Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre-dois, que tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber demais, nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia; não devem ser pobres, nem ricos: não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais, etc. (NÓVOA, 1995, p, 16)

Ainda de acordo com esse autor, em torno da produção de um saber socialmente legitimado relativo às questões do ensino e da delimitação de um poder regulador, sobre o professorado confrontam-se visões distintas da profissão docente nas décadas de viragem do século XIX para o século XX. Assim, o que hoje conhecemos como sistema escolar estruturou-se na maioria dos países ao longo do século XIX, tendo sido necessário desenvolver diferentes tecnologias para que o trabalho docente pudesse ser realizado. Diante de tantas mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas, determinadas pelo avanço da tecnologia, não só a escola, mas também o professor são vistos como agentes dessas transformações.

Para Sacristán (1999, p, 20). “[...] todo aquele, indivíduo ou grupo, que decide sobre a educação (que, conseqüentemente, é portador de teorias) e sobre as razões que leva consigo quando o faz é agente da prática”. Destarte, não podemos prescindir de assinalar que o trabalho docente realizado por professores é permeado pelas contradições existentes na sociedade vivida em que o sujeito está inserido. O autor observa ainda que o professor é um agente pedagógico, mas é também um ser humano. Ao exercer a sua função age e esse agir não pode ser entendido à margem da condição humana “[...] por mais técnico que se queira, que seja esse ofício” [...]

por meio das ações que realizam em educação, os professores manifestam-se e transformam o que acontece no mundo[...].”(SACRISTÁN, 1999, p, 31)

Colaborando com essa discussão, afirma Tacca (2004, p, 108):

Se alguém assume o papel de professor, precisa ter clareza de vários aspectos constituintes da tarefa que realizará. É preciso ter metas e objetivos sobre o que e para quem deve realizar, e disso decorre o como realizar. Integrar esses aspectos inclui observar diversas dinâmicas do processo ensino-aprendizagem, ou seja, a do aluno concreto, a relacional, a do conhecimento, a das estratégias de ensino e a do contexto cultural e histórico em que se situam os sujeitos.

No atual contexto, os alunos estão situados no limiar de uma sociedade analógica e digital. Seus vocabulários são repletos de linguagens codificadas. A tecnologia não é novidade, contudo, “por que fazer”, “o que fazer”, “como fazer” e “para que fazer” não são indagações cujas respostas perpassem os seus domínios. Nessa perspectiva, Lopes (2005, p, 99) assevera “[...] o aluno deve ser percebido como pessoa integrante do processo ensino-aprendizagem digital onde, junto ao professor, deve participar ativamente e desenvolver uma postura crítica”. A autora afirma ainda:

O uso do computador causa impacto no ensino, ou por causa do acesso que ainda é limitado, ou por causa do pouco aproveitamento que fazemos ao utilizá-lo em nossas práticas. Portanto o papel do professor é fundamental na inclusão digital de seu aluno, associando tecnologia e educação, mas ancorado em uma capacitação individual e partilhada, que o possibilite, além de conhecer diversos recursos que a máquina oferece, colaborar na formação de cidadãos. (LOPES, 2005, p, 98)

Nesse campo de domínio, o professor “[...] deve viver na coletividade escolar como parte inseparável dela [...]” (VIGOTSKI, 2003, p, 300), pois esse é um dos sentidos de ser professor e não podemos perder essa sensação, uma vez que o nosso trabalho exige, além da competência profissional objetiva, o estabelecimento de relações afetivas que são subjetivas. Basso (1998, p, 24) contribui com este olhar ao afirmar que:

A natureza do trabalho docente, então, não tem possibilitado uma maior objetivação do processo, propiciando uma certa autonomia ao professor e evidenciando a importância das condições subjetivas para a realização da atividade pedagógica. Estas condições subjetivas pressupõem a formação do professor que se manifesta na compreensão do significado da sua atividade.

Sob essa ótica, entendemos que tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos são determinantes da constituição do professor que, ao contrário do que se

apregoa, a sua importância como mediador da aprendizagem se faz cada vez mais premente. Para tanto, é fundamental conhecermos a sua essência como sujeito pessoal e profissional, permanentemente constituído nas relações sociais estabelecidas, bem como na produção de suas condições objetivas e subjetivas de vida, em constante transformação *pari passu* ao desenvolvimento material da sociedade que ancora a sua existência, pois a atual sociedade, estruturada em torno do trabalho pago em que o trabalhador é detentor de sua força intelectual, cognitiva, afetiva, motora e que, em contato com o objeto modifica-o e é modificado por ele, traz consequências também ao trabalho do professor cuja base é a interação com outro ser humano, com outro sujeito, alterando profundamente a natureza do trabalho realizado, bem como a sua atividade docente, conforme veremos no tópico subsequente.

2.2 A atividade docente

Pela atividade que é essencialmente humana, o homem transforma a sua história e é transformado por ela, criando objetos e meios de produção desses objetos com a finalidade de satisfazer suas necessidades individuais e coletivas. Essa capacidade não só de desenvolver utensílios e instrumentos de uso imediato, mas de atribuir novos significados aos objetos criados, permitiu aos homens se organizarem socialmente e estabelecerem relações de trabalho que “[...] desde a origem, é um processo mediatizado simultaneamente pelo instrumento (em sentido lato) e pela sociedade” (LEONTIEV, 1978, p, 74).

O trabalho é um processo que liga o homem à natureza, o processo de acção do homem sobre a natureza. Marx escreve: “O trabalho é primeiramente um acto que se passa entre o homem e a natureza. O homem desempenha aí para com a natureza o papel de uma potência natural. As forças de que seu corpo é dotado, braços e pernas, cabeça e mãos, ele as põe em movimento a fim de assimilar as matérias dando-lhes uma forma útil à sua vida. Ao mesmo tempo que age por este movimento sobre a natureza exterior e a modifica, ele modifica a sua própria natureza também e desenvolve as faculdades que nele estão adormecidas. (MARX: O Capital, Livro I, p. 180 apud LEONTIEV, 1978, p, 74)

Para se manter vivo o homem dominou a natureza e na coletividade transformou os instintos básicos de luta pela manutenção da espécie em atividades econômicas de caráter histórico. É a história quem nos conta que ofícios e profissões nascem e se transformam a fim de atenderem às demandas da sociedade que as produziram. No atual momento, tem se atribuído muito valor ao conhecimento

científico, à cultura, à arte e à estética, só para citar alguns exemplos. As atividades em alta necessariamente perpassam por esses valores. Exige-se dos profissionais uma formação global e sólida, com conhecimentos de informática, domínio de várias línguas, polivalência para atuar em várias áreas, capacidade de inovação, predisposição para mudanças, atualização contínua na atividade, capacidade analítica, postura crítica, interpretação antecipada das necessidades futuras da sociedade, facilidade de comunicação e de interação, domínio da emoção, ética e racionalidade, entre outros.

Como o desenvolvimento humano é resultado concreto do desenvolvimento material da sociedade, a Psicologia Histórico-Cultural se apoia nas concepções de Marx e Engels (1984, p, 15) que afirmam: “[...] o modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir”. Isso significa enfatizar que o sujeito se desenvolve porque movimenta processos internos que se formaram externamente via vínculos sociais e culturais, propiciando-lhe atribuir significado às suas ações nas atividades individuais e coletivas realizadas, envolvendo necessariamente a consciência.

A consciência humana não é uma coisa imutável. Alguns dos seus traços característicos são, em dadas condições históricas concretas, progressivos, com perspectivas de desenvolvimento, outros são sobrevivências condenadas a desaparecer. (LEONTIEV, 1978, p. 89)

Partindo da compreensão de que a consciência humana é produto do social, e fruto da atividade humana, recorreremos a Marx (1975) que confirma “A tecnologia revela o modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato de produção de sua vida material e assim elucida as condições de sua vida social e as concepções mentais que dela decorrem”. (MARX, 1975, p, 278)

Cerceado de todos os lados pelos produtos tecnológicos, os professores se veem na iminência da “[...] formação de sujeitos pensantes e críticos para lidar praticamente com a realidade: resolver problemas, enfrentar dilemas, tomar decisões, formular estratégias de ação, transformar informação em conhecimento [...]”, (FREITAS, 2008, p, 11). Acrescente-se a isso o postulado de Kuenzer(1999) a respeito de outra constituição identitária do docente na atual sociedade tecnológica: “o professor sobrança”. Para ela é necessário que o professor:

[...] seja muito mais do que um mero animador, competente para expor, cativando a atenção do aluno. Ele precisará adquirir a necessária competência para, com base nas leituras da realidade e no conhecimento

dos saberes tácitos e experiências dos alunos, selecionar conteúdos, organizar situações de aprendizagem em que as interações entre aluno e conhecimento se estabeleçam de modo a desenvolver as capacidades de leitura e interpretação do texto e da realidade, comunicação, análise, síntese, crítica, criação, trabalho em equipe, e assim por diante. Enfim, ele deverá promover situações para que seus alunos transitem do senso comum para o comportamento científico. (KUENZER, 1999, p, 171)

A autora destitui a categoria professor animador pertencente à Escola Nova e muito valorizada no Brasil na década de 1980, quando se iniciaram as primeiras discussões sobre o papel do professor em um ambiente escolar informatizado. Neste momento histórico, ao nos propormos a investigar o sentido e o significado da docência nas salas de tecnologias educacionais, não podemos negar as contradições que permeiam o mundo social para conseguirmos compreender os desejos, as expectativas, as realizações e as frustrações desse sujeito frente ao desafio de exercer a atividade docente, utilizando o computador como instrumento de trabalho.

Para alcançar o seu objetivo e constituir o fundamento da atividade pedagógica a si designado, esse sujeito precisa estabelecer um processo de interação com o ambiente que o circunda; lembrando que a sala de tecnologia educacional foi inserida no ambiente escolar por atos governamentais definidores da sua função como espaço pedagógico, contudo, os significados dessa função resultam dos sentidos subjetivados pelo sujeito. E aqui nos reportamos novamente a Leontiev (1978) por considerar que a atividade humana é constituída por um conjunto de ações produzidas e desenvolvidas na coletividade, e o significado dessas ações, ao ser apropriado pelo indivíduo, fornece-lhe um sentido correspondente ao seu significado.

Designamos pelo termo de actividade os processos que são psicologicamente caracterizados pelo facto de aquilo para que tendem no seu conjunto (o seu objecto) coincidir sempre com o elemento objectivo que incita o paciente a uma dada actividade, isto é, com o motivo. (LEONTIEV, 1978, p, 296)

O autor chama a atenção de que para compreendermos o sentido da atividade para o sujeito se faz necessária a distinção entre atividade e ação, haja vista nem todos os processos humanos constituírem-se em uma atividade; somente podemos denominar como atividade, na acepção da palavra, se esse processo atender a uma necessidade específica, peculiar do sujeito, pois, enquanto a atividade é guiada por um motivo interno, orientado *pari passu* por um elemento externo oriundo da coletividade, a ação necessariamente não precisa dessa relação. “[...] Chamaremos ações aos processos em que o objecto e o motivo não coincidem. Podemos dizer por

exemplo que a caçada é a atividade do batedor, e o facto de levantar a caça é a sua acção”. (LEONTIEV, 1978, p, 77).

Para distinguir os dois processos, ação e atividade, Leontiev é enfático ao afirmar que “[...] o produto do processo global, que responde a uma necessidade da colectividade, acarreta igualmente a satisfação da necessidade que experimenta um indivíduo particular” (1978, p. 77), contudo, a não participação do indivíduo no processo como um todo, incluindo a sua não finalização é que faz emergir a primaz diferença entre ação e atividade. Parafraseando o autor podemos afirmar que a escolha da sala de tecnologia educacional pelo sujeito colaborador desta pesquisa é a ação, e a transformação dessa ação em produto que atenda à coletividade constitui-se na sua atividade.

Desse ponto de vista destacamos que, pela atividade, que é essencialmente humana, a objetividade do mundo material que antecede a nossa existência só pode ser desvelada, conhecida e transformada, portanto, subjetivada se for realizada considerando-se os aspectos da coletividade e da individualidade como elementos distintos, que se complementam. Assim, a atividade docente na sala de tecnologia educacional, para atingir sua finalidade, deve ser orientada tanto pelos motivos individuais quanto pelas necessidades produzidas na coletividade. Na perspectiva leontieviana, será a partir da “[...] interiorização das acções, isto é, a transformação das acções exteriores em acções interiores intelectuais”(LEONTIEV, 1978, p, 185) que o sujeito estará realizando sua atividade em prol de si mesmo e também da coletividade. Para tanto, o sujeito, ao internalizar a ação exterior, ativará os processos psíquicos que envolvem o saber fazer e a compreensão desse saber fazer.

Zanella (2004), em pesquisa realizada a respeito dos processos de ensinar e aprender a fazer renda de bilro, constatou que os aprendizes podem chegar a diferentes resultados pela apropriação das ações, entendida como a apropriação de partes da atividade como um todo e pela apropriação da atividade em si, envolvendo a atividade como um todo. Nesse caso, o sujeito se apresenta em sua plena condição de autor que, partindo de uma realidade conhecida, transforma essa realidade ao mesmo tempo em que é transformado por ela. As possibilidades dos processos de ensino e aprendizagens constatadas por Zanella ancorarem a atividade docente perpassam necessariamente pelo sentido e significado do trabalho que o sujeito realiza. Em Basso (1978), também encontramos respaldo para essa afirmação.

No caso dos professores, o significado do seu trabalho é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo, e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando, as condições reais, objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. (BASSO, 1978, p, 27)

O professor, sujeito histórico e social que se constitui e é constituído nas relações, transforma-se objetiva e subjetivamente em consonância com as transformações sociais, construindo, reconstruindo, alterando e modificando a realidade material externa com a qual interage, constituindo a sua subjetividade a partir de situações de intersubjetividade. Esse movimento é possível porque a atividade docente pressupõe ao mesmo tempo tanto a objetividade da ação quanto a subjetividade da atividade as quais devem orientar-se para a satisfação das necessidades coletivas.

González Rey (2003) aponta para a ideia de um sujeito e sua subjetividade numa perspectiva dialética, complexa, histórica e cultural. Considera que as criações humanas são produtoras de sentido e a subjetividade, ao abrir uma “zona de sentido”, caracteriza a psique humana individual e os cenários sociais de atuação do sujeito. Um cenário onde noções ambivalentes e contraditórias podem coexistir e os conceitos serem instrumentalizados de acordo com a finalidade das ações a que se propõem. Sob essa ótica, “[...] a individualidade do sujeito é resultado das suas relações sociais, e a sua subjetividade a possibilidade de interação desse sujeito a partir da materialidade das relações construídas”. (GONZÁLEZ REY, 2003, p, 150). Constitui-se assim um sujeito que não é produto apenas do biológico e tão somente do meio, mas da relação que se desenvolve entre ambos. Um sujeito cuja identidade está em constante movimento, que possui uma subjetividade coletiva e individual, que pressupõe constantes inter-relações entre o singular e o universal, entre o individual e o coletivo, entre o coletivo e as massas.

A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento, esse precursor material da significação. O facto propriamente psicológico, o facto da minha vida, é que eu me aproprie ou não, que eu assimile ou não uma dada significação, em que grau eu a assimilo e também o que ela torna para mim, para a minha personalidade; este último elemento depende do sentido subjectivo e pessoal que esta significação tenha para mim. (LEONTIEV, 1978, p, 96)

Ao apresentarmos no capítulo I os motivos que impulsionaram os nossos colaboradores à docência e, posteriormente, à docência na sala de tecnologia educacional, constatamos o movimento apresentado por Leontiev. Esses sujeitos, para se apropriarem do computador como instrumento de trabalho, precisaram acionar suas cognições e afetividades em prol de um movimento coletivo de uso dessa tecnologia.

Toda a pedagogia derivada da Psicologia Histórico-Cultural, na qual se insere também a teoria da atividade, se centraliza pois, na atividade dos indivíduos em interação e o conhecimento é visto de forma partilhada. Alunos e professores participam de uma construção partilhada do saber. Assim, o conhecimento não se restringe a uma construção individual mas, se realizando no coletivo, é uma construção social[...] (FREITAS, 2008, p. 9)

Desse ponto de vista, o professor da sala de tecnologia educacional, por sua experiência que difere dos demais professores da escola e também dos alunos, ao orientar a sua atividade para a construção coletiva de um fazer compreensivo de que o computador é um instrumento cultural que desencadeia nos seus usuários uma diversidade de ações como partes constitutivas da atividade, estará edificando o caminho pedagógico para que a instrumentalidade do computador seja apreendida pelos sujeitos que interagem com esse objeto como pertencente à cultura social. Realizar a docência na sala de tecnologia educacional como atividade na perspectiva do referencial teórico leontieviano exige que esse professor se aproprie do computador como instrumento cultural orientador de uma lógica mais complexa, mais dialógica, mais profunda de comunicação e interlocução, capaz de lhe permitir dialogar com outros sujeitos, de modo a estabelecer um “novo” relacionamento com esse instrumento, satisfazendo seus motivos interiores, ao mesmo tempo em que satisfaz as necessidades presentes na coletividade.

Exercer a atividade docente com essa perspectiva, no atual contexto, constitui-se em tarefa desafiadora, uma vez que para tal ação se faz necessária a análise das implicações ideológicas acerca do uso das atuais tecnologias de informação e comunicação no ensino, tendo em vista que esse processo esteja fatalmente vinculado à formação do professor. Vimos no capítulo I que a formação dos nossos sujeitos para o exercício da atividade docente na sala de tecnologia educacional foi orientada por uma política desencadeada pelas Secretarias de Educação na década de 1990. Nesse ínterim, Silva (2006), ao analisar as relações entre a capacitação recebida e a prática dos professores-instrutores das escolas da

rede municipal de ensino da cidade de Campo Grande, observou que o uso dos computadores na relação ensino-aprendizagem como parte da atividade desse professor era realizada de várias maneiras intuitivas, uma vez que a formação desses sujeitos, nessa direção, não fora suficiente.

Não podemos nos esquecer de que para esse professor está sendo exigido o conhecimento de novas formas de exercer sua atividade docente, tendo como cenário as transformações sociais decorrentes dos avanços tecnológicos que têm provocado um abismo ainda maior entre os que têm acesso aos bens materiais e aqueles que são desprovidos desses bens. Nessa perspectiva, a Psicologia Histórico-Cultural, ao compreender o homem como um ser histórico e social e a sua psique como o reflexo da realidade material externa com a qual interage, aponta para a emergência de uma atividade que perpassa necessariamente pela tomada de consciência do indivíduo. Parafraçando Leontiev (1978), por mais que o professor seja obrigado a vender a sua força de trabalho, para esse professor o produto do seu trabalho não se converte em mercadoria alienada, pois as relações que estabelece com outros sujeitos são permeadas de sentido. O autor cita Engels para confirmar que “[...] todo homem é um ser humano, ao passo que para a burguesia o operário é menos que um homem”. (ENGELS, 1975, p. 172, apud LEONTIEV, 1978, p. 127)

Sob essa égide, a atividade do professor atenderá à necessidade coletiva posta pela atual sociedade se no desenvolvimento das funções psicológicas humanas, nos processos de desenvolvimento e aprendizagem mediados pela prática pedagógica o aluno for desafiado a pensar criticamente sobre a realidade na qual está inserido para poder apropriar-se dessa realidade e encontrar mecanismos de transcendê-la. Isso porque a teoria da atividade de Leontiev pressupõe uma relação dinâmica do sujeito com o objeto, mediado pela cultura e pelos valores que são historicamente produzidos pela sociedade em cada fase da sua história humana.

[...] o homem não está sozinho em face do problema da conscientização do seu meio circundante, da sua vida e de si mesmo. A sua consciência individual só pode existir nas condições de uma consciência social; é apropriando-se da realidade que o homem a reflecte como através do prisma das significações, dos conhecimentos e das representações elaboradas socialmente. Assim, nas condições de uma língua desenvolvida e <<tecnizada>>, o homem não controla apenas o domínio das significações lingüísticas. Ele domina-as, mas apropriando-se do sistema de idéias e de opiniões que elas exprimem. Psicologicamente é impossível assimilá-las de outro modo. Por outras palavras, a apropriação do sistema das significações lingüísticas é ao mesmo tempo a apropriação de um conteúdo ideológico mais geral, isto é, a apropriação das

significações no sentido mais lato do termo. (LEONTIEV, 1978, p, 130)

O autor chama a atenção ainda para o fato de usar o termo significações em duplo sentido, tanto para a significação da palavra em seu aspecto verbal quanto para o conteúdo da consciência social que é assimilada pelo indivíduo. Sabemos que, na atual sociedade, a linguagem dos computadores está se tornando universal. O mundo está conectado em redes globais que são mediadas pela linguagem binária dos *bytes* dos computadores com toda a sua instrumentalidade. A tendência social afunila cada vez mais as relações entre os sujeitos que para se comunicarem precisam se apropriar desses códigos como verdadeiros códigos de honra.

Nesse cenário, mais do que nunca, faz-se necessário compreender que sem a mediação humana, intencional e consequente, o computador será apenas “coisa” que por si só não agregará valores, saberes e conhecimentos aos seus usuários. Para que essa linguagem presente na cultura faça parte da atividade humana como bem definiu Leontiev, o sujeito ao acionar a instrumentalidade do computador precisa fazê-lo, apropriando-se das suas significações.

No uso do computador e da internet a ação do sujeito se faz de forma interativa e enquanto lê/escreve, novos fatores intelectuais são acionados: a memória (na organização da base de dados, hiperdocumentos, organização de arquivos); a imaginação (pelas simulações); a percepção (a partir das realidades virtuais, telepresença). Outros tipos de comunicação afetam os usuários por vários canais sensoriais, combinando texto, imagem, cor, som, movimento. Trata-se de uma nova modalidade comunicacional absolutamente diferente possibilitada pelo digital: a interatividade. (FREITAS, 2008, p, 06)

Nessa perspectiva instaura-se uma nova possibilidade de aprendizagem para o sujeito, partindo sempre da sua ação individual. O resultado dessa ação não necessariamente refletirá a coletividade. Contudo, por ser social, o professor em sua atividade docente pode organizar novas formas de pensar o uso desse objeto pelo aluno. Graças a essa atividade, o movimento objetivo e subjetivo se processa na direção de constituir um sujeito capaz de se relacionar com muitos outros sujeitos no âmbito da cultura, apropriando-se da realidade social e cultural por meio da atividade. Isso é possível porque, ao se apropriar da realidade por meio da atividade, o sujeito imprime a sua marca, atribui sentidos e significados que lhes são únicos, singulares e circunscritos ao contexto social e histórico que as produziram. No contexto da atual sociedade tecnológica, o professor, ao se apropriar do computador

como instrumento da sua atividade docente, está se apropriando de um instrumento cultural e simbólico.

Instrumento e símbolo são os *mediadores* entre o homem e o mundo, natural e social, que conferem à atividade um caráter produtivo. Com efeito, pela ação técnica o homem altera a matéria e confere-lhe uma *forma nova*; pela ação simbólica essa forma nova se constitui em *símbolo* do homem trabalhador, ou seja, naquilo que representa suas capacidades, físicas e mentais, e suas idéias. É pela ação técnica que Michelangelo confere ao bloco de mármore uma *forma* escultural, a qual torna-se o *símbolo* da personalidade de Moisés tal como o artista imaginou. (PINO, 2000a, p, 43)

Poder transformar o aluno em uma obra de arte, imprimindo todo o investimento profissional e afetivo, constitui-se em desafio à atividade docente, uma vez que o acesso do aluno aos bens culturais não se dá unicamente pela via escolar. Contudo, a natureza histórica do trabalho do professor nos permite afirmar que diante das adversidades que estamos vivendo, precisamos engendrar uma luta por um ensino de qualidade, capaz de mostrar ao sujeito que a sua história não é única e que da sua ação depende a construção de uma sociedade capaz de disponibilizar os bens culturais produzidos coletivamente pelo trabalho humano a todos os sujeitos indistintamente.

Apesar de parecer utópico, perseguir esse objetivo pode ser uma via para a superação da visão de fracasso da educação, de desesperança do trabalho do professor e da persistência na atividade docente instituída de sentido pessoal, orientada por um motivo individual alicerçado na coletividade. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a atividade docente transforma-se em função da exigência social do momento histórico, mas também, por meio da apropriação pelo docente da atividade realizada, ou seja, entre o sujeito e o mundo social, o primeiro, ao alterar o segundo, confere-lhe uma nova forma, mas também é alterado por este.

Assim, ensinar por meio do computador constitui-se uma ação complexa permeada de expectativas tanto individuais quanto sociais. Tal complexidade é revelada à medida que o objeto em questão extrapola o valor externo conferido pelo meio e torna-se constitutivo do sujeito. Aprender a utilizar o computador que faz parte do mundo cultural é um imperativo que se faz necessário, não apenas por esse objeto ter sido produzido no bojo da história das relações humanas, mas porque a sua constituição no sujeito aprendiz perpassa pela construção de sentidos e significados,

extrapolando a mera aquisição de conteúdos ou o desenvolvimento de habilidades técnicas em relação ao funcionamento da máquina.

Para tanto, o seu uso como instrumento de trabalho do professor tem que extrapolar a demanda mercadológica. É fundamental que o docente, o gestor escolar, os dirigentes e os proponentes das políticas de introdução do computador na escola, compreendam que a instrumentalidade desse objeto somente será percebida se no contexto em que o mesmo estiver inserido, a mediação humana, se fizer presente em todas as fases do processo pedagógico.

2.3 Sentido e significado do trabalho docente

Vimos no tópico anterior, que a atividade humana caracteriza-se pela produção da cultura pelo sujeito, ao mesmo tempo em que promove a sua objetivação e subjetivação, possibilitando a esse sujeito construir sentidos e atribuir significados que são permeados por movimentos diversos como a submissão, a ação e a reação, dependendo das condições sócio-históricas do meio no qual se encontra inserido. Como resultado das experiências vividas, o sujeito histórico, constituído em um tempo e inserido em um espaço determinado, produz ideias, constrói valores, difunde saberes, seleciona informações, ordena e reordena novos e velhos conhecimentos, interpreta e compreende o mundo mediado pelo trabalho que realiza para si e para a coletividade.

De acordo com Pino (2000a, p, 42-43), esses aspectos nos permitem entender que o comportamento humano é oriundo da cultura, uma vez que “[...] suas raízes se constituem na infância e não antes” e seus elementos definidores são mediados “[...] pela técnica e pelo simbolismo”. Sendo assim, a teoria de Leontiev acerca da apropriação da cultura pelo sujeito como indivíduo ativo abarcando a todo momento novas necessidades individuais e exigências sociais, permitem-nos compreender o sentido e o significado da atividade do professor que precisa saber ensinar por meio das atuais tecnologias de maneira a favorecer a inserção do aluno em um mundo em constante transformação.

Tal compreensão parte da análise da relação do sujeito com a atividade de ensinar o aluno que precisa aprender sobre o instrumento para utilizá-lo em seu processo de aprendizagem no contexto da atual sociedade. Em outras palavras, implica na apreensão de como essa atividade pode ser considerada criativa e produtiva para o sujeito, pois agrega o significado que é social e o sentido que é “[...]”

uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito” (LEONTIEV, 1978, p, 97). Portanto, a valorização da ação mediada num contexto histórico e social, os eventos da vida cotidiana, a mente como produto da atividade mediada conjunta das pessoas e as ações individuais no grupo são primordiais para compreendermos como são constituídos no sujeito os sentidos e os significados de uma determinada atividade.

Em se tratando da atividade docente, é fundamental a apropriação por parte do professor de uma teoria do desenvolvimento e da aprendizagem que ultrapasse as barreiras do conhecimento tácito e do senso comum e chegue ao nível da compreensão da relação existente entre as funções psicológicas dos humanos e seus processos de aprendizagens, pois, um dos papéis essenciais exercidos pelo professor nessa direção é o de poder atuar como elemento de mediação entre o sujeito aprendiz e o objeto do conhecimento, tendo clareza de que os fatores sociais, culturais, históricos e institucionais são elementos que, além de influenciadores, são determinantes dos processos de aprendizagens.

Para Vigotski, a aprendizagem do aluno está intimamente relacionada ao ambiente social e o professor, no exercício da docência, organiza os espaços educativos almejando essas aprendizagens, uma vez que, segundo o autor, “[...] o que poderia ser uma solução individual de problema pode ainda ser pensado como uma atividade colaborativa, visto que a ‘voz’ do ‘outro’ pode ainda servir para guiar ações individuais”. (DANIELS, 2003 p, 96). Nessa mesma linha de pensamento, Kozulin(2002) alerta que, para trabalhar na perspectiva apontada por Vigotski, é fundamental a compreensão de que toda e qualquer atividade humana requer intermediários interpessoais, de caráter simbólico ou instrumental.

Como as ferramentas materiais, as ferramentas psicológicas são formações artificiais. Por sua natureza, ambos os tipos são sociais. Enquanto as ferramentas materiais visam ao controle dos processos na natureza, as ferramentas psicológicas controlam os processos naturais comportamentais e cognitivos do indivíduo. (KOZULIN, 2002, p, 116)

Esse argumento ampliado por Hedegaard (2002, p, 201) confirma a teoria de Vigotski considerada como “[...] uma agenda abrangente para a pesquisa da gênese, desenvolvimento, função e estrutura da psique humana”. Portanto, o professor que se propuser a exercer sua docência ancorada nesse referencial teórico necessita assumir “[...] (1) uma teoria da atividade, (2) uma teoria histórico-social, (3) uma teoria da mediação instrumental, e (4) uma teoria genética inter-humana”. (HEDEGAARD,

2002, p, 201), isto porque, o sujeito, para VIGOTSKI(1989), precisa ser entendido a partir de três aspectos fundamentais: 1 - da relação entre os seres humanos e seu ambiente físico e natural; 2 das formas novas de atitudes que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre o homem e a natureza e as consequências psicológicas dessas formas de atividade; 3- da natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem (VIGOTSKI, 1989, p, 21).

De acordo com Pino (2000a, p. 46), Vigotski “[...] não explicitou o conceito de cultura” tal como o fez Leontiev. Para ele “[...] cultura é ao mesmo tempo, o produto da vida social e da atividade do homem” (VIGOTSKI, 1997, v. 4, p, 106, apud PINO, 2000a, p, 46). O foco de Vigotski é o sujeito em sua ontogênese relacionando-o a sua filogênese, ou seja, para ele é primordial a compreensão de “[...] como o desenvolvimento cultural da espécie acontece em cada indivíduo” (PINO, 2000a, p, 46). Portanto, somente a vida em sociedade pode dar explicações acerca do desenvolvimento individual e pessoal de cada ser humano, tendo como cenário o desenvolvimento da espécie em sua coletividade e a relação do indivíduo com outros indivíduos, para que este ser singular possa transformar-se em sujeito concreto, autor da sua própria história de vida.

A questão da história é fundamental porque nos remete à matriz que constitui o contexto do pensamento de Vigotski. É o caráter histórico que diferencia a concepção de desenvolvimento humano de Vigotski das outras concepções psicológicas e lhe confere um valor inovador ainda nos dias de hoje, sete décadas após a redação do “Manuscrito”. Podemos portanto afirmar que a questão da história, tal como aparece em Vigotski, permite definir os contornos semânticos do social e do cultural e é uma questão- chave no debate da relação entre *natureza* e *cultura*. (PINO, 2000 b, p, 48)

Vigotski, que teve suas ideias conhecidas nos anos 1920 na Rússia, ao enfatizar o outro como elemento de mediação, deixou transparecer a influência do pensamento marxista em sua obra, atribuindo à educação um forte papel mediacional para o sujeito repensar o mundo externo em atividade no seu mundo interno, propiciando-lhe a formação da consciência. Como valorização do modelo social, político e econômico implantado com a Revolução Russa de 1917, o autor enumerou três aspectos possíveis como geradores dessa consciência: a natureza histórica da experiência humana, o entorno social e as experiências dos outros.

Para Vigotski, *social* não significa *interpessoal*. Interação social não é o que a criança tem de aprender, nem é interação social tudo o que existe no mundo ou tudo que é possível conhecer. Para Vigotski, as atividades dos seres humanos, em todos os estágios de desenvolvimento e organização, são produtos sociais e precisam ser vistos como desenvolvimentos históricos, não como meros desenvolvimentos interpessoais. O social não se reduz ao interpessoal; a atividade social não é mera interação social. (HOLZMAN, 2002, p, 98)

Os artefatos e ferramentas materiais e simbólicos presentes na realidade social que atuam como elementos mediadores para os seres humanos durante o processo de construção de suas aprendizagens, caracterizando-os como sujeitos ativos, constituídos *na e pela* interação, conferem à Psicologia Histórico-Cultural o papel de teoria explicativa de caráter formativo, apontando a educação com vistas às transformações sociais como forte elemento de mediação, tese central da teoria de Vigotski. Nessa direção, o professor em sua prática pedagógica deve atuar como mediador, de maneira que possa criar novas perspectivas para a compreensão da condição humana, ultrapassando a visão cartesiana reducionista e dualista do sujeito, ampliando a articulação entre comportamento e consciência, podendo esclarecer a base social, cultural e histórica do desenvolvimento humano.

O professor tem um novo e importante papel. Ele tem de transformar em organizador do ambiente social, que é o único fator educativo. Sempre que ele age como um simples propulsor que lota os alunos de conhecimentos, pode ser substituído com êxito por um manual, um dicionário, um mapa ou uma excursão. Quando o professor dá uma aula ou explica uma lição, ele assume só em parte o papel de professor, precisamente na parte de seu trabalho em que estabelece a relação da criança com os elementos do ambiente que agem sobre ela. Mas sempre que expõe apenas fragmentos de algo separado ele deixa de ser professor. (VIGOTSKI, 2003, p, 296)

Ensinar o outro é um paradoxo até para Vigotski que defendeu a importância da instrução escolarizada para o desenvolvimento humano. Como superação desse paradoxo, deixou bem claro em sua teoria que, apesar de as leis de desenvolvimento serem universais, cada sujeito tem uma história de vida diferente do outro.

Quando se demonstrou que a capacidade de crianças com iguais níveis de desenvolvimento mental, para aprender sob a orientação de um professor, variava enormemente, tornou-se evidente que aquelas crianças não tinham a mesma idade mental e que o curso subsequente de seu aprendizado seria, obviamente diferente. Essa diferença entre doze e oito ou entre nove e oito, é o que chamamos de zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas

sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 1989, p, 97)

Vigotski (1989) enfatiza que é importante o professor exercer sua atividade docente na zona de desenvolvimento proximal, uma vez que a nossa aprendizagem ocorre por meio da atividade mediada e da interação que estabelecemos com o meio de onde recebemos e devolvemos as influências sócio-culturais, decisivas ao desenvolvimento de funções que são especificamente humanas. Para ele, atuar na zona de desenvolvimento proximal permite ao professor determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento, e encaminhar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação. Um exemplo concreto do que significa para o professor atuar na zona de desenvolvimento proximal pode ser expresso pela experiência da criança que entra em contato com o mundo da escrita e da leitura mediado pela atividade do adulto. Em um primeiro momento, a interação da criança com o mundo é mediada somente pela experiência do adulto. Em um segundo momento, para ensinar o texto escrito à criança deve-se coordenar a experiência do adulto e o conhecimento cotidiano prévio trazido pela criança.

O adulto cria um meio pelo qual a criança pode participar na atividade de leitura antes de poder realmente ler sozinha. Uma atividade social de leitura é criada com o objetivo de transferir o controle da atividade do adulto para a criança. Essa abordagem modela a declaração “Toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e, mais tarde, no nível individual”. O adulto cria um cenário social em que a leitura ocorre como um ato de cooperação. O cenário é projetado para facilitar o desenvolvimento gradual da leitura individual não auxiliada. (DANIELS, 2003, p, 49)

Ainda que o ensino e a aprendizagem continuem sendo paradoxos questionados e sem unicidade de ideias, percorrer esse caminho é um desafio ao trabalho do professor que no exercício de sua atividade docente precisa ter consciência de que algumas situações serão mais difíceis de serem resolvidas.

Atualmente, com a crescente complexidade das tarefas exigidas ao professor, a quantidade de recursos que exigem dele se tornou tão infinitamente diversa e se complicou tanto que, se um professor desejar ser um pedagogo cientificamente formado, vai ter de aprender muito. (VIGOTSKI, 2003, p, 300)

Vigotski (2003) considera ainda que “[...] o professor representa uma pessoa envolvida em um fenômeno essencialmente dual, como qualquer tipo de trabalho

humano”. (VIGOTSKI, 2003, p, 296). Ocorre que o trabalho docente é realizado na escola; nessa perspectiva, somente a educação escolarizada, por meio do professor, pode fazer a mediação, a análise e a reflexão de um fenômeno que é fundamentalmente humano, como a aprendizagem de conceitos científicos, outro aspecto importante da teoria vigotskiana.

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos. (VIGOTSKI, 1991a, p, 50)

Para Vigotski (1991) a palavra na fase de escolarização é o fio condutor para que se desenvolva no sujeito a formação dos conceitos científicos, contudo faz um alerta de que:

A presença de um problema que exige a formação de conceitos não pode, por si só, ser considerada a causa do processo, muito embora as tarefas com que o jovem se depara ao ingressar no mundo cultural, profissional e cívico dos adultos sejam, sem dúvida, um fator importante para o surgimento do pensamento conceitual. Se o meio ambiente não apresenta nenhuma dessas tarefas ao adolescente, não lhe faz novas exigências e não estimula o seu intelecto, proporcionando-lhe uma série de novos objetos, seu raciocínio não conseguirá atingir os estágios mais elevados, ou só os alcançará com grande atraso. (VIGOTSKI, 1991a, p, 50)

Segundo Vigotski os conceitos espontâneos se transformam em científicos e vice-versa, via funções psicológicas superiores, mantendo a condição de serem sócio-históricos. Essas funções são conscientes, incluindo as funções mentais desenvolvidas como a atenção e os movimentos voluntários, a memória e a percepção e são desenvolvidas por meio da atividade mediada, numa relação dialética entre a fala e o pensamento, incorporando influências biológicas e culturais.

Todas as funções psicointelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento da criança: a primeira vez nas atividades coletivas, nas atividades sociais, ou seja, como funções intersíquicas; a segunda, nas atividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas. (VIGOTSKI, 1991b, p, 14)

Seu argumento é que as funções mentais superiores nascem de formas coletivas de comportamento por meio do domínio das ferramentas psicológicas que por sua vez irão elevar as funções elementares para um patamar superior, de forma

que possam ser reestruturadas e seu campo de aplicação ampliado. Enfatiza o caráter histórico do pensamento verbal relacionando-o à formação dos conceitos científicos pelo alto grau de generalidade e pela relação destes com objetos, mediado por outros conceitos. Para compreensão da psicologia proposta por ele, precisamos distinguir que:

O primeiro traço distintivo da nova psicologia é seu *materialismo*, porque examina toda a conduta do ser humano como uma série de movimentos e reações que possui todas as propriedades de um ser material. Sua segunda característica é a *objetividade*, pois coloca como condição indispensável para suas pesquisas a exigência de que estas se baseiem na verificação objetiva do material. A terceira característica é seu método *dialético* que reconhece que os processos psíquicos se desenvolvem em uma vinculação indestrutível com todos os demais processos do organismo e que estão subordinados exatamente as mesmas leis de desenvolvimento que regem tudo o que existe na natureza. E finalmente, a última [quarta] característica é a base *biossocial* [...] (VIGOTSKI, 2003, p. 40).

Para uma concepção clara da defesa de Vigotski sobre a importância da instituição escolar propiciar o desenvolvimento dos conceitos científicos no indivíduo, é preciso saber que após a revolução russa de 1917, a escola na Rússia foi eleita agência estatal de excelência, cujo ensino deveria resultar no desenvolvimento de ferramentas conceituais avançados, necessários ao projeto de consolidação do processo revolucionário.

[...] a exigência fundamental que as novas condições impõe ao professor é a mais completa rejeição a esse estojo e, em contrapartida, o desenvolvimento de todos os aspectos que respiram atividade e vida. Em qualquer tarefa docente antes da Revolução [de Outubro] sentia-se um certo cheiro de azedo de mofo, como água estagnada que não flui. E isso não era superado pela teoria corrente sobre a missão sagrada do professor, sobre sua compreensão dos objetivos ideais. (VIGOTSKI, 2003, p. 297)

Se os conceitos científicos são históricos e culturais e exercem influência sobre o desenvolvimento humano por constituírem-se num processo consciente e deliberado desde o início, envolvendo operações intelectuais do sujeito como a abstração, a capacidade de comparação e a diferenciação necessárias à aquisição do conceito por parte do aprendiz, podemos afirmar que a instrução sistematizada escolarizada propicia avanços no desenvolvimento do aluno por provocar a emergência de funções intelectuais que ainda não se manifestaram e por proporcionar ao sujeito o acesso ao conhecimento construído e acumulado pelas gerações precedentes.

Para que os conceitos científicos sejam desenvolvidos no espaço escolar, na concepção defendida por Vigotski é primordial que a mediação do professor entre o

aluno e um problema que precisa ser solucionado envolva necessariamente o pensamento científico. Pino (2000b, p, 65) chama a atenção para o fato de que “[...] a mediação do outro tem um sentido muito mais profundo, fazendo dele a condição desse desenvolvimento”. Nessa relação, o professor deve também preocupar-se com as emoções de seus alunos que se constituem em ferramentas tão importantes quanto a formação do pensamento científico, pois como afirma o próprio Vigotski (2003, p, 121) “[...] um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito diferente”. Portanto, uma relação preocupada com os sentimentos revelados pelas emoções trará vida ao sujeito da aprendizagem. A experiência de Jandira que trazemos a seguir ilustra o que estamos afirmando:

Os alunos fazem do espaço da STE um mundo diferente. Quando eles estão na STE, eles fazem muitas atividades ao mesmo tempo. Eles ouvem música. Eles lêem notícias. Eles procuram saber sobre um assunto que naquele momento lhes interessa. Eles conversam *on line*. Eles mesmos se proporcionam coisas novas sem precisar que o professor lhes autorize. É uma aula diferente. Eles se comunicam com outras pessoas. Eles saem dos muros da escola. Eles aprendem. Nas avaliações, os professores dizem isso. Nas atividades propostas, os professores corrigem e eles as acertam.

A fala de Jandira parece expressar a emoção do momento percebida no aluno quando consegue fazer “do espaço da STE um mundo diferente”. Se nós professores conseguirmos esse feito nos nossos alunos, nos mais diferentes contextos de ensino e aprendizagem, as marcas que deixarmos nas experiências partilhadas permanecerão em suas trajetórias de vida. E aqui concordamos com González Rey (2003, p, 250) para quem “[...] as emoções se definem no nível subjetivo por seu sentido, dimensão na qual a emoção sempre representa um momento de um sistema que não aparece de forma imediata na aparência daquela”.

Se os sentidos se constroem de forma dinâmica a partir de um processo de interação entre o meio e o sujeito que carrega no seu mundo interior impressões deixadas por suas próprias experiências, os significados o ajudam na elaboração dos conceitos, na busca pela compreensão e tentativa de explicação da realidade vivida e produzida por meio das suas experiências e expectativas. Para compreendermos a particularidade que envolve o trabalho docente, dadas as condições objetivas e subjetivas que permeiam o trabalho desse professor que, sob o domínio das tecnologias da informação e da comunicação, está sendo reivindicado a entender da linguagem tecnológica, fornecer as ferramentas conceituais que habilite o aluno a

agir e interagir com a atual sociedade, buscamos apoio na definição elaborada por Saviani (1997).

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta de formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1997, p, 17)

Nessa perspectiva, um dos sentidos e significados da docência consiste na atividade consciente e intencional acrescido da singularidade peculiar que envolve o trabalho do professor, ainda que esteja afeito às transformações ocorridas no mundo do trabalho, fundamentadas na lógica e na racionalização do capital que, de maneira direta ou indireta, com maior ou menor intensidade, precarizou as condições para a realização de uma docência permeada de sentido para além da sobrevivência e do significado social dessa função fixada histórica e culturalmente ao longo da história da humanidade. Por outro lado, essas transformações podem ser o começo de uma caminhada rumo à ampliação do conhecimento por meio de estudos, pesquisas, análises e reflexões acerca do sentido pessoal e do significado social da atividade docente nos diversos espaços constituídos e construídos envolvendo a educação escolarizada, para que se possa edificar uma postura responsável e comprometida perante os recursos tecnológicos que estão adentrando a escola, como é o caso dos computadores.

CAPÍTULO III

AS SALAS DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS EM MATO GROSSO DO SUL

Trataremos neste capítulo dos instrumentos legais da criação das salas de tecnologias educacionais, focalizando a cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul, *lócus* desta pesquisa. Discutimos inicialmente a educação e a tecnologia para situarmos o computador na educação e a formação do professor. Na sequência, descrevemos e analisamos o trabalho realizado pelos professores nas salas de tecnologias educacionais, relacionando-o às determinações emanadas pelas resoluções que regulamentam o funcionamento das STE.

3.1 Educação, tecnologia e a introdução do computador na educação

Educação e Tecnologia são processos culturais ligados estreitamente aos processos produtivos e aos interesses políticos e econômicos. Existe um vínculo histórico e social entre essas duas áreas por estarem situadas no âmbito ideológico-cultural ligados aos interesses dominantes da sociedade. Como prática social e como resultado do conjunto de instituições com processos formais, a educação tem em sua organização a difusão de ideias, atitudes e valores ligados aos interesses dominantes, para responder às necessidades do processo produtivo, expressas nas políticas governamentais por meio de planos e metas de formação de indivíduos para atender a demanda da produção, como a política de inserção de estudantes e professores na chamada sociedade tecnológica, cenário de fundo das nossas discussões.

Por sua vez, a tecnologia como produto dos conhecimentos científicos desenvolvidos pelo homem também se aplica aos interesses políticos e econômicos. Seu significado semântico *arte aplicada – technikós* nos permite inferir que talvez a sua utilização na educação, apesar das resistências que o novo provoca na constituição humana, foi pensada e articulada em conformidade com as teorias

educacionais de cada período da história da educação. Cysneiros (1995) é enfático ao afirmar:

Sempre que surgiu uma tecnologia que pudesse ter uso educativo, exaltaram-se as maravilhas do próprio meio. De início foi o rádio (na década de 20), depois o gravador (nas décadas seguintes), culminando com os grandes investimentos na televisão educativa a partir dos anos cinquenta. (CYSNEIROS, 1995, p, 1)

A exaltação do meio, isto é, do recurso tecnológico na perspectiva da eficiência da sua superioridade em relação ao ser humano foi categorizada por Saviani (1987) como tecnicismo na educação. Para esse autor:

Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência. Para tanto era mister operacionalizar os objetivos e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo. Daí a proliferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o micro-ensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar, etc. (SAVIANI, 1987, p, 16)

No entender de Saviani (1987), essa organização escolar contribuiu para agravar ainda mais a qualidade de ensino, posto que as questões estruturais da sociedade brasileira continuariam em segundo plano, ou seja, não seriam as modernas tecnologias inseridas na educação que erradicariam as mazelas sociais e solucionariam os problemas educacionais. Pensar em utilizar a tecnologia no processo de ensino e aprendizagem tem a ver com as exigências da sociedade representada pelo mundo do trabalho em toda sua dialeticidade e complexidade, o que exige uma visão mais precisa e profunda da complexidade e das contradições desse universo e, especialmente, de suas possibilidades reais de intervenção.

Para isso, é fundamental a compreensão do sentido histórico da vida em relação ao conhecimento que deve ser discutido numa perspectiva teórica e metodológica que privilegie a sua gênese e desenvolvimento dentro de um tecido social, no interior do qual a dimensão humana tenha mais relevo que a dimensão dos produtos humanos, de forma que o homem se reconheça naquilo que produziu. Ao olharmos para a história podemos situar que no século passado, em especial a partir de 1980, na organização do mundo do trabalho a substituição dos modelos “fordista/taylorista”, centrada na forma rígida e segmentada do trabalho pelo modelo “toyotista”, fundado no trabalho mais flexível, passou a exigir do sujeito novos

conhecimentos, novos saberes, novas atitudes no exercício de suas múltiplas funções, como ser social, político e produtivo.

Compreender os determinantes históricos que impulsionam as diferentes organizações do mundo do trabalho que, por sua vez, influenciam a educação e os fatores que determinaram o modelo de educação em voga neste momento, constitui-se em desafio atual neste século XXI, uma vez que o desenvolvimento tecnológico por meio da eletrônica e da microeletrônica trouxe profundas transformações para a sociedade, não somente em sua base produtiva, como também nas formas de relacionamentos interpessoais. Por outro lado, esse desenvolvimento possibilitou o acesso rápido a diversas informações no espaço temporal e geográfico, principalmente a partir da disseminação da rede mundial de computadores – Internet – na última década do século XX, provocando além da comunicação em tempo real com qualquer parte do país ou do mundo, a alteração nas formas de trabalho em sua natureza.

Freitas (2008) considera que tanto o computador quanto a expansão da internet provoca e provocarão profundas alterações na organização política, administrativa e pedagógica da escola, posto que, pela primeira vez em sua história, essa instituição está conectada a outros pontos que estão além do que ocorre em seu cotidiano sedimentado na arte milenar do falar do professor e da manuscrita do aluno. Entretanto, esse fato por si só não significa uma transformação radical da escola, muito pelo contrário, as mudanças são paulatinas e não dependem exclusivamente do trabalho do professor.

A verdadeira integração do computador/internet na realidade da escola supõe uma nova organização escolar mais descentrada, um currículo mais flexível, a instauração de novos tempos escolares, menos rígidos e programados, mudanças no próprio espaço da sala de aula. E isto não acontece de um dia para outro: requer tempo, ajudas específicas, incentivos, toda uma estrutura de apoio. (FREITAS, 2008, p, 02)

As mudanças exigidas para que a escola flexibilize sua organização curricular é ditada pela necessidade atual do capitalismo, focado na competitividade, exigindo do trabalhador a ampliação das capacidades cognitivas para ser inovador, criativo e solucionador de problemas na vida cotidiana. “[...] É nesse embate de concepções de sociedade e trabalho que se insere a disputa pela educação como prática social mediadora do processo de produção, processo político, ideológico e cultural”. (FRIGOTTO, 2005, p. 73).

A escolaridade formal, ao mesmo tempo em que é valorizada no momento da obtenção de um cargo ou função, não tem o mesmo valor no momento de remunerar o trabalhador por sua força de trabalho. Vivemos hoje a disputa acirrada entre os qualificados. Estamos em constante processo de formação, buscando ampliar nossas capacidades cognitivas e almejando aprender continuamente para tentarmos preservar nossos espaços laborais. Antunes (2004) nos ancora nessa afirmação ao fazer a análise da expansão da política neoliberal no Brasil. Para o autor:

As metamorfoses em curso no mundo do trabalho decorrente da reestruturação produtiva e das transformações neoliberais, que vem afetando intensamente a classe trabalhadora, atingem também de maneira avassaladora os organismos sindicais. (ANTUNES, 2004, p, 81)

Sem a presença de sindicatos fortes e independentes, somos testemunhas oculares do nascimento nos trabalhadores de um sentimento de resignação em relação à oferta salarial até como alternativa de sobrevivência à racionalidade técnica predominante no pensamento empresarial. Contraditoriamente a tecnologia tem ocupado lugar de destaque em nossas vidas, contudo, precisamos apontar tanto as consequências nefastas quanto as benéficas proporcionadas aos diversos setores da atividade humana, pois não podemos fazer da tecnologia um sujeito autônomo e do sujeito, um objeto de extensão da máquina. Em relação à educação, o computador, tecnologia do momento está chegando à escola, exigindo do professor que este se aproprie do seu ferramental em seu trabalho docente.

Para discutirmos sobre o computador na educação e o papel do professor em relação a esse instrumento precisamos voltar à década de 1970, cenário de lutas dos diferentes grupos pela democratização do país, e no interior destas, a configuração de forma mais clara sobre o papel e a contribuição da educação. Nessa década, a atividade docente e a forma de compreender a escola foram redimensionadas, evidenciando as relações estreitas existentes entre escola e sociedade. Para Frigotto(1995, p. 33-34) é “[...]no bojo da crise do capitalismo dos anos 70/90 que expõe questões desafiadoras para aqueles que entendem o espaço educativo como um *locus* importante de luta e construção da democracia substantiva”. De acordo com o autor, para atender às novas demandas do capital, o discurso oficial defendeu a formação de recursos humanos.

Para enfrentar a “vulnerabilidade” tecnológica, o capital está redescobrendo a humanidade esquecida do trabalhador assalariado (humanidade ignorada pelo taylorismo). O capital, forçado pela

vulnerabilidade e complexidade de sua base tecno-organizacional, passou a se interessar mais pela apropriação de qualidades sócio-psicológicas do trabalhador coletivo através dos chamados sistemas sócio-técnicos de trabalho em equipes, dos círculos de qualidade etc. Trata-se de novas formas de gestão da força de trabalho que visam a garantir a integração do trabalho aos objetivos da empresa. (CASTRO, 1993, p, 8, apud FRIGOTTO, 1995, p, 51)

Bianchetti (2001) chama a atenção de que no movimento das relações sociais se colocam de um lado a empresa capitalista no controle do processo de trabalho e de outro os trabalhadores com “[...] seus interesses, suas estratégias de resistência, seus saberes tácitos e suas saídas individuais ou através de seus órgãos de representação” (BIANCHETTI, 2001, p, 18). Nesse embate social, tanto a década de 1970 quanto a década de 1980 assistiram o setor produtivo da sociedade brasileira ser afetado pela velocidade da informática que provocou no país a necessidade de indivíduos com conhecimentos na área, e a mobilização de ações e recursos públicos para o desenvolvimento de pesquisas sobre a possibilidade de uso e aplicabilidade desse recurso tecnológico no processo educativo.

Não há dúvida de que as transformações nas estruturas produtivas e as mudanças tecnológicas colocam à educação novos problemas. Mas certamente algo se simplifica. Pela primeira vez existe clareza suficiente de que é sobre a base da formação geral e sobre patamares elevados de educação formal que a discussão a respeito da profissionalização começa. E para obter tais objetivos, o consenso político nunca pode ser tão amplo, na medida em que unifica trabalhadores, empresários e outros setores sociais. (PAIVA, 1989, p. 63 apud FRIGOTTO, 1995, p. 39)

As transformações tecnológicas que impulsionaram a sociedade brasileira nesse período ampliaram o entendimento da função da escola e da docência, enfatizando a necessidade do desenvolvimento de uma consciência crítica, que permitisse a esses atores interferir nos rumos da educação e do país. Como o desenvolvimento científico e tecnológico ocorre à revelia do tempo escolar, diferentes setores da sociedade içaram bandeiras de luta para que a escola fosse inserida no contexto tecnológico e pudesse acompanhar essas mudanças sociais. Associar o avanço tecnológico à melhoria da educação escolarizada, além de ser complexo, é contraditório, uma vez que a autonomia da escola na sociedade é apenas aparente.

Entretanto, essas transformações provocaram a necessidade de se pensar no preparo e na atualização dos professores para atender às novas demandas educacionais, contribuindo para que, no decorrer da década de 1980, germinasse no

país uma política de informática orientada à educação com a criação pelo Ministério da Educação de programas para elaboração de estudos e pesquisas sobre a importância de inserir os computadores nas escolas públicas brasileiras. É dessa década o PRONINFE (Programa Nacional de Informática Educativa), o EDUCOM (Educação com Computadores) e o CIEd (Centro de Informática Educacional). Nesses projetos o computador era apontado como uma poderosa ferramenta para a melhoria da qualidade do ensino público. Para ser utilizado no processo de ensino e aprendizagem, o poder desse ferramental encontrou respaldo principalmente na epistemologia genética piagetiana, e seu maior expoente na Linguagem Logo¹⁰.

A obra “O Professor no Ambiente LOGO: Formação e Atuação”, reunindo 15 (quinze) pesquisas que tratavam do papel do facilitador (professor) no Ambiente Logo, publicada em 1995 por José Armando Valente, à época, coordenador do Núcleo de Informática Aplicada a Educação (NIEd/UNICAMP) é um exemplo clássico desse referencial epistemológico. A tese comum a todos os estudos reunidos no livro é a de que nesse ambiente o paradigma educacional é o construcionismo, segundo o qual o computador é uma poderosa ferramenta auxiliar no processo de construção do conhecimento pelo aluno, e o professor, o facilitador desse processo. Os conceitos de ferramenta poderosa e de construcionismo defendidos por Valente, disseminados no Brasil e adotados pelos pesquisadores do período, tiveram como base as ideias de Seymour Papert que caracteriza o construcionismo como sendo a reconstrução do construtivismo piagetiano, valorizando mais de perto a ideia da construção mental. “[...] A atitude construcionista no ensino não é, em absoluto, dispensável por ser minimalista – a meta é ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino” (PAPERT, 1994, p. 125).

Contudo as discussões acadêmicas sobre o uso do computador como poderosa ferramenta pedagógica não foram unânimes. Apple (1995) questionou sobre o uso do computador no processo de ensino e apontou que algumas questões mereceriam ser analisadas para não se cair no erro de endeusamento da máquina de um lado, e nem de considerá-la como ser apocalíptico de outro. Para ele, ao chegar à escola o computador poderia ampliar o abismo das desigualdades sociais pelo fato de

¹⁰ Linguagem de Programação desenvolvida para a educação por Seymour Papert na década de 1960, no Instituto Tecnológico de Massachussets e importada para o Brasil na década de 1980, por intermédio de José Armando Valente, pesquisador da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

não estar disponível ainda a toda população, ou seja, as escolas públicas periféricas continuariam em segundo plano na divisão do bolo tecnológico, além do fato de os professores e professoras serem alijados de seu poder de decisão, pois a velocidade com que avança a informática faz com que cada vez mais a produção de softwares esteja concentrada nas mãos de uns poucos, para que muitos os coloquem em operacionalização. Enguita (1991) pontuou sobre a existência dos otimistas e dos pessimistas em relação ao computador. Para os otimistas, essa tecnologia seria libertadora, portanto, imprescindível; para os pessimistas, o uso dessa tecnologia alienaria e destruiria qualquer atividade humana, pois, ao invés de promover, diluiria qualquer relação entre os homens que se tornariam cada vez mais escravos de uma máquina.

Essas preocupações foram pertinentes à época e perfeitamente compreensíveis, posto que, como seres humanos, o outro pode ser significativo ou não em nosso desenvolvimento individual, a depender da relação que estabelecermos com esse outro, no caso, o computador. Nessa época os estudos e pesquisas realizados preocuparam-se com a eficácia do computador na educação, destacando a objetividade do instrumento sem necessariamente abordar o professor na sua essência. As discussões giraram em torno desse instrumento como recurso didático–metodológico externo ao professor. Warde (1993) em “A Produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1982-1991): Avaliação & Perspectivas, aponta para essa tendência. Segundo a autora “[...] no caso do uso do computador para fins pedagógicos, as dissertações/teses abordam, predominantemente, “programas” testados e as grandes vantagens da sua aplicação para o processo ensino/aprendizagem e para o desenvolvimento cognitivo” (WARDE, 1993, p, 59). Essa tese pôde ser comprovada também na dissertação de Queiroz (1997) que evidenciou as vantagens da Linguagem Logo com portadores de deficiência mental, mostrando os benefícios afetivos e cognitivos nesses sujeitos no período em que estiveram inseridos em um ambiente de aprendizagem computacional.

Na contramão dessa abordagem, a década de 1990 produziu estudos acerca desse instrumento na educação, focando a especificidade do trabalho docente dentro da sala de aula, permeada pela reflexão: o chamado “professor reflexivo”. Em pesquisa por nós realizada no ano de 2006, no banco de dados da CAPES encontramos alguns trabalhos que fizeram referência aos estudos de Donald Shon

para abordar o conceito de Professor Reflexivo. Observamos que as discussões sobre o docente como sujeito reflexivo de sua prática foram centradas no seu fazer cotidiano e na socialização do conhecimento presentes em sua atividade na sala de aula, tendo como pano de fundo as políticas de caráter neoliberal que têm colocado para a educação um desafio no sentido de se configurar como estratégica para atender a demanda do capital, ao mesmo tempo em que dissemina a falsa ideia de preocupação com a valorização do ser humano.

Formar o professor reflexivo partindo da observação das suas próprias práticas quase sempre construídas sob o bojo das ideologias tecnicista e racionalista dos anos 1970, qualificando o sujeito não pelo que ele é, mas pelo que pode ajudar os alunos a serem pode ser uma armadilha teórica, já que quase sempre os professores encontram-se à mercê da imposição de novas propostas e inovações educacionais que são sempre interrompidas ou modificadas a cada mudança governamental. Como exemplo do que afirmamos, citamos as orientações legais sobre o funcionamento dos primeiros laboratórios de informática implantados nas escolas estaduais sul-matogrossenses que, antes da denominação salas de informática e posteriormente salas de tecnologias educacionais, funcionavam com a designação de um professor que, por motivo pessoal ou por interesse da gestão escolar, era designado para a função de coordenador do laboratório de informática, independente do conhecimento do sujeito acerca do uso do computador.

Com a primeira regulamentação por meio da Resolução 1570/2002, exigiu-se do professor conhecimentos prévios na área da informática, mas a seleção para a função era realizada somente pelo Colegiado Escolar. Na atualidade, a docência na STE, além de implicar na comprovação de conhecimento técnico por meio de provas, está condicionada à docência na sala de aula convencional, por trazer embutido o discurso de que o professor necessita desse elo para poder refletir acerca da sua prática docente, pois a reflexão sobre a própria prática somente é possível se o sujeito não se eximir da docência em sala de aula. Não somos contra a ideia de que o professor deva refletir sobre sua prática, contudo, essa reflexão deve vir acompanhada da sua luta pessoal como sujeito que se constitui intelectual, afetiva e profissionalmente no bojo da sociedade ao qual está inserido.

Também Facci (2004)) faz um alerta para o contrário do que se apregoa: a imagem do professor reflexivo esvazia o trabalho do professor que tem como fundamentos:

[...] transmitir conhecimentos, ensinar os alunos de forma que dirija a formação de seus processos psicológicos superiores; [...] atuar como mediadores entre os conceitos científicos e o aluno, partindo de conhecimentos teóricos que auxiliem a prática, e utilizando a prática para aprofundar os conhecimentos teóricos; [...] investir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando o seu desenvolvimento intelectual e afetivo; [...] estar atento para o limiar inferior e superior da zona de desenvolvimento proximal. (FACCI, 2004, p. 242)

Kenski (2001) colabora com a tese de Facci (2004) apontando algumas atribuições inerentes ao trabalho do professor como fundantes da profissão decorrentes de seu caráter de atemporalidade. Para a autora, o professor é um agente de memória, um agente de valores e um agente de inovações.

A memória educativa caracteriza-se pelo conjunto de conhecimentos, informações e posicionamentos teóricos que constituem os acervos e as particularidades de uma determinada instituição de ensino. Utiliza-se do conhecimento científico e de memória social geral para oferecer um corpo específico de informações, de acordo com os objetivos e o projeto da escola (KENSKI, 2001, p, 98).

Na condição de agente da memória, o trabalho do professor tem na capacidade de difusão da memória educativa um dos objetivos centrais da sua ação, daí a necessidade do conhecimento específico e do permanente questionamento em relação a esse conhecimento. O entendimento da importância do conhecimento deve estar em constante relação ao movimento de mudanças que ocorrem no contexto social, o que implica em tornar a ação docente uma atitude de abertura permanente a novas descobertas e posicionamentos. Acrescente-se ainda o fato de que na sociedade marcada pelo domínio da tecnologia o professor precisa estar habilitado no entendimento da importância do domínio dessa linguagem, a fim de ajudar o aluno a compreender-se como partícipe de uma nova organização coletiva conectada numa grande rede, tendo em vista que a construção de valores é um processo que requer tempo, relações estabelecidas, conhecimento e competência.

Esses aspectos bastante específicos do trabalho do professor e que o caracterizam como agente de valores influenciam os alunos em suas aprendizagens tornando-as mais ou menos significativas, dependendo de como o sujeito aprende as atitudes desse professor. “[...] Mesmo em situações educacionais mais restritas, quando do cumprimento de programas fechados [...] a forma como ele ensina define valores” (KENSKI, 2001, p, 101). Pode-se depreender que por meio do convívio são incorporados atitudes e valores decorrentes da forma como se expressa o trabalho

docente, podendo provocar marcas indelévels em muitos alunos. Por isso, conforme o sujeito se manifesta, gostos e tendências podem ser estimulados ou desestimulados. Um professor aberto para o diálogo, para a discussão, para o debate, para o conhecimento, para o trabalho coletivo e para as inovações que caracterizam as transformações da sociedade tende a criar mentes aptas a essas características.

O professor, na condição de agente das inovações, aproxima o aluno das descobertas realizadas no contexto social, especialmente daquelas que poderão colocá-lo em contato com novas formas de linguagens e estabelecimento de comunicação e informação. Contudo, não basta indicar as novidades, mas principalmente construir formas críticas de compreendê-las, utilizá-las e orientá-las para que sejam aplicadas dentro de parâmetros éticos. Esses aspectos compõem as características importantes para o trabalho do professor, para a construção da identidade docente que se constitui em diferentes instâncias que vão desde a formação inicial, passando pelo trabalho que realiza e também pela formação continuada que nunca será linear, e será sempre determinada pelas condições objetivas de vida dos sujeitos, conferindo-lhes ainda mais complexidade.

O trabalho do professor incide sobre um contexto social mais amplo, possibilitando-lhe uma análise crítica da sua atuação como construtor de sujeitos comprometidos com uma nova forma de organização da vida em sociedade, capaz de romper com a meritocracia e o individualismo exacerbado, valorizado e predominante nas atuais relações sociais. Em se tratando do trabalho com tecnologias, essa capacidade crítica se faz ainda mais premente. E aqui concordamos com Freitas (2008) que reconhece que a tecnologia do computador não é a solução para todos os problemas que afligem a educação, todavia, precisa ser compreendida “[...] como uma nova perspectiva de aprendizagem, uma outra visão de acesso às informações e às formas de comunicação”. (FREITAS, 2008, p. 01)

Sob essa ótica, Leontiev (1978, p. 273) faz a seguinte afirmação:

[...] toda a etapa nova no desenvolvimento da humanidade, bem como no dos diferentes povos, apela forçosamente para uma nova etapa no desenvolvimento da educação: o tempo que a sociedade consagra à educação das gerações aumenta; criam-se estabelecimentos de ensino, a instrução toma formas especializadas, diferencia-se o trabalho do educador do professor; os programas de estudo enriquecem-se, os métodos pedagógicos aperfeiçoam-se, desenvolve-se a ciência pedagógica. Esta relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente.

O computador, além de servir como veículo de informação e de comunicação, possibilita, ainda, novas formas de relações, provocando transformações na nossa consciência individual, na percepção do mundo, na construção de novos conhecimentos, nos valores e nas formas de atuação social, mesmo porque, no processo de ensino-aprendizagem, a criação de espaços como as salas de tecnologias educacionais e uso desse ferramental pelos alunos, em casa e em outros espaços sociais, são desafios presentes no trabalho dos professores neste século XXI.

Freitas na pesquisa que coordenou no período entre 1999 e 2003 intitulada “A construção/produção da leitura/escrita na internet e na escola: uma abordagem sócio-cultural”¹¹ evidenciou que o uso do computador fora dos muros escolares é uma realidade incontestável. Os alunos têm acesso a esse instrumento independentemente do conhecimento do professor acerca de suas propriedades. Todavia, explorar suas potencialidades, apreender suas características e compreender as relações que podem ser estabelecidas com esse instrumento como um aliado do processo de ensino e aprendizagem constitui-se ainda em desafio à formação dos professores que são solicitados cotidianamente a se aproximarem desse objeto presente na cultura, apropriando-se do seu potencial instrumental.

3.2 A Sala de tecnologia educacional e o trabalho do professor

Em Mato Grosso do Sul as salas de tecnologias educacionais resultaram do subprojeto do Programa Estadual de Informática na Educação que tinha como objetivo geral “[...] instrumentalizar as escolas da rede estadual de Mato Grosso do Sul com recursos tecnológicos e humanos, no sentido de proporcionar a incorporação adequada das tecnologias computacionais e de rede, como suporte do processo pedagógico e administrativo” (MATO GROSSO DO SUL, 1997, p. 8). Almejou-se para o quadriênio 2003 - 2006 implantar nas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul “[...] a informática educativa [...] e a criação dos [...] laboratórios de informática ‘de acordo com critérios estabelecidos em normatização a ser publicada’” (MATO GROSSO DO SUL, 2002, p. 3).

Pretendia-se com essa proposta acelerar as metas do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO) que ainda não haviam sido concretizadas em

¹¹ FREITAS, M. T. A. ; COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

sua totalidade. Sobre a não concretização das metas do PROINFO, Arruda e Raslan (2007) são enfáticas ao apontarem que, nesse período, o programa atendeu em nível nacional a 7.580 instituições; desse número, Mato Grosso do Sul teve 94 escolas atendidas, localizadas em 72 municípios. Se considerarmos que o Estado possui 78 municípios, a média seria de 1,2 municípios, o que não contemplaria a totalidade das escolas públicas da capital. Como vimos no capítulo I, nas 160 (cento e sessenta) escolas, sendo 80 (oitenta) municipais e 80 (oitenta) estaduais localizadas na cidade de Campo Grande – MS, os computadores foram instalados por meio da iniciativa do executivo municipal e estadual, ultrapassando a meta do processo deflagrado pelo Programa Nacional de Informática na Educação. E aqui novamente nos reportamos a Arruda e Raslan (2007, p. 6) que contribuem com a seguinte afirmação:

[...] no período de 1997 a 2006, segundo dados registrados na COTEC/SED/MS, (...) foram entregues somente 949 computadores a 94 escolas estaduais e municipais, em 72 municípios, atendendo 314.150 alunos. Desta forma o PROINFO, atingiu até o momento, 8,4% das escolas públicas do Estado de Mato Grosso do Sul, em 92% de seus municípios e 56,9% dos 551.751 alunos matriculados nos ensinos Fundamental, Médio e EJA das escolas públicas deste Estado.

Contudo, o computador presente em algumas escolas demandando a presença de um professor para organizar as atividades pedagógicas de uso desse instrumento já era realidade e necessitava-se de um instrumento legal que regulamentasse o fazer desse sujeito. Assim, a função de professor em sala de tecnologia educacional foi normatizada pela Resolução 1570 de 04 de Setembro de 2002 que assegurou às unidades escolares a “[...] lotação e atribuições de professor da Educação Básica para exercer a função de professor em Sala de Informática nas unidades escolares da rede estadual de ensino”. Com esse amparo legal, as escolas estaduais tiveram seus espaços criados e seus docentes instituídos.

Apesar de ter sido pensada para resolver a situação dos professores na função de coordenadores dos primeiros laboratórios de informática instalados nas escolas estaduais a partir do Programa Nacional de Informática na Educação, a Resolução 1570 apresentava algumas limitações que envolviam diretamente as escolas e os professores ao listar, no seu anexo II, as escolas que poderiam lotar um professor da Educação Básica nas Salas de Informática. Na cidade de Campo Grande, *lócus* desta pesquisa, num universo de 80, somente 11 escolas possuíam esses espaços assegurados, eram elas: EE Lucia Martins Coelho, EE Dolor Ferreira de Andrade, EE Maria Constança de Barros Machado, EE Maestro Heitor Vila

Lobos, EE Olinda Teixeira Bacha, EE Waldemir Barros da Silva, EE Sebastião Santana, EE Elia França, que haviam recebido os computadores do PROINFO; EE Silvio de Oliveira e EE Miguel Couto, que receberam os equipamentos por meio de doações de terceiros.

Por essa Resolução em seu artigo 7º, o professor lotado em sala de informática teria as seguintes atribuições:

- I – ministrar aulas de informática aplicada à educação considerando os conteúdos programáticos constantes dos componentes curriculares;
- II – planejar e organizar as atividades pedagógicas e o cronograma de uso da sala de informática do seu turno, em articulação com a coordenação pedagógica e corpo docente;
- III – articular com a direção colegiada, coordenação pedagógica e assessor técnico escolar formas diferenciadas de organização curricular que possibilitem a realização de seminários, encontros e grupos de estudos relacionados à área de informática na educação, bem como a participação em eventos dessa natureza em âmbito local, regional e nacional;
- IV – registrar, diariamente, em diário próprio, o trabalho realizado na sala de informática e apresentar esse registro para apreciação da direção da unidade escolar, ao final de cada bimestre;
- V - organizar e zelar pela conservação do espaço físico da sala de informática, mantendo em condições apropriadas os materiais, equipamentos e mobiliário. (MATO GROSSO DO SUL, 2002)

E no artigo 8º da mesma resolução esse professor deveria ainda:

- I - trocar experiências com professores de outras unidades escolares;
- II – adequar-se às orientações emanadas da Secretaria de Estado de Educação, através da Coordenadoria de Planejamento;
- III – manter-se em permanente processo de atualização. (MATO GROSSO DO SUL, 2002)

Para desenvolver as atividades previstas na resolução, esses professores recebiam as orientações emanadas da Secretaria de Estado de Educação por meio dos cursos que realizavam nos Núcleos de Tecnologia Educacional criados em 1998 com a função de capacitarem os professores para a utilização do computador em suas práticas docentes. Em Campo Grande-MS, o NTE oferecia cursos englobando os aplicativos do *office* como o editor de textos *word*, a planilha eletrônica *excel* e o *software* de apresentação *powerpoint*, ocasião em que os professores desenvolviam alguns projetos envolvendo os conteúdos curriculares. Contudo, tais cursos não os habilitavam a ministrarem aulas de informática orientadas à educação. O foco preocupante era a manutenção dos equipamentos. Mesmo assim, participavam de encontros semanais para estudos e trocas de experiências. Foi o período em que mais puderam estudar, conforme nos afirmam Joel e Mafalda que, antes de se tornarem

professores em salas de informática, haviam sido coordenadores de laboratórios de informática em suas respectivas escolas.

No início tínhamos um encontro semanal que era realizado entre os coordenadores das salas de tecnologias e mediado pelos instrutores do NTE/CGR, onde eram trocadas experiências e formadas novas idéias para serem aplicadas nas salas de informática, e isto foi muito importante para o grupo de professores.

Logo que começamos, lá no núcleo de tecnologia nós tivemos cursos, vamos dizer bem intensivo mesmo, porque naquela época, nós aprendemos a configurar rede, fazer manutenção dos computadores para poder atender bem os professores e a parte pedagógica também.

Trocar experiências com outros professores e manter-se em permanente processo de atualização, se não representou a apropriação do computador como instrumento capaz de construir novas relações de aprendizagem no contexto escolar, possibilitou aos nossos sujeitos a superação do medo e do estranhamento que nos acompanham sempre que tomamos contato com o novo. Salvat (2000), citado por Freitas (2008, p, 02), afirma:

As inovações tecnológicas na escola obedecem a um certo ciclo: primeiro são criadas as expectativas, em seguida surgem os assuntos, a produção de literatura especializada sobre o assunto, são depois elaboradas políticas educativas para a sua introdução nas escolas e por fim inicia-se o seu uso limitado.

Com base nesse autor, é possível afirmar que em nível nacional os três primeiros ciclos foram vivenciados. Em Campo Grande-MS, assistimos à concretização dos dois últimos. No decorrer do ano de 2003 com a proposta de instrumentalizar com computadores as escolas públicas estaduais, começando pela capital, o Núcleo de Tecnologia Educacional de Campo Grande ofereceu o curso de formação inicial intitulado “O uso pedagógico das tecnologias da informação e da comunicação” com a meta de formar 240 (duzentos e quarenta) professores para fomentarem em suas escolas o uso do computador como instrumento de ensino e aprendizagem. Participaram dessa primeira formação 3 (três) professores de cada unidade escolar da capital, sendo 1 (um) de cada turno de funcionamento da escola como forma de garantir a presença de pelo menos 1 (um) profissional habilitado a assumir as salas de informática orçadas no projeto estadual de informática na educação. Em outubro do mesmo ano, duas escolas foram contempladas com essas salas: EE Consuelo Muller e EE Lino Vilachá.

Em 2004, o projeto atingiu a meta de criação das salas de informática em 100% das escolas estaduais localizadas na cidade de Campo Grande. Dessa forma,

tanto as salas criadas quanto a docência instituída estavam desamparadas legalmente, pois, como citamos anteriormente, a resolução 1570, em seu anexo, tinha relacionado as escolas contempladas com essas salas. Assim, em 08 de abril de 2005, a Resolução 1570 foi revogada pela Resolução 1842, a terminologia sala de informática, substituída por salas de tecnologias educacionais, e a Coordenadoria de Planejamento, por Coordenadoria de Tecnologias Educacionais. À época, nos bastidores da Secretaria de Estado da Educação, nos Núcleos de Tecnologia Educacional de Mato Grosso do Sul e nas salas de informática, o texto dessa resolução foi lido, discutido e aprovado. A fala de Jandira ilustra a nossa afirmação:

Quando eu comecei na Sala de tecnologia eu fui convidada até a participar da Resolução. Que é um momento raro, né? Agora nós estamos assim..., só recebendo as resoluções, só recebendo. O professor não está sendo ouvido. A verdade é essa. E nós gostaríamos de sermos ouvidos, de sermos chamados. Qualquer mudança na nossa vida, eu acho que nos deveríamos ser ouvidos.

Além de regulamentar a criação das salas de tecnologias em todas as escolas da rede estadual, a Resolução 1842 foi também uma tentativa de regulamentar a função docente em um campo indefinido no currículo escolar. Se pela Resolução 1570 o professor da sala de informática era o responsável pelo ensino da informática como disciplina, de forma que essa relação professor x disciplina escolar justificasse a sua presença nesse espaço, a Resolução 1842 o colocou na condição de docente com as seguintes atribuições:

Art. 13 São atribuições do professor lotado em Sala de Tecnologias Educacionais:

II- ministrar aulas, cujas atividades envolvam orientação e acompanhamento do uso das tecnologias educacionais disponíveis, bem como, regência, em duplo grau de responsabilidade com o professor da disciplina das diversas áreas do conhecimento, dos conteúdos programáticos constantes nos componentes curriculares;

V- proceder a avaliação constante e sistemática da aprendizagem dos aplicativos utilizados no desenvolvimento das atividades pedagógicas dos alunos;

VII- entregar avaliação bimestral na secretaria da escola, observando o calendário escolar. (MATO GROSSO DO SUL, 2005)

Assim como na Resolução anterior, para concretização desse espaço, a unidade escolar deveria formalizar o pedido à Secretaria Estadual de Educação em conformidade com os artigos 4º e 5º:

Art. 4º Para a criação da Sala de Tecnologias Educacionais, a unidade escolar deverá formalizar o respectivo processo e encaminhá-lo para a Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/SUPAE/SED.

Art. 5º O processo de criação da Sala de Tecnologias Educacionais deverá conter em sua instrução os seguintes documentos:

I – solicitação da inclusão da unidade escolar [...], contendo a carga horária de funcionamento da Sala [...], o número de microcomputadores instalados e a procedência desses equipamentos;

II – relatório de inspeção, emitido pela Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/SUPAE/SED, ou por quem autorizado por ela;

III – Projeto Tecnológico para a Sala de Tecnologias Educacionais, consoante com Proposta Pedagógica da unidade escolar, analisado pelo Núcleo de Tecnologias Educacionais – NTE de sua jurisdição. (MATO GROSSO DO SUL, 2005)

Após cumprir os critérios exigidos pela resolução, para poder entrar em funcionamento, a sala de tecnologia educacional precisava de um professor que articulasse as propostas pedagógica e tecnológica a partir de um plano de trabalho que contemplasse essa articulação. Para isso, a direção da unidade escolar fazia um edital de abertura de vagas para a sala nos turnos de funcionamento da escola, afixava uma cópia no mural, com cópias para o COUNE e NTE de sua jurisdição, de maneira a informar a comunidade escolar interessada em exercer a docência na sala de tecnologia educacional. O professor que manifestasse interesse na STE protocolizava sua inscrição que era deferida ou indeferida pelo Colegiado Escolar o qual também tinha a incumbência de selecionar o candidato à função. Após a aprovação pelo Colegiado escolar, a lotação do docente na sala de tecnologia educacional ocorria de acordo com o artigo 12 da resolução.

Art. 12 O professor será lotado em Sala de Tecnologias Educacionais mediante formalização de processo administrativo, que a unidade escolar deverá instruir, encaminhado à Coordenadoria de Tecnologias Educacionais, contendo a seguinte documentação:

I- requerimento padronizado, planilha de lotação e cópia do último contra-cheque;

II- proposta de trabalho a ser desenvolvida na Sala de Tecnologias Educacionais, aprovada pelo NTE;

III- Curriculum Vitae com a comprovação de conhecimento na área de informática, devidamente aprovado pelo NTE de sua jurisdição;

IV- Ata do Colegiado Escolar com: registro do processo de escolha, tendo como base os critérios desta Resolução; parecer com a indicação do professor que assumirá a Sala de Tecnologias Educacionais e respectivo(s) turno(s) de atuação;

V- cópia do Edital de Inscrição, com data de encaminhamento para o NTE e COUNE;

VI- cópia da ata de posse do Colegiado Escolar com relação nominal de seus componentes, segmento que representa e respectivas assinaturas. (MATO GROSSO DO SUL, 2005)

Apesar da autonomia que o Colegiado Escolar tinha para a escolha do melhor candidato à vaga, segundo os critérios legais, esse processo de seleção não era traumático, pois nem sempre havia concorrência e, quando havia, o não selecionado procurava o NTE/CGR em busca de outra vaga, obtendo sucesso na maioria das vezes. Para desenvolverem suas atividades, os professores lotados nas STE contavam com o apoio, acompanhamento e assessoramento do Núcleo de Tecnologia Educacional de Campo Grande que lhes proporcionava cursos direcionados pelas disciplinas escolares e mediados pelos recursos tecnológicos. Para um acompanhamento mais de perto, os professores do Núcleo de Tecnologia Educacional, em dupla ou individualmente, coordenavam um grupo de escolas por COUNE. Essa divisão propiciava a interação entre os professores, pois além dos cursos realizados, trocavam experiências de sucesso entre eles. As falas de Maura, Mabel e Leandro comprovam a nossa afirmação.

As primeiras oficinas que nós começamos a fazer [...] nós começamos a fazer cursinhos de como trabalhar com Webquest, como trabalhar com os blogs na educação, como analisar softwares.

E também há trocas. A gente desenvolve atividades aqui e eles levam para outra escola. Tem muitos trabalhos nossos andando por aí em outras escolas. As atividades deles. Historinhas..., tem muita coisinha assim que a gente faz, assim para o primeiro aninho por exemplo, eles levam. Tem uma sala de recursos que a professora pediu várias atividades e a gente mandou para lá.

Foi uma época que a gente tinha oportunidade de sair da escola, o pessoal do NTE, na sua gestão sempre deu oportunidade da gente sair da escola e mostrar para o pessoal o que era feito.

Contraditoriamente, o fazer dos professores lotados nas salas de tecnologias educacionais continuou inalterado. Destacamos as falas de Jair, Fabrício, Jacinto, Frederico, Margarida e Maura no instrumento de completamento de frases no qual solicitamos que nos descrevessem o trabalho realizado nas salas de tecnologias educacionais. Suas respostas servem como elementos para apontar essa contradição:

Sempre ao chegar na sala de tecnologia deixo todos os computadores já ligados, assim que o professor chega com os alunos é só fazer aula. Essa aula é previamente agendada, onde o professor tem que fazer um planejamento no papel, vir na sala de STE, mostrar o que ele pretende fazer na sua aula e entregar com antecedência a mim, que viabilizo a aula conforme o planejamento do professor. Quando estou em algum tempo vago sem aulas na STE, procuro acessar os mais variados sites educativos, programas educativos, para ter algum subsídio para oferecer como sugestão para os professores fazerem suas aulas. Os planejamentos são arquivados, bem como o registro da aula nesse dia

As aulas agendadas na sala de tecnologia são planejadas em conjunto com o professor regente. De acordo com o tema proposto, o professor regente necessita do auxílio do professor da STE para elaboração das aulas em aplicativos como: PowerPoint, Excel, Movie Maker, etc. Somando ao auxílio pedagógico, o professor da STE precisa seguir uma rotina com conhecimento técnico básico para resolver alguns imprevistos como problemas na rede, internet e acesso aos computadores. O registro das atividades é feito diariamente para apresentação de relatórios ao NTE.

A expectativa maior é de que os professores se aproximem da sala de tecnologia para o planejamento e preparação de atividades para serem aplicadas aos seus alunos posteriormente, o que pouco acontece. Passo a maioria do tempo auxiliando em trabalhos burocráticos da direção, coordenação e também de professores regentes. Sou tido como aquele cara que pode ajudá-los nos afazeres do dia-a-dia, como preparar um bilhete aos pais, um relatório descritivo, responder a um e-mail, escrever um texto, organizar dados, etc. o que, para um professor em sala de tecnologia, não é nada de interessante. Passo grande parte do tempo diário limpando computadores e fazendo alguns consertos simples, como os problemas de cabos e contatos elétricos, que tem sido comum, organizando pastas e baixando algumas atividades que encontro na Internet, organizando arquivos e banco de dados. Recebo 4 ou 5 professores por semana para planejamento e preparação de atividades na STE. A resistência continua grande por parte de alguns professores regentes e também há muita troca de professores no meu turno Vespertino. As crianças cobram mais vindas à STE e a resposta que os regentes dão parece ser sempre a mesma: não tenho tempo. Não tenho percebido interesse do NTE em orientar os professores da STE nesses últimos anos. Parece que a tecnologia educacional não está sendo levada a sério. Existem professores que porque passaram na prova estão trabalhando nas STE, mas, não receberam instruções para isso. Para se ter uma idéia, tenho encontrado professores comendo sanduíches e tomando coca cola em cima das máquinas. Os alunos comem, bebem, chupam bala e chicletes, jogam papéis pelo chão, mas ninguém fala nada. Tenho me sentido um tanto desanimado com a STE. Se pudesse a deixaria. A impressão é de que nunca irá mudar. Mas, como o futuro a Deus pertence, a gente acaba sempre acreditando em melhoras.

No meu fazer como professor de STE procuro ficar mais atualizado, uma vez que o foco no meu papel é grande. Quando estou só na STE chega alguém e acha que não estou fazendo nada. Aí chega a coordenadora ou a diretora e acha que devo ser seu digitador particular, pois “tenho bastante tempo”, segunda a visão delas. Mas consigo despistá-las e dou dicas que não sou administrativo e sim um professor que se encontra em STE. Essa mesma visão está sendo modificada em relação aos outros colegas pois no início achavam que o prêmio maior era ir para a STE, o que nesses quase cinco anos mostrou-se não ser verdade. No meu fazer diário o aspecto mais importante é esse.

Procuro orientar os professores regentes a partir das solicitações deles, discuto com eles a respeito das atividades propostas, no sentido de um melhor aproveitamento dos alunos sugerindo como tornar a atividade mais atrativa e diferenciada, pesquiso bastante. Tudo isso sem interferir no objetivo do professor. Dentro da realidade da minha escola os professores me solicitam bastante, porque ainda não têm muita experiência e pedem minha orientação. Faço isso buscando muita interação com eles sem forçar a barra ou me achar superior a eles, pelo contrário aprendemos muito em nossas trocas. Tenho professores que conseguiram um avanço significativo com seus alunos e se sentiram

motivados a buscar conhecimento sobre o uso da máquina inclusive durante o recesso. Porém, tenho professores que não vêem ainda a STE como algo motivador ou usam como usam o quadro e o giz. Acredito que as mudanças só acontecem através da motivação e não da imposição; é preciso aos poucos usar o poder de persuasão e não do autoritarismo. Se a maioria faz um trabalho por acreditar nos novos recursos, a STE está sendo bem usada sendo um recurso significativo no ensino aprendizagem.

Logo na entrada da sala dos professores, após cumprimentá-los, vou ao mural fazer a chamada do horário da tarde àqueles que estão presentes para informar-lhes o tempo a que se referem suas aulas, peço-lhes o conteúdo para ser distribuído na pasta atividade dos alunos. Normalmente vem através de pendrive/cdr/cdrw/dvd, ou enviado por e-mail junto com o planejamento. Outros o fazem enquanto os alunos executam suas atividades. Os professores se dirigem primeiramente à sala de aula, enquanto ligo os computadores e verifico rapidamente o funcionamento deles, caso a atividade esteja comigo, disponibilizo-os na pasta atividade dentro da respectiva série (ano). Quando os alunos chegam é dado os comandos pela professora regente, quando esta tem bom domínio da tecnologia, caso contrário, ela explica o conteúdo da sua disciplina e eu explico as ferramentas a serem utilizadas (seja de formatação ou uso de um aplicativo novo para aquele professor). Normalmente já procuro indicação do que seria a próxima aula dele (a), mostro-lhes algumas sugestões, sites interessantes, adaptações ou mesmo incluí-lo (a) em alguma atividade conjunta por projeto ou webquest. Nosso tempo com os professores regentes é escasso, se não aproveitarmos estes momentos, fica difícil ausentar-me da sala para propor-lhes algo. Tento otimizar o tempo deles e meu também com alguns ajustes que normalmente tomam tempo como disponibilizar em nosso site formulário de planejamento que é só fazer o download preencher e enviar-me por email[...]

Observamos que enquanto Jair e Fabrício atêm-se às orientações legais, Jacinto demonstra a sua frustração, Frederico defende a sua função, Margarida e Maura buscam estabelecer uma relação de troca que as colocam numa situação diferenciada em relação aos demais colegas de profissão. Esse aspecto denota o uso limitado do computador, mas também a perspectiva cultural do instrumento apontada por Freitas (2008, p. 6) “[...] três ordens de mediação ocorrem no uso do computador [...] É a mediação da ferramenta material [...], a mediação semiótica através da linguagem e a mediação com os outros[...] interlocutores”.

Margarida e Maura vindas da zona rural na infância, que escolheram a docência por influência do outro – a primeira por acreditar que poderia ensinar àqueles que assim como ela tiveram dificuldades de acesso à escola e a segunda por influência da mãe alfabetizada que ensinava o pouco que sabia aos demais – interiorizaram marcas que as acompanham e influenciam suas ações docentes. Suas respostas elucidam que suas ações convergem para a perspectiva do computador como instrumento, imprimindo formas de relacionamento que emergem de uma relação interativa centrada no diálogo, na ação compartilhada e na aprendizagem

colaborativa, apesar de alguns professores ainda utilizarem a STE como a SAC, fazendo da tela do computador o seu quadro de giz.

Frederico, que tem uma relação de amor e ódio com a sala de tecnologia educacional, que vê o aluno inquieto na SAC e curioso na STE, procura de todas as formas justificar a docência na sala de tecnologia educacional, pois acredita que precisa estar sempre atualizado para exercer a sua atividade naquele espaço. Para tanto, refuta o papel de digitador que a gestão escolar quer lhe imputar e tenta dissipar a imagem de paraíso que a escola tem da STE. Entretanto, como bem pontuaram Jair, Fabrício e Jacinto, o trabalho do professor de tecnologias segue uma rotina previamente determinada, acrescido de tarefas burocráticas como a organização dos computadores, a atenção à parte técnica, a disponibilização das atividades nas pastas dos alunos, a conferência do planejamento do professor regente e a elaboração de relatórios diários.

No caso de Jacinto, a situação ainda é mais grave, pois além da resistência dos professores em relação à sala de tecnologia educacional, a gestão escolar o vê como um técnico administrativo na função de digitador, deixando transparecer o gasto público desnecessário com um funcionário altamente qualificado para o desempenho dessa função. Só para lembrar, Jacinto tem pós-graduação *lato sensu* em Gestão da Informação. Chamamos a atenção ainda para o fato de que além da desmotivação explícita em sua fala escrita com a docência na STE, Jacinto tece críticas à forma como alguns professores aprovados no processo seletivo vêm “gerenciando” as salas de tecnologias educacionais. Segundo ele, esses professores se comportam de maneira atípica, não condizente com o que se espera de um professor nessa função, conseqüentemente, os alunos reproduzem tais comportamentos, evidenciando que somente a aprovação em uma prova não habilita o sujeito à docência na STE.

Esses fatos ocorrem porque em sua visão o órgão responsável pelo acompanhamento dos professores lotados nessas salas, no caso o NTE, não tem estado presente nas escolas. Contudo, ao expressar “Tenho me sentido um tanto desanimado com a STE. Se pudesse a deixaria [...]”, nosso colaborador deixa transparecer que apesar dos problemas existentes na sala de tecnologia educacional, ali é o seu lugar e não tem reais pretensões de deixá-la, revelando um conformismo com a situação enquanto espera os desígnios de Deus que tem o futuro em suas mãos.

Com o término do mandato do governador José Orcírio Miranda dos Santos, em 31/12/2006, e início do mandato do atual governador André Puccinelli, em 01/01/2007, a equipe que assumiu a Secretaria de Estado da Educação determinou que a docência na sala de tecnologia educacional deveria ser realizada concomitantemente à docência em sala de aula convencional, de acordo com a formação e/ou objeto de concurso do sujeito. Essa prática foi implantada pela mesma equipe nas escolas da Rede Municipal de Ensino na cidade de Campo Grande-MS, quando em 1999, o atual governador, à época prefeito da capital, criou o Centro Municipal de Tecnologia Educacional (CEMTE) e as salas de informática nas escolas municipais, e com essas últimas, a função de professor instrutor, conforme mencionamos anteriormente.

O discurso para que o professor não trabalhe exclusivamente na sala de tecnologia é para que o mesmo não fique destituído da docência. Sob essa máxima, o fazer dos nossos sujeitos nas salas de tecnologias educacionais deveria permear o trabalho de ensinar como um processo único, capaz de romper com a dicotomia teoria/prática. Entretanto, Jacinto nos revela que o trabalho que vem realizando na sala de tecnologia educacional está completamente descaracterizado; Frederico aponta para a iminência de um trabalho que precisa ser construído; Jair e Fabrício seguem a legislação vigente que institui o fazer docente na sala de tecnologia educacional que valoriza mais o aspecto burocrático, não deixando espaço para a práxis docente. Margarida e Maura ao extrapolarem a regra estabelecida nos revelam o envolvimento característico do trabalho docente e se aproximam da perspectiva de uso do computador como instrumento cultural apontado por Freitas (2008).

Voltando a 2007, lembramos que quando teve início o ano letivo nas escolas da rede estadual de ensino, no mês de fevereiro, o trabalho do professor da sala de tecnologia educacional ainda era regido pela Resolução 1842. Por essa resolução, o professor da STE, detentor de cargo efetivo na rede estadual de ensino, tinha a sua vaga assegurada de acordo com a sua jornada de trabalho, prevista no plano de cargos e salários do grupo magistério do estado de Mato Grosso do Sul.

Art. 7º O professor será lotado na Sala de Tecnologias Educacionais em seu cargo efetivo.

§ 1º No caso de a unidade escolar não conseguir lotar professor em Sala de Tecnologias Educacionais, após ter seguido rigorosamente todos os critérios de lotação, poderá solicitar aulas complementares para professor que já possua um cargo efetivo, na própria unidade escolar ou em outras unidades escolares estaduais.

§ 2º Na ocorrência de lotação de professor com aulas complementares, haverá vacância no final do ano letivo, ou a qualquer tempo, desde que haja interesse de outro professor que pretenda se lotar na Sala de Tecnologias Educacionais em seu cargo efetivo.

§ 3º O professor lotado em Sala de Tecnologias Educacionais com aulas complementares não poderá transferi-las para sua lotação no cargo efetivo e vice-versa, a qualquer tempo, podendo fazê-lo apenas no início do ano letivo, e, se o fizer, ocorrerá vacância, abrindo-se, assim, um novo processo seletivo para provimento da vaga.

§ 4º O professor lotado na Sala de Tecnologias Educacionais que vier a ocupar uma função gratificada ou cargo comissionado no âmbito da Secretaria de Estado de Educação, terá que assegurar sua vaga na disciplina de seu objeto de concurso.

Art. 8º Quando houver vacância ou abertura de Sala de Tecnologias Educacionais, a unidade escolar divulgará em seus murais, nos murais do Núcleo de Tecnologias Educacionais - NTE e do Conselho das Unidades Escolares - COUNE ao qual está jurisdicionada, o Edital de Inscrição para fins de lotação de professor. (MATO GROSSO DO SUL, 2005)

Uma vez lotado em sala de tecnologia educacional e cumpridas suas atribuições, esse professor não tinha motivos para se preocupar com a sua situação funcional, somente seria substituído se houvesse vacância no cargo, mediante as seguintes ocorrências:

Art. 10. A vacância a que se refere o artigo 8º desta Resolução ocorrerá quando:

I - o professor lotado em cargo efetivo desistir de sua vaga;

II - o professor em Sala de Tecnologias Educacionais estiver lotado com aulas complementares, e surgir outro candidato efetivo com interesse na vaga, devidamente habilitado e aprovado pelo Colegiado Escolar, com base nos critérios estabelecidos por esta Resolução;

III - a Direção Colegiada assim o determinar, devido ao não cumprimento das atividades e/ou compromissos inerentes à função, mediante relatório gerado a partir de avaliação da Coordenadoria de Tecnologias Educacionais e do Núcleo de Tecnologias Educacionais.

§ 1º Na ocorrência do inciso I, o professor deverá assinar um termo de desistência da vaga e encaminhá-lo, por meio da unidade escolar, para a Coordenadoria de Recursos Humanos da Secretaria de Estado de Educação.

§ 2º A avaliação a que se refere o inciso III deverá observar os parâmetros estabelecidos pela Coordenadoria de Tecnologias Educacionais e será aplicada durante todo o ano letivo pelo Colegiado Escolar, que deverá encaminhar relatório anual ao NTE ao qual a unidade escolar está jurisdicionada. (MATO GROSSO DO SUL, 2005)

As situações de vacância ocorridas nas salas de tecnologias educacionais na cidade de Campo Grande nunca foram motivadas pelo previsto no artigo 10 inciso III, o que garantia a esses professores um clima de segurança e estabilidade profissional. Situação essa que foi alterada no início de 2007, quando a equipe da Secretaria de Estado da Educação, mesmo com a Resolução 1842 em vigor, determinou que a docência nas salas de tecnologias educacionais estava

condicionada à docência em sala de aula. Assim, os sujeitos da nossa pesquisa assumiram no início do ano letivo de 2007 uma sala de aula convencional.

Em 6 de junho de 2007, o Diário Oficial nº. 6.984, nas páginas 17-18 e 19 publicou a Resolução 2.127, de 5 de junho de 2007. Por essa resolução em seu artigo 8º: “[..] O professor de tecnologias manterá as funções de regente por 20 horas, exceto quando perdê-las por motivos alheios à sua ação profissional. E no parágrafo único do mesmo artigo “[...] o professor detentor de um cargo de 40 horas assumirá 20 horas de regência, respeitando seu objeto de concurso. (MATO GROSSO DO SUL, 2007)

Esse professor que já foi denominado “coordenador de laboratório de informática”, “professor em sala de informática”, “professor regente em salas de tecnologias educacionais”, pela atual Resolução 2127, passou a ser identificado como “professor de tecnologias”. E para continuar como professor de tecnologias, além da exigência da docência em uma jornada de 20 horas semanais em uma escola da rede pública municipal ou estadual, precisava participar do processo seletivo para as salas de tecnologias educacionais com a realização de provas de conhecimento técnico e pedagógico, previsto no artigo 6º inciso IV e parágrafo 2º da Resolução 2127.

Art. 6º Na seleção dos professores de tecnologias observar-se-á os seguintes critérios:

IV – ser aprovado no processo seletivo por competência técnica e pedagógica.

§ 2º O processo de seleção ocorrerá anualmente, no segundo semestre letivo.

§3º serão considerados aptos os docentes que obtiverem média igual ou superior a 7,0 (sete) de um total de 10,0 (dez) pontos. (MATO GROSSO DO SUL, 2007)

A instituição da avaliação anual por competência técnica e pedagógica gerou angústia nos sujeitos que, no período em que nos concederam as entrevistas, expressaram suas opiniões a respeito do processo seletivo, conforme podemos visualizar nas falas de Jandira e Jacinto:

Eu estava tranqüila, né... Eu tinha o espaço garantido. Só dependia de mim. Se eu fizesse com amor, com dedicação, acredito que nada seria obstáculo para eu continuar. Nós podíamos estar sempre nos capacitando. E essa mudança... Nós não sabemos o que vai nos acontecer. Se o professor será avaliado todo ano...porque a resolução... ela não assegura nada.

O professor da sala de tecnologia está mudando. Esse professor está há três anos que nem eu, com 400 horas de curso e pós graduação. De

repente não posso ser mais professor da sala de tecnologia porque disseram que tenho que fazer uma prova para ser professor da sala de tecnologia? De repente vão me tirar essa bagagem e vão colocar um aí que nunca fez curso nenhum? Até chegar ao ponto de poder ajudar os colegas é preciso uma experiência anterior. Então estou agora na expectativa de ver o que vai acontecer. Porque uma prova pode tirar um que tem o conhecimento e colocar um que não tem.

Dentre os sujeitos desta pesquisa que participaram do processo seletivo em 2007, Adelaide, Jandira e Valéria não conseguiram aprovação. Mas, de acordo com a Resolução 2127, esse processo ocorrerá anualmente. Assim, em contato telefônico que fizemos no início do ano de 2008 com as professoras não aprovadas, estas nos informaram que continuarão participando do processo, pois o desejo de voltar para a sala de tecnologia educacional continua presente em suas metas profissionais. Tanto que, após o exame de qualificação, ao contarmos novamente os sujeitos desta pesquisa, propondo o instrumento de completamento de frases, Adelaide e Jandira nos informaram que no processo seletivo ocorrido no mês de junho de 2008 conseguiram a aprovação e aguardavam suas nomeações. Valéria, no entanto, pelo menos neste momento não pretende participar desse processo.

Jandira, que após o primeiro processo seletivo ocorrido em 2007 não conseguiu ser aprovada, assumiu aulas de artes nos anos finais do Ensino Fundamental e, segundo ela, a experiência adquirida na sala de tecnologia educacional, onde teve contato com diversos campos disciplinares, incluindo as artes, subsidiou-lhe o trabalho docente que estaria realizando nessa área do conhecimento. Lembramos que Jandira se tornou professora influenciada pela paixão do pai pela profissão e que assumiu a sala de tecnologia educacional de sua escola pelo laço afetivo construído com aquela unidade escolar. Os sentidos e significados construídos por Jandira enquanto estava na sala de tecnologia educacional certamente quebraram suas resistências para o novo. E se durante a entrevista expressou sua preocupação com a prova, o resultado desfavorável não a aprisionou; de alguma forma seguiu em frente, continuou lutando por seus objetivos, acreditando no êxito do seu trabalho.

Jacinto, que também expressou essa preocupação e obteve êxito na prova, quando questionado por nós sobre o resultado, respondeu com muita segurança que a sala de tecnologia educacional é um campo fértil para o professor ampliar o seu cabedal de conhecimentos. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que acredita na instrumentalidade do computador, na fertilidade da STE, Jacinto sente-se frustrado, pois, segundo ele, a maioria dos professores de sua escola pouco utiliza a sala de tecnologia educacional e a gestão da escola, ao invés de incentivar os professores a se apropriarem da sala, do computador, reserva-lhe a função de digitador.

Os sujeitos desta pesquisa tornaram-se docentes em um espaço criado e instituído legalmente nas escolas públicas estaduais de Mato Grosso do Sul, por meio de decretos e resoluções que lhes garantiram o funcionamento dentro da estrutura organizacional da escola. Com o computador eleito o principal elemento de mediação, esses decretos e resoluções também unificaram e delimitaram o seu funcionamento e gerenciamento, conforme estabelecido no artigo 5º da Resolução 2127 que atualmente ampara o aspecto legal das salas de tecnologias educacionais.

Art. 5º O horário de atendimento das Salas de Tecnologias Educacionais obedecerá aos turnos de funcionamento, ao calendário das unidades escolares e serão gerenciadas pelos professores de tecnologias. (MATO GROSSO DO SUL, 2007)

Por essa resolução, o professor de tecnologias educacionais também é denominado gerente, categoria utilizada nas organizações empresariais, denotando a visão neoliberal que se tem do espaço escolar. Em movimento contrário, a sala de tecnologia educacional, inserida no espaço escolar, segue os horários de funcionamento determinado pelo calendário letivo, mesmo assim, é possível compreendermos a sua organização não somente pela sua objetividade, mas também pela subjetividade de quem a ocupa, tendo como parâmetro o sentido e o significado que essas salas representam para os nossos colaboradores.

Nessa perspectiva, a sala de tecnologia educacional, como espaço subjetivo, retrata o cotidiano de ações recíprocas entre o professor cujo *lócus* de atividade é aquele espaço, portanto “dono”, e o professor da sala de aula convencional “visitante” daquele espaço, pois ali “[...] se repetem em número indefinido em suas minuciosas variações as sequências de gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano [...]” (CERTEAU, 2003, p, 205). As atividades desenvolvidas são rotineiras e, nas entrevistas realizadas, observamos que essa rotina cotidiana no espaço da sala de tecnologia educacional é revelada de diversas maneiras por parte do docente responsável por ela. Joel e Camilo expressam um controle sobre a disciplina:

Olha aqui o ambiente é diferente. Desde o início eu impus uma certa disciplina aqui dentro e não abro mão disso daí. Aqui eles se comportam. Eles se interessam. Eles têm uma outra postura. Então é muito diferente da sala de aula convencional. Pelo menos eu sinto assim. A gente é procurado. É dirigido com a palavra senhor. É indagado! Como é que eu faço isto aqui? Na sala de aula você não encontra isso daí. É muito diferente. É aluno pulando... gritando..., não se comportam. O próprio aluno que lá na sala de aula é desse jeito, chega aqui dentro, ele é

diferente. Até já falei para o pessoal: - olha que diferença! Se eu disser que esse mesmo aluno lá na sala de aula dá vontade de mandar para fora, quando ele chega aqui dá gosto de trabalhar com ele. Ele é totalmente diferente.

O comportamento dos alunos aqui dentro melhora de 80% a 100%. O Aluno que é hiperativo na sala de aula, que não faz nada lá e aqui consegue fazer todas as atividades, ele se acha importante. Porque lá ele tem que seguir o ritmo da turma e como muitas vezes ele domina o computador. Então eu vejo que muitas vezes o comportamento rebelde muda completamente e esse mesmo aluno que lá na sala é o terror do professor, quando chega aqui ele se torna muitas vezes até um auxiliar do professor. Porque muitas vezes com a hiperatividade dele, ele pode nem ter computador em casa, mas ele frequenta os cyber. E às vezes ele tem computador em casa mesmo. Então quando ele chega na sala de tecnologia, ele se sente importante porque ele sabe e pode até auxiliar algum colega.

Apesar do controle da disciplina expresso por Joel e da concepção de hiperatividade de Camilo disseminada no senso comum, é possível perceber que esse movimento ambíguo e heterogêneo tem colocado lado a lado para os professores, nessa primeira década do século XXI, “velhas” práticas pedagógicas consolidadas e “novas” práticas ainda em construção, à medida que se evidenciam os processos de ensino e de aprendizagem reais, cotidianos, ocorridos no interior de um espaço que está se constituindo diferente da sala de aula convencional. Para compreendermos esse movimento, é essencial considerarmos a dimensão do dinamismo e do fazer cotidiano realizado pelos alunos e professores que ali desenvolvem atividades pedagógicas em situações diferenciadas de ensino e de aprendizagem. São sujeitos com visões de mundo, valores, sentimentos e emoções que se deparam com um ambiente ainda em construção, mas que já se faz presente no cotidiano de cada um. A fala de Mafalda ilustra o nosso argumento.

O espaço de sala de tecnologia é um recurso que veio somar com a educação do estado. Eu vejo que a sala de tecnologia tornou a aprendizagem de nossos alunos muito maior e os professores viram com o passar do tempo que este recurso não pode mais ser abolido da sua aula. Esse recurso tem que estar sendo usado para preparar a sua prova, fazer uma pesquisa dentro do seu conteúdo e tem que ser um espaço usado por professores, alunos, funcionários. É uma sala que não pode estar fechada. Tem que estar aberta todos os dias em todos os momentos para qualquer atividade.

Importante ressaltar que a sala de tecnologia educacional não é somente um ambiente construído materialmente, dentro da estrutura escolar. Ela faz parte da vida acadêmica e tem como objetivo o acesso de todos os seus segmentos ao conhecimento mediado pelas atuais tecnologias da informação e da comunicação.

Artigo 2º As Salas de Tecnologias Educacionais implantadas nas escolas da Rede Estadual de Ensino objetivam:

- I – contribuir para a efetividade do processo de ensino e de aprendizagem;
- II – familiarizar os alunos com as ferramentas das tecnologias da informação e da comunicação necessárias à sua formação;
- III – enriquecer o ambiente de aprendizagem escolar;
- IV – privilegiar a construção do conhecimento de forma coletiva e cooperativa. (MATO GROSSO DO SUL, 2007)

A implantação desses espaços instrumentalizados com computadores, que deveria ser ocupado por um professor cujo ferramental de trabalho não seria o quadro de giz, certamente criou no sujeito uma concepção de que aquele espaço é inviolável, pois é um espaço que está sob o seu poder. Moles e Rohmer (1998) nos ancoram nessa afirmação.

[...] 1) o espaço existe em referência a um sujeito; 2) o espaço existe para quem o preenche; (3) o espaço é fonte de comportamentos; 4) o espaço é uma metáfora do sistema social; 5) o espaço é um campo de valores; 6) o espaço é um alimento consumido pelo homem no conjunto de seus atos. (MOLES E ROHMER , 1998, apud MACHADO, 2007, p. 21)

Ao escolher a sala de tecnologia educacional como espaço de docência, esse professor precisou quebrar resistências internas, mas chocou-se com as pressões e demandas externas de outros sujeitos constituídos no espaço escolar, como o caso de Valéria:

Eu gosto realmente do trabalho que eu faço. Agora o que os outros pensam? Sei lá! Sempre tem *bochichos*. Porque aqui na sala você vê... tem uma certa mordomia relacionada a quem está em sala de aula, lá com o aluno direto, escrevendo no quadro. Aqui estou em frente a uma máquina. Estou cuidando de tudo isso aqui... no ar condicionado. É mais tranqüilo. Eu considero assim. Diretamente para mim, ninguém nunca falou. Mas sei lá, você ouve bochichos... “olha a dondoca”, “olha ela pode”, “olha ela está tranqüila”, “ela não faz nada”. E na realidade não é isso. Você faz e muito aqui. É muita responsabilidade. Olhar máquina por máquina, quando o aluno entra, quando o aluno sai. Procurar para ver se não aconteceu nada. Para ver se está tudo funcionando realmente.

Para Valéria, o sentido da docência na sala de tecnologia educacional está relacionado à organização do espaço e ao perfeito funcionamento das máquinas para que sua função tenha significado. Superar essa visão e realizar sua atividade docente, no sentido de propiciar a interação dos demais integrantes da unidade escolar com os saberes produzidos pelos homens na vida em sociedade e significativos ao aprendiz, utilizando o computador como instrumento de mediação, pode ser a via para a compreensão de que naquele espaço é possível produzir saberes concernentes com as necessidades dos sujeitos, pois, na convivência diária, os indivíduos se identificam

pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições pessoais e sociais, produzindo seus próprios sentidos e significados.

Por ser uma sala constantemente utilizada na escola pelos vários segmentos da sua comunidade, situações de aprendizagem são ali desenvolvidas e trocas sociais realizadas. Vejamos a fala de Vera:

Na sala de aula tudo que a gente propõe para os alunos fazerem eles acham entediante. Eles não querem pegar nos livros, lerem os livros. Nós estamos fazendo um trabalho aqui na sala de tecnologia com os livros para que eles gostem mais dos livros. Está sendo interessante porque aqui para eles é fascinante. O dia que tem aula aqui é uma festa. Eles fazem de tudo para que ninguém fique sem vir para cá. Eles gostam da sala de tecnologia.

Todavia, a permanência nessa sala é limitada. Cada professor tem em média 100 (cem) minutos de aulas semanais que devem ser planejadas e agendadas previamente. Para que o aluno ultrapasse essa média, é fundamental que outros docentes reconheçam a função didático-pedagógica da sala de tecnologia educacional, o que nem sempre é possível, pois como espaço pedagógico da escola, os sentidos e significados ali produzidos são constantemente recriados e ressignificados pelos sujeitos. Para Margarida, o aluno na STE:

[...] tem contatos com outros alunos até de outros países. Não só com o mundo escolar dele, mas com comunidades escolares de outros lugares. Nós já fizemos experiências com alunos de Joinvile. O que eu achei uma coisa interessante. Veja só: Tem uma professora de Joinvile que tem um blog e de repente os alunos daqui sabe...eles estavam trabalhando sobre o sonho de vida de cada um daqueles alunos que ficam ali um ou dois anos, que reprovam por uns fatores e aí de repente eles estão contando os sonhos deles para outros que ele não conhece pessoalmente. Teve um aluno que disse assim: Eu sei que não vou conseguir mesmo ir para frente porque eu já reprovei duas vezes e sei que tenho dificuldades na aprendizagem, mas ele disse que tinha um sonho. Agora não me lembro qual era o sonho dele, mas dizia que nunca ia conseguir realizar o seu sonho porque não conseguia estudar. Aí os alunos de lá diziam, não, você não pode desistir do seu sonho, você tem que ir em frente. Como você vai desistir de um sonho? Só depende de você, não depende de outra pessoa. Então é um tipo de incentivo de um outro aluno lá de outra escola que às vezes tem um tipo de cultura até diferente, ele está ajudando aquele aluno ali, na escola dele, enquanto que na sala de aula você não tem essa possibilidade de estar trocando idéias com alunos de outros lugares, por exemplo.

O relato de Margarida explicita a ideia de Vigotski(2003, p, 75) de que “[...] na base do processo educativo deve estar a atividade pessoal do aluno, e toda a arte do educador deve se restringir a orientar e regular essa atividade”. Para tanto, o sujeito necessita dos elementos mediadores que agem ao mesmo tempo como

instrumentos externos e internos. Essa relação dialética entre o interno e o externo resulta no sentido como produção subjetiva e no significado como poder de transformação cultural. E aqui nos apoiamos em González Rey (2003) que considera o sentido como referência às necessidades individuais e, por isso mesmo, é mais abrangente que o significado, tornando-se responsável pelas ações subjetivas produzidas pelo sujeito em interação com o mundo real.

Uma vez que o sujeito tenha estabelecido um vínculo com o mundo real, o significado tende a converter-se em fonte produtora de sentido. Portanto, “[...] a produção de sentido é responsável por vínculos contraditórios, mas autênticos, e que crescem no diálogo”. (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 23). Desse ponto de vista entendemos que essas produções não são finitas e estáticas, pois a todo momento estamos construindo um espiral de mudanças contínuas e contraditórias de acordo com as nossas atividades.

Assim, por exemplo, mesmo que se identifique uma configuração subjetiva da profissão em determinados momentos do exercício da profissão ou antes determinados estados do sujeito, os elementos de sentido mais estáveis da configuração subjetiva da profissão podem integrar outras configurações ou elementos de sentido que levem a uma reconfiguração subjetiva da atividade e sejam responsáveis por novos sentidos subjetivos. (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 24)

Para tanto, precisamos apreender o sujeito nessa contradição, isto é, o sujeito está em permanente processo de constituição entre aquilo que almeja e o que de fato as condições materiais lhe permitem elaborar. A docência realizada nas salas de tecnologias educacionais por esses professores, sujeitos desta pesquisa, revelam os sentidos individuais que nem sempre coincidem com os objetivos expressos pelos instrumentos legais de regulamentação e implantação do trabalho docente nesses espaços.

Retornando às falas de Valéria, Joel, Camilo, Vera e Margarida, podemos perceber que a relação dos nossos colaboradores com a STE caracteriza-se pelo cumprimento das resoluções, mas também pela possibilidade de descobertas de novas formas de realizar suas atividades com o auxílio do computador, como a possibilidade de interação com o aluno, por meio do seu interesse na atividade realizada no computador, percebida por Vera e Margarida, pois na relação com seus pares, os sentidos e significados da docência na sala de tecnologia educacional são permeados não só pela objetividade da atividade em si, mas também pela afetividade alojada na subjetividade dos nossos sujeitos.

Nossas constituições de sentido e significado inegavelmente são permeadas pelas emoções e, de acordo com González Rey (2003), o sentido exprime as diferentes formas da realidade, nas quais a história do sujeito e dos contextos sociais que o produziram é um momento essencial de sua constituição. Em outros termos, podemos afirmar que o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional perpassam necessariamente pelo motivo individual, pela ação simbólica do sujeito expressa em sua concepção de mundo e pela atividade realizada ao conferir outra forma de exercer a docência nesse espaço.

Temos que considerar que na STE o sujeito pode ter acesso à informação, requisito importante na sedimentação do saber e na construção de um novo conhecimento que lhe confere ganhos na sua aprendizagem e o coloca em situação diferenciada na função docente que realiza, posto que o professor para sobreviver necessita assumir dupla e, às vezes, tripla jornada de trabalho, fato que lhe consome grande parte do seu tempo na realização de tarefas corriqueiras e lhe impede de dedicar parte desse tempo na busca de informações e conhecimentos que o auxiliem na edificação do trabalho docente.

CAPÍTULO IV

A DOCÊNCIA NA SALA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Com o aporte teórico da Psicologia Histórico-Cultural, que considera o sujeito em constituição permanente numa relação dialética com a história social e pessoal de cada um, analisamos neste capítulo os sentidos e os significados da docência na sala de tecnologia educacional na cidade de Campo Grande-MS. A análise que trazemos resulta das entrevistas realizadas no período de março a setembro de 2007 e do completamento de frases proposto em 2008 e está organizada em temáticas, de acordo com os conteúdos mais significativos, expressos pelos professores em suas falas verbais e escritas. Considerando que o trabalho docente, assim como qualquer outro trabalho, deve ser visto e analisado no contexto das condições materiais e simbólicas que o produziram, nos tópicos que se seguem, apresentamos o sujeito na STE, focando suas escolhas e suas visões sobre a docência como elementos de sentido e significado.

4.1 A sala de tecnologia educacional na visão do sujeito investigado

Como anunciamos no capítulo I, apresentamos aos sujeitos investigados 10 frases incompletas para serem completadas segundo suas visões acerca da sala de tecnologia educacional, da sala de aula convencional, e das relações estabelecidas nos dois espaços. Com a proposição deste instrumento, obtivemos como respostas na primeira frase “a sala de tecnologia é” as seguintes expressões: fonte, inspiração, uma arca cheia de tesouros; um recurso adicional às atividades docentes e discentes; o momento de realizar as atividades pedagógicas com prazer; algo novo; um ambiente rico em informações educacionais que deveria ser mais utilizado por professores e alunos; um lugar bom para se aprender; uma ferramenta poderosa para o professor incrementar suas aulas.

Observamos nessas respostas a visão romântica da sala de tecnologia como se ela fosse o paraíso. Ao mesmo tempo, percebemos a contradição entre a possibilidade de um trabalho diferenciado e o conformismo com a novidade do

recurso adicional e também entre a possibilidade da aprendizagem por meio de um instrumento presente na cultura e a subutilização desse mesmo instrumento, conceituado pelos professores como ferramenta poderosa, conceito defendido, disseminado e divulgado, na década de 1980, pelos primeiros pesquisadores sobre a sua utilização na educação.

Nessa década o uso do computador na educação estava restrito a alguns órgãos governamentais, em especial algumas universidades como a Universidade de Campinas por meio do Núcleo de Informática Aplicada a Educação (NIEd) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul por meio dos estudos e pesquisas realizados no Laboratório de Estudos Cognitivos (LEC) e no Núcleo de Pesquisa em Informática na Educação Especial (NIEE), e o foco dos pesquisadores do período, nas possibilidades de desenvolvimento da cognição por meio do computador.

Essa é uma visão que ainda persiste, apesar de pesquisas realizadas a partir de 1990, como as da professora Maria Tereza Assunção Freitas da Universidade Federal de Juiz de Fora¹², destacarem o caráter instrumental do computador na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. As respostas dos nossos colaboradores evidenciam que essa instrumentalidade ainda não foi percebida pelos professores que continuam utilizando o computador sem refletir sobre o significado desse conceito, talvez até por desconhecimento dessa teoria.

A segunda frase “a sala de aula é:” foi completada com as seguintes expressões: satisfação, ensinamento; um eterno aprendizado; um espaço destinado ao processo ensino-aprendizagem; um espaço que possibilita um contato mais próximo para conhecer o aluno em sua vida pessoal e social; um lugar de estudos direcionados aos alunos de acordo com o entendimento do professor; um espaço onde professores e alunos trocam informações que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem.

Comparando com as respostas sobre a sala de tecnologia educacional, pairam semelhanças e contradições. A sala de aula convencional e a sala de tecnologia educacional são percebidas pelos sujeitos como espaços de aprendizagem. Na primeira, contraditoriamente, uma vez que o espaço propício para o diálogo entre aluno e professor ainda é a sala de aula convencional pela troca, mas também pelo controle da aprendizagem do aluno pelo professor, o que parece não ocorrer na sala

¹² As informações sobre essas pesquisas estão disponíveis no endereço <http://www.lic.ufjf.br>

de tecnologia, mesmo porque nesta nem sempre o aluno segue as orientações do professor. E, orientar o aluno em sua aprendizagem é um dos sentidos e significados da docência. Sobre isso assevera Basso (1998, p, 22-23):

A atividade de ensino escolar é realizada com a presença de professor e alunos, e o professor mantém autonomia para escolher metodologias, fazer seleção de conteúdos e de atividades pedagógicas mais adequadas a seus alunos, segundo o interesse ou suas necessidades e dificuldades.

Se a sala de tecnologia educacional é uma extensão da sala de aula convencional e vice-versa, ambas deveriam apresentar as mesmas características de dialogicidade. Todavia, para os nossos colaboradores nem sempre isso acontece, conforme suas respostas nas frases 5 e 6 sobre o aluno na sala de aula convencional e na sala de tecnologia educacional. Nessas frases escreveram que na sala de tecnologia o aluno é um pesquisador vibrante, livre, criativo, que realiza as atividades propostas, mas que também está mais preocupado com seus desejos pessoais do que com os objetivos do professor. Na sala de aula, esse mesmo aluno é um ser em busca da aprendizagem e do conhecimento; apático, fica à espera de orientação como refém de um ensino tradicionalista. É passivo e desenvolve a atividade proposta somente com atribuição de nota, além de ser desestimulado, inquieto e desobediente.

Essas descrições sobre a atitude dos alunos, além de serem contrárias às respostas dadas na frase sobre a sala de aula, que os nossos sujeitos afirmam ser um lugar de troca e de proximidade com o aluno, denotam que a apatia está presente na subjetividade desse professor. Em suas respostas percebemos que o diálogo, base para a interação entre os sujeitos, apesar de reconhecido como necessário, está desalojado do sentido atribuído por esses professores à ação docente. Pesquisas como as de Mosquera(1978) a respeito da pessoa do professor e de Codo(2006) em relação à saúde do professor nos permitem concordar que a desesperança parece estar tomando conta desse profissional que, num movimento de persistência e desistência, vive na linha tênue entre o ser e o estar do(c)ente. Percebemos esse movimento mais veemente nas frases 7 e 8 a respeito da relação com o aluno na sala de tecnologia e na sala de aula. Para os professores, a relação com o aluno na sala de tecnologia educacional é de cumplicidade, cordial, colaborativa e mediadora, enquanto que na sala de aula convencional o aluno precisa ser constantemente motivado e está cada vez mais distante do professor.

A dificuldade de relacionamento com o aluno em sala aula foi revelada também na entrevista, em especial por Joaquim, Jacinto e Joel ao explicitarem que o trabalho na sala de tecnologia educacional é diferente do realizado na sala de aula convencional, exatamente porque, nessa última, a atitude de muitos alunos é de desrespeito em relação ao professor. Respostas diferentes foram dadas por Margarida que diz auxiliar na reflexão e no desabrochar das potencialidades do aluno, e por Maura cuja relação com o aluno na SAC é uma mistura de empatia com um profundo desejo de mudança. Afirma ainda que o fato de entender que algumas situações podem levar o aluno ao fracasso escolar, não a isenta de continuar insistindo numa relação favorável à aprendizagem desse aluno.

Apesar de o indivíduo constituir-se em sujeito no campo das relações sociais, as ações pessoais não são meras reproduções sociais, mas construções significadas, interiorizadas e ressignificadas. Assim, o envolvimento de Maura e Margarida expressam, nas suas subjetividades, a preocupação com o aluno em sua totalidade, diferindo-se dos demais colegas que parecem estar alijados desse processo. O envolvimento é uma característica essencial ao sentido da docência. E aqui novamente percebemos a contradição nas falas dos sujeitos, pois ao mesmo tempo em que expressam suas angústias em relação ao aluno na sala de aula convencional, descrevem esse mesmo aluno como cordial e colaborativo na sala de tecnologia educacional.

Para Leontiev (1978, p, 273) “[...] quanto mais progride a humanidade, mais rica é a prática sócio-histórica acumulada por ela, mais cresce o papel específico da educação e mais complexa é a sua tarefa.” Compreender as angústias desse professor é primaz para que o processo sócio-histórico da educação possa desenvolver no sujeito todas as suas funções especificamente humanas. A Psicologia Histórico-Cultural, por considerar o sujeito unidade dialética entre o individual e o social, portanto, em permanente processo de constituição, atribui ao desenvolvimento humano um caráter inconcluso, posto que a todo momento podemos ampliar as nossas funções especificamente humanas. González Rey (2004) complementa que o desenvolvimento é um processo integral do sujeito e passa necessariamente pela “[...] produção de sentidos que, de uma forma ou outra influenciam amplamente a personalidade” (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 20).

Ainda de acordo com esse autor, nossa vida é processual; em sendo processual, estamos em permanente movimento e em diferentes esferas

organizacionais e sociais; para tanto, é essencial a compreensão de que nessa processualidade produzimos sentidos e significados. Nessa perspectiva de análise, obtivemos na frase 3, que diz respeito à relação do sujeito professor com a sala de tecnologia educacional, as seguintes respostas: amor e ódio, descobertas e realização profissional pela possibilidade de ensinar de maneira diferente, acompanhando e orientando as informações e a aprendizagem do aluno; apoio e incentivo às atividades docentes e discentes. E na frase 4, a respeito da relação do sujeito professor com a sala de aula convencional, as respostas foram: compreensão, esforço contínuo de como orientar a aprendizagem do aluno e momento de tentar sistematizar a informação trazida por este em conhecimento científico necessário à sociedade atual.

Pelas resoluções que regulam o funcionamento das salas de tecnologias educacionais, os docentes dessas salas são responsáveis pela organização das atividades realizadas pelos alunos de outros professores, enquanto que na sala de aula convencional a responsabilidade é com a aprendizagem dos seus próprios alunos. Suas respostas expressam essa concepção de maneira contraditória, pois ao mesmo tempo em que denotam preocupação com a aprendizagem dos alunos nos dois espaços, deixam transparecer que a função de ensinar na sala de aula convencional demanda um esforço maior que na sala de tecnologia educacional. Esforço esse nem sempre valorizado e reconhecido pelo educando.

Exercer a docência com menos desgaste físico e emocional parece ser o desejo desses professores que completaram as frases 9 e 10, que dizem respeito à relação com o colega professor que lhe procura como docente da STE e quando o inverso também acontece, com as seguintes respostas: uma relação compartilhada, de troca, cooperação, colaboração e ajuda mútua. Esses atributos percebidos pelos nossos sujeitos apareceram também em suas falas durante as entrevistas e parece ser um aspecto positivo da docência na sala de tecnologia educacional.

Dividir o trabalho com o colega pode minimizar as dificuldades do trabalho docente e a frustração com a profissão pela impossibilidade de uma relação de troca com o aluno até para contrapor a afirmação de Vigotski (2003, p, 298) de que em consequência da “correlação econômica de forças, a profissão de professor se transformou no lugar para o qual confluem todos os desadaptados, os frustrados, os que sofrem fracassos em todos os campos da vida”.

Superar essa condição no seio do contexto histórico que produziu as relações vigentes entre os sujeitos e apreendê-lo nesse movimento exige examinar as condições subjetivas da atividade e as condições objetivas para a concretude dessa atividade. Se concretamente as salas de tecnologias educacionais foram criadas e instaladas nas escolas públicas estaduais da cidade de Campo Grande, demandando a presença de um profissional da educação para que estas atendessem as finalidades da criação, esse professor precisa ser ouvido, acompanhado, valorizado para poder se revelar e se apropriar das possibilidades reais que o computador oferece como instrumento de aprendizagem, pois como afirma Duarte (1993, p, 47-48):

O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação se realiza através da relação entre objetivação e apropriação. Essa relação se efetiva sempre no interior de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada. A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando não há uma relação consistente (tanto da parte de quem educa, quanto da parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social.

Nessa perspectiva, o completamento de frases como técnica corroboradora da entrevista, sob a ótica defendida por González Rey (2005, p, 139) de que a sua utilização como instrumento de análise deve ser destituída de categorias definidas a priori para não cairmos nas “[...] mesmas limitações da análise descritiva de conteúdo”, nos permitiu construir indicadores que possibilitaram a visualização do sujeito no processo e não somente no resultado da ação, pois a complexidade das relações sociais está além das suas representações conscientes; e também porque, a pesquisa qualitativa representa “[...]um processo permanente de implicação intelectual por parte do pesquisador, processo que toma novos rumos em seu próprio curso[...]”(GONZÁLEZ REY, 2005, p,12).

Na complexidade do exercício profissional mediado pelo computador, o professor lotado na sala de tecnologia educacional ainda que nem sempre consiga coadunar os seus motivos internos com a necessidade imposta pela coletividade, ao escolher a STE como espaço docente, confirma o pressuposto da Psicologia Histórico-Cultural de que é a mediação humana que atribui funções a uma ferramenta, a um objeto; que cria e transforma rotinas aparentemente simples em situações de aprendizagem.

4.2 A constituição do sujeito e a escolha da docência na sala de tecnologia educacional

Vimos no capítulo III que a docência na sala de tecnologia educacional é regulada por meio de Resoluções emanadas da Secretaria de Estado da Educação e o sujeito para exercê-la precisa ser professor efetivo, pertencente ao Grupo Magistério do Estado de Mato Grosso do Sul. Salvo raríssimas exceções, a atividade docente na STE é atribuída a algum professor não pertencente ao quadro efetivo e, em nenhuma hipótese, essa atividade pode ser exercida por outro profissional que não seja o professor. Para tanto, esse sujeito, além de possuir formação em nível superior na área da educação, deve conhecer as ferramentas informáticas e ser aprovado em processo seletivo por competência técnica e pedagógica.

Tais competências são avaliadas por meio de provas que requerem conhecimentos instrumentais acerca dos programas de computadores, entretanto, a competência pedagógica que deveria ser o fio condutor do que fazer com os computadores como instrumentos de aprendizagem, uma vez que estes estão presentes na cultura, não faz parte do instrumento avaliativo, conforme nos informaram os nossos colaboradores. Ora, se consideramos o sujeito desta pesquisa em permanente constituição com o meio e o computador um objeto cultural, a sua utilização na educação não deve prescindir de questionar a capacidade avaliativa do professor sobre “o porquê” e “como” utilizá-lo e não meramente avaliar a capacidade de desenvolver um conteúdo, utilizando os recursos inerentes aos programas disponibilizados nos computadores, desvinculada da preocupação de orientar o aluno para enfrentar os desafios impostos pela tecnologização da sociedade. Mesmo porque a Resolução exige que esse sujeito desempenhe sua atividade em consonância com os referenciais curriculares, com o projeto pedagógico e com o projeto tecnológico da unidade escolar. Portanto, esse sujeito deve ser alguém atento às transformações tecnológicas, isto é, o oposto dos “[...] estrangeiros digitais diante de seus alunos nativos digitais” (FREITAS, 2008, p, 03).

O sujeito, para fazer parte dessa cultura, conhecendo e compreendendo o computador como instrumento de aprendizagem, precisa apropriar-se desse instrumento, assumindo para si o seu controle, de tal forma que, ao utilizá-lo, não sinta estranhamento e nem deslumbramento. Para tanto, esse sujeito deve ser

concebido como “[...] uma série de relações ativas” conforme definição de Ragazzini (2005, p, 69-70).

É necessário conceber o homem como uma série de relações ativas (um processo) em que, se a individualidade tem máxima importância, não é, porém, o único elemento a ser considerado. E mais: indivíduo + os outros homens + a natureza. O indivíduo relaciona-se com os outros homens na medida em que participa de organismos e se relaciona com a natureza ativamente por meio do trabalho e da técnica. São relações “não mecânicas”. São ativas e conscientes, “isto é, correspondem a um grau maior ou menor da compreensão que delas tem o indivíduo singular.

No papel ativo de interferir, criar e transformar o meio em que vive, o sujeito interage com a realidade material externa, num processo de constituição da sua subjetividade a partir de situações de intersubjetividade. De acordo com González Rey (2003, p, 202) “[...]a subjetividade é um fenômeno individual, e apresentá-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual [...]” tem por objetivo superar a fragmentação e a dicotomia entre o individual e o social presente na nossa constituição humana. Para esse autor, a subjetividade não está associada apenas às experiências do sujeito no momento atual, mas à forma que estas adquirem sentido e significação no processo de constituição subjetiva da história que pode ser tanto em nível social como em nível pessoal. Portanto, a subjetividade do sujeito é desencadeada a partir de processos complexos, os quais estão intimamente ligados ao ser histórico e social, na condição de constituinte e constituído concomitantemente.

[...] A constituição social do indivíduo é um processo diferenciado, em que as conseqüências para as instâncias sociais implicadas e para os indivíduos que as formam dependem dos diferentes modos que adquirem as relações entre indivíduos e o social, dentro das quais ambos os momentos têm um caráter ativo, isto é cada momento se configura de formas muito diversas entre a ação do outro, processo que acompanha tanto o desenvolvimento social como o desenvolvimento individual. (GONZÁLEZ REY, 2003, p, 2002)

Ao adquirir as características de um sistema complexo que exhibe igualmente, ao mesmo tempo, e de forma dinâmica diferentes sistemas de organização intimamente ligados aos diversos espaços de vida social e individual dos sujeitos, em conjunto com os sentidos subjetivos, configura-se de maneira única e diferenciada a subjetividade social de cada um. Na vida social, o indivíduo se transforma em sujeito, porém, sua integração no mundo cultural dependerá do espaço diferenciado pela própria socialização das diferenças individuais que se constituem

como elementos de sentidos no processo de organização dos sistemas das relações sociais que acabam implicando no seu desenvolvimento humano e individual.

[...] Entretanto, essa subjetividade individual está constituída em um sujeito ativo, cuja trajetória diferenciada é geradora de sentidos e significações que levam ao desenvolvimento de novas configurações subjetivas individuais que se convertem em elementos de sentidos contraditórios com o *status quo* dominante nos espaços sociais nos quais o sujeito atua. Esta condição de integração e ruptura, de constituição e constituinte que caracteriza a relação entre o sujeito individual e a subjetividade social, é um dos processos característicos do desenvolvimento humano. (GONZÁLEZ REY, 2003, p, 207)

Nessa perspectiva, a forma como uma experiência vivida pelo sujeito adquire sentido e significado é tanto social quanto individual. No caso dos nossos sujeitos colaboradores, percebemos que, pela trajetória profissional de cada um, a escolha de viver a experiência docente na sala de tecnologia educacional resultou de determinações pessoais e sociais, apesar das dúvidas sobre o que fazer com o computador na educação, conforme nos relata Jacinto.

Eu acredito que a tecnologia precisa ficar inserida na educação. Não tem outra saída. Acho que o obstáculo maior é porque a escola não se convenceu ainda da importância da pesquisa. Com o computador nós podemos melhorar o nosso planejamento, podemos enriquecer as aulas do professor regente que está lá na sala. Nós sempre ouvimos: as aulas têm que ser mais atraentes. Acho que a sala de tecnologia poderia melhorar nesse processo; quebrar um pouco a passividade, aquela mesmice que acontece na sala de aula. Eu me vejo como uma pessoa que está disposta, que está aí para fazer este trabalho, mas que sozinho também não vou conseguir! Eu preciso que a escola esteja engajada. Acho que precisava uma discussão maior sobre tecnologia. Eu até tenho uma questão aí que vou colocar para você: Existe uma revista lá na Universidade Federal chamada Intermeio. Eu li umas três ou quatro daquelas revistas e achei interessantíssimas. Eu fico pensando: quantos técnicos? Quantas pessoas trabalharam para poder produzir uma revista daquelas? E lá tem coisas interessantes sobre a tecnologia na educação, sobre a educação em si, discutidas por pessoas de alto nível educacional. Esse material não chega na escola! Por quê? Então eu defendo que haja uma aproximação desses conhecimentos, que são conhecimentos bons, prontos, mas que não chegam à escola. Por que não chegam? Lógico que poderiam chegar! Por que essas pessoas que trabalham produzindo esse material não vêm dar palestra na escola? Por que o governo e a universidade não fazem uma parceria para que esse material chegue aqui? Produzem coisas teóricas lindas, importantes, mas que não chegam na prática do professor. Existe uma distância do teórico e do prático muito grande. Então eu defendo essa aproximação, acho que é possível essa aproximação. É só haver vontade política que vai acontecer [...].

Os questionamentos de Jacinto indicam um sujeito preocupado com a exigência social de se apropriar dos instrumentos tecnológicos produzidos socialmente, mas também frustrado por não conseguir ser atendido em seus anseios.

Esse movimento social e individual vivido por Jacinto foi determinante dos sentidos da escolha da docência na Sala de tecnologia educacional denominada por Jandira como espaço *vip*, pois, movida pelo desejo de permanecer na sua escola, contrariou as expectativas negativas a seu respeito e reivindicou a STE para si.

Estava um período livre, ouvindo os convites do NTE , para cursos de capacitação. Então decidi aprender informática. Confesso que tive muito medo de tamanha responsabilidade. Mas fiquei sem uma sala de 20 hs aqui na escola. E o meu sonho é o de me aposentar por esta escola. Então, fazendo uma pesquisa sobre lotação, descobri que poderia ser lotada na STE aqui da escola. Não foi fácil. O diretor na época teve medo que eu não conseguisse fazer um bom trabalho. Afinal a Sala de Informática era *vip*! Todos com medo me diziam: Você vai sair da sala de aula e depois? O diretor dizia: você tem pouco conhecimento. Mas eu disse: vou me atualizar buscar ajuda de colegas que têm mais conhecimento e também dos alunos. Por que não?

Dissemos no capítulo I que a escolha da docência como profissão resultou em grande parte da influência do outro na vida dos nossos sujeitos. Em relação à docência na sala de tecnologia educacional, não foi diferente, houve a culminância entre o motivo do sujeito e a necessidade da coletividade, conforme ilustramos no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – A escolha da STE como espaço para a docência

Por que escolheu a STE?	Quantidade
Por ter sido convidado pela direção da escola	4
Pelo desafio de poder aprender mais	10
Para permanecer na mesma escola	1
Conhecimento prévio do computador	1
Total	16

Organização: Queiroz, 2008

Estando lotado na STE, o sujeito necessariamente interage com outros sujeitos. Nas experiências vivenciadas e nas relações estabelecidas, nossos colaboradores se colocam como apoio dos professores das salas de aulas convencionais nas atividades desenvolvidas no computador. Para tanto, auxiliam, medeiam, interferem, controlam e planejam as atividades junto com os colegas de profissão, conforme nos relatam Vera, Margarida e Jandira:

Eu ajudo os professores a prepararem suas aulas. Estou sempre ajudando nas máquinas quando o aluno não entende. Porque tem professores que são leigos totalmente em relação à informática e nem por isso eu deixo de convidá-los, de trazê-los para cá. Eu os ajudo no preparo da aula, eu incentivo-os na abertura de pastas, a salvarem as atividades nas pastas, a desenvolverem atividades com os alunos, etc.

Eu me coloco como uma parceira não só do professor regente como dos alunos também. Eu me vejo dentro da sala como se eu fosse uma espécie de orientadora, de estar ajudando mesmo. Quando eu vejo que o aluno

está trabalhando, vamos supor numa ferramenta lá e que eu vejo que ele ainda não desenvolveu todo o potencial, eu sento do lado dele e pergunto: “Você quer aprender como que faz tal coisa?” Ele fala: “Quero”. Assim eles vão descobrindo. E eu me vejo mostrando um mundo novo para eles ali dentro, a todo o momento, quando eles estão precisando de mim. Porque de certa forma eu estou sempre buscando o professor regente para utilizar a sala e estou de uma certa forma orientando ele. Eu vou mostrando as ferramentas: “Olha, que assunto você vai trabalhar?” Ele diz vou trabalhar determinado assunto. Então falo: “Tem essa ferramenta, essa;”... e vou mostrando para ele todas as possibilidades que tem ali dentro, porque a escolha é dele, a aula é dele. A minha função ali no dia-a-dia, no meu trabalho diário é estar mostrando as ferramentas que existem e as possibilidades que existem para eles executarem uma aula. A decisão final vai ser dele. E sempre todos os dias eu estou mostrando: “Olha, estou aqui quando precisar da minha ajuda, você pode estar solicitando!” Então, a minha rotina é essa... é estar orientando o aluno e professor no dia-a-dia porque ser professor nesse espaço é ter a mesma responsabilidade do professor lá na sala de aula enquanto regente. Eu acho assim, que dentro da sala de tecnologia o professor não deixa de ser educador, pelo contrário, acho que a responsabilidade é maior porque ele tem mais oportunidade de estar mostrando coisas mais aprofundadas para o aluno dele. É assim que eu me vejo na sala de tecnologia.

Eu como professora de STE eu tenho que estar motivando: “Olha! Aqui tem isso, tem esse recurso.” Eu estou sempre incentivando, oferecendo e até mesmo ajudando-os a fazerem o planejamento deles. Fazendo mesmo. Então eu pergunto: “O que você está trabalhando? Leitura, separação de sílabas. Isto de 1 a 4.”

A prática de auxiliar, mediar, interferir, controlar e planejar junto foi possível, porque, de certa forma, nossos sujeitos construíram um conhecimento técnico que se faz necessário quando utilizamos um ferramental cujo funcionamento nos exige certo domínio cognitivo de suas funções para podermos operacionalizá-los. A docência na sala de tecnologia educacional permitiu aos nossos colaboradores participarem de cursos, ampliarem suas experiências pessoais e profissionais, aprenderem e conhecerem mais sobre essa ferramenta. Destarte, estabeleceram relações, quebraram suas resistências iniciais e fortaleceram suas imagens como aqueles que conhecem o funcionamento dos computadores.

Tais relações contribuíram para que as atividades desenvolvidas na sala de tecnologia educacional, ainda que não contemplassem a coletividade como um todo, fomentasse sentimentos que nos fortalecem na arte da convivência com o outro. Na fala de Margarida, percebemos ainda o compromisso com a docência como atividade promotora de aprendizagens diferenciadas ao proporcionar para o aluno o contato com o mundo para além dos muros escolares. Essa experiência aliada à de Leandro, que vibra com as descobertas realizadas, projetando-as para a sala de aula convencional, ilustram a nossa afirmação.

Eu sempre gostei de desafios. E apenas com seis meses que estava na escola do município eu comecei a trabalhar na sala de tecnologia [...] porque me dava oportunidades de novos conhecimentos, de novos caminhos [...]. Acho que você não pode ficar parado em uma única coisa. E (a STE) me dava oportunidade de todos os dias poder aprender coisas novas e ter mais acesso à comunicação com o mundo todo. E eu acho que hoje você tem que estar inserido no mundo todo. E eu não penso só na minha escola, quando penso em algum projeto, em alguma coisa eu penso nisso como um todo, até no Brasil todo; de estar dividindo isso com os outros professores, com as outras pessoas; mostrando para os outros professores aquelas coisas novas que estão acontecendo na escola. É assim a minha forma de ver a educação.

[...] Eu não estava mais satisfeito com o rumo do meu trabalho, porque já estava virando rotina na sala de aula... [...] aí quando eu comecei a aprender a trabalhar com o computador, isso influenciou também na minha ação como professor de Geografia, porque melhorou bastante o meu trabalho na sala de aula. Melhorou no preparo das minhas aulas. Passei a levar mais coisas novas para os alunos. Passei a preparar melhor as aulas. Mais conteúdos além dos livros, tipo imagens, mapas, passei a trabalhar com retro-projetor. Porque por incrível que pareça a gente não tinha mapa para trabalhar na escola. E com o material que eu pesquisava na internet, imprimia a transparência e projetava e aquilo ali foi um encanto para os alunos. Tinha aluno que nunca tinha visto um retro-projetor.

Bianchetti e Quartiero (1999) apontam para a existência de quatro grupos de professores que se posicionam frente às inovações tecnológicas quando estas invadem o cotidiano escolar: os apologetas laudatários ou deslumbrados, os apocalípticos, os indiferentes acomodados ou ensimesmados e aqueles que procuram compreendê-las como elas realmente são, ou seja:

[...] criações humanas, carregadas de ideologias, capazes de contribuir para que os indivíduos tenham sua vida facilitada, mas podendo, usada indevidamente, favorecer a submissão das pessoas ao poder instituído de quem as constrói, domina e possui. (BIANCHETTI e QUARTIERO, 1999, p. 248)

Não negamos que num primeiro momento nossos sujeitos compõem o grupo dos deslumbrados, contudo, nas relações estabelecidas na sala de tecnologia educacional, novos saberes foram produzidos por esses sujeitos, tanto que, se receberem uma formação adequada, poderemos promovê-los ao grupo daqueles que procuram aprender as atuais tecnologias como produtos da cultura. Por outro lado, aprender nesse contexto envolve desafios que por sua vez desencadeiam emoções. Para ancorar nossa análise nos reportamos a González Rey (2003) que assevera:

A emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda ação, ou seja, as emoções estão estreitamente associadas às ações, por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de suas relações sociais, entrando assim no cenário da cultura. O emocionar-se é uma condição da atividade

humana dentro do domínio da cultura, o que por sua vez se vê na gênese cultural das emoções humanas. (GONZÁLEZ REY, 2003, p, 242)

Voltemos à Jandira que almejou a docência na STE devido ao fechamento de salas de aulas na escola em que tem pretensões de se aposentar. Para isso superou o medo inicial e afirma que se sente gratificada com o trabalho docente na sala de tecnologia educacional, pois o *feedback* dos alunos lhe proporciona realização profissional.

É importante que você tenha um aluno, uma aluna que faz parte do seu contexto no dia-a-dia, falar assim: “Olha! Aqui a gente aprende brincando!” Ser parada na rua em pleno domingo, estar andando numa rua e ouvir “Olha a professora de informática! Que dia que vai ter agenda professora?” Então, isso traz felicidade para nós professores

A relação de afetividade que Margarida, Leandro e Jandira têm com a docência realizada e que é expressa em suas falas nos permite concordar com o posicionamento de González Rey (2004) a respeito da importância da produção de sentido subjetivo. Para González Rey (2004, p, 4) “o homem responde a sistemas de significação que têm um valor apenas dentro dos marcos da cultura em que atua. Essa característica integra as emoções dentro de espaços simbólicos [...]”, conduzindo ao que o autor define como sentido subjetivo. Como nas nossas relações os aspectos individual, coletivo, afetivo e cognitivo estão sempre presentes, influenciando e sendo influenciado pelas transformações sociais, podemos afirmar que o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional que faz parte da cultura também resultam em aprendizagens para o sujeito.

4.2.1 O sujeito aprendiz

Aprendemos na diversidade das situações que vivenciamos no dia-a-dia, nessas situações trocamos experiências e ampliamos a nossa capacidade de entendimento, discernimento, reflexão e análise, inerentes às nossas funções psíquicas. Vigotski (1989) considera que somos agentes e dirigentes do nosso processo de conhecimento que é constantemente transformado em consonância com as informações que nos circundam. O registro dessas informações em nossa psique acontece por meio da mediação da nossa prática social na relação com o outro, que pode ser outro sujeito ou um objeto produzido por nós, seres humanos. Assim, a aprendizagem é ao mesmo tempo processo e produto das interações que estabelecemos com o meio no decorrer da nossa vida.

O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; ao invés disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas. (VIGOTSKI, 1989, p, 93)

Para Vigotski(1989), a aprendizagem é a condição essencial para que se desenvolvam no sujeito as Funções Psicológicas Superiores, isto é, por meio da aprendizagem o homem evolui e maximiza o seu potencial humano. O autor considera que a construção do conhecimento não se dá do individual para o social, mas, ao contrário, ocorre mediado pelo inter-pessoal antes de se tornar intra-pessoal. Sendo assim, a aprendizagem se constitui numa importante função superior e ocorre mediada pelas interações que o sujeito estabelece com o meio ao longo de sua existência.

Sob este ponto de vista, a aprendizagem não é em si mesmo desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam essas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (VIGOTSKI, 1991b, p, 15)

Do ponto de vista de Vigotski, aprendizagem e desenvolvimento se inter-relacionam dialeticamente, ou seja, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento e vice-versa, lembrando que estamos nos referindo a um aprendiz em sua fase adulta. Para Placco¹³ e Souza (2006, p, 17) “[...] a aprendizagem do adulto resulta da interação entre adultos, quando experiências são interpretadas, habilidades e conhecimentos são adquiridos e ações são desencadeadas”. Nessa perspectiva, a aprendizagem do adulto é resultado da interação entre seus pares. De acordo com Vigotski(1989), a nossa aprendizagem decorre da movimentação de processos internos que se formam via vínculos sociais e culturais a partir do significado que atribuímos às nossas ações individuais e coletivas. Os sujeitos dessa pesquisa, por estarem junto com alguns pares originários de outros campos disciplinares, consideram que a docência na sala de tecnologia educacional propicia a ocorrência de situações de aprendizagem. Trabalhar com outro professor no mesmo

¹³ A aprendizagem do adulto professor é uma área de investigação recente no Brasil. Apesar de Placco não ser a única estudiosa do assunto, em alguns momentos traremos suas ideias pelo fato de seus estudos serem realizados com base na matriz teórica da Psicologia Histórico-Cultural.

espaço lhes agrega novos conhecimentos. As falas abaixo de Maura, Jandira e Jair ilustram nossa argumentação.

Acho que cresci muito, porque, por exemplo, Matemática; você sabia a Matemática de séries iniciais, aí de repente você tem que ajudar um professor. Em pouco tempo que a gente estava lá na UFMS, que é um projeto do CNPq que trabalha com softwares e de repente tem que pegar um Aplusix trabalhar com uma professora de 5ª a 8ª série, do Ensino Médio, e aí É ela que domina o conteúdo dela, mas você aprendeu a manusear aqueles softwares também. Então você vai trocando com ela. Acho que eu cresci com isso, porque tem coisa ali, que nossa... Esse conteúdo não era do meu tempo e agora ainda tem que fazer com esse aparelho, com esse software e com esse equipamento. Então você vai crescendo, vai enriquecendo. Porque você mexe com os aplicativos, mas se você vai colocar uma coisa nova, ainda mais um conteúdo que não é da sua área, você aprende muito mais.

O ensino médio tem disciplinas que nós não estudávamos na época. E hoje, nós estamos ali junto com o professor, nas aulas. Então isso faz com que eu acabe aprendendo também. Certo? E a sala de aula. É assim um ambiente fechado, que você não tem oportunidades de levar o aluno pra fora, devido à disciplina, a indisciplina. E também, até a insegurança e a segurança da sala de aula hoje. Você vê aí o que está acontecendo. Hoje, você não pode mais tirar o aluno da sala de aula nem pra um passeio cultural. Então isso acaba dificultando o trabalho do professor.

[...]Esses dias uma professora foi lá e mostrou adjetivos. Essa atividade que ela fez, eu que sou de Educação Física, mas o fato dela mostrar e de eu estar junto com ela montando junto eu estou aprendendo isso também. Aí vem o de Geografia, vem o de História. É cada um com uma coisa diferente. Então tudo isso reunindo em termos gerais, não tem nenhum professor da escola, que teria todo esse conhecimento de todos como você tem. Só isso aí já valeria a pena estar na sala de tecnologia, só isso. Ninguém pode ter isso que você tem. Os outros vão entrar em contato somente no recreio, eu não. Eu tenho parte de todas as disciplinas que passam na STE, tenho contato com o conteúdo do professor que está lá.. e muita coisa sai. Muita coisa que não sabia, fiquei sabendo. E isso eu uso depois para poder estar repassando para outros professores em um outro ano. Não dou essa disciplina, mas eu a sei. A questão de você poder orientar o aluno também, até da própria disciplina do professor. Da própria atividade que montou, ... Matemática, PA, PG, que eu nunca tinha mexido. Até não era muito bom em Matemática. Mas você já tem isso. Quando vem na aula de Matemática do outro ano e de outro professor, a gente vai mexendo naquilo, naquele conteúdo de alguma forma. Estou eu lá uma vez falando quase igual o professor junto com os alunos ali no meio dado à bagagem que já tinha. O que você tem, quer dizer, você vai ser mais útil do que você imagina. Agora você coloca isso em anos. Quanto que você já teve? Então você vai refletir e vai conseguir estar com o professor da disciplina, tendo conhecimento da área dele, não de todo o conteúdo é lógico, mas de modo geral de algumas coisas. E isso vai estar ajudando o aluno, porque em vez de um, serão dois usando a tecnologia na aula de Matemática.

Observamos que os sujeitos apontam situações que parecem evidenciar circunstâncias de aprendizagens nesse espaço, o que nos faz concordar com as análises de Placco e Souza (2006), ao considerarem que o adulto aprende pela

experiência, o que lhe é significativo, proposital e deliberado. Não podemos nos esquecer de que nossos sujeitos são professores, isto é, adultos com experiências diversas e responsáveis por suas escolhas, uma vez que nascemos indivíduos e constituímos-nos em sujeitos à medida que atribuímos sentidos e construímos significados às ações que realizamos no nosso dia-a-dia, a partir das relações que estabelecemos nos espaços e ambientes que nos circundam.

Para González Rey (2003, p, 225) essa relação “[...] é contraditória por natureza e nessa contradição encontra-se a possibilidade de desenvolvimento de ambos os espaços: o social e o individual”. Nessa perspectiva “[...] o sujeito é constituído subjetivamente e suas ações são uma fonte constante de subjetivação que chega a ser constituinte dos próprios processos nos quais se constitui”. (GONZÁLEZ REY, 2003, p, 225) Como “fonte constante de subjetivação” o sujeito estabelece vínculos de acordo com as necessidades do momento. No caso dos nossos sujeitos, parece que esses vínculos produziram um sujeito aprendiz. As falas de Jacinto, Adelaide e Camilo ilustram a nossa argumentação.

Eu me vejo como um professor que está aí à disposição! Que tenta, sempre que possível, melhorar o meu conhecimento, fazendo cursos, fiz agora essa pós e pretendo fazer mais coisas. Quero cada vez mais estar mais preparado. Quero atender melhor. Quero contribuir nesse processo. Eu acredito que a tecnologia precisa ficar inserida na educação. Não tem outra saída.

Quando eu estou aqui na Sala de Tecnologia é um dos momentos que eu mais gosto da minha vida. Porque aqui eu acesso muitas coisas, eu estudo a distância. Eu faço mil coisas; já fiz coisas que demoraria muito tempo para fazer e estando aqui o processo é muito rápido.

Eu me vejo como um aprendiz nesse espaço. Aqui eu aprendo e eu ensino. Porque de nada adianta eu ser dotado de conhecimentos só para mim. Eu tenho que transferir esse conhecimento, assim como um outro colega que tem determinado conhecimento transfere para mim esse conhecimento. Então aqui eu vejo que é uma troca. Tem vezes que ensino, noutras eu sou ensinado. E a cada vez que eu ensino estou aprendendo também. Então a minha visão é que eu estou aqui para transferir o que eu aprendo nos cursos. E a cada dia eu procuro ter muita criatividade. Eu procuro também não ter medo da máquina. Eu procuro fazer todas as atividades, errando ou não e assim vou aprendendo cada vez mais. As primeiras vezes que eu fui atuar como professor de sala de tecnologia eu tive medo. Porque eu pensava assim: Eu não sei tudo e se o professor vier me perguntar eu não souber responder? Aí com o passar do tempo eu fui superando esse medo. Eu entendi que a máquina está aí para ser usada por mim, e não o contrário. Então eu tinha que procurar aplicar os meus conhecimentos para usá-la. Porque se eu não tocasse na máquina, continuasse com medo de estragá-la eu não iria colocar em ação os conhecimentos que eu estava buscando. Assim eu fui exercitando. E a partir do momento em que eu perdi esse medo, eu passei a utilizá-la como ferramenta pedagógica, errando e aprendendo. Quando errava eu via que

tinha outros meios para encontrar o caminho de volta. E também outros colegas professores me auxiliaram, me deram dicas. E eu fui buscando sempre o conhecimento de outras pessoas. Assim, eu aprendi que não preciso ter medo de perguntar. Então, se eu não sei, eu pergunto. E isso tudo me ajudou. Eu aprendi a conhecer a máquina e a trabalhar o pedagógico com a máquina. Porque não adianta nada só conhecer a máquina em si, a máquina física sem o pedagógico não tem função nenhuma na escola. O importante é trabalhar com a máquina e o pedagógico.

A fala de Camilo nos revela um sujeito preocupado com as relações desencadeadas no espaço da sala de tecnologia educacional, e sua aprendizagem é ao mesmo tempo processo e produto das interações que procura estabelecer com seus colegas professores, bem como com os alunos desses professores. Também identificamos em sua fala alguns fatores internos, inerentes à nossa subjetividade de sujeito aprendiz como: o medo do novo e o desejo de superação desse medo; o interesse em saber usar o computador para utilizá-lo como ferramenta pedagógica e a percepção da necessidade de aprender a usar o computador em prol de si e do outro. Outro fator que merece destaque é gostarmos daquilo que fazemos. Na fala de Adelaide identificamos esse gostar. Segundo ela, estar no espaço da sala de tecnologia educacional é um dos seus momentos mais felizes.

Apesar de o gostar de Adelaide expressar certo deslumbramento com o computador, o que a colocaria no grupo dos apologetas identificado por Bianchetti e Quartiero (1999), não podemos negar que quando gostamos do que fazemos estabelecemos vínculos, construímos a nossa singularidade pessoal que, de acordo com González Rey (2003), produzem sentidos e significados concomitante ao desencadeamento de emoções. Para Mitjans Martínez(2004, p, 79):

O sujeito aparece como social enquanto constituído nas relações sociais por meio da linguagem, mas também na sua individualidade enquanto o constituído torna-se um mediatizador dos momentos de desenvolvimento posteriores como sobreentendido no conceito de *situação social do desenvolvimento* elaborado por Vigotski e retomado por Bozhovich nos seus trabalhos sobre o desenvolvimento da personalidade infantil.

Na fala de Adelaide, além dos fatores internos revelados, não podemos deixar de pontuar os fatores externos que contribuiriam para que a sua aprendizagem resultasse na atribuição de sentidos e significados à atividade que realiza na sala de tecnologia educacional. Enumeramos como fatores externos dessas situações de aprendizagens: o auxílio recíproco que se apresenta no momento do desenvolvimento da aula de um colega originário de outro campo do conhecimento, diverso da formação dos nossos sujeitos e o desafio desse sujeito que possui formação docente

em uma área específica e torna-se professor de tecnologias educacionais, num campo ainda em construção. Nesse quesito, o desafio é ainda maior, pois faz parte da sua função, auxiliar o(s) colega(s), sugerir programas, observar os alunos, de maneira a garantir que as atividades desenvolvidas na sala de tecnologia educacional resultem em aprendizagem.

Atento a essas situações, defendemos a ideia de que o sujeito pode ser considerado sujeito aprendiz, pois aprende no contexto e na diversidade, vivencia momentos de alegria e frustração. Chamamos a atenção para Camilo que não negou o medo inicial do computador, contudo, não desistiu; experimentou, arriscou, cometeu erros e acertos. Nessa vivência, superou o medo e adquiriu autoconfiança para assumir o que conhecia e coragem para admitir o que não sabia. Nesse movimento contraditório e próprio do sujeito aprendiz, descobriu que o computador só tem sentido e significado de estar inserido no contexto escolar se for utilizado para potencializar as dimensões pessoais e sociais do indivíduo.

A atribuição dessa função a um objeto, como o computador, só pode ser feita se o sujeito, ao se apropriar desse ferramental, reconhecer-se como responsável por suas ações. De acordo com Tacca (2004, p, 105) “[...] nas relações transformamos e somos transformados continuamente em um movimento dialético que supera o vivido e lhe dá novas formas”. Isso significa que o sujeito aprendiz no espaço da sala de tecnologia educacional, ao se apropriar criticamente do computador, pode transformá-lo em instrumento de aprendizagem. Trazendo aqui um pouco da história de alguns dos nossos sujeitos como Camilo, Jandira, Joel e Leandro, apresentados no capítulo I deste trabalho, observamos que o processo de apropriação do computador como instrumento de aprendizagem, nas situações de aprendizagens vivenciadas por eles, não aconteceu sem conflito. Entretanto, esses conflitos não os paralisaram, mas os estimularam na busca desse conhecimento tão propagado na atual sociedade. Tacca (2004), citando Vigotski, afirma: “[...] o sujeito se fortalece e não se fragiliza nos momentos de conflitos e crises, pois estes não ocasionam necessariamente a patologia, mas são espaços de reconstrução que criam novos mecanismos na constituição subjetiva”(VIGOSKI, 1983 apud TACCA, 2004, p, 106).

E González Rey (2004) confirma:

O sujeito existe sempre na tensão da ruptura ou da criação, momentos que se caracterizam por uma processualidade que desafia o instituído, tanto no

nível da própria subjetividade individual como em termos do social. O posicionamento ativo do sujeito permite-lhe o posicionamento crítico diante do estabelecido, o que representa um aspecto importante para a democracia e para o desenvolvimento, tanto individual quanto social. (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 22)

Além de aprendizes, identificamos nas falas dos nossos sujeitos que estes se assumem como mediadores das relações emergentes no espaço das salas de tecnologias educacionais. Acreditamos que esse papel seja derivado dos seguintes fatores:

a) a atividade do aluno no espaço da sala de tecnologia educacional deve ser desenvolvida no computador;

b) o planejamento da atividade que o aluno deve desenvolver, utilizando um programa de computador é responsabilidade do professor da sala de aula convencional;

c) o conhecimento dos programas instalados no computador é de domínio do professor da sala de tecnologia educacional e nem sempre é de domínio do professor da sala de aula convencional;

d) o conhecimento do conteúdo a ser ensinado para o aluno por meio do programa de computador é de domínio do professor da sala de aula convencional e nem sempre é de domínio do professor da sala de tecnologia educacional.

Pelos fatores acima enumerados, podemos afirmar que a utilização do computador na educação traz mais dúvidas que certezas aos professores. E que a busca de respostas para essas dúvidas na sala de tecnologia educacional contribuiu para que os nossos sujeitos se colocassem como mediadores entre o aluno, o professor da sala de aula convencional e o computador na sala de tecnologia educacional.

4.2.2 O sujeito mediador

Uma das exigências legais para a docência na sala de tecnologia educacional é o conhecimento sobre o funcionamento dos computadores, conforme apontamos anteriormente no capítulo III deste trabalho. No início deste capítulo, ao relatarmos que os sujeitos escolheram a sala de tecnologia educacional como espaço da docência num movimento entre o social e o individual, essas escolhas certamente ocorreram em conformidade com o postulado de Vigotski (1999, p, 113) de que “[...] qualquer processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico”.

Desse ponto de vista, podemos afirmar que o ato de escolha dos nossos sujeitos só foi possível porque as condições materiais das salas de tecnologias educacionais estavam criadas. Entretanto, o social não é externo ao sujeito que, dotado de capacidade de escolha, pode influenciar e ser influenciado pelo meio circundante. Para isso temos de considerar a subjetividade desse sujeito, que interage com o meio social e objetivo, como produtora de sentido e significado das suas ações conforme veremos a seguir nas falas de Frederico, Vera e Maura:

O professor, ele chega aqui na sala e diz: “Vou fazer uma pesquisa.” Mas nem sempre ele limita essa pesquisa. Então eu pergunto: “Mas o que especificamente o professor quer?” Ele insiste: “Eu quero fazer uma pesquisa sobre 10 cidades de Mato Grosso do Sul. Eu quero igual está nesse projeto.” Tudo bem, mas tem hora que mesmo o professor tendo feito o seu projeto, o seu planejamento, ele se perde. Então, na hora que eu vejo que aquela pesquisa não está tendo um rendimento, eu já vou lá e converso com o professor: “Olha, por que você não faz assim. E é na hora mesmo, porque nem tudo que está no papel dá certo. Tem hora que não dá. E o bom é que eles aceitam a interferência. Porque a forma como você chega e fala para o professor faz a diferença.

Eu aqui na escola trabalho mais com alfabetização. Então eu auxilio, eu sento com o aluno. Eu ajudo o aluno, eu ajudo o professor. É um trabalho conjunto. O que ele está fazendo eu também faço com os alunos. Se tiver que pegar na mão para trabalhar com o *mouse*, eu pego. Sento do lado, converso com esse aluno, vejo as dificuldades dele, procuro sanar essas dificuldades, no que ele estiver precisando. E se tiver que explicar a aula em si eu explico. Ajudo o professor naquilo que ele precisa. Porque se você faz uma aula legal, planeja antes, você se prepara para essa aula, essa aula vai ser uma aula maravilhosa do começo ao fim. E os alunos gostam das novidades, dos joguinhos (*on line*). Por exemplo, tem vários jogos educativos que eles utilizam, então, é uma forma de aprender brincando.

Vou dar exemplo de uma aula no *WebQuest*, cujo objetivo é fazer com que a criança aprenda a planejar despesas e ajudar os pais no controle dessas despesas. Nessa aula nós pedimos que parte dela seja feita em sala de aula, onde as crianças tenham que trazer todas as despesas da casa dela. Junto com a professora eles fazem uma separação dessas despesas. Depois dessa separação, dessa classificação, os alunos já têm os dados para chegar na sala de informática e fazer a sua atividade. O que ele vai fazer lá? Ele vai fazer uma tabela de todos os dados. Nessa tabela, ele vai ter que pensar uma fórmula para somar mês a mês todas as despesas que tem em casa. Feito isso, ele terá que comparar a renda familiar com as despesas mensais. As despesas e as receitas são ilustradas em gráficos. Aí vem a parte mais importante. Ele terá que redigir uma opinião comparando o dele com o do colega dele e tecer críticas sobre as despesas que tem em casa.

Em suas falas, podemos identificar alguns aspectos inerentes ao papel de mediador assumido por eles: notamos Frederico atento às situações emergentes no espaço da sala de tecnologia educacional ao indagar do professor o objetivo da pesquisa. Percebendo que a mesma não estava sendo produtiva, interveio para que o

objetivo da atividade fosse alcançado; o envolvimento de Vera com os alunos para que as atividades planejadas pelo professor da sala de aula convencional fossem concretizadas; o compromisso de Maura com o conteúdo escolar aliado ao objetivo de desenvolver no aluno uma visão crítica do consumo que nos faz vítimas diariamente. Essas situações são indicadoras da necessidade da mediação entre o aluno e o conhecimento que se pretende construir, e constituem-se exemplos promissores do papel de mediador que o professor desempenha na sala de tecnologia educacional.

Assumir-se mediador nesses contextos implica defender a mediação como um ato de interação intencional e planejado, pois nessa atividade o sujeito se envolve com o objeto do trabalho, se relaciona com pessoas, ou seja, com outros seres humanos. O reflexo dessa relação pode ser percebido na relação do sujeito consigo próprio e com o outro, haja vista que, como professores, é fundamental considerarmos as necessidades individuais e coletivas dos nossos alunos para que estes possam se reconhecer como sujeitos construtores de sentido em suas aprendizagens de maneira que suas ações tenham significado pessoal e social.

Outro aspecto que merece ser elucidado é que o professor precisa investir na sua formação para mediar a aprendizagem, pois a prática de ensinar o outro requer o reconhecimento das necessidades desse outro. Sob essa ótica, Frederico considera:

É preciso entender, o que os alunos querem. O que é novidade para eles. Até agora é novidade a informática. Mesmo nesses 4 anos, eles querem ir na sala de informática para usar o computador. Tem uma televisão lá na sala com vídeo, mas eles querem o computador, a internet principalmente. Não adianta você fazer as atividades só no Word ou no Excel. O aluno hoje já não aceita... Tem que estar navegando e descobrindo mesmo. Isso chama a atenção do aluno.

Para isso, há de se deixar um lugar para a emoção, pois o sentido e o significado que cada professor atribui à sua atividade docente no cotidiano escolar é o reflexo dos seus valores, da sua visão de mundo, de sua história pessoal, de suas representações sociais, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que a docência tem em sua vida.

Os sentidos subjetivos integram-se em torno de delimitações simbólicas produzidas pela cultura, mas através de processos históricos de relação, nas quais essas delimitações simbólicas são acompanhadas por uma emocionalidade que sintetiza a qualidade específica de uma história singular de relacionamento. Assim, os sentidos subjetivos são uma produção singular do sujeito concreto, ou seja, uma produção social diferenciada que caracteriza um espaço social relevante para ele,

instituições, pais, grupos informais etc. Os sentidos que delimitam a produção subjetiva dentro de um determinado espaço social formam parte da subjetividade social. (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 17)

Nas falas dos nossos sujeitos percebemos que estes se reconhecem como professores e, apesar de não terem atribuído a si uma ou várias turmas, não podemos negar que no espaço da sala de tecnologia educacional o aluno é parte integrante do trabalho desse professor. Sobre isso, Frederico afirma:

A aprendizagem do aluno nem sempre acontece só em sala, mas também fora de sala de aula. A aprendizagem do aluno precisa ser melhor observada. A sala de tecnologia apesar de algumas relutâncias mostra que o professor não pode continuar achando que vai resolver tudo só em sala de aula.

Nossos sujeitos também apontam para uma relação do aluno com o professor da sala de tecnologia pautada pelo interesse, pela disciplina e pelo respeito do primeiro em relação ao segundo, situação que nem sempre ocorre na sala de aula convencional quando se atua como professor de determinada(s) disciplina(s) escolar(es). Fabrício e Joel são enfáticos ao afirmarem que:

Na STE a gente tem que sanar dúvidas ou trocar idéias com os alunos na área tecnológica. [...] A gente sente que eles ficam mais à vontade. Mais disciplinados. Eles sentem mais interesse. A gente nota isso.

Na sala de aula é aluno pulando, gritando, não se comportam. O próprio aluno que lá é desse jeito, chega aqui dentro, ele é diferente. Até já falei para o pessoal: “Olha que diferença.” Se eu disser que esse mesmo aluno lá na sala de aula, dá vontade até de mandar para fora, chega aqui ele é totalmente diferente. Mesmo porque desde o início eu impus certa disciplina aqui dentro, e não abro mão disso aí. E na sala de aula dificilmente você consegue trabalhar nesse ritmo, às vezes dificulta até para fazer chamada. Aqui dentro não, você escuta, digamos assim, um pernilongo voar.

Na multiplicidade de formas, o mediador que emerge da sala de tecnologia educacional configura-se na síntese da sua subjetividade com a objetividade do espaço escolar. O controle do comportamento do aluno por parte do professor é bastante valorizado por Fabrício e Joel que ainda se sente respeitado, valorizado, conhecido e reconhecido pelos demais segmentos da escola, por ocupar um lugar de destaque no cotidiano escolar. São os outros que vêm até ele, em um espaço cuja organização fica sob a sua responsabilidade. Sua fala ilustra a nossa argumentação:

Bom, 7 anos de sala de informática acho que a gente já tem uma certa familiarização. É muito diferente da sala de aula convencional ou da regência porque aqui a gente se sente mais valorizado e a gente tem assim, a confiança. Eu adquiri nesse tempo a confiança de muitas colegas,

que sempre estão me procurando e perguntando: “Como é que faz isso?” “Como é que eu resolvo isso na aula?” “Como eu preparo uma aula?” E isso aí é bastante diferente. Eu me sinto muito mais professor aqui do que propriamente na sala de aula, em função até do respeito que a gente tem dos alunos.

Observamos que para Joel um dos sentidos da docência incide em um aluno disciplinado, que promove o respeito e a valorização do professor, tanto que afirma se sentir muito mais professor na sala de tecnologia educacional do que na sala de aula convencional. Frederico, por sua vez, observa que as dificuldades enfrentadas pelo aluno em relação à Matemática na sala de aula podem ser diluídas na STE, posto que o aluno assume o controle da aprendizagem com a mediação do professor.

Eu voltei em um cargo para sala de aula, no período noturno. E olha para mim, que nunca tinha dado aula na EJA, é a primeira vez que estou dando aula na EJA, eu vejo que hoje a dificuldade é muita do aluno da EJA. Mas é uma dificuldade que pode ser trabalhada. Não é aquela questão de aprendizagem apenas, mas é de auto-estima também. Hoje o aluno, que tem 65 anos e está na EJA, ele vai na sala de tecnologia. Tem a dificuldade? Tem. Só que eles procuram superar. Toda vez que eles vêm na Sala de Tecnologia, a cada acerto que eles conseguem na atividade, eles vibram. E isso motiva também, até mesmo a minha aula que é de Matemática. Tanto que quando tem dois tempos de aula na STE eles falam: “Ué, já acabou a aula?”

A diversidade de fatores intrínsecos à subjetividade do professor parece fazer com que Frederico perceba que a docência na sala de tecnologia educacional seja construtora de práticas consagradas culturalmente e reconhecidas socialmente, como a aprendizagem do aluno organizada pelo professor. Ou como afirma Vigotski (2003, p, 75) “[...] no processo de educação, o professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livre e independentemente os vagões, recebendo deles, apenas a direção do próprio movimento”.

A arte de vincular o seu conhecimento sobre os ferramentais informáticos ao conhecimento da disciplina é uma nova forma de desenvolver uma docência capaz de produzir uma relação com o aluno que, de maneira muito particular, lhes confira um conhecimento diferenciado. Na história da humanidade, o domínio da informação confere vantagens a quem o possui. Na atual sociedade, apesar de a informação estar mais disponível que em outra época da história humana, o acesso a ela não se dá igualmente e democraticamente a todos os sujeitos. No caso dos colaboradores desta pesquisa, o desafio e a vontade de saber mais certamente foram elementos que lhes impulsionaram para a docência na sala de tecnologia educacional, pois esta reúne as condições mínimas que lhes permitem buscar a informação que lhes falta, com

possibilidades de transformá-la em conhecimento. É o que nos dizem Joel, Jair e Margarida:

Trabalhando aqui dentro, acho que a gente vai aprendendo cada dia mais porque na informática não tem esse negócio de saber tudo. [...] Eu não sei e acredito que não tem ninguém que saiba. Mas cada dia você está aprendendo uma coisa nova que pode estar passando para o professor, passando para o aluno, passando para a direção. Você vem interagindo com o mundo todo, né. E na sala de aula é bem mais difícil isso aí. Você tem que pegar alguma coisa lá fora, levar. Se não tiver, se você não tiver um computador com internet em casa, ou aqui mesmo, usando daqui, você fica às vezes aquém daquilo que você deveria estar passando para o aluno[...].

A questão da tecnologia... acho que o bom dela é que eu gosto é porque não tem limite. Não tem limite para a criatividade. As coisas que você faz...que seja no Power Point, porque nem sempre você conhece outro programa...[...].Mas sempre tem um meio diferente de você apresentar para o aluno ou para as pessoas da escola. Você sempre pode criar alguma coisa diferente.[...]

Nós começamos a montar um blog com a professora [...] Eu motivei ela a fazer o blog, porque tem que partir dela, mas mesmo assim, às vezes no meu contato com aluno, por exemplo, se ele terminou a atividade [...] eu sempre estou ensinado alguma coisa a mais para ele. E o que eu gosto é de ver a descoberta do aluno. Eles falam: “Nossa, professora! Eu não sabia que podia fazer isso assim! Eu só sabia de tal jeito. Não sabia fazer isso.”

De professores em suas salas de aulas a professores de uma sala com características diferenciadas como é a sala de tecnologia educacional, esses sujeitos foram em busca de conhecimentos que pudessem ancorar a docência nesse espaço, perpassando necessariamente pela mediação e pela interação, elementos essenciais à nossa aprendizagem. Sendo a interação a base para que os sujeitos se relacionem entre si, expressando suas concepções de mundo em conformidade com o meio no qual estão inseridos, podemos afirmar que na sala de tecnologia educacional a docência é permeada pela afetividade. Sobre isso Mafalda, Jair e Leandro afirmam:

É um trabalho diferente. Eu não estou diretamente com o aluno. A gente tem uma relação de mediadora com aluno. Eu passo a conhecer todos os alunos da escola e todos eles me respeitam como professora. Quando acontece de um ou outro entrar numa página indevida, a gente conversa com eles e eles respeitam a gente. E eles têm consciência disso. É raríssimo encontrar uma coisa desagradável. Eu acho que é uma relação bem mais prazerosa com o aluno na Sala de Tecnologia.

[...]Ter o conhecimento de várias disciplinas, poder estar com pessoas diferentes, as dúvidas, as situações que se apresentam a todo o momento são desafios que te acrescentam um grauzinho no seu montinho de areia

Na STE há uma relação boa, uma relação gostosa. Melhor do que uma relação de sala de aula. Porque é uma atividade que todo mundo gosta. Quando não tem aula na Sala de Tecnologia o pessoal reclama. Olha só

uma situação que aconteceu comigo aqui na escola: Teve um dia que não foi possível a professora ir à Sala de Tecnologia porque tinha uma prova, tinha uma outra atividade que ela precisava, tipo assim, era urgente, porque ela precisava, acho que atender uma nota dos alunos. Alguma coisa relacionada com notas, com prova. No outro dia, na entrada, a mãe de um aluninho perguntou: “Professor, por que não teve aula?” Cobrança dos pais que o aluno fosse na Sala de Tecnologia. Quando eu precisava faltar para ir a um curso, ou atender uma outra atividade, na entrada da escola as crianças cobravam: “Professor, quando é que a gente vai repor a aula que o senhor faltou?” Cobrança assim... é uma cobrança que não havia quando eu dava aula de Geografia.

Na sala de tecnologia educacional, além das atuais tecnologias, o desafio de trabalhar com outro professor tem se apresentado para os nossos colaboradores como oportunidade de uma docência compartilhada, que por sua vez envolve a capacidade de realizar um trabalho coletivo, perpassando necessariamente pelo sujeito da emoção de González Rey. Sobre essa situação, Leandro argumenta:

A nossa ação é diferente. Dentro da sala de tecnologia você aprende a trabalhar junto com outro professor, dando apoio para outro professor, assessorando o professor. E isso acaba criando para a gente uma situação nova de aprendizado, de uma infinidade de conteúdos, uma infinidade de metodologias. Porque cada área de conhecimento tem metodologias diferentes. A gente não tinha nem noção, quando era professor de Geografia. Isso passou a dar para a gente uma noção melhor do que é metodologia de trabalho de cada disciplina. E acabou dando para a gente oportunidade de conhecer os trabalhos de outros professores. Coisa que nem sempre a gente conseguia fazer, porque a gente vivia dentro da sala de aula da gente. Não conseguia enxergar muito os trabalhos dos outros professores por conta dos afazeres da sala de aula. Por incrível que pareça dentro da sala de aula parece que a gente não consegue enxergar o contexto real de uma escola.

A intencionalidade da ação parece ser a base do trabalho realizado pelos sujeitos que se colocam como mediadores do conhecimento de um na ação do outro, pelo domínio que têm do ferramental informático, conforme Valéria nos informa:

Eu preparo a aula na pasta do aluno para que ele possa desenvolver a atividade relacionada com a matéria do professor. Eu pesquiso, procuro e ou mesmo pego aquela atividade que o professor está trabalhando em classe para fazer aqui na STE. Porque o professor, quando ele percebe que você está ajudando, ele se envolve. Eles mostram: “Olha, eu fiz isso!” “Olha meu livro!” “Veja meu caderno!” Aí, você fala: “Então vamos digitar isso, vamos fazer de tal forma, vamos trabalhar com tal programinha” e vamos criando. Quando o professor que estava resistindo... percebe.. ele já está aqui dentro trabalhando e gostando muito[...]. Nós trabalhamos tanto no Word, como digitação, pesquisa na internet, e no Powerpoint.[...] Nesse envolvimento todo que talvez não faça parte disso hoje, mas você vai perceber que vai fazer parte ao longo do tempo, nós elaboramos um projeto, para aqueles professores que resistiam à sala de tecnologia. Então nesse projeto, nós estamos ministrando aulas aos sábados, convidamos alguns professores que têm muito conhecimento, tanto da nossa escola, como de outras escolas e esses professores estão vindo aqui ministrar tipo... um curso. Neste curso que nós elaboramos, procuramos o NTE, e vamos poder dar certificado. Eu creio que isso também é um incentivo.

O preparo da aula a que Valéria se refere é no tocante ao ferramental disponível e que pode ser utilizado pelo colega professor em sua disciplina porque alguns professores, pela falta de domínio desse ferramental, resistiam e ainda resistem à sala de tecnologia educacional como espaço pedagógico. A iniciativa da nossa colaboradora em proporcionar cursos de formação aos colegas é um indício de que a função de mediador implica no estabelecimento de uma relação significativa com “[...] o outro como espaço social complexo, momento de uma subjetividade social que se delimita como campo simbólico e de sentido, e dentro do qual o sujeito concreto precisa se encontrar consigo mesmo”. (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 7).

Sobre a importância da mediação trazemos as ideias de Vigotski(1989) que a considera função específica dos humanos e ocorre primeiramente no meio social, por meio dos instrumentos ao orientarem a ação do sujeito externamente, e dos signos, que fazem a orientação interna. Na sala de tecnologia educacional, o computador só pode ser considerado um instrumento externo e interno ao sujeito se este, ao utilizá-lo, contar com a mediação de outro sujeito. Na STE, o professor pode desempenhar essa função como componente primordial dessa relação, já que nenhum sujeito existe sem o outro, assim como o outro inexistente sem o sujeito. A fala de Mabel é bem significativa desse aspecto.

Aqui na sala de tecnologia eu procuro tornar possível aquilo que não conseguimos com o aluno na sala de aula. Procuo fazer a ponte entende? Porque na sala de aula eu tenho a obrigação de passar o conteúdo, de facilitar, de ser mediadora do conteúdo para os meus alunos. Aqui não, aqui a obrigação maior é do professor regente. Mas eu estou aqui para ajudá-los no que for preciso, no que eu puder fazer também.

Nessa perspectiva, para interagir com seus pares e ser o mediador entre os alunos e o computador em um espaço que se constitui diferente da sala de aula convencional, o docente na sala de tecnologia educacional tem outros desafios adicionais. Além do domínio do ferramental informático, necessita assumir uma postura de formulação de novos saberes, orientado por princípios éticos e democráticos, posto que a docência na sala de tecnologia educacional não está descolada das relações que são produzidas no cotidiano escolar, pois “[...] a sociedade não atua só pelos aspectos objetivos de sua organização, mas também pelos aspectos subjetivos que integram e expressam de múltiplas formas, seus diferentes processos objetivos” (GONZÁLEZ REY, 2004, p, 17) que necessariamente perpassam pelas relações que estabelecemos com outros sujeitos.

4.2.3 O sujeito e o outro, o outro e o sujeito

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural as relações que estabelecemos com outros sujeitos desde a mais tenra infância englobam tanto os nossos processos psíquicos quanto os processos simbólicos presentes no mundo da cultura. Nas salas de tecnologias educacionais as relações vividas pelos sujeitos da nossa pesquisa, além de serem construídas nas interações estabelecidas, encontram respaldo legal na Resolução 2127 de 5 de junho de 2007, que em seu artigo 24 atribui como competência do professor lotado na sala de tecnologia educacional, doravante denominado por essa mesma resolução “professor de tecnologias educacionais”, a organização didático-pedagógica das atividades desenvolvidas nesses espaços.

Artigo 24 - Caberá ao professor lotado na Sala de Tecnologias:

I – subsidiar os professores regentes na utilização das diversas Tecnologias Educacionais;

II – auxiliar os professores regentes no planejamento e desenvolvimento das atividades da Sala de Tecnologias Educacionais;

III – responsabilizar-se pelo gerenciamento das Salas de Tecnologias Educacionais; (MATO GROSSO DO SUL, 2007)

Para subsidiarem e auxiliarem os professores regentes na sala de tecnologia educacional e responsabilizarem-se pelo seu gerenciamento, os nossos sujeitos precisam necessariamente interagir com o outro, que pode ser um colega professor, um aluno, o computador e até mesmo o espaço diferenciado da STE. Nessa interação, desempenham vários papéis que são constituídos na mescla entre a objetividade da atividade exercida e a subjetividade expressa nos sentimentos do sujeito no momento de atuar junto com o outro. Para ancorar nosso ponto de vista, buscamos as ideias de González Rey (2004, p.7- 8) que afirma:

O outro não existe como acidente comportamental, o outro existe numa seqüência histórica de uma relação que vai se transformando em um sistema de sentido, a partir do qual esse outro passa a ter uma significação [...] tanto pela produção simbólica delimitada nesse espaço de relação, como pela produção de sentido que a acompanha. Por sua vez, estes complexos sistemas de relações entre as pessoas sempre são parte dos espaços institucionais nos quais os relacionamentos têm lugar. São esses espaços de sentido, que se tornam sensíveis para novas aquisições do desenvolvimento, que definimos como unidades subjetivas do desenvolvimento.

Esse teórico complementa ainda “[...] O outro deve ser um outro portador de sentido subjetivo para atuar como figura significativa [...] tanto em prol do desenvolvimento, quanto em prol do caráter patológico desse processo”

(GONZÁLEZ REY, 2004, p, 8). Para os nossos colaboradores, trabalhar com o outro nas salas de tecnologias educacionais extrapola o fazer docente. É necessário atentar para a necessidade do outro. É o que nos dizem Frederico e Adelaide:

[...] Eu me vejo como professor que tem que estar atento a todas as disciplinas. Porque não adianta falar, só vou dar palpite em Matemática que é a minha área, não tem como. Tem hora que tenho que dar palpite em Geografia, em História, Português para saber se aquela minha proposta vai ser aceita ou não. Eu me coloco como um intermediador entre o aluno e o professor. Procuro saber o que o professor quer e o que o aluno quer. O que o aluno está esperando dessa atividade. O que o professor está esperando.

Aqui o aluno pode aprender a construir um texto, buscando muitas informações através de links, o que dá uma liberdade para o aluno, porque ele tem um potencial muito grande e se lá na sala de aula você tem giz, quadro e só aquela formação... você bloqueia o aluno. Aqui não. Aqui você tem que estar sempre bem informado, estar sempre em busca de mais informações. Porque aqui o aluno vai extrapolar aquele seu objetivo..., ele vai além, como por exemplo: uma aluna que eu observei... ela fez todo o trabalho dela, mas ela buscou gifs animados sobre água, meio ambiente que eles estavam estudando. Eu achei o trabalho dela muito interessante. Foi lá pegou o movimento, bolou, então é por aí. O aluno se interessa mais. Aqui é um apoio para os alunos, um apoio para a coordenação e direção. Eu estou sempre aqui fazendo o meu trabalho, estou aqui sempre atendendo as pessoas que precisam desse recurso. Então aqui eu oriento, eu planejo, eu crio e é assim, né?

Suas falas nos revelam que a docência na sala de tecnologia educacional está condicionada às influências do meio, como bem pontuou Vigotski (2003):

Ainda que o professor seja impotente quanto a influência direta sobre o aluno, é onipotente em sua influência indireta, através do meio social. O ambiente social é a autêntica alavanca do processo educativo, e todo o papel do professor consiste em lidar com essa alavanca. (VIGOTSKI, 2003, p, 76)

Além disso, o conhecimento se constrói na relação do sujeito com o outro. Nessa perspectiva, o outro em nossa vida é fundamental para que possamos nos desenvolver como seres humanos, conforme afirma Vigotski (2003).

[...] o fator decisivo do comportamento humano não é só o fator biológico, mas também o social, que confere componentes totalmente novos à conduta do ser humano. A experiência humana não é apenas o comportamento de um animal que adotou a posição vertical, mas é uma função complexa de toda a experiência social da humanidade e de seus diferentes grupos. (VIGOTSKI, 2003, p, 63)

As experiências dos sujeitos dessa pesquisa com o computador, que vem sendo advogado como instrumento de ensino pelo professor e de aprendizagem pelo aluno, implica na compreensão de que tal função não é um atributo natural desse

objeto. Para que a instrumentalidade do objeto seja percebida, se faz necessário que o sujeito, no seu processo de apropriação, lhe atribua sentido e significado cultural. Mesmo porque o acesso a esse instrumental para muitos alunos e professores são os espaços construídos nos ambientes escolares, como as salas de tecnologias educacionais. E aqui devemos nos lembrar que a frequência na STE, se por um lado revela o seu valor de uso social, de outro encobre a sua constituição como espaço não democrático, tanto que fica sob a responsabilidade de um sujeito que não está só, que se assume como aprendiz, como mediador e que estabelece relações com outros sujeitos que nem sempre o vê nessa condição. A fala de Mafalda é bem expressiva de alguns elementos singulares da visão que o professor da sala de aula convencional tem do professor da sala de tecnologia educacional.

Eu estou sempre junto dos meus colegas. É nos corredores...[...] É no corredor que a gente se encontra e fala: “Eu achei tal site que fala assim, assim...”. Então ele fala: “Vê isso para mim!”. Depois ele vai na sala de tecnologia dá uma olhada rápida do que eu achei, e confirma se é aquilo mesmo que ele queria ou não. Na hora do recreio a gente conversa de novo. E assim a gente vai trabalhando. Mas eu já ouvi professor dizer que eu não faço nada, porque eles acham que lá não tem trabalho é só pesquisar na internet e é um trabalho gostoso, pesquisar na internet; e eles acham que o trabalho deles na sala de aula é ruim porque tem que aturar aluno que responde, que não faz, e que tem diário para preencher. Mas eu acho que aqui na sala de tecnologia tem muito trabalho sim.

Apesar de Mafalda procurar de diversas maneiras ultrapassar as barreiras da comunicação no cotidiano escolar, num movimento de doação e troca, se colocando à disposição do outro para auxiliar no que for preciso, nossa colaboradora em alguns momentos é ociosa na visão do outro, revelando o lado negativo que alguns professores têm do sujeito na STE e desta como espaço de ensino e aprendizagem. Não podemos nos esquecer de que para muitos professores esse processo ocorre somente no espaço da sala de aula convencional, como resultado primaz do árduo trabalho do professor que, talvez, até por desconhecimento das nossas capacidades de aprendizagens, não considera a aprendizagem como processo e produto da interação humana. Concomitantemente a esse embate, os sujeitos dessa pesquisa também são vistos pelo outro como “especialistas em informática”, conforme veremos nas falas de Jacinto e Camilo:

Parece que eles acham que eu sei tudo. O que não é uma verdade. E isso parece afastá-los da Sala. Mas eu percebo isso e procuro me aproximar. Eu digo sempre: “Não é porque parece que o outro colega tenha um conhecimento maior do que eu em determinada área que eu preciso ter

receio dele.” Olhe! Eu tento. Eu me coloco à disposição. Eu participo de reuniões, mas não é fácil.

A direção e segmentos escolar me vêm um apoio dentro da informática que eu estou auxiliando eles. Também quando tem alguma atividade pedagógica, alguma reunião, fazer alguns certificados, na elaboração de algum horário. Tem hora que eu utilizo a parte de digitação para auxiliar a direção. Então sou um aliado da parte pedagógica e também na manutenção das máquinas. Muitas vezes falam: “Esse computador não está ligando, está acontecendo isso, não entra isso, não entra aquilo, não consigo fazer funcionar o computador”. É hora que vou lá e auxílio, antes de chegar a parte técnica a resolver o problema.

Também existem os que aparentemente demonstravam medo, de acordo com o relato de Vera:

Digamos que no início era assim: Eles morriam de medo dos computadores, então, não queriam nem conversa comigo. Quando eu falava de darem aula aqui, de virem planejar, eles já ficavam chateados. Mas agora não, eles me procuram, eu procuro ser muito amiga deles em todos os sentidos. Eu superei isso. E eles me procuram mesmo. Até às vezes me cobram quando eu estou meio enrolada com alguma coisa, eles cobram dizendo: “Professora, tem aula?” “Como é que nós vamos fazer?” Então é muito legal. Até me mandaram aula por e-mail quando não podem fazê-la aqui. Seria até legal se você fizesse uma entrevista com eles também. Mas eu vejo assim: Que hoje eu tenho um bom relacionamento com eles. Eles vêm na sala e já me vêm como uma pessoa normal da escola, ou seja, que faço parte do conjunto mesmo.

O medo do computador percebido por Vera nos professores da escola nesta primeira década do século XXI não é diferente do medo que pesquisas desenvolvidas no início dos anos 1990, como as de Urt e Gileno sobre a apropriação da informática pela escola pública¹⁴ também revelaram. Na contramão desse medo, o sujeito que transpôs a barreira imposta por essa sensação aproximou-se da sala de tecnologia educacional e pôde realizar seu trabalho com os alunos. Quando isso acontece, o professor de tecnologias se sente visto como parceiro, como colaborador pelo outro, conforme nos afirmam Frederico, Margarida e Mabel.

Aqui, na escola, o pessoal me vê assim: se tem um problema, eles vêm e perguntam: “Como é que eu resolveria esse problema?”. Então eu penso que eles me vêm como aquele professor, que se tiver algum problema eles podem vir que serão orientados.

[...] Eles me vêm como uma parceira mesmo. Porque eu estou aqui na sala, mas esta sala não é minha, ela é nossa. Geralmente no início do ano eu falo para eles: Eu estou aqui para auxiliar vocês! Eu deixo bem claro que a STE é a sala de aula deles também. E que eles estarão ali utilizando e eu estarei ali para auxiliá-los. Então eu acho que é assim que eles me vêm. Porque no decorrer do tempo a gente constrói uma amizade tão

¹⁴ Nessa pesquisa realizada na cidade de Recife, Urt e Gileno apontaram as resistências dos professores em relação ao computador como ferramenta pedagógica.

gostosa, que eu consigo fazer com que eles sintam que eu estou ali para ajudá-los, não para mandar e nem ditar regras ou normas.

Eu acho que eles me vêem como uma colaboradora deles. Porque aqui eu procuro facilitar o trabalho de todo mundo que precisa daqui da sala. Então eu me sinto muito satisfeita. O pessoal aqui também colabora. A diretora dá bastante apoio. A nossa coordenadora também. Os trabalhos também passam por ela e eu só posso agradecer a você, por poder falar desse trabalho.

Ociosos, privilegiados, iluminados, parceiros e colaboradores, atributos percebidos pelos sujeitos da nossa pesquisa na relação com o outro, ao mesmo tempo em que parece incomodar, também contribui para a construção de uma coletividade. É esta a opinião de Joel, Jandira e Jacinto:

É conforme eu disse. Os professores, os alunos, a direção, todos confiam muito na gente. Nós nos damos muito bem nesse trabalho, nesse entendimento – professor, direção, coordenação. Porque como eu disse a gente já tem certa experiência. Não quer dizer que ah! já sei tudo, de forma alguma, mas tem sido assim, bastante harmonioso o nosso trabalho. Em relação aos pais, eu já ofereci cursos para eles. Tinha um projeto chamado “aprendendo com meu filho”, onde o aluno era o professor dos pais. E foi muito interessante porque o pai ou a mãe que não sabiam nem pegar no mouse, foram ensinados pelos seus filhos. E eles se admiravam: “Puxa! O meu filho sabe isso?” Então eu digo assim: “Aqui nós trabalhamos em conjunto para que a nossa escola que sempre foi um diferencial em relação aos projetos propostos para ela, continue a fazer a diferença na região.”

Às vezes chega um professor e me pergunta: “Tem um computador sobrando aí, pra eu fazer o meu planejamento?” Eu digo: “Se não tiver a gente dá um jeito. Pode vir.” Então, a minha atividade aqui exige muita responsabilidade. Exige que eu me relacione bem com todos os outros professores.

[...] Quando tem projetos, por exemplo, nós trabalhamos projetos, inclusive eu que produzi a página da escola, eu que coloco todo o material na página da escola. Todo os projetos,, fotografias, etc. Em todos os acontecimentos da escola, e estou presente porque eu gosto da escola, eu não saio da escola. Chego antes do horário e saio depois do horário. [...]

As expectativas construídas em relação ao outro e do outro conosco são inerentes à nossa condição humana. Nessas construções, lidamos com emoções que ora nos elevam, ora nos frustram. Para podermos entender a nossa relação com o outro e a relação que o outro estabelece conosco, é necessário antes de tudo compreendermos o postulado da Psicologia Histórico-Cultural de que somos sujeitos inacabados, históricos, concretos, abstratos, emocionais, portanto em permanente processo de constituição. Nesse processo, o outro é importante, mas na nossa valoração, esse outro é agregado de um percentual do nosso próprio valor.

É importante levar o professor a pensar sobre a constituição do sujeito em sua singularidade e pluralidade, inserido no contexto de sua cultura. Considera-se que assim a Psicologia estará auxiliado a pensar as diferenças e colaborando para que a Educação possa iniciar o processo de elaboração de uma didática da alteridade e do relacionar-se com o outro.[...] (URT; MOTTA, 2007, p, 286)

Relacionar-se com o outro exige a compreensão de que ao ocuparmos um lugar na relação, as posições contrárias e antagônicas não podem constituir-se em impeditivos para a ocorrência de encontros no contexto social que os produziram. Eu e o outro e o outro e eu somente será concreto se pela via do encontro houver disponibilidade para o diálogo, para a troca para o “intra”, base das configurações múltiplas dos sentidos e significados que atribuímos nas relações que estabelecemos com o outro e do outro com o nosso eu.

4.3 Sentidos e significados da docência na sala de tecnologia educacional na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural

Na nossa constituição humana produzimos sentidos e atribuímos significados que variam de acordo com as produções simbólicas presentes na cultura em que estamos inseridos. Em relação à natureza do trabalho docente, observamos que esta sofreu variações ao longo da história da humanidade e, no atual contexto, ladeado por tecnologias que revolucionaram a informação e a comunicação e criaram outras formas de interação mediadas pelo computador como instrumento cultural, os sentidos e os significados da docência na sala de tecnologia educacional parecem estar intimamente relacionados ao uso pessoal e à exigência social da utilização desse ferramental como instrumento de ensino e aprendizagem.

Para Vigotski (2003, p, 75) “[...] a educação deve ser organizada de tal modo que não se eduque ao aluno, mas que este se eduque si mesmo”. Portanto, na função de professores, necessitamos estar em permanente processo de aprendizagem aliado a um posicionamento crítico, ético, racional e emocional, pois a nossa existência concretiza-se na dinâmica das relações construídas, reproduzidas e açambarcadas por diferentes variáveis pessoais e sociais num dado momento histórico. No contexto da atual sociedade, a docência é revestida pelo trabalho de ensinar, construir e reconstruir conhecimentos científicos mediados pelas tecnologias da informação, o que demanda atenção redobrada aos interesses diversos dos alunos. De acordo com Tacca (2004):

Se alguém assume o papel de professor, precisa ter clareza de vários aspectos constituintes da tarefa que realizará. É preciso ter metas e objetivos sobre o que e para quem deve realizar, e disso decorre o como realizar. Integrar esses aspectos inclui observar diversas dinâmicas do processo ensino-aprendizagem, ou seja, a do aluno concreto, a relacional, a do conhecimento, a das estratégias de ensino e a do contexto cultural e histórico em que situam os sujeitos. Conjugar essas dinâmicas, entretanto, exige não apenas competência técnica, mas também compromisso e responsabilidade, permitindo-nos avançar para a exigência da compreensão humana do processo. (TACCA, 2004, p.108)

Para os sujeitos da nossa pesquisa, em especial Frederico e Joaquim:

É preciso ficar por dentro da linguagem habitual mesmo. Por exemplo eu não sabia o que era o MSN; eu não sabia o que era o Orkut. Eu até falava errado. Falava iogurt, mas o pessoal falava Orkut, Orkut, aí que eu fui lá e iniciei. E assim a gente começa a ficar por dentro das novidades tecnológicas mesmo. Hoje por exemplo, você vê um aluno de 10 anos falando sobre o MSN, como se ele tivesse muita intimidade. Ele fala: “Você vai lá e adiciona foto, assim e assim!” Eu tive alunos à tarde que eu ficava ouvindo a conversa deles. E eles sabem bem mais coisas do que a gente porque eles mexem e remexem em toda parte [...].

Eu vejo a escola como se ela não tivesse evoluindo ainda. Ela ficou para trás em muitas coisas. Então se usa muitas vezes o tradicional, não estou dizendo em termos de conteúdos, mas na forma de trabalhar com o aluno, muito em sala de aula, giz, quadro e isso para a realidade nossa onde o aluno tem contato diariamente com tecnologia celular, MP3 e tudo mais, acaba sendo desmotivante, então a escola também precisa de repente estar acompanhando essa evolução do aluno. E se nós não fizermos isso, nós vamos perder alunos, os alunos vão deixar de freqüentar uma escola, até porque se hoje nós quisermos, vamos dizer assim, em termos de conhecimentos não precisa mais da escola em si. Conhecimento você consegue adquirir com a tecnologia, uma internet, um computador ligado a internet. Você consegue ter todo o acesso ao conhecimento, então os professores serviriam como um mediador. Alguém que conhece mais e tem como orientar o aluno, esclarecer algumas dúvidas que ele não consegue esclarecer sozinho. E o computador é um grande aliado para isso.

Observe que Joaquim atribui à informação o mesmo *status* de conhecimento, uma vez que de fato a informação está disponível, contudo, o conhecimento elaborado, sistematizado e socialmente construído precisa ser mediado por um sujeito mais experiente, pois o computador sem a mediação humana é somente um objeto. Se o aluno de hoje interage com outros sujeitos por meio dos programas criados para o computador cujo acesso é livre e gratuito, como o *MSN* e o *Orkut* mencionados por Frederico, e nós, professores, ao invés de ignorarmos essa forma de interação nos aproximarmos desse universo munidos de intencionalidade pedagógica, editaremos um dos sentidos e significados da docência que é o ensino com compromisso e responsabilidade.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural os sentidos e os significados são constituídos, atribuídos e construídos graças ao movimento das nossas dimensões objetivas e subjetivas que se inter-relacionam entre si. Assim, o olhar de Frederico e Joaquim sobre as criações tecnológicas como fonte de informação e comunicação nos revela um sujeito posicionado perante as mudanças que estão ocorrendo no meio educacional, como o foco do interesse do aluno na cultura produzida fora do contexto escolar, a exemplo do que pontuou Freitas (2008) de que o aluno tem contato com as atuais tecnologias da comunicação e da informação independente da sala de aula e do que acontece na cotidianidade escolar. Para ela o computador e a internet são instrumentos de linguagem, leitura e escrita. A autora afirma ainda que:

Como instrumento informático o computador é um operador simbólico, pois seu próprio funcionamento depende de símbolos. Seus programas são construídos a partir de uma linguagem binária. Para acioná-los temos que seguir as instruções escritas na tela, movimentando o *mouse* entre diferentes ícones ou usando o teclado (com letras e números) para redigir instruções e colocá-lo em ação. A navegação pela internet é toda feita a partir da leitura/escrita. É lendo/escrevendo que interagimos com pessoas a distância através de *e-mail*, ou de bate papos em canais de *chats* ou participamos de comunidades como nos *Orkuts*. É lendo/escrevendo que navegamos por *sites* da Internet num trajeto hipertextual em busca de informações ou entretenimento. (FREITAS, 2008, p, 6)

Na condição de seres humanos, além de produzirmos sentidos e atribuirmos significados, também reproduzimos a lógica do modo de produção que rege a nossa sociedade. Assim, para atender ao aluno dessa sociedade em (des)construção, precisamos nos conectar com as informações que extrapolam os muros escolares, pois na escola convivemos com o velho e o novo, o estático e o dinâmico no mesmo espaço físico. Conseguir formar um sujeito para interagir com este mundo tecnologizado, globalizado e competitivo implica em considerarmos a dimensão das suas experiências pessoais vividas e construídas cotidianamente de maneira que possamos fazer da docência um ato intencional e planejado. A fala de Joaquim é um exemplo do que estamos ponderando.

O trabalho do profissional em sala de aula ou em sala de tecnologia é o mesmo. Nós devemos manter a mesma postura profissional; cobrar dos alunos as mesmas responsabilidades, procurar trabalhar da maneira mais positiva possível. A diferença seria apenas em termos de recursos, talvez um pouco em termo de burocracia. Porque a gente sabe que hoje a sala de aula se exige muito papel e pouca qualidade. O professor às vezes fica muito amarrado com questões burocráticas, mas na medida do possível a gente procura transformar a sala também em algo agradável. Aqui o aluno

é muito mais motivado. É claro que também depende muito da forma como o professor trabalha, do tipo de aula, do tipo de planejamento, do conteúdo que o professor está trabalhando. A gente tem caso de professor que leva o aluno para a sala de tecnologia com planejamento muito semelhante à sala de aula o que acaba sendo desmotivante também. Dentro da sala de tecnologia, uma aula bem planejada, com conteúdos atraentes, faz toda a diferença na aprendizagem do aluno.

Chamamos a atenção para a fala do nosso colaborador ao observar que o trabalho do professor, quando bem planejado, alcança resultados positivos que justificam o computador como instrumento de ensino e aprendizagem. Todavia, para desempenhar essa função, é imprescindível a mediação humana. No caso do professor, para ser o mediador entre o aluno e o computador, faz-se necessário que a sua ação seja planejada, intencional e consequente. Nesse movimento, nossos colaboradores identificam em suas escolas professores descompromissados com a aprendizagem do aluno, mas também reconhecem aqueles que têm compromisso com a docência. A fala de Margarida ilustra o nosso ponto de vista:

[...] Ainda existem aqueles professores que acham que a sala de tecnologia é uma sala de diversão, de recreação. Vem aqui só para entrar no Orkut, só para brincar, só para bater papo. Então ainda tem muito disso na escola que cabe aos professores da STE também irem mudando essa idéia dentro deles, preparando aulas, estimulando [...]. Eu já trabalhei em escolas que o professor só levava os alunos na sala de tecnologia para entrar no jogo da Mônica e aquilo era a aula que se tinha ali dentro. Então eu tive que romper algumas barreiras para que mudasse essa visão. Porque existe aquele professor que leva o aluno para descansar um pouco do aluno. Então o aluno, entra às vezes no Orkut em outra máquina e deixa a coisa rolar. E existe aquele professor que tem compromisso com a educação. Que chega e diz: “No finalzinho você pode até dar uma olhadinha, mas agora nós vamos trabalhar o nosso conteúdo”. Esse consegue fazer com que o aluno desenvolva a aula dele.

Trabalhar com jogos ou acessar o *Orkut*, por exemplo, podem ser atividades produtivas se houver a intencionalidade pedagógica por parte do professor. No relato de Margarida fica visível que alguns professores utilizam a sala de tecnologia educacional desprovidos dessa intencionalidade, mas há também aquele professor que faz da docência um ato intencional e planejado, consequentemente focado na aprendizagem do aluno. Com base na Psicologia Histórico-Cultural podemos afirmar que a intencionalidade pedagógica, como um dos sentidos e significados da docência na sala de tecnologia educacional, exige do professor a sabedoria para relacionar os artefatos e instrumentos culturais disponíveis no espaço social com a análise vigotskiana dos aspectos mais amplos do processo de ensino e aprendizagem, pois “[...] abrem-se para o educador infinitas possibilidades para a criação da vida em sua

infinita diversidade. Para além dos estreitos limites da tarefa pessoal e da vida pessoal, ele se transformará em um verdadeiro criador do futuro”. (VIGOTSKI, 2003, p, 304)

Na nossa trajetória temos observado que o computador na educação vem chegando lentamente, e o professor está se aproximando dele, apesar de esse encontro trazer embutido o discurso de modernidade na educação, segundo a tese de doutorado de Abranches (2003) intitulada “Modernidade e Formação de Professores: a Prática dos Multiplicadores dos Núcleos de Tecnologia Educacional do Nordeste e a Informática na Educação”, defendida na Universidade de São Paulo, a qual aponta a preocupação dos sujeitos investigados em promoverem a capacitação dos professores para a inserção na cultura tecnológica do século XXI por meio da modificação do papel do professor e do processo de sua formação. Nessa mesma direção, assevera Freitas (2008):

Assumir o computador/internet com o que eles disponibilizam e possibilitam é uma tarefa difícil, pois supõe o abandono de um hábito antropológico mais que milenar, o que não pode ser feito em alguns anos. O problema se acentua, uma vez computadores e internet são introduzidos na escola como símbolo de renovação e modernidade, centrando-se a inovação na tecnologia como elemento inovador. Isso é superficial e muito pouco, pois, por si só, essa tecnologia não pode realizar a esperada revolução pedagógica. Só equipar as escolas com laboratórios de informática e acesso a internet não é garantia de um avanço pedagógico. Também a introdução do uso do computador/internet não pode se dar apenas porque essa é uma demanda da sociedade atual. É importante compreender que estes instrumentos, considerados por si mesmos, são apenas objetos, coisas, máquinas e que é a mediação humana em seu contexto de utilização que os transforma como meios de ensino e instrumentos de aprendizagem. (FREITAS, 2008, p, 2)

Tal movimento esbarra ainda em algumas resistências como as percebidas por Margarida, e confirmada nos estudos de Urt e Gileno (1993) que apontaram as resistências dos professores recifenses em relação ao computador. Desse ponto de vista, podemos afirmar que nas salas de tecnologias educacionais em Campo Grande-MS, se a princípio o computador afugentou os professores que o consideraram estranho, cessada essa sensação, este recebeu o atributo de interessante por esses mesmos professores que, munidos de curiosidade e sentindo-se pressionados pelos alunos, pela gestão escolar e por último pelos colegas da STE, foram se aproximando desse ferramental, conforme nos relatam Maura e Joel:

Você tem que fazer com que ele vá lá na STE e prepare a aula dele, porque a aula programada lá é importante, tanto quanto aqui (na sala de

aula) Então eu coloco para eles o seguinte: lá é uma ferramenta, assim como você vai usar por exemplo um retro-projetor, um laboratório de Biologia, por exemplo, para enriquecer a sua aula assim é a STE. Eu sei que é um momento até de você passar por chata. Mas é necessário para a gente poder trabalhar bem, sem brigas, sem mágoas, para ele não se chatear e achar que está impondo as coisas para eles. Porque é uma cobrança que você tem que fazer. E você tem que estar lembrando todo ano. Todo ano a gente faz aquela reunião inicial com todos os professores, tem a reunião da direção com todos e é o momento da gente colocar como é que funciona a sala, principalmente para os novos porque os antigos já sabem as regras da sala. O que é que ele deve fazer. As minhas atribuições, a deles, dos alunos. Tem um momento até de lavar roupa suja e cobrar algumas coisas. [...] Mas é um momento importante. [...] Porque acho que a tecnologia significa você enriquecer a sua aula. É fazer o professor também crescer e ver a importância disso. Então eu trabalho com o professor e com os alunos. O meu relacionamento não é só o da máquina, porque a máquina ela te obedece, mas é principalmente com o professor. [...]

Chega um momento que o professor fala assim: “Não tem jeito, meus alunos estão cobrando, dizendo que todos os professores trazem e eu não trago meu aluno. Como é que eu faço uma aula aí na STE?” Aí eu falo: “Senta aqui que nós vamos preparar uma aula.” Porque muitas vezes o professor fala: “Olha, a Sala de Tecnologia eu acho que vai ser uma perda de tempo. Mas daí ele vem, uma vez, vem duas e fala assim: “Olha, sabe que é bom?” Porque estimula o aluno!

Apesar das justificativas dos nossos sujeitos de que o computador possibilita uma aprendizagem mais ativa por parte do aluno, suas visões ainda revelam esse objeto como um recurso a mais, isto é, um *plus* para o professor tornar suas aulas mais dinâmicas e atraentes para os alunos. Pensar no computador como instrumento simbólico e cultural na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural implica na sua apropriação como natural aos nossos atos. Para isso, precisamos despertar o interesse do aluno, pois o seu motivo é pessoal, é endógeno, mas a intervenção do professor é exógena e, de acordo com Vigotski (2003, p, 148), “[...] se o professor desejar que algo seja bem assimilado, deve se preocupar em torná-lo interessante”.

Além disso, segundo Vigotski (2003, p, 149), “[...] o interesse cria uma orientação constante [...], por isso, o papel desempenhado pelo interesse na orientação do objetivo do estudo é extraordinariamente importante”. Orientar o aluno em sua aprendizagem e conduzi-lo para que essa aprendizagem se transforme em um bem cultural constitui-se também em mais um sentido e significado da atividade docente que deve se preocupar ainda com os vínculos afetivos que o aluno precisa estabelecer para tornar a sua aprendizagem ainda mais viva, dinâmica e real, adicionada de certa carga de afetividade.

Além de preparar as correspondentes forças da inteligência, o professor sempre deve se preocupar com as correspondentes forças do sentimento.

Não se esqueçam de estimular o sentimento do aluno sempre que quiserem que algo fique enraizado em sua mente. Dizemos com frequência: “Lembro-me disso porque me surpreendeu na infância”. (VIGOTSKI, 2003, p, 149)

Desse ponto de vista, se quisermos que a sala de tecnologia educacional, seja produtora de sentidos nos alunos, é fundamental percebermos seus motivos, suas motivações para que o computador seja utilizado como um potencial instrumento de aprimoramento das funções psicológicas superiores, esposando no sujeito o desejo de vivenciar situações de aprendizagens reais, concretas e com significados. Isso será possível se, ao planejarmos nossas ações, assumirmos uma postura de escuta, diálogo e pesquisa para podermos auxiliar e instrumentalizar os alunos nas suas necessidades e nas finalidades da educação em formar sujeitos autônomos, críticos e responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dominar a linguagem dos computadores não significa meramente o domínio técnico da máquina no sentido mais estreito da palavra, mas sim situar-se como sujeito consciente das transformações que estão ocorrendo na sociedade atual, desempenhando suas funções de ensinar pautada pela ética, pelo compromisso e pela competência técnica, política e pedagógica. Por isso, para desvelar o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional, foco central deste trabalho, não podemos ignorar que a demanda dos desafios das atuais tecnologias no cotidiano escolar estão vinculadas a uma determinação social mais ampla desse modelo de sociedade e, uma vez presente no processo educativo, estão subordinadas às finalidades que lhe deram origem e não podemos prescindir de utilizá-las.

A função de professor em sala de tecnologia educacional, ao ser instituída por atos governamentais, propiciou a esse sujeito se apropriar de um instrumento que requer conhecimentos condizentes à sua funcionalidade. Suas falas elucidaram que a apropriação do conhecimento informático por parte do professor é possível e necessária e essa apropriação pode ajudar a construir práticas educativas consagradas para serem fios condutores do desenvolvimento humano, da edificação de posturas solidárias e do senso crítico do aluno que, de maneira direta ou indireta, está à mercê das influências dessa tecnologia.

Na função que exercem nas STE, nossos sujeitos se consideram mediadores. Assumir esse papel significa proporcionar situações significativas de aprendizagens para que o sujeito aprendiz se aproprie de tais situações no sentido de ampliar seus valores e suas capacidades intelectuais, afetivas e motoras. Suas falas denotam que as salas de tecnologias educacionais podem potencializar esses processos, entretanto o professor necessita construir uma proposta em que claramente estejam colocadas as ferramentas favoráveis à aprendizagem crítica e construtiva, além de novas formas de interação, novos conteúdos e modos de expressão com ênfase na troca de experiências, aliado a uma formação contínua em relação aos computadores e às demais tecnologias, projetando para o aluno outra forma de ser, de pensar e de agir perante as contradições existentes nas relações de produção dessa sociedade.

Neste quesito, observamos que não há políticas bem definidas acerca da formação desse profissional. À exceção de 4 professores que ampliaram suas

formações na verticalidade e na horizontalidade, os cursos oferecidos pelo Núcleo de Tecnologia Educacional de Campo Grande-MS são os que mais se aproximam das suas expectativas, pois as rotinas, as atividades, a carga horária de trabalho são alguns dos aspectos que efetivamente contribuem para restringir a viabilização de um projeto de qualificação continuada. Merece ser apontado ainda, que, pela limitação dos recursos tecnológicos disponíveis no NTE-CGR, os cursos de formação primam mais pelo fazer com os programas instalados nos computadores do que pelos aspectos inerentes à docência como, por exemplo, a relação com o aluno, os saberes condizentes à docência, as teorias pedagógicas, entre outros.

O que parece estar fazendo a diferença na atividade desses docentes nas salas de tecnologias educacionais são as possibilidades de escolhas de “o que fazer” e de “como fazer” com esses recursos. Proporcionar escolhas aos alunos e se colocar no papel de aprendiz, compreendendo que os saberes históricos elaborados ao longo da história humana só podem ter sentido e significado se o sujeito estabelecer uma relação com o objeto apreendido exige que o professor se mobilize para melhor compreender e interpretar as mudanças ocorridas na sociedade e se perceba sujeito histórico, capaz de interagir com diferentes saberes e com a diversidade presente nos grupos de professores e de alunos que utilizam a sala de tecnologia educacional.

Nessa perspectiva, o sentido e o significado da docência na sala de tecnologia educacional parecem estar relacionados ao fato de que nessa sala encontra-se em fase de gestação um espaço de reflexão para o professor, que pode, continuamente, discutir com seus pares e propor novos encaminhamentos, almejando a ocorrência de uma aprendizagem com sentido e significado, interativa, múltipla e dialógica. Assumir essa postura no contexto da atual sociedade implica em olhar a realidade, questionar o que se sabe, apostar na formulação de novos saberes orientados por princípios éticos e democráticos.

As falas dos docentes nos revelaram ainda um sujeito que se percebe aprendiz nas relações construídas, mas também um sujeito controlador dessas relações; que concebe a docência como construção social, mas também natural; que percebe as situações de aprendizagens e interações profícuas, mas também as resistências e o conformismo; que se sente gratificado com a atividade realizada, mas também frustrado diante das situações inusitadas que ocorrem na cotidianidade escolar; que aponta o desgaste da docência na sala de aula convencional e a possibilidade de uma docência compartilhada na sala de tecnologia educacional. A

contradição desse movimento vivido pelos sujeitos desta pesquisa revela ainda que, apesar das dificuldades em explorar a instrumentalidade do computador em benefício da aprendizagem dos alunos, nesse espaço, o sujeito é reconhecido e valorizado, porque ali as condições materiais de trabalho ainda são superiores às condições laborais da sala de aula convencional, posto que foi possível aos sujeitos olharem para si e para o outro como seres capazes de aprenderem e de trabalharem juntos.

Por isso, podemos afirmar que, embora o funcionamento das STE seja orientado por instruções legais, uma vez que está condicionado ao cumprimento do que determinam os órgãos governamentais, seus espaços subjetivos são constituídos por intermédio dos atos intencionais dos sujeitos, portanto, podem ser vistas como espaço de transcendência, pois é um local carregado de ideias, valores, maneiras de ser, agir e sentir, contribuindo significativamente para a constituição dos sentidos de uma aprendizagem plena e satisfatória das nossas necessidades ontogenéticas que são históricas e culturais.

Uma exigência atual é a compreensão de que novas relações pedagógicas estão emergindo em consequência da ampliação dos cenários escolares, permeados por essas tecnologias que desde os anos 1980 vêm sendo apontadas como necessárias à educação. Dessa forma, os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos à docência nas salas de tecnologias educacionais parecem estar vinculados ao ensino, à aprendizagem, à interação e à mediação reveladas em suas falas. Contudo, seria leviano da nossa parte afirmar que as ações docentes por eles desenvolvidas nas STE resultaram em aprendizagens revolucionárias; desencadearam a aquisição de conceitos científicos e construíram espirais de conhecimentos, pois não podemos esquecer que nossos colaboradores, em decorrência das dificuldades encontradas no cotidiano escolar, realizam um trabalho limitado na sala de tecnologia educacional.

Tal limitação, amparada legalmente pelas resoluções que lhes atribuem tarefas rotineiras, encontra respaldo ainda nas circunstâncias alienantes em torno do trabalho docente. Todavia, a docência, por não se objetivar em toda a sua complexidade em decorrência da gradativa autonomia que reveste o seu princípio, é uma atividade que permite ao sujeito reordená-la e redesenhá-la, readequando-a às suas necessidades individuais, bem como da coletividade na qual se encontra inserido, o que implica no reconhecimento do sujeito como capaz de ensinar e aprender, relacionando o motivo de suas escolhas aos objetivos da profissão,

construídos socialmente no bojo das relações sociais, políticas, econômicas e culturais em cada fase da sociedade humana.

A Psicologia Histórico-Cultural, por focar o sujeito em sua condição humana e material, pode ser um viés teórico capaz de conduzir o professor nessa caminhada, já que é na escola que os conceitos espontâneos num sistema conceitual de abstrações generalizadas e graduais transformam-se em conceitos científicos, resultantes da ação intencional do professor por meio das interações que ocorrem no ambiente escolar, mediados pela cultura. Nessa perspectiva, o computador pode trazer benefícios para a educação escolarizada se focarmos o professor como principal elemento de mediação entre o que o aluno precisa aprender para conseguir compreender que o momento que estamos vivendo é histórico e que, por mais que o determinismo econômico seja propagado, sempre haverá espaço para a mediação humana capaz de transformar um objeto em instrumento de aprendizagem a favor da vida em toda a sua plenitude.

Perseguir esse caminho pode ser uma alternativa de elucidar ao professor que suas escolhas são importantes e capazes de auxiliá-lo na edificação de uma sociedade cujos sujeitos compreendam as transformações nos modos de ser e de viver, não como determinismos decorrentes do avanço tecnológico, mas como construção histórica e social que anseia por sujeitos críticos, éticos e responsáveis por suas ações em prol de uma sociedade que tenha como meta o desenvolvimento da humanidade em toda a sua concretude. Para tanto, a complexidade do trabalho docente, que está além da construção do conhecimento pelo aluno mediado pelo professor, precisa resultar em uma relação com o conhecimento construído e integrado às suas subjetividades, de modo a possibilitar-lhes contínuas reelaborações perante o devir das situações de ensino e de aprendizagem, pois, o sentido e o significado da docência extrapolam o espaço das salas de tecnologias educacionais.

Como educadores precisamos olhar para a história da humanidade e nos posicionarmos frente aos papéis que cada modelo de sociedade nos imputou. Neste momento que estamos vivenciando, é imprescindível termos a clareza de que a educação não pode ficar à parte do que está ocorrendo no cenário social. Com a avalanche de novos produtos, oriundos do desenvolvimento das forças produtivas, mais do que nunca precisamos almejar a construção de uma escola comprometida com o ensino e de um sujeito posicionado neste mundo não somente como expectador, mas principalmente como ator principal na história dos seres humanos.

Talvez esses elementos possam constituir-se em sentidos e significados para a construção de uma docência que atenda às necessidades dos sujeitos em constituição neste século XXI, resgatando o professor como agente de memória, de valores e de inovações defendidos por Kenski (2001), capaz de evidenciar o mundo real ao aluno, aproximando-o dessas tecnologias e rompendo com a linearidade do pensamento, de maneira que o educando possa se ver como sujeito histórico em permanente constituição, além de conseguir desenhar para si outros espaços e cenários que não somente os determinados pela sociedade hodierna.

Por fim, queremos pontuar que as discussões que levantamos neste trabalho não têm a pretensão de serem finitas, mas sim de contribuírem com o debate acadêmico acerca da inserção das tecnologias na educação e do papel do professor como mediador humano, como figura importante para que a aprendizagem do aluno seja fruto de um processo educativo intencional, consequente, compromissado, consciente e sério. Acreditamos que novas possibilidades estão abertas para a proposição de outras pesquisas, cujos resultados sejam ainda mais profícuos que estes aos quais conseguimos chegar até o presente momento.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio Paulino. **Modernidade e Formação de Professores: A Prática dos Multiplicadores dos Núcleos de Tecnologia Educacional do Nordeste e a Informática na Educação**. 2003. 278 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ANDRÉ, Marli E. D. A e LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ANTUNES, Ricardo. **A Desertificação Neoliberal**. São Paulo: Cortez, 2004.
- APPLE, Michael W. As Novas Tecnologias em Educação: parte da solução ou parte do problema. **Trabalho Docente e Textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995, p.p. 150 a 173.
- ARRUDA, Elcia Esnarriaga de e RASLAN, Valdinéia Garcia da Silva. A Implementação do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), no Brasil e no Estado de Mato Grosso do Sul, no período de 1997 a 2006. **Anais VIII Jornada do HISTEDBR “A Organização do Trabalho Didático na História da Educação”**. GT: Políticas Públicas, p.p.1-20. Campo Grande-MS, 2007.
- BASSO, Itacy Salgado. **As Condições Subjetivas e Objetivas do Trabalho Docente: Um Estudo a partir do Ensino de História**. 1994. 148 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- BASSO, I. S. Significado e Sentido do Trabalho Docente. **Caderno Cedes**, Campinas, SP, Papirus, ano 19, n. 44, p. 19-32, abr. 1998.
- BIANCHETTI, Lucídio e QUARTIERO, Elisa Maria. O Entremecimento do Trabalho Pedagógico com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. In: RAYS, Oswaldo A. (org) **Trabalho Pedagógico: Realidade e Perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BIANCHETTI, Lucídio. **Da Chave de Fenda ao Laptop Tecnologia Digital e novas qualificações: desafios à educação**. Petrópolis/Florianópolis: Vozes/Editora da UFSC, 2001
- BITTAR, M e FERREIRA A Jr. O ofício de ensinar: dos preceptores aos professores. **Série Estudos**. Campo Grande-MS, n. 14. p. 123-137, jul/dez, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Programa Nacional de Informática na Educação**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/Banco Interamericano de Desenvolvimento, 1996.
- CERTAU, Michel de, GIARD Luce, MAYOL Pierra. **A Invenção do Cotidiano 2**. 5 ed. Petrópolis, Vozes, 2003.

- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 7ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- CODO, Wanderley (coordenador) **Educação, Carinho e Trabalho**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.
- DANIELS, Harry. **VIGOTSKI e a Pedagogia**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- DUARTE, Newton. **A individualidade para si**. Campinas: Autores Associados, 1993.
- ENGESTRON, Yrjö. *Non scolae sed vitae discimus*: Como superar a encapsulação escolar. In: DANIELS, Harry (org) **Uma Introdução a VIGOTSKI**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ENGUITA, Mariano F. Tecnologia e Sociedade: A ideologia da racionalidade técnica, a organização do trabalho e a educação. In: SILVA, Tomás Tadeu (org) **Trabalho, Educação e Prática Social: Por uma teoria da formação humana**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p.p. 230 a 252.
- ENGUITA, Mariano Fernández. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. . In: GENTILI, Pablo A A e SILVA, Tomaz Tadeu da. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: visões críticas**.3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.
- FEITOSA, Aparecida Campos. **A Informatização das Escolas Públicas Municipais de Campo Grande/MS: A Atuação do Professor Instrutor**. 2004. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2004.
- FERNANDES, Enilda. **Implicações Metodológicas do Uso de Tecnologias da Comunicação e da Informação: O caso PROINFO em Dourados/MS**. 2003. 136 f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- FREITAS, M. T. A. e COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Computador/Internet como Instrumentos de Aprendizagem: Uma Reflexão a partir da abordagem Psicológica Histórico-Cultural. In: **2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, anais eletrônicos, 2008. Disponível em www.ufpe.br/nehete/simposio/2008 Acesso em 20/11/2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Formação Humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI, Pablo A A e SILVA, Tomaz Tadeu da. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação: visões críticas**. 3ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. CIAVATTA, Maria. RAMOS, Marise (orgs). **Ensino Médio Integrado: Concepções e Contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GAMA, Rui. **A tecnologia e o trabalho na escola**. São Paulo: EDUSP, 1987.

GONZÁLEZ REY, F. Psicologia e Educação: desafios e projeções. In: RAYS, Oswaldo A. (org) **Trabalho Pedagógico: Realidade e Perspectivas**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando. O Sujeito, A Subjetividade e o Outro na Dialética Complexa do Desenvolvimento Humano. In: MIJÁNS MARTÍNEZ, Albertina e SIMÃO, Livia Mathias (org) **O Outro no Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HEDEGAARD, Mariane. A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In: DANIELS, Harry (org) **Uma Introdução a VIGOTSKI**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HOLZMAN, Lois Hood. Pragmatismo e materialismo dialético no desenvolvimento da linguagem. In: DANIELS, Harry (org) **Uma Introdução a VIGOTSKI**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

IMBERNÓN, F. **A Educação no Século XXI: Os desafios do futuro imediato**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KENSKI, Vani. Novas Tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago, 1998, n. 8. Rio de Janeiro, 1998.

KENSKI, Vani. O papel do professor na Sociedade Digital. In: CASTRO, A. D. e CARVALHO, A.M.P. (Org.) **Ensinar a Ensinar: Didática para a escola Fundamental e Média**. São Paulo: Pioneira, 2001.

KENSKI, Vani. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KOZULIN, Alex. O conceito de atividade na psicologia soviética: VIGOTSKI, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, Harry (org) **Uma Introdução a VIGOTSKI**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

KUENZER, Acácia Zeneida. As políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrando. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 68, p. 163-201, 1999.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. **Formação Tecnológica de Professores e Multiplicadores em Ambiente Digital**. 2005. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

LURIA, A, LEONTIEV, A, VIGOTSKI L. S. **Psicologia e Pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento**. São Paulo: Editora Moares, 1991.

MACHADO. Paulo Batista. **Espaço, mapas mentais, representações sociais e prática docente na Educação do Campo**. Senhor do Bonfim – BA: Eduneb, 2007.

MANACORDA, Mario Aliguiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 2. edição. São Paulo: Cortez, 1989.

MARTIN, Laura M W. Detectando e definindo problemas científicos: um estudo de lições mediadas por vídeo. In: MOLL, Luis C. **VIGOTSKI e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução de Reginaldo Santana. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **A Ideologia Alemã: Teses Sobre Fuerbach**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

MATO GROSSO DO SUL. **Projeto Estadual de Informática na Educação**. Campo Grande: SEED/MS, 1997.

MATO GROSSO DO SUL. **Programa Estadual de Informática na Educação: Projeto Salas de Informática da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: SEED/SUPAE/CDE/MS, 2002

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução SED/MS 1570** de 4 de Setembro de 2002.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução SED/MS 1842** de 08 de abril de 2005.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução SED/MS 2.127**, de 05 de junho de 2007.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. O Outro e Sua Significação para a Criatividade: implicações educacionais. In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjás e SIMÃO, Livia Mathias (org) **O Outro no Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MOLL, Luis C. **VIGOTSKI e a educação**: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MOSQUERA, Juan José Mourinõ. **O professor como pessoa**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

NÓVOA, Antonio (Org) **As Organizações Escolares em Análise**. 2ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. 2 edição. Lisboa: Publicação D. Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Ednei Nunes. **A Utilização dos Laboratórios de Informática do PROINFO em Escolas de Dourados – MS**. 2001. 91 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

PANOFSKY, Carolyn P., STEINER, Vera John, BLACKWELL Peggy J. O desenvolvimento do discurso e dos conceitos científicos. In: MOLL, Luis C. **VIGOTSKI e a educação**: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artmed, 1996.

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças**: Repensando a Escola na Era da Informação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza, SOUZA, Vera Lucia Trevisa. **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006.

PETITAT, André. **Produção da Escola/Produção da Sociedade**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

PINO, Angel. A Psicologia Concreta de Vigotski: Implicações para a Educação. In: PLACO, Vera Nigro de Souza (org) **Psicologia & Educação**: Revendo Contribuições. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2000a.

PINO, Angel. O Social e o Cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 71, julho/00. Campinas, 2000b.

QUEIROZ, Vivina Dias Sol. **Educação Computadores e Deficiência Mental**: Interações Possíveis. 1997. 274 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 1997.

RAGAZZINI, Dario. **Teoria da Personalidade na Sociedade de Massas**: A contribuição de Gramsci. Campinas, SP, Autores Associados, 2005.

ROSA, P.R.S. MIANUTTI, J. QUEIROZ, V.D.S. SALES, A. Computadores e Escola. Premissas Docentes e Institucionais em Campo Grande-MS. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, INEP, 1994 v. 75 p.p 341-354.

ROSA, Alberto e MONTERO, Ignácio. O conteúdo histórico do trabalho de VIGOTSKI: uma abordagem sócio-histórica. In: MOLL, Luis C. **VIGOTSKI e a educação**: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica. Porto Alegre: Artmed, 1996.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SACRISTÁN, J.G. A educação que temos, a educação que queremos. IN: IMBERNÓN, F. (Org). **A educação no século XXI**: os desafios do futuro imediato. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, São Paulo, Cortez, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, Dermeval. O Trabalho Como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias. In: **Novas Tecnologias e Educação**. FERRETI, Celso João (org). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p.p. 147-164.

SILVA, Adriana Rodrigues da. **Professores-Instrutores da Rede Pública Municipal de Campo Grande-MS**: As Relações entre a Capacitação Recebida e a sua Prática Pedagógica na Sala de Informática. 2006. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

TACCA, Maria Carmem V. R. Além de Professor e de Aluno: a Alteridade nos Processos de Aprendizagem e Desenvolvimento. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina SIMÃO, Livia Mathias (org) **O Outro no Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

URT, Sonia da Cunha e Cysneiros, Paulo Gileno. **A apropriação da Informática pela Escola Pública**. Pesquisa Concluída. UFPE, Recife, 1993.

URT, Sonia da Cunha e MOTTA, Maria Alice Alves da. Professores Pensam - E Fazem – A Diferença. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 13, p. 253-270, jul/dez. 2007.

VALENTE, José Armando(org). **O Professor no Ambiente LOGO**: Formação e Atuação. Campinas, Gráfica Central da UNICAMP, 1995.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: Luria, A., R., LEONTIEV, A., VIGOTSKI, L. S. e outros. **Psicologia e Pedagogia: Bases Psicológicas da Aprendizagem e do Desenvolvimento**. São Paulo: Editora Moraes, 1991b.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WARDE, Miriam Jorge. **A Produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1982-1991): Avaliação & Perspectivas na Área da Educação**. ANPED, 1993.

ZANELA, Andréa Vieira. Atividade, Significação e Constituição do Sujeito: Considerações á Luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 127-135, 2004.

APÊNDICES

Apêndice 1 Roteiro das Entrevistas

I – FORMAÇÃO INICIAL

- 1- Por que escolheu essa área de graduação?
- 2- Por que quis ser Professor(a)?
- 3- Por que quis trabalhar na sala de tecnologia educacional?
- 4- Como foi a sua entrada nessa área do conhecimento?
- 5- Que formação inicial você recebeu para desempenhar a atividade docente na sala de tecnologia educacional?
- 6- Como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na sala de tecnologia educacional?

II – O TRABALHO NA ESCOLA

- 1- Como você se vê no espaço da sala de tecnologia educacional?
- 2- Como os demais segmentos (alunos, professores, pais, mães, direção, coordenação pedagógica, funcionários administrativos) te veem?
- 3- Você participa de todas as atividades da escola? Sim. Como? Não. Por quê?
- 4- Você considera que a sua atividade docente no espaço da Sala de tecnologia educacional se diferencia da atividade docente no espaço da Sala de Aula? Por quê?
- 5- Você considera que exercer a sua atividade docente no espaço da Sala de tecnologia educacional traz aspectos positivos (benefícios) e negativos (dificuldades)? Por que e quais seriam esses aspectos?
- 6- Você incentivaria outros(s) colegas a serem professor da sala de tecnologia educacional? Sim. Não. Por quê?

III CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Se ficou faltando alguma informação. Por favor, registre aqui seus comentários finais.

Apêndice 2 Roteiro do Completamento de Frases

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguir. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é _____
- 2- A Sala de Aula é _____
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é _____
- 4- A minha relação com a Sala de Aula é _____
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é _____
- 6- O aluno na Sala de Aula é _____
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é _____
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é _____
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é _____
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é _____
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de tecnologia educacional.

Apêndice 3 Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu _____, tendo sido convidado (a) a participar como sujeito da pesquisa intitulada: **Ser Professor na Sala de tecnologia educacional, Sentido e Significado**, declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente de que o estudo trata-se de uma tese de doutorado que objetiva evidenciar o sentido e o significado da atividade docente no espaço de uma Sala de Tecnologia na cidade de Campo Grande-MS e está sendo realizado pela aluna do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, **Vivina Dias Sol Queiroz**, que me garantiu também que as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e; em caso de divulgação em publicações científicas, os meus dados pessoais não serão mencionados. DECLARO, outrossim, que após convenientemente esclarecido(a) pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar de todas as etapas dessa pesquisa.

Campo Grande, _____ de _____ de _____

Apêndice 4 – Frases completadas

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguireis.

Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

12- A Sala de Tecnologia é uma arca cheia de tesouros.

13- A Sala de Aula é um eterno aprendizado

7- A minha relação com a Sala de Tecnologia é de descobertas e realização.

8- A minha relação com a Sala de Aula é um exercício contínuo de como orientar a aprendizagem.

14- O aluno na Sala de Tecnologia é um pesquisador vibrante.

15- O aluno na Sala de Aula é um ser em formação esperando orientação me proporcionando um momento de troca.

16- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é orientação.

17- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é ajudar na reflexão e no desabrochar de seu potencial.

9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é caminhar juntos com objetivo de levar ao aluno novas formas de aprendizagem e de maneira prazerosa.

10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é cordial e ética, ali sou o professor regente e procuro enriquecer me com suas sugestões, procuro fazer desse momento uma troca.

11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.

Procuo orientar os professores regentes a partir das solicitações deles, discuto com eles a respeito das atividades propostas, no sentido de um melhor aproveitamento dos alunos sugerindo como tornar a atividade mais atrativa e diferenciada, pesquiso bastante. Tudo isso sem interferir no objetivo do professor. Dentro da realidade da minha escola os professores me solicitam bastante, porque ainda não têm muita experiência e pedem minha orientação. Faço isso buscando muita interação com eles sem forçar a barra ou me achar superior a eles, pelo contrário aprendemos muito em nossas trocas. Tenho professores que conseguiram um avanço significativo com seus alunos e se sentiram motivados a buscar conhecimento sobre o uso da máquina inclusive durante o recesso. Porém, tenho professores que não vêm ainda a STE como algo motivador ou usa como usa o quadro e o giz. Acredito que as mudanças só acontecem através da motivação e não da imposição é preciso aos poucos usar o poder de persuasão e não do autoritarismo. Se a maioria faz um trabalho por acreditar nos novos recursos a STE está sendo bem usada sendo um recurso significativo no ensino aprendizagem.

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguires. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é um recurso adicional às atividades docentes e discentes.
- 2- A Sala de Aula é um espaço destinado ao processo ensino-aprendizagem.
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é de apoio e incentivo às atividades docentes e discentes.
- 4- A minha relação com a Sala de Aula é vocacional
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é parte do mundo cada vez mais globalizado.
- 6- O aluno na Sala de Aula é refém de um ensino tradicionalista.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é de apoio às suas atividades.
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é profissional.

- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é auxiliar, incentivar e planejar as atividades a serem desenvolvidas na STE.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é cordial
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.

As aulas agendadas na Sala de Tecnologia são planejadas em conjunto com o professor regente. De acordo com o tema proposto, o professor regente necessita do auxílio do professor da STE para elaboração das aulas em aplicativos como: PowerPoint, Excel, movie Maker, etc. Somando ao auxílio pedagógico, o professor da STE precisa seguir uma rotina com conhecimento técnico básico para resolver alguns imprevistos como problemas na rede, internet e acesso aos computadores. O registro das atividades é feito diariamente para apresentação de relatórios ao NTE.

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguires. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

1. A Sala de Tecnologia é o momento de realizar minhas atividades pedagógicas com prazer.
2. A Sala de Aula é um espaço que possibilita um contato mais próximo para conhecer o aluno em sua vida pessoal e social.
3. A minha relação com a Sala de Tecnologia é parte da minha realização profissional, onde possibilita ensinar de maneira diferente, acompanhando e orientando as informações na aprendizagem do aluno.
4. A minha relação com a Sala de Aula é o momento de sintetizar a informação; fazendo uma reflexão de como ocorreu a teoria de um conhecimento científico e comparando-a na sociedade atual.
5. O aluno na Sala de Tecnologia é curioso, gosta de fazer pesquisa e realiza as atividades propostas pelo professor.

6. O aluno na Sala de Aula é passivo, procura desenvolver a atividade proposta só quando atribuem nota, não tem estímulo para executar seu dever. Eu procuro mudar a metodologia para que se interesse pela atividade proposta, utilizando projeto de aprendizagem.
7. A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é acompanhamento e orientação da aprendizagem refletindo sobre o conteúdo no dia-a-dia.
8. A minha relação com o aluno na Sala de Aula é mínima, o tempo é pouco para acompanhar a aprendizagem individual.
9. Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é de troca de informações e experiência das atividades desenvolvidas na sala de tecnologia.
10. Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é de apoio para realizar as atividades propostas.
11. Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.
Ao iniciar uma atividade na sala de tecnologia procuro fazer uma complementação das atividades executadas em sala de aula. Para diversificar as aulas realizo pesquisas em dupla ou em grupo. Também realizo projeto de aprendizagem, sugeridas e elaborados pelo aluno/professor/coordenação. Ao realizar as atividades incentivo os alunos a utilizarem vários recursos da mídia como: som, imagem, blog, fotolog, correio eletrônico etc.

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguire. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é algo novo.
- 2- A Sala de Aula é um lugar de transformações.
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é de amor e ódio.

- 4- A minha relação com a Sala de Aula é amor e compreensão.
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é curioso.
- 6- O aluno na Sala de Aula é inquieto e atencioso quando quer.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é mais próxima possível.
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é interessante.
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é de motivador.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é de auxiliar.
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.
No meu fazer como professor de STE procuro ficar mais atualizado, uma vez que o foco no meu papel é grande. Quando estou só na STE chega alguém e acha que não estou fazendo nada. Aí chega a coordenadora ou a diretora e acha que devo ser seu digitador particular, pois “tenho bastante tempo”, segunda a visão delas. Mas consigo despistá-las e dou dicas que não sou administrativo e sim um professor que se encontra em STE. Essa mesma visão está sendo modificada em relação aos outros colegas pois no início achavam que o prêmio maior era ir para a STE, o que nesses quase cinco anos mostrou-se não ser verdade. No meu fazer diário o aspecto mais importante é esse.

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguires. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é recurso com varias ferramentas que pode ser utilizadas pelo professor é para enriquecer suas aulas
- 2- A Sala de Aula é ambiente onde os alunos são integrados e ampliam seus conhecimentos .

- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é muito boa .
- 4- A minha relação com a Sala de Aula é boa, sempre consigo atingir os objetivos da aprendizagem .
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é aluno inserido no mundo da tecnologia onde pode construir seus conhecimentos.
- 6- O aluno na Sala de Aula é uma aluno q vai em busca de informações onde são filtradas e o professor passa a ser um mediador, motivador de aprendizagem.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é boa muito boa , facilita a aprendizagem .
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é boa
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é de um instrutor, auxiliar, e companheiro de atividades.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é de uma ótima aprendizagem .
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional..

Foi muito proveitoso, muito bom . Ampliei meus conhecimentos .

E através da STE aprendi a trabalhar com várias disciplinas .Sair dá sala de aula e ir para a sala de tecnologia educacional , foi um desafio venci o medo do novo e aprendi bastante .

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguires. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é ____uma fonte_____
- 2- A Sala de Aula é _o
ensinamento_____
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é interativa_____

- 4- A minha relação com a Sala de Aula é interativa_____
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é pesquisador de conhecimentos
- 6- O aluno na Sala de Aula é um ser em busca da formação de conhecimentos de aprendizagem.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é de apoio nas atividades relacionadas a seu conhecimento e pesquisa.
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é de motivação onde o aluno se sinte competente pelas atitudes e métodos em sala de aula.
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é humana e técnica.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é de compartilhamento de ações educativas_____
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional..

Sempre ao chegar na sala de tecnologia deixo todos os computadores já ligados, assim que o professor chega com os alunos é só fazer aula. Essa aula é previamente agendada, onde o professor tem que fazer um planejamento no papel, vir na sala de STE, mostrar o que ele pretende fazer na sua aula e entregar com antecedência a mim, que viabilizo a aula conforme o planejamento do professor. Quando estou em algum tempo vago sem aulas na STE, procuro acessar os mais variados sites educativos, programas educativos, para ter algum subsídio para oferecer como sugestão para os professores fazerem suas aulas. Os planejamentos são arquivados , bem como o registro da aula nesse dia

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguires. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é um ambiente rico em informações educacionais que deveria ser mais utilizada por professores e alunos. Um lugar bom pra se aprender.

- 2- A Sala de Aula é um lugar de estudos direcionados aos alunos de acordo com o entendimento do professor.
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é satisfatória porque usufruo dela em vários aspectos. Faço pesquisas, trabalhos, aprendo coisas novas a cada dia. No entanto, como sala de ensino, precisa melhorar muito.
- 4- A minha relação com a Sala de Aula é um tanto tradicional, mesmo que tento mudar parece ser em vão. Os alunos não conseguem entender as mudanças. Para eles o novo não é bom. Parece uma coisa imutável.
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é um pesquisador mais preocupado com seus desejos pessoais do que com os objetivos do professor.
- 6- O aluno na Sala de Aula é uma pessoa passiva, que espera tudo pronto, sabe ouvir pouco e reluta em não cumprir suas tarefas.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é mais mediadora, procurando sempre ajudá-lo em suas atividades.
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é amigável, mais um tanto imperativa de minha parte.
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é interativa, amigável e respeitosa.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é cordial e participativa e interativa.
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.

A expectativa maior é de que os professores se aproximem da Sala de Tecnologia para o planejamento e preparação de atividades para serem aplicadas aos seus alunos posteriormente, o que pouco acontece. Passo a maioria do tempo auxiliando em trabalhos burocráticos da direção, coordenação e também de professores regentes. Sou tido como aquele cara que pode ajudá-los nos afazeres do dia-a-dia, como preparar um bilhete aos pais, um relatório descritivo, responder a um e-mail, escrever um texto, organizar dados, etc. o que, para um professor em sala de tecnologia, não é nada de interessante.

Passo grande parte do tempo diário limpando computadores e fazendo alguns consertos simples, como os problemas de cabos e contatos elétricos, que tem sendo comum, organizando pastas e baixando algumas atividades que encontro na Internet, organizando arquivos e banco de dados. Recebo 4 ou 5 professores

por semana para planejamento e preparação de atividades na STE. A resistência continua grande por parte de alguns professores regentes e também há muita troca de professores no meu turno Vespertino.

As crianças cobram mais vindas à STE e a resposta que os regentes dão parece ser sempre a mesma: não tenho tempo.

Não tenho percebido interesse do NTE em orientar os professores da STE nesses últimos anos. Parece que a tecnologia educacional não está sendo levada a sério. Existem professores que porque passaram na prova estão trabalhando nas STEs, mas, não receberam instruções para isso. Para se ter uma idéia, tenho encontrado professores comendo sanduíches e tomando coca cola em cima das máquinas. Os alunos comem, bebem, chupam bala e chicletes, jogam papéis pelo chão, mas ninguém fala nada. Tenho me sentido um tanto desanimado com a STE. Se pudesse a deixaria. A impressão é de que nunca irá mudar. Mas, como o futuro a Deus pertence, a gente acaba sempre acreditando em melhoras. OK.

Quem sabe um dia isso muda.

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguireis.

Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é mais uma ferramenta onde o professor poderá utilizá-la para incrementar suas aulas.
- 2- A Sala de Aula é um espaço onde professor e alunos trocam informações que contribuem para o processo de ensino aprendizagem.
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é vista com sendo um espaço em que o aluno e professores têm a oportunidade imediata de acessar as mais variadas informações, que se bem exploradas contribuirão com a aprendizagem.
- 4- A minha relação com a Sala de Aula é a de utilizá-la com o objetivo de discutir com os alunos as informações adquiridas no dia-a-dia de cada um, para transformar isso em subsídios no processo ensino aprendizagem.

- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é mais criativo e crítico na busca de informações.
- 6- O aluno na Sala de Aula é mais conservador ao buscar e transformar as informações coletadas.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é muito cordial, sempre na busca da cooperação.
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é menos cordial, uma vez que os alunos na sala de aula convencional são muito indisciplinados.
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é a de estar sempre esclarecendo e tirando dúvidas. Estamos sempre trocando informações.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é a melhor possível. Não tenho encontrado dificuldades em relacionar com o mesmo.
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.

Coordenar e agendar horários e afazeres de alunos e professores, no tocando ao uso da sala de tecnologia. Auxiliando meus colegas professores na elaboração das suas aulas na STE. Buscando novas informações que possam vir contribuir com a aprendizagem dos alunos. Fazendo manutenção nos equipamentos existentes na sala de tecnologia, e também nos móveis e utensílios utilizados na sala de informática. O professor de STE tem que ter muita dedicação e dispensar atenção especial na vida útil dos equipamentos, sobretudo em razão do valor elevado para se montar uma sala de tecnologia. Fazer as anotações de uso da sala de tecnologia por alunos e professores, para que isto possa ser utilizado nos dados estatísticos.

Prezado(a) professor(a)

Em continuidade a entrevista realizada em 2007, para a minha tese de doutorado “Sentido e Significado da Docência na Sala de Tecnologia”, necessito que complete as frases abaixo me devolva neste e-mail o mais rápido que conseguireis. Na certeza de contar com a sua colaboração de sempre, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente

Vivina Dias Sol Queiroz

- 1- A Sala de Tecnologia é inspiração.

- 2- A Sala de Aula é satisfação.
- 3- A minha relação com a Sala de Tecnologia é comprometimento.
- 4- A minha relação com a Sala de Aula é desprendimento.
- 5- O aluno na Sala de Tecnologia é liberdade.
- 6- O aluno na Sala de Aula é apatia.
- 7- A minha relação com o aluno na Sala de Tecnologia é de cumplicidade.
- 8- A minha relação com o aluno na Sala de Aula é uma mistura de empatia, mas, com um profundo desejo de mudança. O fato de entender algumas situações que sejam os motivos que levam ao o aluno ao fracasso escolar, não me isenta de continuar insistindo numa reação favorável à aprendizagem.
- 9- Quando estou na função de professor de tecnologia na Sala de Tecnologia a minha relação com o colega é de complemento.
- 10- Quando vou com meus alunos na Sala de Tecnologia, a minha relação com o professor de tecnologia é de troca de experiência.
- 11- Nas linhas abaixo necessito que você faça uma descrição do seu fazer diário como professor de Tecnologia na Sala de Tecnologia Educacional.

Logo na entrada da sala dos professores, após cumprimentá-los, vou ao mural fazer a chamada do horário da tarde àqueles que estão presentes para informá-los o tempo a que se referem suas aulas, peço-lhes o conteúdo para ser distribuído na pasta atividade dos alunos. Normalmente vem através de pendrive/cdr/cdrw/dvd, ou enviado por email junto com o planejamento. Outros o fazem enquanto os alunos executam suas atividades. Os professores se dirigem primeiramente à sala de aula, enquanto ligo os computadores e verifico rapidamente o funcionamento deles, caso a atividade esteja comigo, disponibilizo-os na pasta atividade dentro da respectiva série (ano). Quando os alunos chegam é dado os comandos pela professora regente, quando esta tem bom domínio da tecnologia, caso contrário, ela explica o conteúdo da sua disciplina e eu explico as ferramentas a serem utilizadas (seja de formatação ou uso de um aplicativo novo para aquele professor). Normalmente já procuro indicação do que seria a próxima aula dele (a), mostro-lhes algumas sugestões, sites interessantes, adaptações ou mesmo incluí-lo (a) em alguma atividade conjunta por projeto ou webquest. Nosso tempo com os professores regentes é escasso, se não aproveitarmos estes momentos, fica difícil ausentar-me da sala para propor-lhes algo. Tento otimizar o tempo deles e meu também com alguns

ajustes que normalmente tomam tempo como disponibilizar em nosso site formulário de planejamento que é só fazer o download preencher e enviar-me por email, canhotos de diário de classe digitalizados e para este bimestre preparei o diário de classe digitalizado pelo menos a segunda folha referente à relação de conteúdos (estou aguardando um posicionamento da SED para a possibilidade de fazermos digitados no próximo bimestre).

Apêndice 5 – Entrevistas Transcritas

ENTREVISTA 1:

Professora por que escolheu a área de graduação Ciências e Matemática?

__ Bom, Ciências e Matemática sempre foi o meu forte. Principalmente a Matemática. Sei lá, sempre gostei muito de números, de estar calculando, de estar fazendo especificamente o que eu não sei, mas foi isso daí. Desde criança eu sempre gostei mais da Matemática, sempre me atraiu mais. Identificava-me bem mais.

__ E por que quis ser professora?

__ Bom. Foi o acaso. Mas desde pequena eu ouvia meus pais falarem e aquilo de certa forma foi sendo gravando na minha mente. Mas chegou uma certa altura que eu percebi, que além de poder aprender eu também poderia estar passando algum aprendizado. Apesar de que o aprendizado maior que você tem no ensinar é porque a cada dia você aprende.

__ E porque quis trabalhar na sala de tecnologia educacional?

__ Porque também faz parte de uma educação. E toda vida eu gostei muito de máquina, de tá procurando, de tá me envolvendo, e achei que seria uma forma melhor de estar levando conhecimento e também aprendendo mais. Porque todo dia você aprende. O computador, ele é uma forma assim que quando você pensa que você sabe tudo, de repente você descobre algo novo. E é direto assim, constantemente.

E como é que foi a sua entrada nessa área de conhecimento?

__ Logo que o governo decidiu que teria sala de informática nas escolas, eu me interessei, fiquei super a fim, falei puxa! De repente..., é uma coisa que sempre quis e agora vou conseguir. Ai teve o curso no NTE. Veio o ofício para todas as escolas, que os professores que se interessassem para procurar e eu me inscrevi. E daí me inscrevi, fiz o primeiro curso, fiz o segundo, fiz projeto e mandei o projeto do eu queria para sala de tecnologia e mandei e acabou sendo aceito, e fiquei na sala, estou aqui até hoje. No início com 40h, hoje com essa mudança do governo estou com 20h e em outubro vou fazer uma avaliação para ver se seguro a minhas 20, que eu gostaria muito.

Que formação inicial você recebeu para desempenhar a sua atividade docente na Sala de Tecnologia Educacional?

Então. Como eu falei. Eu sempre gostei muito de máquina e ai com o curso do NTE começou a minha formação.

E como está sendo este processo de formação para você continuar aqui?

__ Nós tivemos agora a poucos dias um novo curso que o NTE ofereceu e realmente tudo aquilo que nós já trabalhamos, já é o que nós estamos seguindo, que a gente tem conhecimento e eu creio que não vai ter problemas não. Eu acredito que realmente vão ver do que somos capazes. Que aquilo que nós trabalhamos no dia a dia mesmo.

E, como é que você se vê aqui no espaço da sala de tecnologia?

_ Eu me sinto realizada, porque a cada dia que eu posso estar levando conhecimento, tanto aos alunos, como para os professores e ajudo de todas as formas eu me sinto cada dia mais realizada. Mas logo que vim para cá, de início eu fiquei assim meio apreensiva e depois houve uma certa época que você percebe alguma diferença de professores com você, porque aqui na sala de tecnologia, nós temos por exemplo

mais privacidade. Mas tudo que eu faço aqui, eu faço com muito amor. Eu procuro envolver os professores. Estou sempre conversando, procurando incentiva-los que isso tanto é bom para nós, como é bom para as crianças, para os alunos e que é um crescimento muito grande. E para os alunos eu sempre digo que o amanhã deles está aqui, hoje e o amanhã principalmente. Que tudo, vai chegar uma certa altura da nossa vida que tudo vai ser máquina. Tudo vai ser computadorizado mesmo. Eu ajudo os professores a prepararem suas aulas. Estou sempre ajudando nas máquinas quando o aluno não entende. Porque tem professores que são leigos totalmente em relação à informática e nem por isso eu deixo de convidá-los, de trazê-los para cá. Eu os ajudo no preparo da aula, eu os incentivo na abertura de pastas, a salvarem as atividades nas pastas, a desenvolverem atividades com os alunos, etc.

__ **O que é preparar aula?**

__ Preparar aulas seria preparar a aula na pasta do aluno para que ele pudesse desenvolver a atividade relacionada com a matéria do professor.

__ **E você precisa saber da matéria do professor para isso ou não?**

__ Não, não tem necessidade, você vai na pesquisa, você procura e ou mesmo você pega aquela atividade que o professor está trabalhando porque ai o professor quando ele percebe que você está ajudando ele se envolve, eles mostram, olha eu fiz isso, olha meu livro, veja meu caderno, ai, você fala, então vamos digitar isso, vamos fazer de tal forma, vamos trabalhar com tal programinhas, e vai criando, quando o professor que estava resistindo, quando ele percebe já está aqui dentro trabalhando e gostando muito.

__ **E quais atividades que são feitas?**

__ Nós trabalhamos tanto no Word, como digitação, pesquisa na internet, e no power point, muitos trabalhos nós fazemos. Inclusive, nesse envolvimento todo que talvez não faça parte disso hoje, mas você vai perceber que vai fazer parte ao longo do tempo. Nós elaboramos um projeto, já por esse motivo de professores resistirem à sala de tecnologia. Então nesse projeto, nós estamos aulas aos sábados, convidamos alguns professores que tem muito conhecimento, tanto da nossa escola, como de outras escolas e esses professores estão vindo aqui ministrar tipo um curso. Neste curso, nós elaboramos, procuramos o NTE, e vamos poder dar certificado. Eu creio que isso também é um incentivo._

__ **E como é que os outros te vêem?**

__ Eu me sinto realizada dessa forma que estou te falando. Eu gosto realmente do trabalho que eu faço. Agora que os outros pensam. Sei lá, sempre tem [bochichos]. Porque a sala, você vê tem uma certa mordomia relacionada a quem está em sala de aula, lá com aluno direto, escrevendo no quadro. Aqui estou em frente a uma máquina. Estou cuidando de tudo isso daqui, do ar condicionado, mas tranqüilo, eu considero assim. Então diretamente para mim, nunca ninguém falou, mas sei lá, você houve bochichos que..., olha a dondoca, olha ela pode, olha ela está tranqüila, ela não faz nada. E na realidade não é isso. Você faz e muito mesmo e a responsabilidade, que desde o momento em que entrei aqui, eu procuro assim..., muita responsabilidade, olho máquina por máquina, quando o aluno entra, quando o aluno sai. Procurar, para ver se não aconteceu nada, para ver se está funcionando realmente, então essa é minha forma de ver. Lá fora eu não sei. Mas assim, a direção da escola, me dá muito apoio, sempre estão aqui. Quando precisam de alguma coisa sempre me procuram. Se tem algum problema com máquinas lá na secretaria eles correm e dizem, aconteceu tal coisa, você poderia nos ajudar. E graças a Deus eu sempre tenho conseguido, ajuda-los, ou quando eu preciso aqui também eles vêm. O relacionamento tem sido ótimo. Com a comunidade, com alunos eu

sinto que eles têm um grande respeito por mim, porque até quando eles entram, aquele alvoroço que os alunos fazem, eu falo, olha gente e tal, aqui não é local, então você percebe um olha para o outro, eles olham para mim e me respeitam, essa é a realidade.

__ E você considera que a sua na sala de tecnologia se diferencia do espaço da sala de aula ? Por que?

__ Sim é diferente porque quando você está em sala de aula com aluno, o tempo que você tem para estar pesquisando, é somente para preparar a sua aula. Aqui então você está assim, a cada instante você está procurando uma coisa diferente. Quando eu estou aqui eu tenho liberdade para pesquisar outras áreas. E para mim é um crescimento, porque aí eu vou conhecendo também. E tem a questão de lá (na sala de aula) você usar muito o quadro. Você escreve, você usa muito o eu, o seu falar, o explicar. Aqui também você faz o explicar, o falar, mas é de uma forma diferente. Está na máquina. Ele (o aluno) está lendo. Então você passa as instruções né, olha: vamos pesquisar aqui. Vamos resolver de tal forma. Se ele tem alguma dúvida, ele te chama: professora, então você vai lá e vai conversando. É totalmente diferente até porque quando nós iniciamos e até hoje, quando inicia o ano, nós vamos na sala eu converso com eles. Quando eles chegam aqui eu explico que a máquina não é só para ele, que é para o colega, que é para o irmão que vem amanhã, que vem no ano seguinte, que tem que conservar. E eu creio que tudo isso que você passa de bom para eles vai crescendo, cresce muito no dia a dia deles. E eu tenho uma leve impressão que eles gostam muito dessa sala aqui, porque quando eu saio no portão, passo no pátio ou no corredor eles vêm correndo e falam professora eu sou da sala tal que dia que eu vou ter aula lá. Então eles me procuram muito para saber, então eu creio que eles gostam muito daqui sim.

__ Então eles acham que essa sala daqui é sua?

__ Exatamente, na sua sala eles falam, mas é a forma de ver, porque estou sempre aqui dentro, mas a sala aqui é deles, não é minha não.

__ E você também acha que essa sala é sua?

__ Não, não acho não, mas é assim, você se empenha muito em estar procurando, em estar fazendo, então você acaba se envolvendo demais.

__ E você participa de todas as atividades da escola?

__ Não, nem sempre.

__ Por que?

__ Às vezes não sou convidada, às vezes está acontecendo.

__ Esquecem de você aqui?

__ Um pouco, até porque também, geralmente na hora do recreio, do intervalo é difícil eu sair porque sempre eu tenho uma coisinha para fazer ou mexer em uma máquina ou programar ou mexer nas pastas dos alunos e então não é sempre que estou lá. Talvez eu seja um pouco culpada por isso também.

__ Trabalhar aqui tem aspectos positivos, benefícios e tem negativos, que são as dificuldades, quais seriam esses aspectos na sua opinião, os positivos e os negativos?

__ Os positivos, creio que é o crescimento, de você está junto com o crescimento de tudo, relacionado à internet, à pesquisas, notícias, programas diferentes que você pode estar salvando, em fim, a forma de você fazer. O negativo é aquilo que eu disse no início, que às vezes algum colega te olha de forma diferente, isso é muito ruim, me incomoda.

__ Alguns tem receio de vir aqui?

__ Às vezes sim, eu tenho que agradá-los muito, eu fico sempre convidando e eu procuro às vezes pesquisar mais na área deles. Porque eu quero mostrar para ele que eu não estou parada ou que eu não estou tranqüila, como alguns professores dizem. Assim tranqüila, como se diz folgada, mais ou menos isso, mas sim procurando, fazendo, até quando nós lançamos esse projeto aqui da sala de tecnologia, quando eu digo nós, porque a direção, a coordenação interagiu, ajudou, achou ótimo, então, eu cheguei na sala e falei com muito carinho. Aqueles que acham que não podem, que não sabem, que tem alguns professores que falam que tem medo de quebrar, por isso que não vão, porque eu não sei mexer. Então foi onde eu disse, agora você vai poder aprender, você vai ver que não é nada disso.

__ **E você prepara a aula para outro professor, como é que é isso?**

__ Não eu dou idéias.

__ **E eles aceitam?**

__ Aceitam, e é aquilo que eu te disse, no momento eu que eu começo a passar e falar sobre o que eu descobri ali, o que eu tenho aqui eles também falam, eu tenho isso, eu tenho aquilo. Então você percebe que eles estavam com algo preso dentro dele que ele poderia fazer.

__ **Você incentivaria outros colegas a assumir a sala de tecnologia? Sim. Não. Porquê?**

__ Sim.. inclusive essa moça aqui, que eu estou incentivando ela, o professor de Geografia do matutino e tem uma professora que trabalhou aqui, só que ela é convocada e esses dois são efetivos. Ela é convocada e ela também quer muito a sala no período da tarde que está sem professor. Mas parece que no momento, a própria Secretaria de Educação está dando preferências aos efetivos. Mas eu tenho incentivado, eu digo para as pessoas, gente é um crescimento muito grande. É algo muito bom trabalhar na sala de tecnologia.

__ **Você acha que ficou alguma coisa para você comentar.**

__ Não de momento não, acho que falei até demais. Eu creio que não, mais ai se você quiser perguntar mais alguma coisa estou disponível.

ENTREVISTA 2:

Professora por que escolheu a geografia como área de graduação?

__ Eu gosto muito da área de meio ambiente. Acho que nós temos que também defender o nosso Planeta eu acredito nisso, foi por isso. Eu sempre fui muito preocupada com o mundo, com a sociedade em si. Eu sempre tive essa preocupação com a sociedade, com o mundo, como que ele poderia ser diferente, ser melhor, sempre tive essa preocupação. desde quando eu era criança.

__ **O que aconteceu assim, quando você era criança, que você tinha essa preocupação?**

__ Quando eu via lixo na rua, via lixos nos rios, via as pessoas desrespeitando o meio ambiente. Eu sentia uma tristeza dentro de mim, desde quando eu era criança. Eu queria ajudar, eu queria fazer alguma coisa, quando tinha trabalho na escola nessa área eu sempre me envolvia.

__ **E por que que você quis ser professora?**

__ Na verdade eu não queria ser professora. Eu queria trabalhar na área de geógrafa mesma. Só que depois, como não encontrei campo de trabalho nessa área eu comecei

a dar aula no meu Estágio e comecei a gostar e nunca mais me desvinculei. Foi aí que eu me descobri na sala de aula. Vi que tinha jeito com as crianças, gostava e foi assim que eu me descobri. Eu não fiz faculdade para ser professora eu queria ser geógrafa.

__ E por que você quis trabalhar na sala de tecnologia?

__ A tecnologia é um enigma. É sempre novo. E como eu gosto de enigmas, para mim é tudo de bom a informática ela está sempre renovando. Você tem que estar aprendendo. Eu gosto de coisas que eu tenha que estar sempre aprendendo,...desafios. Eu gosto de desafios. Então a tecnologia para mim é sempre um desafio e isso para mim é fascinante. Eu adoro.

__ E como é que foi a sua entrada nessa área do conhecimento? _

_ Bem, teve uma seleção. Foram vários professores, inclusive aqui nessa escola tinham 3 concorrentes. Nós fizemos um projeto e cada professor apresentou o seu projeto e foi escolhido pelo grau de conhecimento dentro da área de informática. Como eu já tinha feito alguns cursos pelo Senac, pela UCDB quando eu fazia faculdade e outros antes, até pela Federal eu já tinha feito alguns cursos na área de informática, aí eu fui a escolhida pelo grau de conhecimento.

__ E além desses outros cursos, que formação inicial que você recebeu depois que você foi selecionada?

__ Bem, nós tivemos lá no Núcleo de Tecnologia, no NTE, nós fomos orientados pelos professores multiplicadores do NTE, porque eu não tinha conhecimento da informática na educação. Então lá que nós fomos orientados para dar aula na sala de tecnologia voltada para a educação. Ajudar o professor, auxiliar o professor e o aluno naquilo que ele está estudando na sala de aula.

__ E Como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia Educacional?

__ Esse ano nós passamos por um curso, foi o primeiro do ano até de preparação para uma outra prova que nós vamos ter. Então assim eu continuo não do jeito que eu gostaria, porque eu acho que os cursos deveriam ser mais longos, com mais tempo para a gente se aprofundar mais. Eles fazem um curso assim, rapidinho, de uma semana, muito artificial e ninguém, acho que consegue ir a fundo. Eu gostaria que os cursos fossem mais longos para que nós pudéssemos aprofundar mesmo, conhecer mais.

__ E como você se vê aqui nesse espaço da Sala de Tecnologia?

__ Eu me sinto como se eu fosse uma professora de Educação Física, tem que trabalhar com todos os alunos e isso é maravilhoso porque você acaba conhecendo todos. E o meu relacionamento com os meus colegas é bom. Eu nunca tive problemas com nem um deles. Eu adoro aqui, apesar de ser uma escola simples, nossa clientela é na maioria crianças bem carentes, mas assim, eu dou aula aqui e dou aula numa escola particular. Eu aqui nessa escola, eu me realizo muito mais. Porque as crianças são muito mais interessadas. Eu vejo que os alunos melhoram muito depois que eles começaram a vir aqui. Os interesses delas e 3 vezes mais do que lá na escola particular que eu dou aula também de informática lá e aqui. Dou aula lá na

sala de aula e na sala de informática, então assim, aqui eu percebo que as crianças têm muito mais curiosidade, tem muito mais interesse, eu me realizo quando eles realizam as tarefas e eu gosto também de estar sempre buscando coisas novas.

- E como é o seu trabalho?

Eu aqui na escola trabalho mais com alfabetização. Então eu auxilio, eu sento com o aluno. Eu ajudo o aluno, eu ajudo o professor. É um trabalho conjunto. O que ele está fazendo eu também faço com os alunos. Se tiver que pegar na mão para trabalhar com o mouse eu pego. Sento do lado, converso com esse aluno, vejo as dificuldades dele, procuro sanar essas dificuldades, no que ele estiver precisando. E se tiver que explicar a aula em si eu explico. Ajudo o professor naquilo que ele precisa. Porque se você faz uma aula legal, planeja antes, você se prepara para essa aula, essa aula vai ser uma aula maravilhosa do começo ao fim. E os alunos gostam das novidades, dos joguinhos (on line). Por exemplo, tem vários jogos educativos que eles utilizam, então, é uma forma de aprender brincando.

__ E como é que os outros segmentos te vêem? Os professores, a direção, como é que eles vêem você aqui dentro?

__ Nossa diretora, ela trabalha em conjunto. Ela sempre da muita força, tem as duas, a adjunta, que é da parte pedagógica, ela me da força em tudo. Tudo que eu preciso eles estão sempre dispostos a nos ajudar. A coordenadora é maravilhosa, inclusive ela trabalha à noite aqui na sala de tecnologia. Ela ficou no meu lugar, porque eu trabalhava à noite e de manhã, então ela me apóia em tudo. As três. A diretora, a coordenadora e a diretora adjunta. Eu acho assim, que o nosso trabalho é legal e dá resultado porque tem um trabalho em conjunto.

__ E Como os demais segmentos te vêem?

Digamos que no início era assim: Eles morriam de medo dos computadores, então, não queriam nem conversa comigo. Quando eu falava de darem aula aqui, de virem planejar, eles já ficavam chateados. Mas agora não, eles me procuram, eu procuro ser muito amiga deles em todos os sentidos. Eu superei isso. E eles me procuram mesmo. Até às vezes me cobram quando eu estou meio enrolada com alguma coisa, eles cobram dizendo: Professora tem aula? Como é que nós vamos fazer? Então é muito legal. Até me mandaram aula por e-mail quando não podem fazê-la aqui. Seria até legal se você fizesse uma entrevista com eles também. Mas eu vejo assim: Que hoje eu tenho um bom relacionamento com eles. Eles vêm na sala e já me vêem como uma pessoa normal da escola, ou seja, que faço parte do conjunto mesmo.

E o que você faz com esse professor?

__ No caso, eu trabalho mais aqui, alfabetização. Então eu auxilio, eu sento com o aluno. Eu ajudo o aluno, eu ajudo o professor em conjunto. O que ele está fazendo eu também faço com os alunos, se tiver que pegar na mão para trabalhar com o mouse eu pego, sento do lado, converso com esse aluno. Vejo as dificuldades dele, procuro sanar as dificuldades, no que ele está precisando. Se tiver que explicar a aula em si eu explico. Ajudo o professor naquilo que ele precisa. Pergunto o que que ele está trabalhando. Quais são as dificuldades que os alunos estão tendo na sala de aula, aí eu procuro pesquisar coisas para ajudar, vamos dizer assim, para ajudar ele melhorar

na sua sala de aula. Nós fazemos muito isso aqui. Fazemos projetos para ajudar o professor.

E você participa de todas as atividades da escola? Sim. Não. Porquê?

__ Você acha que a sua atividade aqui se diferencia da sua atividade lá na sala de aula?

__ Atividade lá e aqui, vamos dizer que aqui é um complemento de lá, porque lá ainda nos dias de hoje, ainda, vamos dizer assim, é uma coisa mais formal que o aluno trabalha a parte..., Tudo bem que você pode inventar atividades diferentes com ele lá para ele aprender, mas aqui ainda é uma coisa nova para eles e para os professores e para mim. Ainda é uma coisa que você..., você chega aqui encontra uma coisa renovada, diferente, que o aluno..., ele tem um campo enorme. Na sala de aula tudo que a gente propõe para os alunos fazerem eles acham entediante. Eles não querem pegar nos livros, lerem os livros. Nós estamos fazendo um trabalho aqui na sala de tecnologia com os livros para que eles gostem mais dos livros. Está sendo interessante porque aqui para eles é fascinante. O dia que tem aula aqui é uma festa. Eles fazem de tudo para que ninguém fique sem vir para cá.. Eles gostam da sala de tecnologia.

__ O que eles mais gostam aqui?

__ Olha depende do que você propõe a eles. Se você faz puma aula legal, planeja antes, você se prepara para essa aula, vai ser uma aula maravilhosa do começo ao fim. E eles gostam das novidades, dos joguinhos (on line), por exemplo, tem vários jogos educativos que eles utilizam muito, para a criança estar aprendendo brincando, é uma forma de aprender brincando. Então eu utilizo muito. Eles adoram esses joguinhos. Tudo que eu proponho fazer aqui eles gostam, mas eles gostam mais desses jogos (on line), tanto de Matemática, Língua Portuguesa, qualquer área.

__ Isso tudo está na internet?

__ Isso tudo está na internet.

__ Então a internet você considera que é o carro chefe?

__ Digamos que sim, porque sem a internet o professor iria ficar limitado. Ele ia pegar o que ele tem no livro e ia montar sua aula. Tudo bem que ele poderia usar vários..., power point e realizar sua aula, mas sem ela ele iria ficar limitado ao que ele tinha e que existem nos livros. A internet sempre tem coisas novas.

__ Você considera assim, que aqui tem aspectos positivos e negativos e quais seriam?

__ Aqui tem, negativos e positivos. Por exemplo: positivos, quando o professor vem, ele prepara a aula dele, planeja direitinho ai a aula deslancha e vai embora. Negativo quando o professor traz o aluno aqui, porque tem que trazer.

__ Você incentivaria outro colega a ser professor da sala de tecnologia?

__ Sim, tanto que os dois professores que estão, que um ficou no meu lugar e outro está entrando agora eu que fiquei no pé deles, incentivei, estou dando toda força para eles, no que eles precisam eu ajudo.

__ Por que?

___ Por que eu acho que além de estar contribuindo para melhorar a escola toda e ainda para que acabe com essa coisa do medo da tecnologia, do medo da máquina, do medo de trabalhar numa coisa diferente. Acho que o professor ele tem que estar inovando. Ele tem que estar crescendo sempre. A aprendizagem do aluno nem sempre acontece só em sala, mas também fora de sala de aula. A aprendizagem do aluno precisa ser melhor observada. A sala de tecnologia apesar de algumas relutâncias mostra que o professor não pode continuar achando que vai resolver tudo só em sala de aula.

___ **Muito obrigada, se faltou alguma coisa que eu não tenha perguntado e que você quiser fazer um comentário final.**

___ Eu diria assim, meu comentário final, que as mudanças e crises elas são boas e são ruins, porque são nas crises que nós crescemos, então essa crise que nós estamos passando na área de tecnologia para mim está sendo desconfortável? Olha, para ser sincera para mim está. Porque é mais cômodo, quando eu fico só na sala de tecnologia. Porque ficar na sala de aula e aqui ficou complicado. Porque agora eu tenho que me preocupar com os planejamentos dos professores, eu tenho que me preocupar com o horário que eu faço aqui, com todos os relatórios que tem que serem feitos e ainda tenho que me preocupar em atender bem os professores e os alunos e me preocupar em planejar as minhas aulas, fazer as minhas aulas para a sala de aula e para a sala de tecnologia. Fazer os meus planejamentos na sala de aula e aqui na sala de tecnologia. Isso as vezes é complicado. Mas eu estou dando conta direitinho, mas é muito estressante. Tanto é que tem vários colegas meus que saíram da sala de tecnologia por isso. Mas por outro lado a gente vai crescendo com elas (as crises). Então assim, eu acho que é um obstáculo a mais que nós vamos ter que vencer e isso vai passar.

ENTREVISTA 3:

___ **Professor por que escolheu a matemática como área de graduação?**

- Por afinidade. Eu já tinha feito administração de empresas com ênfase em análise de sistemas na 2ª turma do CESUP e como administrador de empresas eu já dava aulas de matemática à noite.

- **E porque quis ser professor?**

- Porque eu sempre fui um bom aluno. Então eu pensava: se sou bom aluno então serei um bom professor. Então eu parti desse princípio. Como um bom aluno, serei um bom professor também. Eu sempre talvez, bem lá no fundo eu sempre quis ser professor, então por isso que eu escolhi. E como eu falei eu trabalhava durante o dia e dava aula à noite.

___ **E por que que você quis trabalhar na sala de tecnologia?**

___ Porque eu já mexia com computação desde os 15 anos. Eu peguei os primeiros computadores que eram aqueles da tela preta, letra verde. Você tinha que estar decorando muitos comandos porque naquela a informática não era igual hoje. A gente trabalhava praticamente com o sistema operacional mesmo. O (DOS) né? Tinha o (LOTS) 1, 2,3..., etc., etc.

___ **E a iniciativa de trabalhar na sala de tecnologia? Foi sua?**

__ No caso foi. Também pela necessidade da escola. Então dentro da necessidade, do perfil que a escola precisava, ela se identificou com a minha pessoa. Então aí a diretora me convidou para trabalhar na sala.

E como foi a sua entrada nessa área do conhecimento?

_ Então. Desde os 15 eu já trabalhava com computador. E eu sempre fiz muito curso, principalmente pelo SENAC. Então eu fiz muito na área administrativa. Comecei lá no SENAC, aí fui desenvolvendo..., fiz datilografia, tenho uns 4 ou 5 cursos só de datilografia. Aí quando a prefeitura deu cursos eu fiz também. E foi aí que eu adequiei junto a parte pedagógica, que eles davam. Aliei a técnica com a pedagógica. Então inicialmente eu achava assim que eu tinha conhecimentos técnicos e tinha o pedagógico também, porque eu já dava aula há bastante tempo. Mas aliar a técnica com o pedagógico na sala não é fácil.

Como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia Educacional?

__ Eu continuo fazendo os cursos, já fiz o último agora com essa mudança de governo. Fiz o gerenciamento também da prefeitura. Porque a sala para funcionar, precisa que a parte técnica esteja funcionando também. Hoje a gente tem problema muito na parte técnica, porque o atendimento é demorado e assim derrepente você está a 100 por hora, desenvolvendo um trabalho, aí você para porque a parte técnica ela é demorada. Então se houvesse mais rapidez na parte técnica, a pedagógica funcionaria. Porque a gente não vai trabalhar só televisão, só vídeo como está sendo colocado. É preciso entender, o que os alunos querem, o que é novidade para eles. Até agora é novidade a informática. Mesmo nesses 4 anos, eles querem ir na sala de informática para usar o computador. Tem uma televisão lá na sala com vídeo, mas eles querem o computador, a internet principalmente. Não adianta você fazer as atividades só no Word ou no Excel. O aluno hoje já não aceita. Tem que estar navegando e descobrindo mesmo. Isso chama a atenção do aluno.

_ A internet é assim no seu ver é o carro chefe, vamos dizer assim...

__ no caso, para descobertas hoje, o conhecimento está muito rápido, a internet seria uma das alternativas.

_ Como que você se vê no espaço da sala de tecnologia?

__ Eu não me vejo como professor de Matemática apenas. Eu me vejo como professor que tem que estar atento a todas as disciplinas. Porque não adianta falar, só vou dar palpite em matemática que é a minha área, não tem como. Tem hora que tenho que dar palpite em Geografia, em História, Português para saber se aquela minha proposta vai ser aceita ou não. Eu me coloco como um intermediador entre o aluno e o professor. Procuro saber o que o professor quer e o que quer. O que o aluno está esperando dessa atividade. O que o professor está esperando. Olha só: Eu voltei em um cargo para sala de aula, no período noturno. E olha para mim, que nunca tinha dado aula na EJA, é a primeira vez que estou dando aula na EJA, eu vejo que hoje a dificuldade é muita do aluno da EJA. Mas é uma dificuldade que pode ser trabalhada. Não é aquela questão de aprendizagem apenas, mas é de auto-estima também. Hoje o aluno, que tem 65 anos e está na EJA, ele vai na sala de tecnologia. Tem a dificuldade? Tem. Só que eles procuram superar. Toda vez que eles vêm na Sala de Tecnologia, a cada acerto que eles conseguem na atividade, eles vibram. E

isso motiva também, até mesmo a minha aula que é de Matemática. Tanto que quando tem dois tempos de aula na STE eles falam: ué já acabou a aula?

__ Como que funciona isso? Explica para mim direito que não entendi.

__ O professor, ele chega aqui na sala e diz: Vou fazer uma pesquisa. Mas nem sempre ele limita essa pesquisa. Então eu pergunto: Mas o que especificamente o professor quer? Ele insiste: Eu quero fazer uma pesquisa sobre 10 cidades de Mato Grosso do Sul. Eu quero igual está nesse projeto. Tudo bem, mas tem hora que mesmo o professor tendo feito o seu projeto, o seu planejamento, ele se perde. Então, na hora que eu vejo que aquela pesquisa não está tendo um rendimento, eu já vou lá e converso com o professor: Olha porque que você não faz assim. E é na hora mesmo, porque nem tudo que está no papel dá certo. Tem hora que não dá. E o bom é que eles aceitam a interferência. Porque a forma como você chega e fala para o professor faz a diferença.

__ E como que o professor recebe essa sua interferência?

__ Eles aceitam a interferência. Porque é a forma como você chega e fala para ele. Aí ele aceita em diz: então vamos mudar essa parte aqui, vamos assim..., mesmo no andar do projeto. Porque um projeto tem que ser mais flexível mesmo. Se você viu que aquilo que ele colocou no papel não está dando certo nesse momento, que dá para ser modificado, tem que modificar sim, até pela questão do tempo. Teve um professor por exemplo, o da Educação Física... Ele entrou hoje lá na sala, aí ela viu que a pesquisa que ela fazer sobre dança não iria dar tempo, aí ela já mudou de opinião, porque ela viu que não daria certo. Que dança? Você tem pouca coisa sobre dança, mas o esporte naquela cidade que ela escolheu para ser pesquisada tem bastante. Tem por exemplo, esporte, e na área de esporte tem natação, tem futebol. E aí eu sugeri para ela o seguinte: Já que você vai fazer sobre esporte, então você pega o grupo, ele fala esse grupo só pesquisa sobre esporte nessa cidade. O futebol nessa cidade, como está? Esse outro só com a natação. Tudo ali na hora mesmo. E ela fez o cronograma, ela fez o planejamento, mas na hora de aplicar o planejamento que estava ali, ela viu que não estava dando resultado, que os alunos não estavam encontrando, que eles estavam navegando ao vento. É muita informação na verdade. Mas filtrar essa informação que é o problema.

__ E como que os demais seguimentos..., como que os alunos te vêem?

__ Como eles me vêem? Olha no caso aqui, na escola, os alunos vêem assim, tem um problema: eles vem, falam assim para mim: como é que eu resolveria esse problema. Eles me vêem mais assim como aquele professor, que se tiver algum problema ele pode vir que ele será orientando. É assim que eles me vêem.

E os professores?

__ Também.

__ E a direção?

__ Também.

__ E a coordenação?

__ Também.

__ E os outros funcionários?

__ Também.

__ Então você é o solucionador de problemas?

__ É eu sou o solucionador dos problemas. Porque eles sabem que podem contar comigo. Eles me chamam a qualquer hora e eu estou sempre disponível. Para mim não tem questão de horário. Tudo que eu posso fazer eu faço. É para o bem da escola.

_ Bem pelo visto você participa de todas as atividades da escola?

- É participo mesmo.

_ Você considera que sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional se diferencia da atividade docente no espaço da sala de aula? Porque?

__ Não é a mesma coisa porque acaba não sobrando muito tempo. Porque hoje por exemplo para eu desenvolver a sala de aula, eu me envolvo muito mais em sala de aula. Na tecnologia eu me envolvo? Envolve. Mas é igual eu falei, sou intermediário. Tem o professor regente que ele vai desenvolver mais e tem o professor da sala de tecnologia que ele se envolve mas não é aquela dedicação exclusiva, como em sala de aula. Em sala de aula eu trabalho à tarde em sala de aula e à noite, então eu me dedico muito. Tanto é que eu peço até assim..., até a diretora às vezes quando ela me chama eu não saio de sala. Porque ela sabe que eu não saio. Eu falo, não vou..., se der um tempo, corro vou lá e vejo qual é o problema. Mas assim, em sala de aula a gente se envolve mais, como professor regente do que em sala de tecnologia. Porque a sala de tecnologia você vai se envolver um pouco ali, um pouco ali, mas não exclusivamente em cada disciplina né. Você tem que ter o conhecimento da disciplina do colega mas não com aquele envolvimento..., né, da aprendizagem deles. É mais na questão mesmo de intermediação. A parte técnica misturado com a parte pedagógica. Mais a parte técnica do que a pedagógica. A pedagógica ele entra? Entra um pouco. Mas por exemplo, a técnica ela entra mais. Porque o aluno hoje por exemplo, nem sempre aquele que fica no (cyber) direto ele vai saber desenvolver a atividade, né. Ele acha assim, ele sabe alguns comandos de teclado, de internet, mas o pedagógico esse aluno não sabe. Então a sua atividade aqui, ela é diferente da sala de aula por que, quando chega por exemplo, a estragar um equipamento, aí entra a parte técnica, não entra a parte do professor não. principalmente porque aqui na escola a gente teve muitos problemas na parte elétrica e ainda tem, porque essas escolas são pré moldadas então ela teve esses problemas assim de esticar fio, acabou dando problema em toda parte elétrica. Então por isso que estou falando, tem hora que você é professor, tem hora que você é técnico.

__ Você considera que exercer a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional tem aspectos positivos (benefícios) e negativos (dificuldades)? Porque?

_ O ponto positivo? Seria o fato de que é preciso ficar por dentro da linguagem habitual mesmo. Por exemplo eu não sabia o que era o MSN; eu não sabia o que era o Orkut. Eu até falava errado. Falava iogurt, mas o pessoal falava Orkut, Orkut, aí que eu fui lá e iniciei. E assim a gente começa a ficar por dentro das novidades tecnológicas mesmo. Hoje por exemplo, você vê um aluno de 10 anos falando sobre o MSN, como se ele tivesse muita intimidade. Ele fala: __ você vai lá e adiciona foto, assim e assim ! Eu tive alunos à tarde que eu ficava ouvindo a conversa deles. E eles sabem bem mais coisas do que a gente porque eles mexem e remexem em toda parte. E assim a gente

começa a ficar por dentro das novidades tecnológicas mesmo. Hoje por exemplo, você vê um aluno de 10 anos falando sobre o msn, como se ele tivesse muita intimidade. E fala você vai lá e adiciona foto, assim e assim. Eu tive alunos à tarde que eu estava ouvindo a conversa dele. E eles sabem mais coisa do que a gente. Bem mais porque eles mexem e remexem ali naquela parte. Por exemplo: Nós estamos entrando lá nos programas do MEC né,. Eu estou trabalhando números inteiros, então eu trabalho o (rived), que foi o último que deram lá no curso. E aí eles trabalham números inteiros em termos de fusos horários, saldo bancário e também a temperatura, e a aprendizagem fica mais dinâmica. E o o aspecto negativo é o que eu falei, a parte mesmo de atendimento técnico e a parte de reposição de peças né, que acabam faltando muitas peças e você tem que esperar e as vezes a escola não tem como estar repondo né, tem que esperar repasse e assim, não vem esses repasse. Mas mais mesmo é a parte de atendimento técnico. Tá demorando muito o atendimento e também assim, eu ainda acho que essa questão de não usar o servidor, o professor da sala deveria ser revisto. Não ter a senha de acesso do servidor. Hoje por exemplo, sai um computador fora da rede, eles falam assim, não vê pelo remoto, mas nem sempre eles vêm ver o remoto, aí eles falam assim, tem que marcar um dia para ir aí. Aí isso vai uma semana, duas, mas eles juram que são dois dias o prazo, mas demoram bem mais que dois. Mas se agente tivesse a senha do servidor para estar colocando o computador que sai fora da rede, porque sai, né, seria uma coisa simples.

__ E você incentivaria outros colegas a ir para o STE?

- __ Eu incentivaria pelo menos para estar modificando a metodologia de sala de aula para que ver que nem sempre acontece só em sala, mas também fora de sala de aula, essa aprendizagem do aluno. Eu incentivaria sim, tanto é que eu incentivo, é claro que ainda tem as relutâncias, ainda achando que vai resolver tudo só em sala de aula.
 __Então muito obrigada, não sei se você quer falar mais alguma coisa...
 __ Não, não tenho mais nada para falar.
 __ Então muito obrigada.

ENTREVISTA 4:

_Professor porque que o senhor escolheu esta área de graduação?

__ Olha foi na época era a oportunidade do momento, que em Campo Grande só tinha na época a FUCMAT hoje a UCDB, ai surgiu uma nova Universidade, Faculdade, na época e foi que eu consegui conciliar Faculdade e serviço, que na época eu trabalhava em Banco, então por isso que eu digo foi a oportunidade do momento sabe.

__ E por que quis ser professor?

__ Em função do curso que havia feito na faculdade. E também na época eu estava sem emprego. Fiquei sabendo do concurso, fiz passei, assumi, trabalhei durante 9 anos no curso técnico de contabilidade até a sua extinção.

__ E porque a sala de tecnologia. Porque que escolheu a sala de tecnologia?

__ Bom, a sala de tecnologia foi mais em razão da extinção do curso técnico em contabilidade, 99 foi o último ano que trabalhamos com ele, foi extinto e ai a diretora me chamou, pediu para mim..., até me lembro bem da frase dela: sobrou para você a sala de tecnologia. Eu disse: ta bom. Ai fui me preparar, comecei a fazer, porque não

havia até então conhecimentos, assim que fosse suficiente para assumir, mas comecei por conta própria e fui aproveitando os tempos vagos, fazendo treinamento e fiz treinamento inclusive, num curso que eu fiz na Universidade Federal, curso de manutenção e o NTE que na época me ajudou muito em função dos cursos oferecidos por eles lá, de capacitação.

_Que formação você recebeu para desempenhar a atividade docente na Sala de Tecnologia Educacional?

__ Olha, comecei pelo básico. Nós começamos aliás pelo básico e ai foi a medida do possível, foram tendo novos cursos, foram incrementando os cursos, na época também nós tínhamos um encontro que nós fazíamos semanalmente do coordenador da sala de informática. O pessoal da sala de informática de Campo Grande, na época se não me enganar eram 7 escolas então logo no início tínhamos um encontro semanal, que era realizado entre os coordenadores das salas de tecnologias e mediado pelos instrutores do NTE/CGR, onde eram trocadas experiências e formadas novas idéias para serem aplicadas nas salas de informáticas, e isto foi muito importante para o grupo de professores.

__ E como que vem sendo este teu processo de formação nessa área?

__ Olha de formação na verdade eu tenho hoje 940 h aproximadamente de cursos de capacitação, seminários, é formação em nível de faculdade, universidade eu não fiz nem uma até o momento. Eu estou trabalhando sempre dois períodos de manhã e de tarde, já trabalhei de manhã e noite no laboratório de informática e isso ai é bastante cansativo e mesmo em função dos cursos que eu tenho feito que tem me dado subsídio, acho que necessário para mim conduzir a sala. Eu tenho feito até agora, apenas cursos de capacitações, como disse aproximadamente 940 h, 950 h de treinamento, de capacitação.

__ E Como é que você se vê aqui nesse espaço?

Olha normalmente, até eu costumo dizer, eu sou professor tanto quanto os outros são. Só que do ponto de vista de estar aqui normalmente eu sou tratado assim, a gente sente uma certa valorização. Eles valorizam muito o colega professor que está aqui dentro e agente trabalha..., o meu trabalho aqui dentro da sala de informática é estritamente pedagógico. È em benefício da educação, eu não faço nada que não seja voltado para isso. A gente ajuda o professor a preparar aula, o meu trabalho aqui é na hora que o professor desce com os alunos, é liberar as pastas, por as atividades nas pastas dos alunos, é ver aquele probleminha porque aqui nós trabalhamos com 25 computadores para os alunos, evidentemente que durante a aula dá um probleminha, ele trava você está lá para resolver aquele problema. O professor te chama para ver onde pode encontrar determinado conteúdo, você sempre tem uma dica para o professor. Pelo menos a gente procura ter. o professor que está aqui dentro, não é que tenha que saber todas as disciplinas, mas normalmente a gente tem uma dica porque durante o tempo que às vezes eu tenho aqui, às vezes eu vou anotando que o professor está pedindo. Eu queria um assunto sobre isso..., falar sobre História sobre Geografia, eu estou buscando, vou anotando endereço, vou anotando a forma de como ele trabalhar, isso eu vou passando para os professores. E olha trabalhar assim, não é que eu tenha que obrigatoriamente saber Matemática, saber Língua Portuguesa, Inglês, é como eu disse, a gente apenas indica o caminho para ser encontrado aquilo que o professor quer. Então a gente normalmente tem as manhas de como achar, a gente sabe o endereço que o professor vai procurar, muitas vezes o professor chega

aqui e fala quero fazer uma aula sobre isso. Eu falo, então você me dá o conteúdo e eu monto a aula para você. Porque o conteúdo eu tenho que saber, que conteúdo você está trabalhando. Agora as ferramentas, muitas vezes a ferramenta. Porque o quadro de professores é um quadro que muda muito, até porque a nossa escola é de um Bairro distante e às começa o semestre, novos professores e isso aí dificulta o trabalho da gente. Você tem que trabalhar com aquele professor, você tem que informar para ele que nós temos a sala de aula, a sala de informática, melhor dizendo. E esse professor leva um certo tempo para começar a adquirir aquela idéia de que a sala de informática é uma ferramenta muito próxima para ele aplicar na sua disciplina. E 7 anos de sala de informática acho que a gente já tem uma certa familiarização. É muito diferente da sala de aula convencional ou da regência porque aqui a gente se sente mais valorizado e a gente tem assim, a confiança. Eu adquiri nesse tempo a confiança de muitas colegas, que sempre estão me procurando e perguntando: Como é que faz isso? Como é eu resolvo isso na aula? Como eu preparo uma aula? E isso aí é bastante diferente. Eu me sinto muito mais, professor aqui do que propriamente na sala de aula, em função até do respeito que a gente tem dos alunos.

__ E como é que os outros segmentos te vêm? Os outros professores, a direção, os alunos, os pais....

__ É conforme eu disse. Os professores, os alunos, a direção, todos confiam muito na gente. Nós nos damos muito bem nesse trabalho, nesse entendimento – professor, direção, coordenação. Porque como eu disse a gente já tem certa experiência. Não quer dizer que a já sei tudo, de forma alguma, mas tem sido assim, bastante harmonioso o nosso trabalho. Em relação aos pais, eu já ofereci cursos para eles. Tinha um projeto chamado “aprendendo com meu filho”, onde o aluno era o professor dos pais. E foi muito interessante porque o pai ou a mãe que não sabiam nem pegar no mouse, foram ensinados pelos seus filhos. E eles se admiravam: Puxa! O meu filho sabe isso? Então eu digo assim: Aqui nós trabalhamos em conjunto para que a nossa escola que sempre foi um diferencial em relação aos projetos propostos para ela, continue a fazer a diferença na região.

__ E como que era essa questão do aluno ensinar o pai?

__ Era aquele aluno que já tinha passado, porque como eu disse no início a aluno não sabia pegar no mouse, então começava o ano fazendo o que, uma semana de treinamento para ele, de reconhecimento. Então depois de 4, 5 meses evidentemente que o aluno já sabia, tinha um certo domínio da máquina como às vezes você não sabia, encontrava o pai, o pai vinha na reunião e nem sabia que tinha sala de informática aqui, então eu achei melhor trazer esses pais, vários pais para cá, para que eles pudessem ter ciência que aqui existia sala de informática, que sala de informática não era uma coisa só de escola particular, então o aluno sentava junto com o pai aí ia dizendo como é que pegava no mouse, como é que digitava o nome dele, então isso aí para o pai era o máximo. Era bom para o pai, era empolgante para o pai e para o aluno também, se sentia assim..., hoje eu estou ensinando meu pai, tanto é que, aprendendo com o meu filho.

__ Você participa de todas as atividades aqui da escola? Ou te esquecem aqui na sua sala?

__ Não..., aqui é uma escola que ela participa de inúmeras atividades internas e externas, não sei se as demais escolas são assim, mas aqui existe até em função de ser uma escola que no início e até hoje se destaca das demais digamos assim, é..., eu participo do máximo que eu posso, a gente faz apresentação para os pais..., de..., os

país são chamados aqui a gente às formaliza, faz uma apresentação, hoje nós temos data show, notebook, então a gente faz essa atividade, muitas vezes usando a ferramenta do power point, passa para os pais né, e, a gente participa no que pode né, porque também a nossa sala de informática é bastante usada, quase lotado, então se agente não estiver presente aqui mesmo, dificulta o trabalho do professor, mas sempre que eu posso estou participando das demais atividades da escola.

— E você como professor, você acha que o seu trabalho aqui nesse espaço ele se diferencia do espaço da sala de aula e porque?

— Olha..., como eu disse eu tenho 7 anos de sala de informática. Trabalhei sempre 2 períodos durante esse tempo. Agora tive que forçadamente voltar um período para a sala de aula como regente é muito diferente, mas muito..., Inclusive estava falando com um professor esta semana, a semana passada que alunos da tarde que vem aqui no turno oposto vem de manhã fazer trabalho, pesquisa, eu estava dizendo o seguinte, olha que diferença que tem do aluno na sala de aula e do aluno que está aqui dentro. Aqui, eles se interessam, eles tem uma outra postura. Então é muito diferente da sala de aula convencional, pelo menos eu sinto assim, a gente é procurado..., é dirigido com a palavra senhor..., como é que eu faço isso aqui. Na sala de aula você não encontra isso daí, é muito diferente. É aluno pulando..., gritando..., não se comportam. O próprio aluno que lá é desse jeito, chega aqui dentro, ele é diferente. Até já falei para o pessoal, olha que diferença. Se eu disser que esse mesmo aluno lá na sala de aula, dá vontade até de mandar para fora, chega aqui ele é totalmente diferente. Sabe, desde o início eu impus uma certa disciplina aqui dentro e não abro mão disso daí. Aqui eles se comportam. Eles se interessam. Eles tem uma outra postura. Então é muito diferente da sala de aula convencional. Pelo menos eu sinto assim. A gente é procurado. É dirigido com a palavra senhor. É indagado! Como é que eu faço isto aqui? Na sala de aula você não encontra isso daí. É muito diferente na sala de aula e aluno pulando.. gritando..., não se comportam. O próprio aluno que lá na sala de aula é desse jeito, chega aqui dentro, ele é diferente. Até já falei para o pessoal: - olha que diferença! Se eu disser que esse mesmo aluno lá na sala de aula dá vontade de mandar para fora, quando ele chega aqui dá gosto de trabalhar com ele. Ele é totalmente diferente. E tem mais, a gente vai agregando conhecimentos porque a gente começa a ter conhecimentos de História, conhecimentos de Geografia, Português, Ciências, Biologia, porque não tem como a gente absorver tudo, mas a gente vai adquirindo certos conhecimentos e é muito bom para a gente. Por isso que eu digo para os alunos, o computador é uma ferramenta que você pode acrescentar muito no seu conhecimento. Eu sinto assim, eu sinto que a gente vai adquirindo aos poucos, mas isso agrega conhecimentos para a gente. Pelo menos eu sinto assim.

— O que você poderia pontuar para mim, o que você acha da sala de tecnologia? Ela tem aspectos positivos e negativos, é claro. Quais seriam os aspectos positivos e negativos?

— Olha, positivos, acredito que são muitos. Eu sempre costumo dizer para o aluno, ele tem aqui na frente dele uma ferramenta que ele pode acessar e ver praticamente todas as disciplinas que ele tem na escola. É uma coisa nova, renovada no dia a dia. Todos os meses, toda semana, todo mês está renovando. De ano a ano está sendo renovado. Hoje em dia com a inclusão da (luso) do computador na educação como ferramenta a inovação é muito constante. Então o aluno tem essa possibilidade de estar sempre com uma coisa nova, basta saber usar. Porque trabalhando aqui dentro,

acho que a gente vai aprendendo cada dia mais porque na informática não tem esse negócio de saber tudo, nem, eu não sei e acredito que não tem ninguém que saiba, mas cada dia você está aprendendo uma coisa nova que pode estar passando para o professor, passando para o aluno, tá passando para a direção. Você vem interagindo com o mundo todo, né. _ E na sala de aula é bem mais difícil isso aí. Você tem que pegar alguma coisa lá fora, levar. Se não tiver, se você não tiver um computador com internet em casa, ou aqui mesmo usando daqui, você fica às vezes aquém daquilo que você deveria estar passando para o aluno.

__ E quais as dificuldades assim, quais os aspectos negativos?

__ Negativo é aquela questão que tem sempre o aluno que vem aqui, não são todos, mas tem alguns que não querem usar o computador da forma como deveria usar no laboratório de informática de uma escola. Porque muitas vezes o aluno sai de casa vai para o (saber) e lá ele acessa o que ele quer, ele não tem restrições e aqui dentro a gente tem que ter essas restrições até por conta do tempo que é muito pouco e mesmo você não pode. Se você estiver em uma sala de informática de uma escola e tá acessando coisas que não contribui para a educação, acho que não é conveniente, então muitas vezes o aluno teima em querer entrar em alguma coisa, você tem que estar ali, é..., existem algumas coisas que você às vezes não tá assim..., é, mas não estou compartilhando né, mas no todo acho que tem muito mais benefícios, pontos positivos do que pontos negativos.

__ Você falou que a questão maior é o aluno querer entrar em lugares, digamos assim, não seria permitido, mas como é que fica? Esse aluno ele te obedece quando você fala com ele?

__ Olha na maioria das..., como eu falei, desde o início eu impus uma certa disciplina, falei olha aqui tem que ser assim, então quando o aluno já chega para fazer alguma pesquisa, o mesmo quando o professor desce com o aluno eu já anoto o número do aluno para sentar naquela máquina isso é um fator inibidor que inibe muitas vezes o aluno querer fazer coisas que não devem. Nossos alunos aqui, no início do ano eu já passa para ele o que pode fazer, agente traz ele aqui. Eu passo na sala dizendo que ele tem que usar a sala de informática como um instrumento que venha tornar em benefício da sua aprendizagem. Então quando o aluno tenta fazer isso aí, a gente normalmente fala com ele, dá um tapinha nas costas, ele já sabe que ele está fazendo coisa errada, de tudo se isso não valer a gente termina encaminhando ele para a coordenação e normalmente isso é contornado aqui.

- E os professores que não trazem os alunos?

Eles acabam trazendo, porque chega um momento que o professor fala assim: Não tem jeito, meus alunos estão cobrando, dizendo que todos os professores trazem e eu não trago meu aluno. Como é que eu faço uma aula aí na STE? Aí eu falo: Senta aqui que nós vamos preparar uma aula. Porque muitas vezes o professor fala: Olha a Sala de Tecnologia eu acho que vai ser uma perda de tempo. Mas daí ele vem, uma vez, vem duas e fala assim: Olha, sabe que é bom? Porque estimula o aluno!

__ E você diante disso que a gente está vivendo, você incentivaria outros colegas a serem professores aqui, ter sua lotação na sala de tecnologia?

__ Olha no momento não.

__ Por que?

__ Porque, bom desde a resolução 1842, é antiga, que foi revogada por essa resolução atual já existia aquela questão do professor que vem para cá ele perdia a

sua vaga como professor regente, isso já é um ponto negativo, o professor ficava sem saber, e ai. Foi justamente o que aconteceu agora. O retorno desses professores para a sala de aula podendo ficar só um período como professor em sala de informática causou um transtorno terrível. Então enquanto essa nossa permanência não for regulamentada eu acho que se torna até inconveniente o professor deixar seu período garantido, sua vaga garantida lá e vir para cá correndo o risco de amanhã ou depois ter que voltar e chegar lá não encontrar sua vaga.

__ **Mas ai como é que ficaria o atendimento aos alunos se ninguém quiser?**

__ É verdade, eu acho que é um caso, eu tenho dito até que de repente, é..., os órgãos superiores vão ter que correr atrás de professores ai para assumir sala de informática, porque no momento que estou vendo é só professor dizendo eu não vou mais assumir sala de informática, não quero mais. Está em um total desestímulo. Inclusive, hoje estava conversando com uma professora que veio de uma outra escola para cá, que perdeu o período lá, que teve que pegar um pouco de aula aqui, um pouco de aula em outra escola, ela estava dizendo eu arrependi de ter ficado os dois períodos na sala de aula, na sala de informática. Em função disso ai, eu perdi minha vaga, estou correndo atrás de vagas para complementar minha carga horária, é isso ai, um pouco aqui, um pouco em outra escola. Isso ai está me dificultando muito.

__ **Mas com o fechamento de salas o professor não corre o risco de ficar sem lotação?**

__ Pois é, nós, nosso Estado pelo que sei tem muitos professores convocados e o professor que hoje é efetivo ele tem direito dessas vagas. Em função disso ai, às vezes pode ser até uma forma de conseguir ainda o retorno da sala de aula dentro da sua disciplina. Só que eu digo o seguinte, nós estamos no mês de agosto, já caminhando para o mês de setembro, é comum nessa época do ano, as salas estarem um pouco vazias, aquele aluno que vai desistindo, pedindo transferência. E ai eu pergunto o seguinte, quando chegar o ano que vem que as salas estiverem super lotadas ta o diretor correndo atrás de professores ai. E ai vai encontrar o professor a onde? Ele foi dispensado. Ai ele vai conseguir um professor convocado com certeza. Professor que vai ter que se adequar a sala de aula. Acho que o prejuízo maior vai ser para o aluno.

__ **se você quiser fazer alguma consideração, ou algo que você queira falar mais um pouco a gente tem um tempinho.**

__ Não, só tem para dizer o seguinte, que esta falta de regulamentação para o professor que está aqui tem trazido transtornos enormes para nós professore, para a direção, para a escola, para o aluno, para os pais que hoje vê a escola que depois de uma longa batalha, todas as escolas que eu saiba, pelos menos que eu sei tem sala de informática. E que uma sala de informática depois de montada ela agrega um valor em dinheiro bastante grande. É um patrimônio e deixar esse patrimônio sem utilizar, eu acho que é uma perda muito grande para a escola, para o Estado, para o aluno. Então acho que eles deveriam ter assim, uma forma já que a sala de informática..., o computador na educação é uma realidade, assim como é na universidade, também no ensino regular, fundamental ou médio, pelos a partir de hoje, no nosso Estado é uma realidade, tem mais é que resolver esta situação.

__ Por enquanto muito obrigada. E vamos ouvir aqui, como ficou.

ENTREVISTA 5:

Professora, porque escolheu essa área de graduação?

Por gostar de crianças. Eu já trabalhava. Já havia feito o magistério e aí veio aquela conversa que no Estado todos teriam que ter o curso superior. Eu fiquei preocupada. Ai eu pensei: Bom, eu tenho uma filha. Pra mim que tem uma filha, nossa! Ficar os 3 turnos fora de casa. Então eu escolhi a distância. Disse pra mim mesma: Vou fazer na UNOESTE paulista ... E assim pra mim foi um crescimento grande, apesar do povo não dar assim... importância para o ensino a distância. Mas pra mim foi muito importante. Com o ensino a distância, você aprende muito. Quando você se dedica a qualquer forma de estudo, mesmo a distância, você aprende bastante. E eu sou feliz Vivina, porque fiz a Pedagogia. As vezes eu penso em continuar... Mas você sabe que hoje tá difícil a condição financeira.. E eu agora no momento, não tenho assim condições de fazer um mestrado. Mas eu penso em fazer... Ainda tenho esse sonho de poder fazer o mestrado. Apesar da gente não seguir carreira, de estudar, mas eu gostaria de me aperfeiçoar, de aprender mais . O aprender na vida do ser humano é a coisa mais importante. Quer dizer, você sempre está aprendendo.

E Porque quis ser Professora?

Porque quando eu era criança o professor tinha destaque na sociedade. Era elite . E o meu pai ele era uma pessoa semi-analfabeta, mas sempre deu muito valor ao ensino, à aprendizagem. E falava assim: Minha filha um dia vai ser professora. Ele ficava apaixonado ao ver uma professora passar. E quando eu estava com seis anos de idade, e não era idade da educação infantil ainda, ele pediu para eu ser aluna visitante de uma sala de aula. Ele era muito apaixonado por essa profissão. E por ele ser apaixonado influenciou em mim também. Então eu cresci dizendo que seria professora. Ele era cearense, a cada ano nascia um filho. Tinha um filho por ano e condições financeiras era assim, “ele era vendedor de roupas feitas”. Meu pai sempre gostou de trabalhar com comércio e eu acompanhava esse comércio. Fazia compras com ele. Naquele tempo era armarinhos, não era igual hoje assim, as lojas. Os grandes comércios eram chamados de armarinhos. Em Maringá, em Cianorte e eu fui me afeiçoando, tomando amor por essa profissão pela qual eu fiz a opção e também devido a condições financeiras, eu não poderia fazer um outro curso.

Eu achei interessante quando você falou assim: Naquela época o professor era destaque na sociedade. E hoje?

Hoje eu vejo assim o professor.. ele não brilha tanto como antigamente. Devido à política né. A política que não dá assim o valor que o profissional da educação merece. Porque... Professor.... Todos passam por um professor. Todas as profissões né. O professor teria que ter uma imagem assim destacada. Esses dias mesmo, eu assisti a uma reportagem, falando assim que o professor ele é o início de uma luz. Que a partir do momento que ele está com o aluno na sala de aula com 7 anos de idade, o professor ele é um espelho. O aluno ele começa a se espelhar no professor. Por exemplo você fala, você convive com o aluno e muitas vezes quando aluno assim.. vai fazer algo errado, ele lembra mas não é assim, meu professor falou que não é assim. Então eu acho que o professor, ele não tem a importância que ele deveria ter. Ele deveria ser mais destacado, mais valorizado como profissional. Em todos os sentidos. Não só no financeiro, mas em todos os sentidos.

Hum Hum. E aí? Quando você fez o seu curso de Pedagogia à distância, por qual meio foi?

Foi por apostila.

Apostila? Hum. E tinha encontros presenciais. Como é que era?

Tinha encontros presenciais, . Uma vez por mês, nós íamos, fazíamos a prova em Presidente Prudente. Era sempre aos finais de semana. Sexta e sábado né. Nós ficávamos 2 dias lá. E foram 3 anos. Nós viajávamos 1 vez por mês. E daqui de Campo Grande iam 3 ônibus. Chegávamos lá, íamos direto pra faculdade, pegávamos o material para o mês. E aquele material, nós vínhamos com o material, nós trazíamos, estudávamos e aí fazíamos a prova.

E aí... depois disso tudo, depois de 13 anos de Magistério, porque que você quis trabalhar na Sala de Tecnologia Educacional?

Olha eu achei assim interessante. Achei muito interessante inovar, porque na sala de aula, você fica ali, fechada, no quadro de giz. Você não participa muito de capacitações. Nenhuma quase, porque você tem o compromisso do calendário escolar. Então aí ele se fecha. O professor deixa de estar se atualizando. E a tecnologia ela veio assim.. pra inovar, pra mudar né, pra facilitar aprendizagem do aluno.

E como foi a sua entrada nessa área do conhecimento?

Estava um período livre, ouvindo os convites do NTE , para cursos de capacitação. Então decidi aprender informática. Confesso que tive muito medo de tamanha responsabilidade. Mas fiquei sem uma sala de 20 hs aqui na escola. E o meu sonho é o de me aposentar por esta escola. Então, fazendo uma pesquisa sobre lotação, descobri que poderia ser lotada na STE aqui da escola. Não foi fácil. O diretor na época teve medo que eu não conseguisse fazer um bom trabalho. Afinal a Sala de informática era vip! Todos com medo me diziam: Você vai sair da sala de aula e depois? O diretor dizia: você tem pouco conhecimento. Mas eu disse: vou me atualizar buscar ajuda de colegas que tem mais conhecimento e também dos alunos. Porque não?

Então você fez muitos cursos para assumir sala?

No NTE. Sempre no NTE. O NTE foi uma fonte pra mim que jamais vou esquecer. Pelo apoio, que eu senti, pela segurança. Porque quando eu comecei na STE eu tinha medo de não dar conta do trabalho. Assim, no primeiro dia de aula ali no NTE, pra mim... Você acredita que eu tive problema com a direção do mouse? Eu fiquei nervosa. Eu não conseguia sabe? O mouse ia pra lá, pra cá. Ai o professor conversou comigo, você também lembra? E isso foi nos fortalecendo. Eu e os demais professores que ali faziam curso. Quando nós chegamos na escola, e eu assumi a STE aqui..... Naquela época, eu tava ainda assim... fechada pra tecnologia. Eu não sabia que a tecnologia iria oferecer tantas coisas boas, importantes, coisas assim.. como atividades prazerosas para os alunos. Porque é importante que você tenha um aluno, uma aluna que faz parte do seu contexto no dia a dia, falar assim “ olha! Aqui a gente aprende brincando! Ser parada na rua em . em pleno domingo, estar andando numa rua e ouvir “ Olha a professora de informática! Que dia que vai ter agenda professora? Então, isso traz felicidade pra nós professores.

Isso faz com que você se sinta reconhecida como professora?

Sim isso faz com que eu me sinta feliz pelo trabalho. Porque eu estou ali contribuindo, ampliando o conhecimento do aluno. E o aluno ele não tem essa

oportunidade de usar o computador como ele tem aqui na escola. O aluno não tem oportunidade de trabalhar com jogos. Da minha parte, eu fico muito encantada com a parte da Educação Infantil.

Mas é muito importante também para o Ensino Médio. Mas você assim, você fica feliz. O que motiva mais é a parte da educação infantil, porque é a minha formação.

E o que você percebe quando está ali trabalhando com as crianças na STE?

Eu percebo que as crianças, elas aprendem. Umamudam o comportamento, porque se você propor assim momentos para elas de atividades. Elas perguntam? Nós não vamos na informática? Eu sinto isso, porque sempre que venho substituir alguma professora na período da tarde, na hora que entro na sala eles já perguntam: Professora, você vai me levar pra informática? Aí eu falo assim: Vamos olhar se tem agenda. Se a agenda não estiver preenchida nós vamos. Aí eles ficam felizes. Você precisa de ver o olhar brilhante que eles ficam. Aí eu falo pra eles: Vamos fazer a atividade proposta, depois eu deixo vocês entrarem em sites culturais ta?. E eles ficam muito felizes, me chamam. É muito gratificante mesmo.

E os outros professores das outras salas?

Os professores também gostam. Só que nós temos ainda, professores... assim da minha época mesmo, da minha formação, que tem dificuldade em... por exemplo: Em fazer o planejamento. Eu como professora de STE eu tenho que estar motivando: Olha! Aqui tem isso, tem esse recurso. Eu estou sempre incentivando, oferecendo e até mesmo ajudando-os a fazerem o planejamento deles. Fazendo mesmo. Então eu pergunto: O que você está trabalhando? Leitura, separação de sílabas. Isto de e 1 a 4. Já o professor do ensino médio ele na maioria ...já tem o conhecimento. Já sentam na máquina, já fazem o planejamento e nós temos aqui na escola... a maioria do ensino médio trabalhando muito bem. São aulas bem interessantes.

E tem algum professor do ensino médio que não vem à STE?

O professor de Educação Física. Ele continua resistindo. Dos anos iniciais, só uma professora que não vem.

Você falou que recebeu uma formação inicial no NTE. E daí? Como vem sendo o seu processo de formação para você continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia Educacional, acompanhar este professor que trabalha no ensino médio, este professor que trabalha com crianças. Como vem sendo essa formação?

Sempre pelo NTE. Mas neste ano, nós não tivemos nenhuma capacitação mais. Tá parado o processo de capacitação para o professor da STE. Nós estamos aguardando. Agora nesse momento estamos sem nenhuma capacitação, mas sim preocupados, com a nova resolução da STE, que não permite mais ficar lotado na STE em tempo integral. A lotação em tempo integral na STE facilitava o profissional da STE em fazer cursos e as capacitações oferecidas até mesmo pela SED. E isto me preocupa porque o professor em sala de aula, não pode estar deixando seus alunos. Aí eu me vejo como os outros professores, que não fazem cursos porque tem de cumprir o calendário. Eles falam: Mas como o professor vai deixar a sala de aula? Não dá. Não tenho tempo. Porque o professor ele tem uma família. Ele tem outra jornada fora da escola. Então eu penso que devia ter um horário mais flexível para o professor de sala de aula possa fazer cursos.

Bem você falou que se sente feliz, se sente realizada. Então me diz: Como você se vê no espaço da Sala de Tecnologia Educacional? E como os alunos, os outros professores, os pais, as mães, a direção, a coordenação pedagógica, os funcionários administrativos, enfim, os outros segmentos. Como que é isso?

Bom, eu me vejo uma pessoa, uma professora como as demais. Uma professora com outra opção de aula. Porque o que muda é só o recuso que é diferente, mas, o pedagógico continua o mesmo, a relação com as crianças, com os alunos, com os profissionais, é a mesma. Porque o que faz o professor ser diferente é a maneira de cada um. É o individual de cada professor. Porque veja: Eu sou presidente do colegiado, sou representante sindical. Então eu sempre procuro sempre estar participando de tudo que a escola ofereça.

E a escola te convida pra tudo então? Você participa de todas as atividades da escola?

Sim. Eu sou convidada sim. Já fui convidada pra fazer parte do conselho comunitário. Já representei a escola uma vez que a secretaria de segurança convidou o representante do bairro para a composição do conselho municipal. Ninguém se ofereceu. Ai a direção da escola me perguntou se eu poderia ser a representante. Eu aceitei. Eu fui. Eu acompanhei. Foi interessante participar. Estar levando as ocorrências da escola, estar trabalhando a questão da violência com os alunos. Porque todo professor tem que estar aberto para o mundo. Tem que estar preparado, se atualizando. Tem que saber o que está acontecendo dentro e fora da escola.

Então pra você tanto faz, ser professora em sala de aula, ou ser professora da STE. Ou você considera que a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional se diferencia da atividade docente no espaço da Sala de Aula?

Tanto faz. Mas eu acho assim . Se eu pudesse, eu continuaria somente na sala de tecnologia. Eu escolheria ficar na sala de tecnologia, porque é um ambiente agradável. É um ambiente que eu gosto, que não tem a mesma rotina. Cada dia é um dia diferente. Cada dia é um dia com atividade diferente. E nós sabemos, que na sala de aula não é assim. Aqui eu tenho que estar sempre motivando o colega. Às vezes chega um professor e me pergunta: Tem um computador sobrando aí, pra eu fazer o meu planejamento? Eu digo: Se não tiver a gente dá um jeito. Pode vir. Então é isso, A minha atividade aqui exige muita responsabilidade. Exige, que eu me relacione bem com todos os outros professores.

E agora você poderia me apontar os aspectos positivos e os aspectos negativos de exercer sua atividade docente no espaço da STE

Bem. Os positivos são: O atendimento à toda escola. O atendimento integral da escola.

O que é isso de atendimento integral da escola?

Por exemplo: O ensino médio tem disciplinas que nós não estudávamos na época. E hoje, nós estamos ali junto com o professor, nas aulas. Então isso faz com que eu acabe aprendendo também. Certo? E a sala de aula. É assim um ambiente fechado, que você não tem oportunidades de levar o aluno pra fora, devido à disciplina, a indisciplina . E também, até a insegurança e a segurança da sala de aula hoje. Você

vê aí o que está acontecendo. Hoje, você não pode mais tirar o aluno da sala de aula nem pra um passeio cultural. Então isso acaba dificultando o trabalho do professor.

E aí você acha que no espaço da Sala de Tecnologia você tem mais liberdade, mais autonomia?

Com certeza. O aluno tem contato com um mundo diferente.

E que mundo diferente seria esse?

Diferente. Os alunos fazem do espaço da STE um mundo diferente. Quando eles estão na STE, eles fazem muitas atividades ao mesmo tempo. Eles ouvem música. Eles lêem notícias. Eles procuram saber sobre um assunto que naquele momento lhes interessa. Eles conversam *on line*. Eles mesmos se proporcionam coisas novas sem precisar que o professor lhes autorize. É uma aula diferente. Eles se comunicam com outras pessoas. Eles saem dos muros da escola. Eles aprendem. Nas avaliações, os professores dizem isso. Nas atividades propostas, os professores corrigem e eles as acertam.

E os aspectos negativos?

Negativos. Eu acho que a falta de recursos financeiros. Porque estragam máquinas, teclados, mouses, demora bastante para serem consertados. Eu acho assim.. que deveria ter um recurso, uma verba especial pra tecnologia. Que a escola tivesse um atendimento especial pó parte da SED.

E com essa história aí da gente ter que assumir um período na sala de aula, eu estou preocupada. Eu estou tensa. Eu assumi uma sala de anos iniciais em outra escola. E eu estou ficando preocupada, porque as escolas estaduais não oferecem mais como antes, o ensino de 1 a 4 porque agora é competência do município. A cada ano fecha-se uma sala nas escolas estaduais. E eu tenho perguntado sobre isso no sindicato. O que o governo vai fazer comigo, por exemplo, que tenho 20 anos de magistério em um cargo e 17 em outro? O governo tem que me dar uma explicação. Quando eu assumi a STE com 40 horas aqui na escola, foi num momento que eu teria que buscar lotação em outra escola, porque 1 a 4 estava diminuindo. Eu mesma iria ficar sem sala de aula. E eu trabalho. Eu tenho experiência. Não tenho medo de trabalhar. Não tenho medo de ir buscar informação, porque o mundo da tecnologia é imenso. Não tem fim. E nós estamos aprendendo cada dia mais na STE. E essa preocupação com essa nova resolução pode ser negativa para a minha avaliação nessa prova que eu terei que fazer para continuar com 1 cargo na STE. Essa avaliação é quem definirá... Poder ser até que eu não fique aqui na escola. E eu estou passando por um momento difícil na minha vida. Consegui comprar uma casa financiada aqui em frente à escola. Estou pagando ainda. Tenho 1 filha de 11 anos de idade que eu fico tranqüila de deixar, porque estou trabalhando bem em frente de casa. Eu tenho medo de deixar minha filha sozinha, com tanta violência acontecendo aí na sociedade. Agora com essa mudança, eu tive que me lotar em uma vaga sobreposta lá na escola Olinda. Veio uma ordem que nós tínhamos que nos lotar. Olhe, tem muitos colegas que preferiram sair da STE porque eles pensam assim, se a cada ano for acontecer uma mudança, então é melhor garantir logo a minha vaga. Porque para essa mudança aí, nós não fomos chamados. Nós não fomos convidados. Veja bem: Quando eu comecei na Sala de tecnologia eu fui convidada até a participar da Resolução. Que é um momento raro né? Agora nós estamos assim...só recebendo as resoluções, só recebendo. O professor não está sendo ouvido. A verdade é essa. E

nós gostaríamos de sermos ouvidos, de sermos chamados. Qualquer mudança na nossa vida, eu acho que nos deveríamos ser ouvidos.

Pela antiga resolução você tinha o espaço da STE assegurado?

Ah. Eu tinha. A minha lotação de 40 hs estava assegurada. Eu estava tranqüila .Eu tinha o espaço garantido. Só dependia de mim. Se eu fizesse com amor, com dedicação, acredito que nada seria obstáculo para eu continuar. Nós podíamos estar sempre nos capacitando. E essa mudança... Nós não sabemos o que vai nos acontecer. Se o professor será avaliado todo ano, porque a resolução... ela não assegura nada. Olha, é muito difícil estar passando por essa situação. Essa nova resolução ela trouxe muitos transtornos . Precisamos nos lotar e não estamos encontrando vaga. Nos lotamos na vaga de outro. O sindicato diz que nós temos o estatuto do magistério e que não era para estar acontecendo essa loucura toda. Na realidade, o profissional está desesperado, procurando garantir o seu direito, o seu espaço.

E diante de tudo isso aí que está acontecendo você incentivaria outro colega a ser professor da STE?

Sim porque os pontos positivos são maiores. Eu tenho certeza de que mudando os nossos governantes, novas mudanças vão ocorrer. Tenho certeza de que o professor que for para a STE ele não se arrepender.

Puxa! Como é interessante a gente conversar. Então agora eu gostaria assim que você acrescentasse alguma coisa a mais que você acha que tenha faltado.

Olhe eu gostaria de ser assegurada. Gostaria de ter a minha vaga na STE assegurada. Porque o professor ele trabalha tanto, que ele precisa ser valorizado.

É impressão minha, ou tem algumas lágrimas aí escorrendo?

Olhe eu estou com problemas na vista. Já fui ver, mas não descobri ainda. Mas essas mudanças aí...E fala-se tanto hoje na síndrome de *barnout*. Que eu estou sentido o quanto essas mudanças tem me afetado. Quando eu fiquei há 7 anos atrás sem 20hs eu fiquei 15 dias de licença médica. E agora eu estou aí tentando me segurar para ficar bem. Porque está mexendo com o meu psicológico. Você sabe que mexer no seu trabalho te afeta. Mexe no psicológico. Nós sabemos que a nossa vida depende do trabalho. Esse ambiente tem de ser um ambiente de prazer, um ambiente de paz. Um ambiente de felicidade. Pra mim hoje, se eu tiver de sair dessa escola, será uma frustração muito grande, porque eu tenho um sonho. Um sonho de me aposentar por esta escola. Eu moro em frente a escola, posso estar na escola a toda hora. Eu não preciso de outro meio de transporte. E se eu tiver que ir com cada 20hs para duas escolas diferentes e distantes, vai ser um transtorno para mim... Gostar com ônibus ou com gasolina, vai interferir e muito na minha vida pessoal. Se eu tiver que ir, eu vou. Mas que vai trazer problemas vai.

ENTREVISTA 6:

— Por que você escolheu Biologia? Ciências Físicas e Biológicas?

— Fiz na UFMS, sempre gostei muito de Química, Física e Biologia, então gostava disso daí e resolvi fazer. Fiz vestibular, passei logo, então ai comecei a fazer Biologia. E há 12 anos atrás o Curso de Biologia tinha muito Química e Física, hoje parece que o Currículo está mais enxuto, direcionado mais para a área de Biológica. E com isso acabei me tornando professor de Química, Física e Biologia.

__ E porque você quis ser professor, depois de uma trajetória longe da educação?

__ Olha eu sempre gostei. Acho fascinante essa coisa de ensino. Eu sempre gostei muito dessa área. E até acompanhando meus filhos, tenho dois filhos, uma inclusive está fazendo faculdade agora. Então a gente acaba sempre se envolvendo com esta questão e mesmo antes de fazer faculdade eu já lecionava. Mesmo porque eu também eu fui criado com uma família em Araçatuba que tinha professores. Eu tenho 5 irmãos de criação, e todos eles são dentistas e dão aulas. A vida inteira eles deram aulas. Então aquele meio também me puxou e eu acabei pendendo para este lado. E como eu queria um dia ter uma faculdade como eles, eles são dentistas, e eu acabei fazendo Biologia. Talvez isso tenha tido uma influência grande que me fez tomar esse rumo.

Por que quis trabalhar na Sala de Tecnologia?

_ Muito bem, eu já tenho 12 anos de magistério, acho que esta área tem muito a ver com o meu trabalho como professor nas escolas estaduais. Eu comecei há 12 anos na Escola Joaquim Murtinho, trabalhando como professor de Química e Física. Fiquei 3 anos na Escola Joaquim Murtinho e como professor convocado passei para a escola 26 de Agosto, onde fiquei mais 2 anos e de lá fui para o Lúcia Martins Coelho, onde fiquei mais 2 anos. Trabalhei na Copa Vila, na Escola Delmira Ramos, na Escola Manuel Bonifácio, onde estou até hoje. Trabalhei em algumas Escolas do Município, como na área do Aero Rancho. Então eu tenho essa trajetória e essa monografia tem muito a ver com a minha essa minha atuação como professor do Estado. E como professor convocado eu fui fazendo essa maratona por algumas escolas. Há 4 anos atrás fiz concurso, então me efetivei. Logo que me efetivei, foi implantado na escola a sala de tecnologia. Ai recebi o convite se queria passar para a sala de tecnologia, e achei que talvez seria importante passar para a sala de tecnologia tendo em vista de que eu teria ai um novo aprendizado, acumularia um aprendizado importante. Então foi por este motivo, acho que acabei passando para a sala de tecnologia.

E como foi a sua entrada nessa área do conhecimento?

-Eu já sabia um pouco de computador, conhecia o word, sabia escrever e já usava para preparar as minhas provas. Algumas coisas eu fazia, planejamento e já fazia no computador.

__ E você aprendeu como a usar o word?

__ Eu fiz uns cursinhos, por minha conta, antes da chegada dessa tecnologia. Então a diretora me convidou, falou quem queria, eu falei eu gostaria de fazer esta experiência e ai acabei passando para a sala de tecnologia. E depois disso fui fazer os cursos que o Núcleo de tecnologia oferecia, como fiz o word, power point, excel, construção de páginas, artes. Os cursos que foram oferecendo eu fui fazendo. Hoje eu devo estar perto de 400 horas de curso.

E como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia?

-Bem estando na sala de tecnologia, resolvi fazer esta Pós em Gestão de Sistemas de Informação pela UNIDERP e estou concluindo agora com esta monografia que fala

sobre a utilização do computador como uma ferramenta pedagógica para auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem. Eu procurei fazer uma pós que tivesse o conhecimento pedagógico e tecnológico juntos, porque é complicada essa ligação, mas eu consigo enxergar um pouco diferente. Eu acho que eu busquei esse conhecimento. Essa pós me deu um embasamento tecnológico bom, além dos cursos que recebi do NTE. Então o conhecimento tecnológico acredito que tenho uma boa base neles. E tento fazer agora essa ligação com o pedagógico. Acho que o conhecimento tecnológico e o pedagógico precisam se ligar para nós podermos dizer que estamos usando a tecnologia na educação. No processo de ensino-aprendizagem. Então eu comecei a fazer este trabalho, esta monografia e a partir daí então eu comecei a mudar a minha visão, ela mudou bastante a minha visão. Gostaria de fazer se me permite uma pequena exploração sobre a minha monografia. Quando iniciei esta monografia eu tinha como informação de que o computador de não estava inserido na educação ou não está bem inserido na educação ainda, porque havia muita resistência por parte dos professores regentes, professores que trabalham na sala de aula convencional. Isso era o que eu tinha de início. Então eu comecei pó ai, comecei a levantar se isso era uma verdade e porque que existiam essas resistências dos professores. Ai comecei a entender que realmente existe uma resistência sim por parte de muitos professores e eu digo que é da escola pública. E eu acho que a resistência como eu gostaria na sequência de explicar, não é só dos professores. De início a minha visão era de que a resistência era dos professores regentes e ai eu comecei a levantar o porque dessa resistência. Ai encontrei... que a maioria não tem o curso de informática básica. Essa falta de curso de informática básica trás o medo dele trabalhar na sala de tecnologia. Ele tem medo de encontrar lá um aluno que sabe mais que ele. Tem professor que não aceita ser aluno do aluno, ou seja aprender com o aluno. Tem aquele orgulho que não pode saber menos do que o aluno. Tem alguns que enfrentam essa situação e acabam aprendendo, mas a maioria tem, existe essa barreira ai. Além desses fatores ai, encontrei também que existe outros fatores que pouco contribuem, como por exemplo a pouca habilidade eu chamei, que nós temos de planejamento. Esse fator ai e um fator interessante. Nós ainda precisamos aprender muito sobre planejamento e eu comecei por mim mesmo, eu falei João você tem uma faculdade de Biologia numa Universidade considerada boa. Você esta terminando uma pós. Você tem 12 anos de professor e você tem ainda alguma dificuldade de fazer planejamento! Você imagina que não tem essa bagagem. Então existe uma dificuldade de planejamento muito grande. Precisa melhorar o nosso planejamento. Aprender a planejar melhor. Isso também eu observei na sala de tecnologia. Quando você cobra do professor o planejamento da atividade na sala de tecnologia ele da uma desculpa, ele se afasta, hoje eu não posso ir na sala... por causa disso, por causa da..., e ele não vem. Quando você faz o planejamento e prepara atividade, mostra para o professor, ai ele traz os alunos para aplicar..., então existe uma dificuldade de planejamento muito grande. Essa dificuldade é da escola toda, não é só do professor. Porque este planejamento deveria ser interativo. O coordenador e a direção deveria estar acompanhando, fazendo junto esse planejamento. Isso não acontece na escola. Então planejamento também é uma dificuldade. É um impedimento, ou de uma resistência para os nossos professores. E ai comecei a mudar a minha maneira de pensar inicial, a respeito dessa coisa. Então até classifiquei assim, resistências, entaves e obstáculos. Resistências são essas ai. . Vou dar exemplo de um entrave: o Núcleo de tecnologia oferece curso de informática básica. O ofício vem para a escola. Nós levamos esse ofício ao conhecimento dos professores e os professores simplesmente falam, não eu não vou

porque eu trabalho três períodos. Eu não tenho tempo para fazer este curso de tecnologia básica. Outro fala, o Núcleo lá e fora de mão, vou ter que gastar passes. Outros dizem, não vou colocar um substituto no meu lugar para ir fazer este curso. E no final das contas são poucos professores que vão receber essas orientações. Agora eu acho que aí, em parte é o professor que não procura. Mas eu vejo também que se nós tivéssemos uma gestão que falasse, não, vamos flexibilizar esse horário. Vamos mandar um pouco de professores agora. Depois esses ficam, vai outra turma. Acho que seria uma saída. É um entrave também a gestão não trabalhar essa situação e permitir que o professor vá até lá fazer esse curso. Acho que poderia flexionar esses horários. Falar para os professores, nós temos tantos professores aqui, uma semana de curso, tais professores vão fazer o curso, os outros ficam fazendo aulas. No próximo...o outro assumiria o lugar do um. Se flexionar os horários, fazer uma mudança, permitindo que se faça os cursos. Porque se não, nós nunca vamos fazer. Se o professor trabalha três períodos, em que tempo ele vai ter para fazer esses cursos. Não vejo como isso ai acontecer. E ai o obstáculo maior que eu acho. E esse eu acho complicado. O obstáculo é o obstáculo do convencimento. A nossa escola não se convenceu ainda que é preciso usar a tecnologia na educação. Não se convenceu. A gente não vê assim pessoas dedicadas, empenhadas em fazer essa aproximação com da tecnologia. Ela não está convencida. O obstáculo do convencimento é o pior de todos. Se não tiver um trabalho...da Secretaria da educação, dos educadores e mostrar que é preciso usar a tecnologia na educação. Porque é importante para os nossos alunos. Hoje não existe mais profissão que não use o computador, a tecnologia computacional.

___ **E como você se vê no espaço da Sala de Tecnologia Educacional?**

___ Eu me vejo como um professor que está ai a disposição! Que tenta sempre que possível, melhorar o meu conhecimento, fazendo cursos, fiz agora essa pós e pretendo fazer mais coisas. Quero cada vez mais estar mais preparado. Quero atender melhor. Quero contribuir nesse processo. Eu acredito que a tecnologia precisa ficar inserida na educação. Não tem outra saída. Aí que acho que a escola, que é o obstáculo maior que a escola não se convenceu ainda da importância da pesquisa. Acho que no computador nós podemos melhorar o nosso planejamento. Acho que podemos enriquecer as aulas do professor regente que está lá na sala, de uma maneira diferenciada. Nós sempre ouvimos: as aulas tem que ser mais atraentes. Acho que a sala de tecnologia poderia melhorar nesse processo. Quebrar um pouco a passividade. Aquela mesmice que acontece na sala. Então existe n coisa que podemos fazer. Então eu me vejo como uma pessoa que está disposta, que está aí para fazer este trabalho, mas que sozinho também não vou conseguir. Eu preciso que a escola esteja engajada. Acho que precisava uma discussão sobre tecnologia maior. Eu até coloco na minha monografia que eu encontrei coisa lindas, teóricas. Eu até tenho uma questão aí que vou colocar para você. Existe uma revista lá na Universidade Federal que chamada revista do mestrado, chamada intermeio. Eu li umas três ou quatro daquelas revistas e achei interessantíssimas, eu fico pensando quantas técnicos, quantas pessoas trabalharam para poder produzir uma revista daquelas. E lá tem coisas interessantes sobre a tecnologia na educação, sobre a educação em si, discutidas com pessoas de alto nível educacional. Esse material não chega na escola, por que? Então eu defendo que haja uma aproximação desses conhecimentos, que são conhecimentos bons, prontos, mas não chegam na escola. Por que que não chega? Lógico que poderia chegar. Por que que essas pessoas que trabalham produzindo esse material não vem dar palestra na escola? Por que que o

governo e a universidade não faz uma parceria para que esse material chegue aqui. Por que vem orientar aqui na escola? Eu estou aqui há tantos anos e não vejo um técnico vim aqui fazer uma palestra sobre isso na escola. Ta faltando isso. Então nós ficamos produzindo coisas teóricas lindas, importantes, mas que não chegam no prático. Existe uma distância do teórico e do prático muito grande. Então eu defendo essa aproximação, acho que é possível essa aproximação. É só haver vontade política que vai acontecer. Eu vejo também que...quando faz os cursos do PDE o que que compra? Às vezes a gente da alguma orientação para o professor de matemática..., como trabalhar melhor. Vem o outro de Arte. Vem de..., eles falam assim, vem um curso da área das humanas. Mas acho que da tecnologia não tenho visto ninguém vir falar sobre tecnologia na escola. Porque eu acho o seguinte, aquela história, Maomé não vai a montanha, porque Maomé trabalha três períodos. Maomé não pode pagar o substituto para ele ir, não pode pagar porque se não dá um problema financeiro no final do mês. Maomé tem filhos em casa, tem compromisso. Então nesse caso, a montanha vai ter que vir até Maomé, se é que nós queremos fazer essa aproximação daquilo que nós temos produzido de bom teoricamente, mas não se tem resultados práticos.

-Como os demais segmentos (alunos, professores, pais, mães, direção, coordenação pedagógica, funcionários administrativos) te vêem?

_ Parece que eles acham que eu sei tudo. O que não é uma verdade. E isso parece afastá-los da Sala. Mas eu percebo isso e procuro me aproximar. Eu digo sempre: não é porque parece que o outro colega tenha um conhecimento maior do que eu em determinada área que eu preciso ter receio dele. Olhe! Eu tento. Eu me coloco a disposição. Eu participo de reuniões, mas não é fácil, mas eu sempre procuro aproximar ele...Porque eu sabendo que um colega talvez tem um conhecimento maior na área parece que tem um certo receio. Por mais que eu me coloque a disposição, nas reuniões, aqui a (coordenadora) faz reunião toda 6ª feira. Então a gente sempre pede: vai a sala de tecnologia. Faz com o professor o planejamento das atividades. Bom... então eu estudei bastante, li muito sobre isso daí, vários autores..., eu li (Moran), cheguei a ler algumas coisas sobre (Papert, Chaves...), eu li bastante, para montar essa monografia minha e além disso eu visitei 25 escolas, foi que eu consegui visitar, visitando os professores, meus colegas da sala de tecnologia. Eu escolhi algumas centrais, algumas da periferia e assim eu fiz. Fiz um questionário, conversando e fazendo as anotações. E observei que de um modo geral a situação ela muda em algumas poucas escolas. A maioria tem essa situação. Eu encontrei escolas em que o professor da sala de tecnologia parecia uma sala a parte, não fazia parte da escola. Que de vez enquanto a direção, a coordenação chegava por lá. Alguns professores que gostam levavam alunos. Outros que não gostam não levavam. E a situação está desse jeito. Então eu coloquei que existem. E eu encontrei escolas que acho que a situação está melhor, onde existe um fator que eu quero comentar que é a respeito de contextualização.

_E como que a direção te vê?

__ Olha eu acho ele me vê como um técnico que poderia derrepente poderia até fazer mais pela escola, mas nós temos que observar.... ... que os professores, coordenadores, direção..., como que eles me vêem... eu acho que de repente poderia saber melhor isso. Como eu acho que eles me vêem como professor técnico talvez

dificulte a aproximação. Se fosse o contrário, penso que teria maior integração, teria maior preocupação com o pedagógico. Então eu vejo assim.... Mas eu me dou bem com todo mundo. Eu me coloco a disposição. Estou sempre a disposição. Colaboro no que for possível, mas acho que eles poderia me ver como uma pessoa que poderia fazer mais pela educação. Acho que a escola tem um olho administrativo que é melhor do que o olho pedagógico. Acho que tinha que ter mais visão pedagógica, nessa área.

__ E você coloca que você participa de todas as atividades da escola?

__ Participo. Quando tem projetos, por exemplo, nós trabalhamos projetos, inclusive eu que produzi a página da escola, eu que coloco todo o material na página da escola. Todo os projetos,, fotografias, etc. Em todos os acontecimentos da escola, e estou presente porque eu gosto da escola, eu não saio da escola. Chego antes do horário e saio depois do horário. Mas eu vejo que chega o momento em que a escola vai precisar melhorar, e para isso vai ter que discutir, mas discutir no bom sentido. Quando eu falo de escolas, quero deixar claro que não é só a escola Manuel Bonifácio não. É a escola pública estadual. Eu vejo que ela precisa sofrer mudanças. Eu vejo a nossa escola tecnologicamente falando, uma escola descontextualizada também, porque, a escola não acompanhou o desenvolvimento tecnológico. Ela não teve perna para acompanhar. A política educacional pública não teve impacto para fazer este acompanhamento, então a escola ficou para trás. Então existe uma distância. A nossa escola tecnologicamente falando é uma escola descontextualizada também. Não acompanhou o desenvolvimento tecnológico. E como vai fazer isso agora? Está ficando cada vez mais difícil. A tecnologia está avançando assim abruptamente avançando de maneira vertiginosa e a escola continua dando passinhos pequenos. Então esta distância está ficando ainda maior. Então se nós não discutirmos essa situação, falar olha, é importante, precisamos usar..., os nossos alunos vão precisar dessa tecnologia. Nós precisamos melhorar a qualidade de ensino usando a tecnologia. Se não tiver essa grande discussão, vamos ter atrasos ai de alguns anos, com certeza.

_Você considera que a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional se diferencia da atividade docente do espaço da Sala de Aula? Porque?

__ É diferente, porque lá sala como regentes eu trabalho com alunos. Eu sou um professor que trabalho com alunos. Inclusive agora estou fazendo um período de Biologia e lá eu trabalho com alunos. Então lá eu sou professor e eles são alunos. Na sala de tecnologia não, eu trabalho com meus colegas professores. É uma outra situação. É uma relação ótima. Agora eu quero ver a parte deste entrosamento tecnológico com o pedagógico que eu acho que acontece pouco. Teria que acontecer mais. Eu quero usar o computador no processo de ensino-aprendizagem. Eu não quero usar computador para outros fins. Não tem a ver com o processo de ensino-aprendizagem. Então visualizando o computador sendo usado pelo professor para auxiliar de alguma maneira no processo de ensino-aprendizagem e isso precisa de contextualização. Que que é isso? Vejo professor que está trabalhando na sala convencional com seus alunos ele está trabalhando lá sobre figuras geométricas e ele traz os alunos na sala de tecnologia e prepara lá uma atividade de números pares e ímpares, quer dizer, eu acho que nesse caso ai, não está havendo contextualização de jeito nenhum. Eu procuro trabalhar junto com o professor regente. Eu acho que tem

que ser juntos. O professor da sala de tecnologia não tem como saber o que que uma quantidade de professores estão fazendo na sala convencional. Então esse professor da sala convencional que tem que trazer e falar estou trabalhando tal assunto e quero fazer uma atividade dentro daquilo que estou trabalhando. Então ai juntos professor regente e professor técnico, deveria ter mais uma pessoa, coordenação, direção pedagógica juntos, para fazer as atividades. Então ai sim nós teríamos o computador contextualizado. Ai seria a contextualização das coisas. Então, usa-se bastante talvez a sala de tecnologia mas não usa a sala de tecnologia contextualizada e isso não vai ajudar no processo de ensino-aprendizagem. Penso também que essa ligação do conhecimento tecnológico com o pedagógico tem que acontecer na sala de tecnologia. Esse ai é o lugar onde vai acontecer este entrosamento. Não tem outro lugar. Isso ai depende de um trabalho. Depende de muita discussão para poder chegar nesse entrosamento, acho que vai alguns anos para acontecer este tipo de coisa. Isso, inclusive, acho que Moran, ele coloca assim que acha que o computador só vai ficar inserido na educação quando sair essa leva de professores que está aí e chegar os professores novos que estão sendo formados nas universidades, porque estes já estão trazendo com eles a tecnologia junto. Então isso daí vai ser um atraso por mais de 10, 15 ou 20 anos se nós pensarmos dessa maneira.

— Você considera que exercer a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional traz aspectos positivos (benefícios) e negativos (dificuldades)? Porque e quais seriam esses aspectos?

— Eu acho que para mim foi bastante positivo, porque eu adquiri conhecimentos na área tecnológica. Fiz cursos na área tecnológicas e tive a possibilidade de pesquisar nas diversas áreas da internet que é a nossa fonte de pesquisa. Eu acho que eu cresci no aprendizado bastante, nessa parte valeu e essa relação que eu tinha só com o aluno, agora eu tenho com os colegas professores que é uma relação diferente, é preciso ser tratado de uma maneira diferente. Então eu acho que cresci bastante. Foi bastante positivo essa minha passagem para a sala de tecnologia. E acho importante também essa nova mudança. Essa mudança que teve por último, de eu ter que ficar um período no meu objeto de concurso e outro período na sala de tecnologia. Eu acho negativo que muitas vezes nós acabamos usando a sala de tecnologia e os computadores sem estar contextualizado. Então ele não vai ajudar nada no processo de ensino aprendizagem. Isso daí que eu acho o maior pecado, vem na sala de tecnologia, usa-se os computadores mais esses computadores não estão sendo usados para ajudar no processo de ensino-aprendizagem. Está sendo usado em um outro contexto. Eu enxergo tudo isso e muitas vezes não falo porque eu também não posso criar um problema com os meus colegas professores.

— Você incentivaria outro professor para também estar na sala de tecnologia?

— Sim eu incentivaria. Acho que é importante. É uma experiência interessante. Já, já tinha falado, mas é aquele tipo de coisa..., tem professor que as vezes gosta mais da tecnologia do que outros. E agora com essa mudança toda, teve gente que falou, não falei para vocês!!!, porque que vocês tinham que sair do seu objeto de concurso..._ Teve, teve essa coisa aí de sair do objeto de concurso, mas eu acredito que precisa de um melhor estudo sobre isso daí. Porque eu posso ter saído do meu objeto de concurso mas não deixei de ser professor. Aliás, acho que fui até mais professor, trabalhando aí nas diversas áreas e auxiliando as pessoas, trabalhando com

aluno também, porque a gente acaba trabalhando com aluno, só que de uma maneira diferente.

__ Você gostaria de falar mais alguma coisa ?

__ Olha, eu gostaria de ver esse processo. Eu sonho em ver esse processo tecnológico bastante inserido no processo pedagógico. Eu acho que ali na sala de tecnologia é que deve acontecer essa ligação do tecnológico com o pedagógico. Eu até vejo que o NTE as vezes tenta colocar, quando dá os cursos de tecnologia, eles tentam colocar essa situação pedagógica, mas eu acho que não é lá no NTE que vai acontecer essa ligação do tecnológico com o pedagógico. É aqui na escola. Porque é a escola é que sabe o que está acontecendo aqui, não é o NTE. O NTE deveria estar mais presente nas escolas. O Curso de informática básica ou então estar mais presente aqui na escola. Vir até a escola. Fazer essa ligação do tecnológico com o pedagógico. Aqui por exemplo quem sabe o que o professor está trabalhando na sala convencional, do professor regente, é ele que sabe. Então é ele que tem que trazer isso para o professor técnico e coordenação e direção, nós vamos fazer o planejamento para fazer uma coisa contextualizada. Então o NTE poderia estar orientando para que fizessem as coisas dessa maneira. Agora o acontecimento vai ser aqui na sala de tecnologia. Eu penso assim, não sei se estou certo nessa colocação. Mas eu acho que o lugar onde acontece a ligação do conhecimento tecnológico com o pedagógico para ajudar no processo no processo de ensino-aprendizagem acontece na sala de tecnologia. Então se a sala de tecnologia não funciona, nós não vamos promover essa ligação. Depende da implantação e do funcionamento da sala de tecnologia. Não podemos fazer as coisas isolados. Isso precisa ser feito integrado. Precisa de planejamento. Precisamos melhorar a nossa capacidade de planejar muito, vai demorar. Não vamos chegar ser um (Bin Laden) porque ele planejou, executou e alcançou os objetivos, mas eu acho que pode melhorar. Pode melhorar a nossa capacidade de planejar e isso com certeza vai melhorar a nossa integração.

__ Só para a gente concluir. Você acha assim que o professor da sala de tecnologia ele pode fazer esse trabalho aí que você está falando?

__ Eu acho que ele pode colaborar bastante, nesse trabalho, mas isso vai precisar daquilo que acabei de falar: vamos planejar isso. O professor da sala de tecnologia, está mudando. Esse professor está há três anos que nem eu, com 400 horas de curso e pós graduação. De repente não posso ser mais professor da sala de tecnologia porque disseram que tenho que fazer uma prova para ser professor da sala de tecnologia? De repente vão me tirar essa bagagem e vão colocar um aí que nunca fez curso nenhum? Até chegar ao ponto de poder ajudar os colegas é preciso uma experiência anterior. Então estou agora na expectativa de ver o que vai acontecer. Porque uma prova pode tirar um que tem o conhecimento e colocar um que não tem.

ENTREVISTA 7:

__ Porque que você escolheu a Geografia como área de graduação?

__ Tive uma influência muito grande de um professor meu, professor Raimundo Nonato. Ele dava uma aula tão boa no cursinho, que acabei me inspirando no

trabalho dele para escolher a geografia. Ele era bem extrovertido, o pessoal gostava. As aulas eram boas, eram de qualidade.

E porque quis ser professor?

__ Me entusiasmei com a metodologia do meu professor de geografia no cursinho. E também na época houve a divisão do Estado. Quando estava naquele preâmbulo da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, as perspectivas do trabalho como funcionário público eram muito grandes. O salário era bom. Era um incentivo muito grande para a gente trabalhar no Estado, dar aulas. E tem a minha irmã, que foi professora, hoje ela é advogada, é procuradora do Estado. E tem também a minha tia que foi professora de Inglês e hoje está aposentada no Estado. Mas foi esse professor que me influenciou. E nem era professor formado. Ele dava aula para cursinho, mas era guia de turismo. Ele tinha uma empresa de turismo aqui em Campo Grande. Acho que por conta disso, conhecia muito da área de Geografia. E no fim, pela vida dele, pela sua experiência ele conseguia dar uma boa aula de Geografia. E isso me entusiasmou para a profissão.

__ E porque você quis trabalhar na sala de tecnologia educacional?

__ Pelo fato do novo. Uma coisa nova sempre empolga a gente. Na verdade o estímulo da sala de tecnologia... é uma coisa que nunca disse para você na verdade foi estímulo teu.

__ **A é.**

__ Não sei se você lembra de uma vez que você entrou em Curso de Geografia da Secretaria de Educação, tinha técnica deles dando um curso. E aí você chegou ali com a professora Fátima, a empolgação que você falou do trabalho de vocês, foi tanta que eu resolvi conhecer. Ai você abriu as salas do NTE para quem quisesse fazer o curso. Passei por ai depois para conversar. Conversei com a Nadir, conversei com os professores... e fiz a inscrição. E comecei a fazer, não entendia nada. Só sabia ligar e desligar um computador. E comecei a aprender ali, aprender, aprender..., já ensinei um monte de gente com o conhecimento que adquiri ali. Ensinei a minha mulher. Fiz com que ela comprasse um computador comigo. Começou aprender e começou a empolgar também. Aquela parte que a gente aprendeu no NTE, na época que você estava ali com seus professores acabou tendo este desdobramento.

__ E como foi essa entrada sua nessa área de conhecimento?

__ Significou uma mudança muito grande, porque eu não estava mais satisfeito com o rumo do meu trabalho, porque já estava virando rotina na sala de aula. É muito difícil a gente trabalhar em escola de periferia. porque o apoio que a gente tem da comunidade escolar é pequeno. A escola tem poucos recursos. Os pais dos alunos trabalham o dia inteiro. Então eu estava achando muito difícil de melhorar o trabalho que estava fazendo. Depois dos primeiros cursos eu comecei a preparar apostilas e levava o material para os alunos. Principalmente os do noturno que agora que estão tendo livros. E ai quando eu comecei a aprender a trabalhar com o computador isso influenciou também na minha ação como professor de Geografia, porque melhorou bastante o meu trabalho na sala de aula.

__ Então eu gostaria que você falasse como que melhorou?

__ Melhorou no preparo das aulas. Achei que passei a levar mais coisas novas para o aluno. Passei a preparar melhor as aulas. Mais conteúdos além dos livros. Tipo assim imagens, mapas. Passei a trabalhar com retro-projetor. Porque por incrível que

pareça a gente não tinha mapa para trabalhar na escola. E com o material que eu pesquisava na internet, imprimia a transparência e projetava e aquilo ali foi um encanto para os alunos. Tinha aluno que nunca tinha visto um retro-projetor na frente.

__ Nossa Senhora! Que série que era?

__ 5ª Série. Tinha aluno que levantava..., colocava a mão na luz. Eu até deixava, para o pessoal acostumar. No começo virou uma zorra aula. Virou uma bagunça pó conta disso. Mas depois o pessoal começou a acostumar com aquele equipamento, e começou a servir para melhorar a qualidade da aula. Questão das próprias atividades que a gente fazia. A gente passava a preparar no computador e ia melhorando cada vez mais.

__ Que formação inicial você recebeu para desempenhar a sua atividade docente na Sala de Tecnologia Educacional?

Os Cursos oferecidos pelo NTE, de excel, internet, Word, Power-point. Inclusive eu consegui através desses conhecimentos, mostrar o que era produzido na escola nos seminários do NTE. Foi uma época que a gente tinha oportunidade de sair da escola, o pessoal do NTE, na sua gestão sempre deu oportunidade da gente sair da escola e mostrar para o pessoal o que era feito.

__ E como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia Educacional?

Sempre que tem curso no NTE você sabe eu participo. Então eu cresci bastante na questão (Front paige), na elaboração. Na parte de aplicativos. Consegui fazer o sites de duas escolas. Ajudei a Elaine a fazer o sites do (Ada). Esse foi um ganho muito grande. Aprendi muito na questão de rede. Eu não tinha o hábito de trabalhar com rede. Eu tenho um computador em casa. A questão do acesso, do caminho da rede. Uma infinidade de conteúdos e de atividades na informática que eu nem imaginava que existisse, antes de entrar nessa sala.

__ Como que você se vê neste espaço da Sala de Tecnologia na escola?

__ Olha eu me sinto gratificado profissionalmente, porque comecei a ver um resultado melhor do trabalho que vinha fazendo. E na facilidade que o computador cria para a gente. Cria uma tecnologia que da uma facilidade maior no trabalho da gente. Inclusive na questão dos resultados, a gente começou a ver os resultados. Professores se interessando pelo trabalho que a gente estava fazendo. Tinha professores que trabalhava emprestando material. A Sala de Tecnologia criou um novo horizonte no meu trabalho. A nossa ação é diferente. Dentro da sala de tecnologia você aprende a trabalhar junto com outro professor, dando apoio para outro professor, assessorando o professor. E isso acaba criando para a gente uma situação nova de aprendizado, de uma infinidade de conteúdos, uma infinidade de metodologias. Porque cada área de conhecimento tem metodologias diferentes. A gente não tinha nem noção, quando era professor de Geografia. Isso passou a dar para a gente uma noção melhor do que é metodologia de trabalho de cada disciplina. E acabou dando para a gente oportunidade de conhecer os trabalhos de outros professores. Coisa que nem sempre a gente conseguia fazer, porque a gente vivia dentro da sala de aula da gente. Não conseguia enxergar muito os trabalhos dos outros professores por conta dos afazeres da sala de aula. Por incrível que pareça

dentro da sala de aula parece que a gente não consegue enxergar o contexto real de uma escola.

__E como os demais segmentos (alunos, professores, pais, mães, direção, coordenação pedagógica, funcionários administrativos) te vêem?

__ A gente trabalha com coordenação, com a direção. É uma relação boa, uma relação gostosa. Melhor do que uma relação de sala de aula.

E você participa de todas as atividades da escola?

__Olha tanto que criou uma própria dependência da escola comigo e com a sala. Tinha muita coisa que eles acabavam pedindo para a gente e para os técnicos do NTE ou da Secretaria. Dava um probleminha lá no computador, - já me chamavam: Olhe a impressora aqui deu pau, arruma para a gente. Então acabou criando uma relação muito boa entre a gente.

__ E você considera que a sua atividade docente no espaço da sala de tecnologia se diferencia da sala de aula ? Porquê?

__ Na Sala de Tecnologia a gente tem mais recursos Passei muitos anos reclamando a falta de recurso na sala de aula. Hoje tenho tudo na mão. Tem o que a gente quiser para trabalhar. O que você quiser procurar você acha. O que você quiser fazer no computador você faz. Ele está aí para a gente fazer. É só querer fazer. Os alunos gostam. Eles aprendem. A questão da tabuada mesmo. Tenho tido para todo mundo, não é questão de matemática, é tabuada. O pessoal não sabe tabuada. Não é questão de saber a matemática, é a tabuada. Ninguém sabe. De mamando a caducando não sabe Nós fizemos uma tabuada que mostrava para o aluno o que estava errado e o que estava certo, porque facilita a vida do professor. Porque uma coisa é aplicativo da certo ou errado para aluno, mas o professor tinha que estar corrigindo. Tinha aluno que não acabava, tinha aluno que contava no dedo. Tinha aluno que levava rascunho para poder fazer a conta e poder acertar. Então por aí você vê. Eles iam criando alternativas para que eles pudessem aprender a tabuada. É uma outra situação. No ano passado nós fizemos um trabalho de Português, poesias, da professora, na época. E eu prometi para eles que colocaria no sites da escola as melhores poesias. Na hora o pessoal passou a produzir. Precisa ver que produções boas que eles fizeram. Teve aluno que chamou a mãe para olhar o texto que ele havia elaborado no sites da escola. Então foi uma coisa que passou para o aluno. Que acrescentou... Que extrapolou os muros da escola, chamou até a mãe para olhar.

Você considera que exercer a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional traz aspectos positivos e negativos? Quais?

__ Olha o positivo é porque é uma atividade que todo mundo gosta. Até quando não tem aula na tecnologia o pessoal reclama. Olha só uma situação que aconteceu comigo aqui na escola Guia Lopes. Teve um dia que não foi possível a professora ir na sala de tecnologia porque tinha uma prova, tinha uma outra atividade que ela precisava, tipo assim, era urgente, porque ela precisava, acho que atender uma nota dos alunos. Alguma coisa relacionada com notas, com prova. No outro dia, na entrada, a mãe do aluninho perguntou, professor porque que não teve aula? Cobrança dos pais que o aluno fosse na tecnologia. No dia que eu precisava faltar para ir em um curso, ou atender uma outra atividade, na entrada da escola, as crianças

cobravam, professor, quando é que a gente vai repor aula que o senhor faltou? Cobrança assim... é uma cobrança que não havia quando eu dava aula de Geografia. Então você percebe por aí o entusiasmo dos alunos, dos pais. O negativo é essa situação que tá aí agora. A gente não sabe como vai ficar a vida da gente.

Você incentivaria outro colega a ser professor da Sala de Tecnologia Educacional? Sim. Não? Porque?

Incentivaria sim. A Elaine mesmo, a minha mulher eu que incentivei. A gente tem que procurar coisa nova na profissão da gente. Não dá pra ficar parado. A gente tem que tá sempre em busca de aprender coisas novas e na Sala é a oportunidade para isso.

Se ficou faltando alguma informação. Por favor, registre aqui seus comentários finais.

Não. Acho que já falei tudo.

Obrigada então. Até uma próxima.

ENTREVISTA 8:

__ Porque que você escolheu essa área de graduação?

__ Na verdade a minha escolha na área de graduação foi devido ao fato de eu estar tendo uma formação eclesial, ou seja eu estava estudando para ser padre e Filosofia é um dos cursos exigidos na época, uns dos objetivos que eu gostaria, uns dos cursos que eu gostaria de fazer na área seria naquele momento Psicologia, porém veio complementar porque tive tanto Filosofia como Psicologia no curso então no final do curso eu acabei, a partir do momento em que eu comecei trabalhar e estudar, gostei do curso e fui até o final. Então concluído o curso de Filosofia com habilitação no caso em História.

__ **E por que você quis ser professor?**

__ Bem eu queria ser padre porque a época eu acreditava que era uma opção, eu tinha, vamos dizer assim, vocação para a vida eclesial, mas a partir do momento que eu comecei a estudar filosofia, entrei em contato com várias teorias, passei a ter uma outra visão e aí houve a mudança de pensamento e eu desisti de ser padre. Primeiramente porque houve um confronto de idéias, entre aquilo que a gente estudava, e o pensamento implantado pela igreja. Não concordava com algumas coisas, por isso me afastei. E fui ser professor no primeiro momento por falta de opção, ou seja, no primeiro momento era o mercado de trabalho, no qual o meu curso de graduação me habilitava, não era uma coisa que eu almejava como profissão, no primeiro momento.

__ **E por que a sala de tecnologia?**

__ A sala de tecnologia, passou a fazer parte do meu objetivo profissional, a partir do momento que eu tive contato durante todo o meu processo de faculdade com o computador, então passei a gostar, uma área que eu também sempre gostei, que é a área voltada para tecnologias no modo geral, sempre tive curiosidade, mas o contato com o computador me despertou essa vontade de aprender mais e desenvolver cursos, procurar desenvolver toda minha capacitação votada para a tecnologia.

__ **E como que foi essa sua entrada na área?**

__ Num primeiro momento trabalhei durante alguns anos como professor de História, onde fui pegando um pouco de experiência na área de educação, mesmo não sendo algo que almejava, passei até a gostar da educação, a trabalhar. Acreditava que poderia ter um objetivo maior ou provocar mudanças maiores no sistema. Um pouco de idealismo de quem sai de uma faculdade, mas a partir do momento em que tive oportunidade de ir para a sala de tecnologia, isso aconteceu em 2003, ainda com o projeto do (EPROINFO), onde eram poucas máquinas, não tinha ainda uma resolução, uma orientação escrita sobre a sala de tecnologia. A gente praticamente trabalhava orientando aluno em alguns projetos de algumas atividades e passei a gostar, comecei a fazer cursos, fiz cursos na área de informática, o básico e ai fui avançando e cada dia mais gostando da área.

__ E como está sendo o seu processo de formação para você continuar atuando na sala de tecnologia?

__ Ao longo desses anos, depois que entrei na sala de tecnologia, tivemos formação pelo NTE que no momento atual está parado com as formações, mas eu procurei fazer formações por conta própria. Então fiz curso de manutenção, fiz curso básico e continuo fazendo essa formação paralela ao trabalho, por conta própria. Isso foi no ano de 1995, em Aparecida do Tabuado quando a Paróquia adquiriu um computador e ai naquele momento como não tinha ninguém especializado ou alguém com conhecimento eu me interessei e comecei a fazer os cursos, na época (MSDOS), aquele curso básico e foi onde eu comecei a aprender sozinho. Basicamente eu aprendi a usar o computador sozinho, depois que eu fui fazer um curso para entender melhor, para aperfeiçoar melhor a minha técnica.

__ E como que você se vê no espaço da sala de tecnologia?

__ Eu me vejo como professor, eu me vejo igual aos demais, apenas tenho um trabalho em um ambiente diferente, mas tenho as mesmas funções, os mesmos deveres que os demais professores. Eu acredito que além disso, o meu papel é de inovar, no sentido que a educação ainda anda muito no tradicional. Usando muito o giz, o quadro. O professor, às vezes tem medo de usar as novas tecnologias para inovar as suas aulas. E eu estando na sala de tecnologia eu procuro fazer isso. Mostrar para o professor que usar o computador, usar as novas tecnologias trás muito mais vantagem. Eu procuro no primeiro momento quando o professor vai planejar, então eu trabalho com o professor. Algumas vezes quando a gente tem o domínio, conhece, então a gente também procura auxiliar o professor no seu trabalho, atendendo um aluno ou outro que precisa de ajuda, mas como nós não temos entendimentos de todas as áreas de conhecimentos a gente se limita a ficar apenas na área da tecnologia mesmo, orientando o aluno em algumas dificuldades ou o próprio professor ali naquele momento e raras vezes auxilia também conteúdos, mas a partir do momento que vão os alunos, o meu contato maior passa a ser com o aluno. Então eu procuro orientar o aluno e o professor regente, apesar de ser o professor da sala e tem todas as obrigações, mas o meu papel não deixa de ser um profissional também que vai auxiliá-lo em todos os quesitos. Se bem que aqui é muito mais prático trabalhar com aluno e há muito mais interesse.

__ Como que eles recebem isso? Como eles te vêem?

__ Bom, os alunos em um primeiro momento, até mesmo devido a falta de orientação, a falta da gente ter um contato específico, nós estamos ainda caminhando no processo de aprendizagem na área de tecnologia. Muitas vezes vêem ali como

apenas um orientador. Alguém para tirar uma dúvida, ou algo assim, quando na verdade é uma conseqüência da própria educação que tiveram. A maioria dos professores estão tendo contato também agora com a tecnologia. Até mesmo porque no Brasil a cultura é como se o computador fosse algo de luxo. Então a maioria dos professores nem se quer tem computador em casa, passou a usar muitas vezes por obrigação ou até mesmo para tentar chegar perto do conhecimento do aluno que já está bem avançado na área de tecnologia.

__ E a direção, os funcionários, os pais, como que essa relação deles com você. Como eles vêem você?

__ Bom, com os pais a gente não tem muito contato. Ficou uma coisa meio distante, então de repente falta um projeto ou uma orientação melhor para ser trabalho com a comunidade externa. O meu contato é basicamente com a comunidade interna, alunos e professores. Os funcionários e direção a gente procura trabalhar na medida do possível, quando tem alguma reunião, então a gente passa e sempre cobra da direção para que participe, para que incentive os professores também. Então eu parto do princípio que dentro de qualquer instituição a direção ela serve como exemplo. Se tem uma direção que está voltada para a tecnologia, que está voltada para a aprendizagem usando a tecnologia com certeza os professores também se sentirão muito mais motivados para isso.

__ E você participa de todas as atividades na escola?

__ Às vezes alguma coisa acontece na escola e a gente só fica sabendo depois que passou, exatamente porque a sala de tecnologia ainda parece que é algo fora da escola, como se fosse um outro departamento, mas a gente procura na medida do possível sempre estar participando das reuniões, sempre estar repassando informações que do núcleo de tecnologia sobre..., ou da (COTEC), algumas informações que vem para nós a gente repassa para os professores, para a direção exatamente no intuito de permitir que eles se integrem mais, vejam a sala de tecnologia como algo mais integrado da escola.

__ E você acha que o seu trabalho na sala de tecnologia diferencia do trabalho na sala de aula? Por quê?

__ Diferencia em termos de recursos. O trabalho do profissional em sala de aula ou em sala de tecnologia é o mesmo. Nós devemos manter a mesma postura profissional; cobrar dos alunos as mesmas responsabilidades, procurar trabalhar da maneira mais positiva possível. A diferença seria apenas em termos de recursos, talvez um pouco em termo de burocracia. Porque a gente sabe que hoje a sala de aula se exige muito papel e pouca qualidade. O professor às vezes fica muito amarrado com questões burocráticas, mas na medida do possível a gente procura transformar a sala também em algo agradável. Aqui o aluno é muito mais motivado. É claro que também depende muito da forma como o professor trabalha, do tipo de aula, do tipo de planejamento, do conteúdo que o professor está trabalhando. A gente tem caso de professor que leva o aluno para a sala de tecnologia com planejamento muito semelhante a sala de aula o que acaba sendo desmotivante também. Dentro da sala de tecnologia, uma aula bem planejada, com conteúdos atraentes, faz toda a diferença na aprendizagem do aluno.

__ E em termos de estresses, é mais estressante a sala de tecnologia ou sala de aula?

— Olha, as duas são estressantes. A sala de tecnologia, além da gente trabalhar com o professor, a gente trabalha com o aluno. Está sempre sendo cobrado, tem que muitas vezes mostrar..., tentar levar professor, então você passa por um estresse muito grande. Convencer professor a utilizar a sala. Aluno que chega na sala sem nenhuma base. Então isso acaba provocando um certo estresse. Em sala de aula, o estresse é grande exatamente pelo sistema que nós temos. Com alunos desmotivados, com salas de aulas que não levam ao aluno a ter puma motivação. E a própria grade curricular que a gente vem questionando, que eu acredito que deveríamos ter mudanças, principalmente no turno em que eu trabalho. No caso do noturno.

— **E você considera como aspecto positivo e negativo de ser um professor de sala de tecnologia?**

Como aspecto positivo, além de ter esse contato com várias áreas de conhecimento, com o professor, com o aluno. Existe a vantagem de estar inserido dentro de uma sala que eu acredito talvez seja a sala ou a forma de se trabalhar no futuro. Talvez a tecnologia vai ser a forma como a escola vai conseguir resgatar tudo aquilo que ela está perdendo. Para mim também é uma vantagem que eu passo a conhecer muita coisa também ali, juntamente com o aluno. Isso serve como um aprendizado também. Muita coisa eu passo a entender, a conhecer juntamente com o aluno. E ai nesse momento que eu me permito, depois futuramente até mesmo auxiliar algum aluno em termos de conteúdo porque eu já passei a conhecer também no momento da aula. Como aspecto negativo, eu vejo que alguns softwares educativos são muito falhos. Porque de repente está trabalhando com imagens, com outros aparatos, outros recursos didáticos que contemplam, por exemplo, o livro não contempla e que o computador permite. Então eu acredito que falta e isso em termos geral, na educação esses software e ai os professores mais engajados, mais voltados para a tecnologia com mais conhecimentos e principalmente, aulas bem planejadas. E tem também a resistência de alguns professores que mesmo sendo alguns, eu acredito que deixa o processo de forma geral falho. Ou seja, mesmo que você trabalhe com a maioria dos professores lá, dois ou três que faltam, então deixa o trabalho um pouco a desejar. A gente sabe, é como se fosse em sala de aula, tem aquele professor responsável que vem sempre em sala de aula, mas se tiver um professor que de repente ele comece a faltar ele não leva a sério o trabalho dele em sala de aula, ele provoca uma quebra no processo de aprendizagem. Então os alunos vão ter dificuldades em acompanhar. Eles vão falar: aquele professor é bonzinho não dá conteúdo, mas ai fica falho o processo, porque nós podemos provocar uma falta de disciplina, uma falta de continuidade na aprendizagem. E eu na sala de tecnologia também, então tem professor que não vai, então dá a entender que a própria escola não está..., que a tecnologia dentro da escola ainda não está processo amplo, a gente tem casos que o que dá a entender é isso. É que o aluno, que o professor e que a escola não conseguiu se achar ainda dentro do processo. Por isso tem professores que vão e outros não. E até mesmo porque a gente parte do princípio de que nós ao fazermos a nossa opção em sala de aula, a gente já vem para a escola sabendo que tem que estar inserido dentro de todos o contexto. Então o professor deixa de fazer isso, ele está abrindo uma falha no processo.

— **E você incentivaria um outro colega para trabalhar na STE?**

— Olha essa questão de incentivar ou não eu vejo assim ela é muito complexa a partir do momento que tem aquele professor que gosta da área de tecnologia, então

esse eu incentivaria. Mas tem aquele professor, não só professor mas o próprio ser humano, ele não gosta. Como a gente houve falar assim: uso computador porque preciso, então incentivar esse professor para ir para a sala..., até procuro incentivar falando das vantagens e tudo mais, mas ele sabe que isso para ele vai ser um martírio. Ele não vai gostar, não vai ser algo para ele..., ele não vai se sentir bem. Eu incentivaria assim a partir do momento em que perceber que o professor tem vontade e gosta de trabalhar na área.

__ Se ficou alguma coisa que você gostaria de falar que talvez eu não tenha perguntado ou você lembrar e se você quisesse falar.

__ Eu vejo assim, acredito que talvez dentro do processo todo, da educação que a gente está falando, uma área no caso, voltado mais para a educação. Uma sala de tecnologia voltada mais para a educação, a importância de talvez no futuro. No futuro não, como já é algo que está aí na nossa realidade, até mesmo passar, a própria universidade começar a trabalhar com esse professor. Porque a gente tem percebido que esse professor tem saído da universidade, quando chegam nas escolas para trabalhar é um professor que ainda não tem esse contato. É esse professor que muitas vezes chega aqui e tem a dificuldade. Ele não tem a resistência porque é um pessoal mais jovem, mas tem a dificuldade de usar a internet, porque na própria universidade não foram treinados para. Ou seja, o contato que tiveram foi fazer um trabalho, mais não se teve nenhuma orientação de como poderia ser utilizado o computador dentro da sala de aula. Como usar essa tecnologia, talvez esse seja o grande problema que nós temos hoje em termos de educação, de como utilizar. Se tem várias teorias, muitos assuntos que se discutem, mas não se tem uma coisa prática, o que que eu vou fazer, talvez esse seja a grande pergunta que fica na cabeça do professor, o que que eu vou fazer com o computador? Então aí, às vezes é preferível usar o giz e a lousa que é o que ele já sabe a usar o computador. Então eu vejo assim, que o que está faltando para nós hoje, no caso, você está fazendo doutorado, futuramente vai estar na área desenvolvendo teses, escrevendo livros, espero, então voltado para essa..., de repente defender essa ideia da universidade já formar o professor, formar o profissional para que ele possa atuar em sala de aula usando essa tecnologia. E aí em termos de políticas públicas falta muita coisa. Aí tem que profissionais que possam rever toda a política pública da educação, onde podemos conciliar tecnologia com o conhecimento, para que possam tornar cidadãos críticos no futuro. Eu acredito que devido a evolução da sociedade, eu vejo a escola como se ela não tivesse evoluindo ainda. Ela ficou para trás em muitas coisas. Então se usa muitas vezes o tradicional, não estou dizendo em termos de conteúdos, mas na forma de trabalhar com o aluno, muito em sala de aula, giz, quadro e isso para a realidade nossa onde o aluno tem contato diariamente com tecnologia celular, MP3 e tudo mais, acaba sendo desmotivante, então a escola também precisa de repente estar acompanhando essa evolução do aluno. E se nós não fizermos isso, nós vamos perder alunos, os alunos vão deixar de frequentar uma escola, até porque se hoje nós quisermos, vamos dizer assim, em termos de conhecimentos não precisa mais da escola em si. Conhecimento você consegue adquirir com a tecnologia, uma internet, um computador ligado a internet. Você consegue ter todo o acesso ao conhecimento, então os professores serviriam como um mediador. Alguém que conhece mais e tem como orientar o aluno, esclarecer algumas dúvidas que ele não consegue esclarecer sozinho. E o computador é um grande aliado para isso.

__ Bem professor. Por enquanto muito obrigada pela sua disponibilidade.

ENTREVISTA 9

__ Por que quis ser professor?

__ Porque na época, eu tive que financiar meus estudos com crédito educativo. E já no primeiro ano depois de formado você tem que cumprir aquele contrato firmado, que depois de três ou quatro anos você vai restituir para o Estado o que foi investido na sua educação. Então eu tive que partir para pagamento dessa dívida, para depois pensar em outra atividade. Mas aí comecei a dar aulas, e fui ficando como educador. Tornei-me professor e depois também veio o casamento e outros problemas particulares me impediram de levar adiante a idéia inicial de ser pesquisador.

__ Ser professor então não foi uma escolha?

__ Eu pretendia ser pesquisador, porque a área de pesquisa é mais fascinante. Mas eu também gostava também de sala de aula, só que, mas a sala de aula também da forma que antigamente não tinha muito obstáculo não. Hoje a gente tem mais dificuldade.

__ Por que escolheu esta área de graduação? Porque a Biologia?

__ A Biologia foi desde de infância, a gente se interessava, fazia experiência em casa, aquelas atividade de criança, então pelas artes, então basicamente voltada por aquelas experiências. Eu almejava fazer Ciências Biológicas, Biologia, eu já tinha o objetivo geralmente de partir pra pesquisa e depois no final houve uma mudança de curso, de rumo.

__ E por que trabalhar nas salas de tecnologia?

__ Aconteceu assim. No primeiro ano já existia a sala de tecnologia, embora eu tinha vontade de participar de estar ali trabalhando na sala de tecnologia, mas eu naquele ano eu não assumi não me interessei porque não existia ainda uma lei quedava amparo pra gente, se no caso eu fizesse essa opção da sala de informática eu perderia o vinculo com a sala de aula, o vinculo de concurso, então isso eu fiquei preocupado com o futuro, na questão de aposentadoria e outras vantagens. Aí com a implantação da lei se eu não me engano em 2002, aí houve uma segurança maior, então agente já pode fazer essa escolha.

__ E como a sua entrada nessa área do conhecimento?

__ Foi com meu primeiro computador que eu comprei em 88 mais ou menos. O computador da época era um computador bom um Pentium 100 na época, então eu comecei a descobrir coisas novas tecnologia que podia auxiliar nas salas de informática, ou na sala de aula. Eu comecei a preparar as minha aulinhas no computador. Eu comecei a digitar as aulas, depois eu descobri que existia uma forma de apresentação de slides no PowerPoint que na época tinha certas limitações mas a gente começava a organizar. Eu copiava, inseria algumas figuras. E na época não tinha acesso a internet. Depois eu comecei a utilizar quando pude ter o processo da sala de tecnologia.

__ E como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia?

__ Antes o NTE já tinha a exigência do conhecimento mínimo na área de tecnologia por exemplo, o computador, manuseio, o conhecimento nos programas básicos do IPD, conhecimento na área alguma coisa, então já tinha feito alguns cursos de montagem e desmontagem de computadores, o curso básico de informática. Depois aqui dentro da sala de tecnologia foi proporcionando oportunidades para realização de novos cursos, inclusive ampliação de como utilizar outras ferramentas e tudo mais. E hoje nós já estamos participando do curso de mídias na educação à distância e vamos investir.

__ E como você se vê no espaço da sala de tecnologia educacional?

__ Durante a aula eu sou um coadjuvante, porque o domínio de conteúdo e a forma de se relacionar com os alunos é do professor regente, então eu estou ali auxiliando, coadjuvando nas dificuldades técnicas e operacionais do momento. Eu vou auxiliar ali nas dificuldades que ele tem ali de acessar a máquina, fazer uma atividade, elaborar ali uma atividade no momento. Mas eu me sinto como um professor porque não tem muita diferença. Porque a gente está trabalhando com aluno. E da mesma forma que você tem dificuldades na sala de aula, tem aqui também, só que não em termo específico da disciplina. Aqui a gente tem que sanar dúvidas ou trocar idéias com os alunos na área tecnológica ali. E aqui também com os colegas de outras áreas, eu posso aprender outras coisas.. investir na minha área de formação

__ E como os demais segmentos te vêem?

__ Pelo tempo que a gente já está na sala de tecnologia, a gente tem uma boa receptividade, um bom relacionamento. A gente não faz imposições, a gente convida o professor, tenta colocá-lo sempre à vontade na sala, com horário flexível, a gente não impõe nada. Então isso auxilia bastante o relacionamento

__ E você considera que a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional se diferencia da atividade docente no espaço da sala de aula? Por quê?

__ Sim porque aqui os alunos ficam mais a vontade, mais disciplinados, mais interessados. Até o ambiente é diferente. É menos estressante, porque tem uma rotatividade maior de alunos, o que facilita o nosso relacionamento e o aluno te vê diferente, não tem aquela bagunça rotineira que tem em sala de aula.

__ E com o professor?

__ É muito bom porque a gente tem oportunidade ainda de ampliar a área de conhecimento, isso é muito bom porque, você estar trabalhando com outros colegas da área de História, Geografia, Matemática ou Língua Portuguesa, então a gente tem oportunidade de trabalhar essa interdisciplinaridade maior. A gente tem como entender às vezes certas formas de você montar uma aula, auxiliar o professor. Então você até acaba assimilando um pouco também, a gente acaba se reciclando até certo ponto porque o professor regente para ir na sala de tecnologia tem todo um planejamento. É feito um agendamento antes. E durante o planejamento, a hora atividade, o professor precisa sentar com o professor da Sala de Tecnologia, para planejar a sua aula. O professor planeja o que vai dar do seu conteúdo, e eu o ajudo a

selecionar o aplicativo. Os mais utilizados são o PowerPoint, o Word e os sites da internet.

__ O que você considera como aspecto negativo e como aspecto positivo de trabalhar nesse espaço?

__ Positivo é a oportunidade da gente estar em contato com todas as inovações tecnológicas. A gente estar ampliando esta área, a gente poder auxiliar o professor porque isso é muito importante. É muito positivo você chegar e ver um colega com dificuldades tanto para trabalhar um conteúdo, para encontrar novidades sobre isso, e a gente vai navegando nas páginas da internet, vê um software educativo, que ele possa auxiliar na montagem da sua aulinha. E hoje, até já existe sites que oferecem bastante atividades que você pode trabalhar de forma bastante integrada, interativo. Negativo é hoje a questão do horário, dividiu bastante a atividade nossa, então isso reduziu o tempo que você tinha de contato com o professor. E hoje tem a obrigação de você estar na sala de aula em outro período de regência, você não tem mais aquele tempo que tinha antigamente para preparar com mais tempo as atividades e isso em parte deixou a gente um pouco frustrado, no que tinha investido, todo esse tempo. Investido no crescimento profissional nessa área. Hoje não, hoje a gente vê que muitas coisas foram jogadas por terras.

__ E diante disso tudo você incentivaria algum colega a concorrer a sala de tecnologia?

__ Para trabalhar na sala de tecnologia, hoje a pessoa tem que primeiramente gostar, ter afinidade com essa área tecnológica, encampar essa idéia, porque não só o trato com o computador, mas você tem contato com toda a área tecnológica. A TV, O vídeo, tudo, porque ali está tudo integrado, porque se você tem hoje uma fita VHS, você quer transcrever para um DVD para utilizar e recuperar aquele conteúdo, então você tem que utilizar todos esses recursos.

__ Teria alguma coisa que a gente não falou e que você gostaria de falar?

__ Eu acho que o essencial é também investir nos recursos humanos, em capacitações, porque ali é puma troca de informações constantes entre os colegas. Os trabalhos que são realizados na sala de tecnologia, porque isso ai a gente pode..., através da idéia de um colega a gente pode ampliar, a gente pode complementar tudo. Então isso é importante, no caso, hoje, falta de reuniões entre os colegas tem dificultado bastante. De repente o que ele planejou e fez na escola X, na escola Y não serve . A gente tem que adaptar tudo iss. Uma atividade no matutino, às vezes fazer adaptações para o noturno, Então tem todas essas peculiaridades.

__Muito obrigada, suas informações foram valiosíssimas, até uma próxima

ENTREVISTA 10

__ Porque você escolheu a Biologia como área de graduação?

__ Quando eu estava na região de Corumbá eu cheguei de São Paulo eu me apaixonei pelo Pantanal, então na época eu tinha feita a 1ª opção para o curso de Administração de Empresas. Cursei um ano de Administração de Empresas mas depois vi que aquilo não era a minha área. É uma área mais burocrática, então fiz uma mudança para o curso de Ciências com Habilitação em Biologia. Foi por isso

que eu gostei. Porque eu estava em Corumbá é uma região pantaneira. Eu gostava de pescar e também me apaixonei pela área do Pantanal. Foi por isso que acabei mudando de curso, porque eu pretendia ser um administrador de empresas, porque na época em 77, era uma época que ser administrador de empresas era um curso que estava em alta e continua em alta, só que depois de um ano de curso vi que não era aquilo, fiz uma mudança para o curso de Ciências com habilitação em Biologia.

__ E por que quis ser professor?

__ Na época eu já trabalhava em secretaria de escola. E também eu tenho 3 irmãos que são professores. Então eu achei que isso era a minha área. Uma área que gostava de trabalhar. Gostava de trabalhar com jovens. Eu era muito de grupo jovem e me dava bem nessa área. Então achei que era uma opção e que eu poderia trabalhar com jovens.

__ E por que a sala de tecnologia?

__ A sala de tecnologia foi porque eu sai no PDV, programa que teve no governo do Estado, daí eu fui trabalhar durante dois anos no Colégio Militar e esse Colégio em Campo Grande já trabalhava com sala de informática. Então o professor tinha que se especializar, tinha que preparar aula no laboratório. No momento eu não tinha muita prática em computador mas foi fornecido o curso, foi a hora em que comecei a me interessar pela sala de informática e adquirindo até um computador na época. Então com o dinheiro do PDV, reservei uma parte e comprei um computador na época que seria de última geração. Ai sai do Colégio Militar, retornei ao Estado com o concurso e na escola que tomei posse tinha um laboratório de informática do PROINFO e surgindo a possibilidade de abrir uma vaga em sala de informática eu me candidatei concorrendo a essa sala que teve outros professores também concorrendo.

__ Como foi para você essa entrada na sala de tecnologia?

__ Como eu falei no Colégio Militar já tive o primeiro incentivo de que aquilo ali seria a minha área. Comecei a me interessar. Quando cheguei na escola do município eu tive que começar a me preparar mais porque exigiam que a gente teria que levar os alunos para dar uma aula de informática dentro do seu conteúdo. Ao entrar no Estado aconteceu a mesma coisa. E tendo a possibilidade de trabalhar na sala de informática comecei a me preparar mais. Então é por isso que acabei me interessando. Eu vi que aquilo ali seria minha área. E que eu poderia me aprofundar mais e contribuir na área de educação dentro da informática.

__ Que formação inicial você recebeu para desempenhar sua atividade docente na sala de tecnologia?

__ Quando sai do Colégio Militar eu trabalhei na Prefeitura e lá também teve curso dentro da área de informática. Que para poder dar aula na escola do Município já tinha os computadores antes que tinha no Estado. Esses computadores novos. Então tive que ir me preparando e fazendo cursos dentro da parte de informática para poder melhor administrar as aulas com os alunos. Eu fiz curso de Word, Excel, Power Point, cursos relacionados a internet e vários outros cursos em que utilizava também Power Point e também o webquest, usei muito isso ai para preparar as aulas do Município. Foi dentro do Município que fiz esses cursos. Esse cursos no total de informática deve chegar em mil horas de cursos. Tive vários cursinhos pequenos de

40 h, 50h, isso foi acumulando. Tenho hoje uma base de mil horas de curso na área da tecnologia.

__ Como que está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade docente na Sala de Tecnologia Educacional?

__ Um processo de formação contínuo. Nunca consigo atingir o máximo de conteúdos. Sempre tem mais alguma coisa para aprender. É por isso que há pouco tempo eu ia fazer uma Pós Graduação dentro da minha área de Biologia, optei pela minha área de informática: Tecnologias Computacionais Aplicada a Educação pela UNIT de Cuiabá. Foi um curso de 10 meses. No caso a distância, isso forçou atuar mais dentro da informática porque na realidade eu estava fazendo um curso de informática, tinha que utilizar o computador. Tinha uma aula por mês que era presencial. Isso também ajudou bastante porque a minha monografia dentro do curso de tecnologias foi a parte aprendizagem, por exemplo: como formar aluno monitor para a sala de tecnologia. Porque eu via que nós tínhamos muito alunos que tinha condições de auxiliar o colega e auxiliar o professor na hora em que estivesse ministrando a aula na sala de informática. Então procurei fazer a minha monografia dentro da sala de informática. Eu utilizei o aluno como o aprendiz. O aluno que aprende e consegue ensinar o seu colega. Então ele se torna um parceiro do professor dentro do horário da sua aula como auxiliar nas dúvidas que o próprio colega tem. Porque a gente sabe que muitos desses alunos tem computadores em casa. Eles utilizam os cyber. Então eles tem uma facilidade muito grande e outros alunos muitas vezes encontram mais dificuldades, então eu procurei fazer a monografia dentro da área como projeto aluno monitor. Então para melhorar a aprendizagem dele mesmo e dos seus colegas. Eles se tornam um aliado do professor. Esse projeto de aluno monitor eu desenvolvi dentro da sala de tecnologia que eu sou professor atuante. Então eu escolhi dentro da escola dois alunos por série e esses dois alunos eu ministrei para eles noções básicas de como ele auxiliar o seu colega. Esses alunos monitores já tinham um pré-requisito antes. Alunos que se destacavam dentro das aulas dos professores. Eu via que eles poderiam ser monitores para auxiliar. Só que só auxiliava depois que ele fazia sua atividade de História, Geografia, depois que ele terminava tornava-se um auxiliar do professor regente. Ele auxiliava o aluno com dificuldade com uma ferramenta. Alguma dificuldade em alguma ferramenta para aquela aula. Ele era um auxiliar, ele também servia, no caso, se algum aluno tivesse alguma dúvida ele ia lá e auxiliava. Para o professor regente, muitas vezes torna-se complicado, com uma sala de 30 alunos, atender todo mundo. Então ele se tornava um aliado. Por isso que é aluno monitor. Ele auxiliava na hora da sua aula. Ele auxiliava dentro da sua sala de aula. Ele não saía da aula dele. Na aula dele ele era um auxiliar. Foi muito interessante porque esses alunos também auxiliavam o professor da sala de tecnologia. Quando ele precisava fazer alguma manutenção ou passar um antivírus, muitas vezes eu requisitava ele e ele auxiliava. Só que não entrou esse ano porque com a mudança de governo não consegui fazer isso daí, mas eu pretendo para o ano que vem que esse projeto se torne, onde eu estiver como professor de sala de tecnologia, que se torne um projeto contínuo. O aluno vai saindo e vai entrando novos, isso daí para a aprendizagem deles é muito grande.

__ E como que você se vê no espaço da Sala de Tecnologia Educacional?

__ Eu me vejo como um aprendiz nesse espaço. Aqui eu aprendo e eu ensino. Porque de nada adianta eu ser dotado de conhecimentos só para mim. Eu tenho que transferir

esse conhecimento, assim como outro colega que tem determinado conhecimento transfere para mim esse conhecimento. Então aqui eu vejo que é uma troca. Tem vezes que ensino, noutras eu sou ensinado. E a cada vez que eu ensino estou aprendendo também. Então a minha visão é que eu estou aqui para transferir o que eu aprendo nos cursos. E a cada dia eu procuro ter muita criatividade. Eu procuro também não ter medo da máquina. Eu procuro fazer todas as atividades, errando ou não e assim vou aprendendo cada vez mais. As primeiras vezes que eu fui atuar como professor de sala de tecnologia eu tive medo. Porque eu pensava assim: - Eu não sei tudo e se o professor vier me perguntar eu não souber responder? Ai com o passar do tempo eu fui superando esse medo. Eu entendi que a máquina está aí para ser usada por mim, e não o contrário. Então eu tinha que procurar aplicar os meus conhecimentos para usá-la. Porque se eu não tocasse na máquina, continuasse com medo de estragá-la eu não iria colocar em ação os conhecimentos que eu estava buscando. Assim eu fui exercitando. E a partir do momento em que eu em que eu perdi esse medo, eu passei a utilizá-la como ferramenta pedagógica, errando e aprendendo. Quando errava eu via que tinha outros meios para encontrar o caminho de volta. E também outros colegas professores me auxiliaram, me deram dicas. E eu fui buscando sempre o conhecimento de outras pessoas. Assim, eu aprendi que não preciso ter medo de perguntar. Então, se eu não sei, eu pergunto. E isso tudo me ajudou. Eu aprendi a conhecer a máquina e a trabalhar o pedagógico com a máquina. Porque não adianta nada só conhecer a máquina em si, a máquina física sem o pedagógico não tem função nenhuma na escola. O importante é trabalhar com a máquina e o pedagógico.

__E como os outros segmentos te (professores, alunos, pais, direção, coordenação, funcionários administrativos) te vêem?

___ Eu acho que eles me vêem um apoio dentro da informática que eu estou auxiliando eles, também quando tem alguma atividade pedagógica, alguma reunião, fazer alguns certificados, na elaboração de algum horário. Tem hora que eu utilizo a parte de digitação para auxiliar a direção. Então sou um aliado da parte pedagógica e também na manutenção das máquinas. Muitas vezes falam: esse computador não está ligando, está acontecendo isso, não entra isso, não entra aquilo, não consigo fazer funcionar o computador é hora que vou lá e auxilio, antes de chegar a parte técnica a resolver o problema.

__ Você participa de todas as atividades aqui na escola?

___ Eu participo dentro da parte pedagógica, reunião de pais, reunião de professores. Eu me vejo que dentro da sala de informática eu não posso ser um alienado da escola. Tem que participar de todos os eventos da escola porque na realidade eu continuo sendo professor da sala de tecnologia. Eu continuo sendo professor da escola. Com o apoio da direção e da coordenação, tenho autonomia para trabalhar. Eu nunca tive imposição daquilo que eu podia fazer, simplesmente comunicava para eles o que eu ia fazer de trabalho e o apoio da coordenação e da direção sempre foi integral. Nunca tive pressão nenhuma por trabalhar dentro da sala de tecnologia.

__ Como que é o seu trabalho com o professor que vem para cá?

___ O professor vem com seu conteúdo e eu venho aqui mostrar para ele, quais as ferramentas que ele deve utilizar para apresentar aquela aula para o aluno e como fazer a ficha de planejamento. Porque eu vejo que muitas pessoas que vão planejar,

fazer essa fichinha, acham um horror, mais um papel, mas com o tempo eles vão vendo que aquilo ali vai facilitando o trabalho deles e é um documento que ele vai tendo da aula que comprovou que ele fez aquilo ali. Existe uma relação entre avaliação e conteúdo e as habilidades que ele quer com aquela aula. Porque muitas vezes o aprendiz tem habilidades mas falta a mão de alguém para desenvolver aquela habilidade.

__ E com aluno aqui dentro, aluno de outro professor como é a sua relação com ele?

__ Os alunos tem no inicio do ano. Eu passo na sala falando como ele deve se comportar em sala de informática. Então quando eu vejo que o aluno não está desenvolvendo a atividade, o professor regente ele que tem que tomar atitude de corrigir o aluno. Mas quando eu vejo que é uma coisa que vai prejudicar a máquina eu faço a minha interferência, vou lá, converso com ele, falo que não deve fazer aquilo e os sites que eles não podem entrar, tem que entrar nos sites que estão previstos na sala no sites de pesquisas, então existe uma troca que a cada momento e a cada aula é diferente da outra, então porque hoje em dia nós temos uma clientela bastante difícil. Os alunos muitas vezes tem hiperatividade e de querer sair para outros caminhos, então é a hora que faço a interferência e intervenções.

__ Como que eles reagem?

__ No começo eles falam que já terminaram as atividades e pedem para entrar em outra coisa só que dentro da sala de informática ele tem que entrar em sites pedagógicos, em sites de buscas relacionados ao assunto, logicamente eu falo para eles que vão haver outros momentos ou outros lugares que eles podem interagir com a máquina.

__ E o que é ser professor?

É se preocupar com a aprendizagem contínua, sua e do seu aluno. Como professor eu entendo que aquilo que eu aprendi eu consigo ensinar. Eu consigo transferir ou então desenvolver habilidades de um professor ou de um aluno dentro da atividade em que ele está fazendo. Muitas vezes o conhecimento está até na pessoa mas falta muitas vezes um auxilio, uma interferência. Então eu vejo que as minhas intervenções facilitam a aprendizagem, então os momentos de intervenções são importantes. Então quando eu vejo que um aluno ou professor está realizando atividade ele está com dificuldade é o momento em que eu faço a minha intervenção, essa eu acho que é a aprendizagem porque a intervenção que é importante. Porque na realidade você vê ele está errando e se você não ajuda isso ai não é significativo. É significativo quando você vê que a pessoa erra, você ensina, ele corrige e ele vai ser um multiplicador daquela aprendizagem, ele vai transferir para o outro, é ai que é o conhecimento passado um para o outro. É por isso que eu digo que ser professor é maravilhoso porque além de contribuir dentro da minha disciplina de Biologia eu contribuo também dentro da parte de tecnologias. Porque eu auxilio também além da parte de computadores, eu auxilio na utilização de TV, Vídeo, DVD, Antena digital, porque a escola que eu trabalho ela é uma sala de tecnologia porque nós uma TV de 29 polegadas, temos, DVD, Vídeos e Antena Digital, dependendo do planejamento do professor, além de computadores ele tem opção de planejar para vídeo e dvd.

__ E eles fazem isso?

__ Eles fazem isso. E com muito orgulho eu vejo que essa opção a escola nos fornece. Eu vejo que tem escolas que a TV e Vídeo e separado da sala de tecnologia.

Aqui na escola que eu trabalho – Escola Luiza Vidal, essa característica a diretora, ela tornou a sala de tecnologia propriamente dita. Quer dizer o professor pode dar o seu dvd, a sua aula com a televisão dentro da sala de informática, utilizando até um ambiente com ar refrigerado. Os alunos gostam muito quando vai ter um vídeo ou vai usar o computador. Então a sala de tecnologia é sala de tecnologia.

__ E eles usam computadores e vídeo ao mesmo tempo?

__ Não, só usam quando a aula é planejada para o professor ou é computador ou é vídeo.

__ Os dois juntos não dá?

__ Os dois juntos não dá porque não tem condições, mas quando quer usar um vídeo, separado, sem dvd, na biblioteca tem uma TV e tem um vídeo.

__ Os professores preferem a TV ou a sala de tecnologia?

__ Os professores preferem o computador.

__ E os alunos?

__ Os alunos mais ainda o computador, a internet é a coisa que eles mais gostam, ainda mais quando as aulas tem alguns links que vai utilizar a internet dentro da programação do Word ou do Excel ou do Power Point, quando vai utilizar a internet eles gostam mais, porque há uma interação, diferente muitas vezes da TV e Vídeo. A interação é menor. O visual é grande mas com o computador ele interage mais porque ele está utilizando a ferramenta, ele está tocando. Então o aluno quando toca a ferramenta, ele utiliza o teclado, o mouse ele se sente mais importante. Ele sente que ali está executando uma atividade, está fazendo alguma coisa que é dele. Então eu acho que mais significativo.

__ Eles gostam de qual ferramenta?

__ Eles gostam mais de utilizar mais a ferramenta do Power Point. E quando esse Power Point tem o uso da internet. Tem os links da internet. A internet é a coisa que eles mais gostam ainda quando tem uma facilidade deles fugirem para joguinhos eles vão tentar entrar nos joguinhos, que é uma coisa que..., tem os jogos educativos, que nos temos um banco de dados com jogos educativos que foram baixados da internet, já com atalhos para internet e alguns jogos. Mas isso ai só é permitido quando o aluno conseguiu desenvolver toda a atividade da sala dele, daí ele pode fazer uma atividade educativa.

__ Professores usam muito esses jogos?

__ Alguns professores quando vê que o aluno conseguiu desenvolver atividade, daí o aluno tem uma pasta chamada, pasta de jogos já no computador, no servidor, que a gente escolhe para o aluno interagir.

__ Os não estão vinculados com as atividades que os professores vem fazer aqui.

__ Tem jogos que são vinculados outros não são. Montam jogos de xadrez, dama, mais são importantes porque desenvolve a vida mental do aluno.

__ Que tipo de atividades os professores preparam aqui?

__ Eles preparam atividades cada um na sua disciplina. Dentro da parte de Educação Física, de História, de Geografia e de todas as disciplinas afins e os que eles mais usam é o Power Point. A professora de Português usa também o Word para o aluno aprender a digitar e também vê a parte do Português, os erros, a parte de redação.

__ E como é para você trabalhar com essas ferramentas?

__ Para mim é muito importante porque este recurso facilita muito o trabalho da disciplina, facilita meu trabalho e no meu dia a dia também, porque utilizo para mandar e-mails, entrar em contato com NTE. Vejo que a minha aprendizagem sem o computador hoje em dia não é nada, porque muitos cursos que eu faço eu dependo dessa ferramenta, então a interação até com os meus colegas em um bate papo, vejo

que a troca é muito grande. Então essa ferramenta hoje em dia já faz parte da minha corrente sanguínea.

__ Como é ensinar usando essa ferramenta?

__ Vejo que a aprendizagem é muito grande. E quando o aluno utiliza essa ferramenta, o comportamento dele no laboratório é muito melhor que em sala de aula. Então quando o aluno vem para a sala de informática, principalmente nas salas que tem hiperatividades muito grande, como bagunça, com conversas paralelas, quando eles vem para a sala de informática, a aprendizagem é muito maior. Eu vejo que ele deixa de conversar e se interage, e muitas vezes o aluno que bagunça tem um conhecimento muito maior que outros na utilização de aplicativos e nas ferramentas. Então o aluno que não desenvolve em sala de aula quando chega na informática ele consegue fazer atividade porque é uma aula atrativa. Ele utiliza o visual porque a aprendizagem tendo o visual é uma aula diferente. A aula deixa de ser monótona, uma aula rotineira. Então a aprendizagem melhora de 80 a 100%.

__ E você considera que a sua atividade docente no espaço da sala de tecnologia educacional se diferencia da atividade docente no espaço da sala de aula ? Por quê?

Eu vejo que é um espaço em que eu aprendo e ensino é por isso que acabei optando em fazer uma especialização dentro da sala de tecnologia, porque eu vi que poderia contribuir mais para essa área que está se expandindo. É troca de conhecimento no utilizar ferramenta dos softwares, aquele aplicativos que eles vão utilizar na aula, quer dizer, ele tem um determinado conteúdo e como fazer aquele conteúdo dele, utilizando esse recurso. Então como vai utilizar? Se vai utilizar no Word, se vai utilizar no Excel, no Power Point, se ele vai utilizar um visual Basic para tornar a aula mais atrativa para o aluno, porque o aluno quando entra na sala de informática ele fica bastante interessado dentro do assunto e ele fica vidrado. É uma aula que eles ficam interessados, ainda mais quando vai utilizar a internet hoje em dia, eles ficam vidrados nisso ai. Então exercer a profissão como professor em sala de tecnologia é muito mais diferente do que exercer em sala de aula. Dentro da sala de tecnologia eu vou trabalhar mais com os professores eu vou ter um tempo maior para eu fazer cursos e aprender mais, quando estou em sala de aula a aprendizagem em relação a informática é pouco menor porque lá eu tenho outros compromissos com alunos, porque aqui o professor de sala de tecnologia trabalha mais diretamente com o professor. O professor regente traz o aluno para desenvolver atividade eu não dou aula para o aluno, que dá aula para o aluno é o regente, então o meu compromisso é maior porque eu tenho que tornar essa aula, o uso da sala de tecnologia bastante contínuo e interessante e que os professores sejam bem vindos a sala, que eles utilizem a sala de recurso no seu dia a dia até para preparar as suas aulas, para preparar suas provas. Eu gosto de dar aula. Eu trabalhava com 40 h em sala de informática houve uma mudança eu tive que voltar para a sala de aula, não é por esse motivo que não gostei de voltar para a sala de aula eu tenho 31 anos de carreira e há 25 trabalhava em sala de aula eu vejo que voltando para sala de aula, hoje em dia ao preparar a minha aula de informática eu tive muito mais facilidade. Eu tive um conhecimento maior. Então não tenho tanta complicação para preparar uma aula mas no fundo não posso esquecer que mesmo estando em sala de tecnologia eu continuo sendo professor por isso ao assumir a sala de tecnologia em nenhum momento deixei de ser professor. Ainda continuo sendo professor, então tenho que ser um aliado do professor.

___ **O que é ser professor?**

___ Ser professor é entregar a sua vida auxiliando ao outro e aprendendo na troca, então eu vejo que eu ensino em aprendo com quem está sendo ensinado. Ser professor é isso não é ser o dotador de conhecimento para si, mas para os outros.

___ **E você gosta mais de ser professor aqui dentro ou na sala de aula convencional?**

___ No momento atual dentro da sala de tecnologia a tranquilidade de ser professor é muito melhor que sala de aula. Porque o contexto de sala de aula. A realidade hoje em dia está diferente porque os alunos em sala de aula eles se comportam diferente dentro da sala de informática como dentro da sala de aula. Diferente porque eles acham que a sala de aula muitas vezes é monótona. Tem alunos com problemas psicológicos. Trazem problemas de casa são hiperativos. Muitas vezes com salas numerosas, então a dificuldade é muito grande. Os alunos muitas vezes em 50 m de aula se você consegue manter 20 m com aprendizagem é muito, o resto do tempo muitas vezes tem que estar chamando a atenção do aluno. Tem que estar utilizando outro tempo para educar o aluno para o mundo para a sociedade. E aqui dentro é diferente porque no momento em que você está aqui, você está como auxiliar do professor e fazendo algumas intervenções com o aluno, porque o professor de sala de tecnologia ele vai auxiliar o professor regente. E as dificuldades que os alunos vão encontrando é a hora que você faz as suas intervenções, então a sua preocupação dentro da sala de tecnologia é um trabalho mais direcionado para o professor e não com aluno.

___ **Como que é o comportamento dos alunos aqui?**

___ O comportamento dos alunos aqui dentro melhora de 80% a 100%. O Aluno que é hiperativo na sala de aula, que não faz nada lá e aqui consegue fazer todas as atividades, ele se acha importante. Porque lá ele tem que seguir o ritmo da turma e como muitas vezes ele domina o computador. Então eu vejo que muitas vezes o comportamento rebelde muda completamente e esse mesmo aluno que lá na sala é o terror do professor, quando chega aqui ele se torna muitas vezes até um auxiliar do professor. Porque muitas vezes com a hiperatividade dele, ele pode nem ter computador em casa, mas ele frequenta o cyber. E as vezes ele tem computador em casa mesmo. Então quando ele chega na sala de tecnologia ele se sente importante porque ele sabe e pode até auxiliar algum colega.

___ **E na sala de aula ele não pode auxiliar o professor?**

___ Muitas vezes na sala de aula devido as aulas muitas vezes serem monótonas, não ter um grau de diferenciação grande da sala de tecnologia ele acha que aquilo ali para ele é uma coisa que não é importante.

___ **Por que a aula é monótona?**

___ A aula monótona é o professor que fica na mesma mesmice, quer dizer, uma aula que não tem mudanças, é tido a mesma coisa, passando conteúdo no quadro. Não uma troca entre o aluno e o professor. Seria tipo uma aula tradicional. O professor é o dotador de conhecimento e o aluno fica quieto.

___ **Aqui ele troca?**

___ Aqui ele troca o conhecimento muitas vezes com a máquina ou com o seu colega. Porque muitas vezes fica o computador com dois ou três alunos. Então há uma troca, existe uma relação.

___ **E o professor fica como com esses alunos?**

___ O professor ele orienta o que vai ser feito e os alunos vão desenvolvendo as suas atividades. Quando algum aluno levanta a mão ocorre a interferência do professor.

Quando o aluno não consegue entender o que está sendo pedido, o professor regente vai até o computador e faz a sua intervenção.

__ Você acha que aqui na sala os professores descansam mais com os alunos do que na sala de aula?

__ Ele descansa mais porque sabe que o aluno quando está utilizando uma ferramenta ele está mais atento aquilo que está ocorrendo. O aluno está atento ao visual, aquilo que está interagindo com ele. Então acho que ele vê que aqui ele está muito mais tranquilo. O professor ele tem que preparar essa aula, mas quando ele vai executar é muito mais tranquilo porque está direcionado para um recurso que ele vai desenvolver a atividade.

__ Você gosta mais daqui, desse espaço? Ou de lá?

__ Atualmente eu gosto mais da sala de tecnologia. Eu gostaria, se pudesse continuar com as minhas 40h dentro da sala de tecnologia como era antes, quer dizer eu vejo que posso contribuir mais. Vou ter mais tempo pra desenvolver. Eu vejo que consegui, dentro da sala de tecnologia ter uma aprendizagem maior de conhecimentos. Eu vejo que também consigo transferir para os meus colegas.

__ E em relação a sua área de formação?

__ Dentro da área de formação eu vejo que não estando atuando em sala de aula, dentro da minha área de formação, quando é uma aula de Biologia ou de Ciências, as minhas interferências são grandes, mas devido ao tempo que eu tenho em sala de tecnologia eu faço as minhas intervenções em outras disciplinas com bastante sucesso. Porque conforme vai passando o tempo ou vou adquirindo conhecimento de outras disciplinas, de outros conteúdos. Então eu acabo aprendendo fora da minha área outros conteúdos que são importantes para o meu conhecimento.

__ Quais os aspectos positivos e negativos de ser professor aqui dentro?

__ Os aspectos negativos muitas vezes eu vejo na parte da administração superior por parte do governo de coisas que acontece dentro da informática que não são transferidas para nós professores de tecnologia com bastante antecedência ou aquela preocupação das ansiedades que o professor de tecnologia tem durante o ano em que está trabalhando. Então acho que tem que haver dialogo, tem que haver uma troca de quais mudanças deve ter e que o professor da sala de tecnologia tem que estar inserido nessas mudanças, tem que estar participando dessas mudanças e não coisas prontas. Coisas que muitas vezes pode deixar o professor da sala de tecnologia sem vontade de trabalhar.

__ De positivo acho que você já falou praticamente de todos, tem mais alguma coisa?

__ De positivo eu vejo que os cursos que muitas vezes são oferecidos no NTE. O apoio da direção, a autonomia de você trabalhar e o auxílio por parte de colegas que tem conhecimentos e observam que a sala de tecnologia funciona adequadamente e vê que a sala de tecnologia é um recurso que ele tem a mais para trabalhar no seu dia a dia.

__ Queriria que você finalizasse fazendo um comentário sobre o que significa esse espaço?

__ O espaço de sala de tecnologia é um recurso que veio somar com a educação do estado. Eu vejo que a sala de tecnologia tornou a aprendizagem de nossos alunos muito maior e os professores viram com o passar do tempo que este recurso não pode mais ser abolido da sua aula. Esse recurso tem que estar sendo usado para preparar a sua prova, fazer uma pesquisa dentro do seu conteúdo e tem que ser um espaço usado

por professores, alunos, funcionários. É uma sala que não pode estar fechada. Tem que estar aberta todos os dias em todos os momentos para qualquer atividade.

__ **Como que é essa relação você-professor e aluno?**

__ O professor vem planejar a sua aula porque já tem um horário estipulado, ele vem planejar a sua aula com antecedência de 48 h, ele planeja aquela aula em que você disponibiliza depois aquela aula na pasta dos alunos e o professor faz uma folha de planejamento que essa folha é levada para coordenação. A coordenação faz uma análise e faz suas interferências, muitas vezes essa folha de planejamento volta da coordenação para ser revista devido a alguma coisa sobre habilidade, sobre avaliação para ser corrigida e arquivada numa pasta, após esse planejamento, o professor executa sua aula dentro do seu horário de aula. O aluno interage com o computador dentro de uma aula ou duas, dependendo da atividade. E o professor faz as suas intervenções dentro do seu horário de aula.

__ **Faltou alguma coisa que você gostaria de comentar?**

__ Eu vejo que a minha contribuição na sala de tecnologia só é importante quando eu vejo que existe o apoio dos professores, alunos, direção e o governo. E vejo que a minha contribuição nessa entrevista só é válido porque eu posso auxiliar em algo mais dentro da educação. Eu vejo que tenho que contribuir para alguma coisa, que a educação tem que ser mudada de uma maneira ou de outra, utilizando um recurso ou outro. Temos que fazer a nossa contribuição como professor.

__ Então muito obrigada por enquanto. Até uma próxima.

ENTREVISTA 11

Por que escolheu essa área de graduação?

__ Pela influência assim, familiar que eu já tenho por exemplo, um tio que é da área de Educação Física, um irmão que é professor de Educação Física. E uma das áreas que para mim no momento que se apresentava melhor para mim era a Educação Física, então eu parti para essa área.

__ **Por que quis ser professor?**

__ Porque aprendi com os professores que eu admirei, que eu mais gostei. Gostava do professor de Educação Física, coisa que todo mundo gosta. Mesmo porque é uma das disciplinas que mais mexe com você. Praticar esporte, competir, é um incentivo além de ser saudável. Não que as outras disciplinas não tragam conhecimentos e tantas outras coisa boa para sua vida. Mas quando se é guri novo, você está mais voltado para a área do esporte. Você não pensa muito no que tem para aprender em Matemática, Português, ou nas outras disciplinas.

__ **Mas com a Educação Física você não associa tudo isso?**

__ Sim, você associa tudo, você está exercitando o corpo e se disciplinado. E trás vários conhecimentos, independente da disciplina trás algum conhecimento, mesmo sendo da Educação Física, que parece que é só esporte, mas não, existe muita coisa ligada, você vai estar trabalhando Geografia pelo fato de saber os locais, a população. Um monte de coisa associada a Educação Física. Você vai estar praticamente trabalhando todas as disciplinas dentro da Educação Física também.

__ E por que quis trabalhar na sala de tecnologia?

__ Isso aí é alguma coisa muito antiga, desde guri, desde quando era pequenininho fiquei voltado para essa área de tecnologia. Desde quando estragava o ferro, a mãe estragava a resistência eu arrumava. Som na igreja, eu mexia com esses negócios de igreja, festinha na igreja, quem tomava conta do aparelho de som, essa parte tudo aí era eu. Eu tive tendência para isso, depois de estar sempre mexendo com isso, desde pequeno, voltado para essa parte que sempre gostei, daí me descobri assim, na informática, que era a minha praia. Daí comecei a gostar e fui para esse lado.

--- E como que foi a sua entrada nessa área de conhecimento?

__ Primeiramente, por exemplo, o fato de gostar, isso era um (hobe), você tem uma idéia, quando eu comecei a pegar o primeiro computador, a tecla era de máquina de lavar, apertava em cima, tipo de membrana, isso lá pelos anos 70, logo que surgiu. Até lembro que na época o primeiro computador que tive em 85. Era na época o que eu queria fazer. Ainda era preto e branco, depois eu veio o colorido, daí achei fantástico. E até lembro, quando eu fiz..., no final do ano eu tinha feito, aquele que se programava em Basic, coisa assim, eu tinha feito com a minha família, coloquei a família Cunha, Feliz Natal, eu passei quase a noite inteira fazendo isso, e apresentei em casa, mostrando para eles, ainda ligava na televisão, o monitor era mais difícil e usava fita cassete, e usava todos os (computadores?) de giro, para achar o programa ou tipo de ação que ele tinha feito. Até tinha programado tudo na época de dezembro e daí mostrei em casa, quando eu mostrei família Cunha, Feliz Natal, para mim aquilo foi muito, mas eles falaram só isso. Para eles não conheciam esse valor da parte que você fez. Eu tive que programar isso em Basic, para mim deu um trabalhão e quando eles viram aquilo, a família Cunha, feliz natal, para eles que era leigo, mas eu queria mostrar o que eu sabia. Como eu gostava de informática, eu falei, vou fazer, naquela época não tinha muito computador, nem mexiam. A pessoas nem mexiam em computador, quem tinha domínio de alguma coisa se achava meio assim, não contava vantagem de nada mas para você aquilo era satisfatório.

__ Então você já sabia trabalhar com computador quando a sala chegou na sua escola?

__ Já tinha domínio de praticamente de todos os aplicativos. Meio auto didata assim, de estar vendo muito e na pratica de montar e desmontar computador, pegando programa e indo a fundo no programa para aprender. E lendo muito e atuando na prática. Por exemplo, curso assim, em si, eu fiz alguns, mas foi pelo fato de gostar mesmo, aprendi mais sozinho, praticamente os cursos que fiz foi porque precisei do diploma mas acabei sendo meio auto didata nisso no sentido de aprender.

__ E esses cursos eles te ajudaram a sistematizar o que você já sabia?

__ Nem todos, nem todas as áreas, por exemplo, os cursos Básicos que fiz era coisa que já tinha lido e já sabia. É como eu estou te falando, foi mais no sentido de pegar o diploma, mas nada que um curso para aprender alguma coisa que você não sabe, tirar alguma dúvida ou coisa assim, sempre é proveitoso, mesmo que você ache que já sabe tudo, mas se você vê o mesmo curso 10 vezes, 10 vezes você vai aprender alguma coisa diferente. É sempre útil o curso nesse sentido.

__ E como que vem sendo o seu processo de formação para continuar atuando na sala?

__ Não tem nada hoje continuado. Você não tem assim, por exemplo, mensal, bimestral, semestral, anual que seja, tipo alguma coisa como sistematização onde

você está fazendo, por exemplo, do que eu sei, do que eu posso melhorar no sentido que alguém possa me oferecer alguma coisa. Tipo assim, um núcleo, que seja de cursos responsáveis pela minha área, digamos assim, oferecer alguma coisa nesse sentido, por exemplo, nós não temos assim, praticamente nada. Nada que eu quero falar é que não é oferecido nada continuado. Do que eu sei eu ou sabendo por mim, mas não que me ofereçam alguma coisa ou até condições de vê no livro o que você fez e falar, nós podemos oferecer talvez um curso diferente do grau que ele já está e que ela possa vir e retornar e fazer isso, e voltar para a própria instituição que trabalha. E justamente pelo fato de você não ter um espaço. E se for recordar um pouco em tempos atrás, o que que você tinha. Você tinha encontros onde você tinha possibilidades de mostrar o que você fez, o que era útil, tipo lá, voltando alguns anos atrás, até do tempo em que você era diretora e um pouco antes também. Tinha encontros semanais você parava um dia. E esses encontros semanais era justamente onde mostrava o que cada um estava fazendo. De certa forma dividíamos muitos conhecimentos. Não adianta todo mundo falar, eu sei mil coisas e não conseguir dividir com ninguém, aí é um retrocesso da inteligência ou do conhecimento. Porque o que souber e não poder dividir com ninguém o que eu sei, isso vai morrer comigo, daí fica difícil para qualquer coisa que você souber. E eu não quero, você que tem uma base que essa área é muito vasta, seria uma coisa desnecessária para qualquer profissional ou qualquer professor que atua nessa área e mais voltado para a área de educação, o que você sabe ou o que você faz você não poder dividir com ninguém, você não poder mostrar para ninguém, que de alguma forma possa servir. Porque aí por exemplo, o conhecimento que você tem limitou-se em morrer com você ali. Eu sei mas ninguém sabe que eu sei. Não tenho oportunidade de dividir com ninguém isso. Acho que isso é ruim e de alguma forma retrocede nessa parte da educação. É isto está acontecendo! O fato justamente de você hoje, por exemplo, ser cobrado no sentido de fazer as coisas, está tudo lá, você tem que fazer funcionar, acho que tem que ter uma sistematização de tudo o que você vai fazendo. Nesse sentido ninguém é contra. Mas eu estou falando, da liberdade de você se expandir. E não pode limitar essa liberdade. Aí que vem o fato de hoje, a questão das restrições em servidores de escola, ou de não preparar, talvez você bem ou nem ver a preparação que você tem. E limitar alguns tipos de restrições dessa área ou o que limita o crescimento digamos, não só seu mas da própria instituição, da própria sala de tecnologia. Quer dizer, o fato de restringir limita até ali. Pronto eu não posso fazer mais que isso. Só posso chegar até ali, só posso criar até o 5, se eu tenho criatividade ou tenho outros meios, conheço alguma coisa que possa melhorar eu não posso chegar até o 10, me limitaram, eu só posso chegar até o 5 dado tudo o que tem ali dentro e que funciona hoje eu só posso chegar nisso. E quem determinou isso? A própria Secretaria de Educação pelo fato de limitar, achar que os profissionais que estão..., se liberar esses tipos de coisas, daria algum problema para servidor ou para qualquer tipo de coisa. O fato de limitar está limitando a criatividade e a evolução da própria educação dentro da tecnologia. O que acontece hoje dada as limitações. Mesmo que não tivesse nenhuma limitação, mesmo que por qualquer motivo, digamos estragasse servidor por mal uso, de algum jeito, mas que com isso a gente conseguisse criar mais em cima, acho que valeria mais a pena do que restringir. Mesmo que se usasse, de alguma forma, porque várias pessoas estão usando, um estaria usando no sentido de melhorar, a maioria pensa assim. Agora 2% acha que tem o poder de fazer isso, acha que a gente possa fazer alguma coisa que possa estragar ou qualquer coisa assim, ou fazer algum procedimento que não seria legal. Quer dizer essa restrição ao ver hoje, está limitando o conhecimento de quem quer melhorar nessa área e criar mais, tentar

ir onde der, porque a questão da tecnologia, acho que o bom dela é que gosto é porque não tem limite. Não tem limite para a criatividade. As coisas que você faz, seja no Power Point, porque nem sempre você conhece outro programa, mas sempre tem um meio diferente de você apresentar para o aluno ou para as pessoas da escola. Você sempre pode criar alguma coisa diferente, mas isso sem limitação. Você tendo limitação, quer dizer, eu só consigo fazer isso, se eu tenho tudo, o fundamental. Você imagina se eu tivesse olhando o computador..., claro que eu sou a favor, algumas coisas tem que ser limitadas para aluno que é adolescente. Agora limitar o profissional nessa atividade que pensa em criar ou fazer outras coisas nesse sentido aí é limitar o conhecimento, você aprende só a letra A o B você não pode. Só o A, o A. Fica nisso, vai morrer no A.

__ E como é que você se vê no espaço da sala de tecnologia?

__ Pessoalmente me sinto meio chateado de você ver essas limitações, por exemplo, eu sou terminalmente contra esse tipo de coisa que limita você a fazer as coisas. Como é o sistema hoje eu me sinto meio frustrado, penso até em sair se você quer saber, por enquanto está indo porque, você vai falando, algumas pessoas vão vendo, vendo o que tinha sido feito, talvez, mostrando que algumas coisas que você fazia, anteriormente quando você não tinha limitações e hoje você retroceder, estaria fazendo tipo assim, eu posso fazer um risco, podia fazer um risco, hoje eu não posso fazer um risco, só posso fazer o ponto do risco. Para você ter uma idéia se eu fazia o risco há 10 anos atrás é para hoje estar fazendo um risco maior ainda. E hoje não, hoje você está lá, eu posso fazer o ponto do risco, mas não consigo fazer o risco porque eu sou limitado a não poder fazer isso.

__ E o que você faz nessa sala hoje?

__ Me adapto a essas limitações que tem e tento fazer o melhor possível.

__ Como que é seu trabalho lá?

__ O trabalho lá é o seguinte, você leva todos os professores de cada disciplina, vê o que ele quer trabalhar, isso você vê com antecedência com ele e desenvolve alguma atividade junto com o professor para ser dado para os alunos. Isso usando todos os aplicativos, o professor de Geografia fez alguma pesquisa voltada para o efeito estufa, alguma coisa assim, vão estar pesquisando, isso tudo, vendo discutindo, todo esse trabalho e de alguma forma, depois apresentando. E o professor também cobrando de alguma forma essa pesquisa que foi feita. Seja de prova escrita, ou seja, uma atividade de perguntas na própria sala de tecnologia, usando talvez o power point para mostrar lá os efeitos estufa, o que faz, o que não faz, dividindo os alunos em grupo para montarem..., Esse tipo de coisa, logicamente com a orientação da gente, ajudando os professores, os alunos, mas nesse sentido, quer dizer tudo que é feito lá de alguma forma, desenvolve alguma atividade ou mostrando ou cobrando do aluno, cobrando no bom sentido para ver o que ele pesquisou e está pesquisando está conseguindo responder aquilo que ele está vendo.

__ E como que os outros segmentos, os professores, os alunos, a direção..., como que eles vêem você?

__ Os alunos em si te vêem como alguém que está ajudando ele.

__ Eles acham que você é professor?

__ Me chamam de professor, mas acho que isso é meio natural pelo fato de ser professor. Eu não seria o professor deles, mas sou professor da informática. Ele não

vai te ver como zelador ou alguém que cuida da sala, essas coisas assim, eles perguntam muita coisa, perguntam, por exemplo, sempre que tem alguma coisa a gente auxilia. Quando tem a feira de ciências, no caso, vou estar indo, dividindo os temas da feira com cada professor e eles..., ou procuram. Os alunos quando estão fazendo perguntam, como eu poderia fazer? Queria colocar o mapa de Geografia professor, como que eu faço para apresentar para os outros? Então sempre tem essas indagações, dúvidas dos próprios programas em si. Embora eu defenda assim, se você vai mexer direto no computador, você já está aprendendo os programas, mas nada que você começasse, o pessoal é meio contra isso, pois é, mais vamos dar uma forcinha aqui para o cara aprender o Word, o Power Point, o Excel, não mas na prática ele já vê. Mas na realidade não é isso, pode ver, pega um adulto aí, que não..., mesmo que ele mexeu, antes seria mais proveitoso se nós pegássemos o início do ano, todas as séries e cada um você fazia um cursinho básico, estipular e Word, excel, power point que hoje é mais usado, talvez a noção de alguma outra coisa (Access), mas desses três básicos que vão ser usados o ano inteiro, isso seria por exemplo, na primeira semana ou no primeiro mês seria voltado para isso. Mas vai ter aluno lá! Tá mais sei como digita. Mas não sabe nada, porque se você pegar isso e ir a fundo, você não vai querer que o cara dê conta do programa lá, mas se você pedir para fazer algumas coisinhas simples o cara não sabe. Mesmo alguém que fala, já estou..., é justamente para você colocar uma ordem na coisa. Todos estariam já com pré-requisito de mexer. Bom o Word eu sei que o básico é isso, do excel eu sei isso aqui e do power point eu sei isso aqui. Então você consegue fazer uma apresentação simples, não queremos nada elaborado, depende da criatividade de cada um, depois, quando vai fazer. Só vai descobrir, o fato disso meu irmão, meu irmão vai estudar informática, mas nunca teve assim, nada. Mas quando começou a fazer cursos lá, descobriu do power point e quando chega em casa começa a contar: olha o que aprendi, ele é professor de Educação Física, ele coloca os bonequinhos correndo. Ficou empolgado pelo fato dele ter aprendido razoavelmente bem o programa. O que não acontece com a maioria, aprendeu meio no grito ou está mexendo direto. Nós perdemos tempo, porque você fica preso a esse tipo de coisa que seria simples. Se nós ganhássemos o tempo no primeiro mês, com certeza, o ano seria muito melhor, mais aproveitados nas aulas.

___ **E os alunos gostam desse espaço?**

___ Gostam, claro que como qualquer pré-adolescente ou outros ficam tentados a entrar no orkut, no msn, bate papo, esses tipo de coisa. Claro que aí vem a parte de você conscientizar que não é momento ali. O fato de você estar disponibilizando computador. Ele está saindo do ambiente que é a aula dele, que estaria copiando. Ele está vendo formas diferentes. Ele vai estar usando uma tecnologia. Vai estar usando o e-mail dele, então eles gostam. É a praia deles, porque tudo está voltado para isso..., MP3, computadores, estão no tempo da comunicação em tempos do orkut, essas coisas. Isso para eles..., é o normal de qualquer jovem dessa idade de estar se comunicando um com o outro. Mas a maioria das salas que já estão mais conscientes, eles não se perdem nisso. Claro que você tem que ser um pouquinho chato para alguns, mas nesse sentido, porque se você deixar...

___ **Eles te acham chato?**

___ Não, o que eles estão tendo ali hoje. Eu cito este tipo de exemplo, na minha época, vocês não tinham o que tem hoje. Talvez eu seria..., dado o que vocês tem hoje, vocês tem condições de serem profissionais muito melhor do que a gente. Ter

posições ou funções melhores que a gente, não só de professor mas em qualquer área de trabalho, você teria essa oportunidade de ser melhor. Você imagina, eu por exemplo, quando terminei o 2º Grau não tinha computador. Não ofereciam na escola nada, a escola não tinha internet, tudo isso foi disponibilizado hoje. Quer dizer, hoje só não estuda ou só não é melhor ou não vai ser um bom profissional quem não quer.

__ Ou não tiver acesso a isso?

__ Ou não tiver acesso a isso, mas a maioria hoje já tem. Se você começar a ver de modo geral, tem. Quer dizer, o que nós temos é que aproveitar bem. Claro eles colocam lá, não é que você quer ser chato, o pessoal quer entrar no orkut, msn ou qualquer coisa assim. A questão não é ser contra isso, eles são jovens, mas deixa para outra hora em que você vai estar mais a vontade, vendo a foto da mina que você gosta, mas aqui não. Esse é um ambiente diferente, que vocês gostam. A maioria gosta mesmo. A maioria quando vai, você monitora no sentido de poder orientar também dá para ver se eles estão mesmo cumprindo ou estão querendo te enganar. Enganar no sentido que eles estão enganando eles e não eu. Mas a maioria tem correspondido a isso aí. Eles já entrar lá e perguntam, professor o que é para fazer, então me satisfaz isso de certa forma. Eu sou chato um pouquinho.

__ O professor está junto?

__ Sempre com o professor junto, nunca sem o professor, só algum caso excepcional de alguma..., embora eu defenda que professor tem que estar junto para eu não ser o centro das atenções naquele momento, mas no início do ano teria que ser só eu para ser o centro das atenções na orientação, porque aí eu posso falar tudo o que eu quero. É só eu que vou estar ali, posso estar interagindo com eles, me perguntando..., isso pode, não pode. Depois você vai colocar para o professor como é que vai fazer a atividade com o professor. Você está ali para ajudar. Você também não vai se colocar como o dono da sala. Quer dizer o dono da sala é professor que está com você. Você fica lá tipo assim, eu sou ajudante, até para não assustar, eu que sou o dono da aqui.

__ O espaço ali é seu?

__ O espaço é meu estou falando para eles se sentirem que está ali com o professor como se fosse na sala lá.

__ E você acha que aquele espaço ali é seu ou aquele espaço ali é da escola ou é espaço de todo mundo?

__ Eles vêem como espaço útil no sentido do que ele vem fazer. Acho que é um espaço da escola. É uma outra sala de aula.

__ E você participa de todas as atividades da escola?

__ Não participo de todas, não tem uma escola que os professores participem de tudo, porque tem a questão do horário, o fato da própria escola não ter uma linha de horários que possa atender todo mundo nesse sentido, por exemplo, quando se tem conselho, não tem conselho para a informática. Não podemos discutir o que poderíamos fazer aqui na escola. Não existe, não tem. Tem conselho da Matemática, do Português de todas as outras disciplinas, mas a gente estaria lá, mas não estaria como se não fosse um componente curricular, uma disciplina dentro da escola, um espaço que oferece..., por menos que não fosse componente curricular, não ser obrigatório, mas como existe e tá lá, teria que ter um conselho, uma coisa que

reunisse todo mundo ali até para poder dividir as coisas que tivesse lá e oferecer sugestões para a própria escola, ter algumas formas de procedimentos.

__ **Acontece do aluno aqui, muitas vezes na sala de aula não corresponde a expectativa do professor e lá nesse espaço ele superar as expectativas?**

__ Sim.

__ **E é lembrado no conselho?**

__ Não, ninguém..., o aluno por mais que se destaque assim, os destaques seriam dos alunos que já tem o domínio da tecnologia em si boa. E quando vai fazer algum tipo de atividade consegue mostrar isso. Isso montando atividade, essas coisas você vê na maioria das vezes quando vai fazer apresentação no power point, é o caso do meu irmão que eu contei atrás, quando consegue fazer aquilo se empolga até para poder mostrar para o outro o que ele sabe, então isso para eles é muito. Assim, eu sei fazer isso e posso mostrar e realmente fica bacana. Nós temos um aluno que desenha, ele trabalha profissionalmente com desenhos, com faixas, fachadas, esse tipo de coisa e quando eles vão na sala e sobra um tempinho, um dos alunos nossos perguntou se podia desenhar alguma coisa, já que terminou a atividade, ele já tem a consciência e tem uma outra mentalidade e fez cada desenho fantástico no computador em um programa simplisinho. Estou falando para você ver como se descobre aqui mesmo..., nos próprios alunos, a evolução deles.

__ **E você acha que seu trabalho docente no espaço da sala de tecnologia é diferente do espaço da sala de aula?**

__ Bom o ambiente que já vai ser algo que já é diferente. Ele vai estar em algo que é dígitamos da idade dele e ele está mexendo com alguma coisa que ele gosta.

E para mim é diferente.

__ **Por que?**

__ Por vários motivos, um dos principais, é diferente porque só o fato de você ter contato com todas as outras disciplinas, você está aprendendo tudo isso. Esses dias uma professora foi lá e mostrou adjetivos. Essa atividade que ela fez, eu que sou de Educação Física, mas o fato dela mostrar e de eu estar junto com ela montando juntos eu estou aprendendo isso também, aí vem o de Geografia, vem o de História. É cada um com uma coisa diferente. Então tudo isso reunindo em termos gerais, não tem nem um professor da escola, que teria todo esse conhecimento de todos como você tem. Só isso aí já valeria a pena estar na sala de informática, só isso. Ninguém pode ter isso que você tem. Os outros vão entrar em contato somente no recreio eu não eu tenho parte de todas as disciplinas que passam na sala de informática, contato com o conteúdo, do professor que está lá muita coisa sai. Muita coisa que não sabia fiquei sabendo, isso eu uso depois para poder estar repassando para outros professores em um outro ano. Não dou essa disciplina mais eu já sei. A questão de você poder orientar o aluno também, até da própria disciplina do professor. Da própria atividade que montou, não sei..., Matemática, PA, PG, não sei o que eu nunca tinha mexido. Até não era muito bom em Matemática, mas você já tem isso. Quando vem na aula de Matemática do outro ano e de outro professor, a gente vai mexendo naquilo, naquele conteúdo de alguma forma. Estou eu lá uma vez falando quase igual o professor juntos com os alunos ali no meio dado a bagagem que já tinha. O que que você tem, quer dizer, você vai ser mais útil do que você imagina. Agora você coloca isso em anos, quanto que você já teve, então você vai refletir e vai conseguir estar com o professor da disciplina, tendo conhecimento da área dele, não de todo o

conteúdo é lógico, mas de modo geral de algumas coisas. O que vai estar ajudando você com o aluno, talvez seriam dois usando a tecnologia na aula de Matemática.

__ Quais os aspectos positivos e quais os aspectos negativos que encontra nesse espaço?

__ Positivo é o fato..., positivo porque você já gosta. Você está ali mexendo com números de alunos muito diferentes. A questão do jeito de cada um de estar mexendo e o fato de você estar orientando diferentes pessoas. Isso ai é crescimento, porque posso estar orientando alguém que é diferente de mim e tem conceitos diferentes. Isso ai me cresce um pouco. Quer dizer eu posso estar..., como é muita gente fica parecendo muita coisa, de todo tipo, isso só me ajuda a crescer, porque cada hora é uma coisa diferente. Você está lá administrando tudo isso.

__ E como é trabalhar com o colega ?

__ É muito bom. Porque hoje é o professor, digamos assim que não viver essa época da informática ele está parado no tempo .

__ E tem muita resistência ainda?

__ Eu não vejo como resistência e sim que o professor que não domina a máquina, não sabe mexer com a máquina sente meio reprimido. Ele não quer passar vergonha, na frente do aluno que sabe. Eu falo para eles: Eu também não sabia. Mas tem us que não adianta. Eles falam assim: Mas e se o aluno me chamar o que é que eu faço? . Eu falo: - Tudo bem não tem problema nenhum. Você não sabe o que o aluno vai te perguntar. Por mais absurda que seja a pergunta, se você não souber você diz que vai procurar a resposta. Eu sei, quando fui aprender também não dominava nada mesmo, então. Então aparecem perguntas, eu não sei fazer o A do Word, se ele te perguntar isso, você fala o A do Word, para você é fácil mas para ele, ele não sabe. Bom quem não tem o conhecimento daquilo não vai saber o A,então você vai lá e mostra, daqui a pouco ele te pergunta de novo e vou lá e falo. Mas chega uma hora que fala, não já sei. Quer dizer, acho que o menos inteligente é aquele que não pergunta. Eu não sei a coisa por ignorância, pode ser que sei, até hoje o que eu não sei eu pergunto. Eu não tenho vergonha de falar eu não sei, eu não lembro disso aqui, no Excel eu ia fazer ali..., não lembro agora..., mas não vou poder falar para ninguém que não sei. Mas geralmente quando não sei eu vou procurar saber, mais ou menos assim. Ou pergunto para alguém, se alguém sabe, você fala não sei, esqueci como faz aqui no power point... às vezes fala, não vou perguntar, estou na sala! Aquilo que todo mundo já sabe só ele não. Isso acontece por exemplo, quando você vai fazer curso, algum curso que possa estar só professores que sabe, você vai perguntar o que..., acha que alguém vai te discriminar. Se eu não souber alguma coisa eu pergunto, mas tem gente que acha que seria menos inteligente. Faz você passar vergonha, o que adianta eu falar para você, ta não lembro agora e passa ali meio batido mas depois não adianta eu vou precisar usar e não sei, vou ficar pensando.

__ Teria mais alguma aspecto positivo?

__ Ah! Tá! É o positivo é toda essa parte aí de você estar mexendo com todos. Ter esse conhecimento de várias disciplinas, poder estar com pessoas diferentes, as dúvidas, as situações que se apresentam a todo o momento são desafios que te acrescentam um grauzinho a mais no seu montinho de areia. Negativo seria a questão

restrição por parte da Secretaria nos servidores de escolas. Isso ai é o retrocesso de qualquer parte na área de conhecimento. Isso ai não tem nem palavras para colocar isso. Seria parar no tempo, só cheguei ali. Eu te falei, vou contar até 5, então eu conto até 5, até 6 não pode, porque é limitado o 6 para você.

__ E você incentivaria algum colega seu para concorrer a sala de tecnologia?

__ Concorrência é concorrência, eu incentivaria sim, colocaria todas essas partes positivas. O fato de todo o conhecimento que você vai ter por diversas disciplinas, esse negócio todo. Isso é positivo para o professor, mesmo que não vá ficar muito tempo. Mas para a vida dele profissional, não vai ter um profissional igual a ele dentro da escola. Assim, não vai ser maravilhoso, mas estou falando em termos de conhecimentos justamente pelo contato que ele tem com todos durante o ano que difere dos outros.

__ Você gostaria de fazer algum comentário final.

__ Se todos, acho que qualquer sistema, Escola, Secretaria de Educação, Governo Municipal ou Federal, ou seja qualquer um deles, se ouvissem as pessoas que trabalham para eles com certeza governariam melhor e seriam muito mais queridos pelo povo. Porque essas pessoas estão prestando serviço para outros, quer dizer, você não ouvir nem alguém que presta um serviço, por ai você tira a cabeça do governante.

__ Mas como que eles poderiam ouvir?

__ Através dos órgãos que eles representam, fazendo reuniões, perguntando, professor o que que o senhor acha, tem alguma coisa para mudar. O que que eles fazem hoje? Passam resoluções, a resolução é essa, você leu? Li. Então faz. E se você não contestar nada, você é o bonzinho. Aquele professor do Hercules é o bonzinho, faz tudo certinho, entrega tudo os papelzinhos, vai não contesta com nada. É puma maravilha no Power Point, no Word, viu na internet o site. É mais ou menos isso. E ganha elogio ainda da Secretaria. Acho que alguns elogios tem que ter. Lembro de quando trabalhava do Dolores, entrei num site qualquer, estava aprendendo a fazer alguma coisa. Ai que elogiou, a Terezinha, tinha feito o jornal, O Jornal Dolores, ganhei elogio. Realmente na época merecia elogio pelo fato de ter feito tudo isso... E também naquele tempo a gente tinha muito mais..., a gente era mais ouvido e tinha mais tempo junto. Eu estava comentando esse ano nesse curso que estava lá, porque que aconteceu? Você vê ai um ano, dois anos, entra ano e sai ano e a gente só está brigando. Você só chega aqui para reclamar de alguma coisa que não atende. Naquele tempo a gente chegava aqui só falta se beijar com o outro. Então quando você chegava tempos atrás, você chegava como amigo. Você tinha um encontro por semana, você dividia conhecimento com todo mundo. Não tinha um que ficasse brigado um com outro. Não tinha uma reclamação que não fosse atendida assim, em termos de você conversar. Hoje não. Hoje você chega lá ninguém te ouve, ninguém ouve nada, tudo que você pede. Eu pedi dois computadores que estão lá, já fazem dois meses. Eu não sei se fazem de propósito para não atender mesmo, dá a impressão que é, para a sala tornar um caos. E no ano que vem eles melhoram, ai vai estar uma maravilha. Isso é um reflexo mesmo do governo que está tudo uma porcaria para o ano que vem fazer alguma coisa e falar nós fizemos tudo, melhoramos. O que que nós fizemos o ano passado, só brigamos, discutimos, gente reclamando e cobrança. Um absurdo, tipo, a Terezinha falou que não sei o que..., manda só os sites que pode ser que vai restringir todos. Viramos inimigos, isso que virou o NTE, virou um caos. Quando naquela época que a escola estava um caos, os

caras vinha aqui e me ajudava, sala que tava um caco só, melhorou tudo, todo mundo era amigo. Não tinha formalidade, tipo manda aqui, que não sei o que lá. Você chama o cara e ele fala você está me enchendo o saco, aqui é uma prestação de serviços. Ta, mas você está tentando resolver. Não teve amizade, não teve interação com todo mundo, nunca mais teve, e está isso aí, infelizmente. Então quando mostra o governo, mostra isso aí só, você está insatisfeito. Esses tipos de coisa que acontece. Claro que se você tem vontade de ficar nisso aí, bom para você eu não tenho mais vontade. Ta vou ver até onde vai, vou fazer essa prova, vou levando...,mais ou menos isso aí.

__ Bem nós já encerramos então eu ou desligar e aí você me fala porque você está chorando.

ENTREVISTA 12

__ Porque quis ser professora?

__ Desde quando eu tinha mais ou menos os meus 5 ou 7 anos de idade eu já havia decidido que seria professora, por vários motivos: um deles era porque eu não tive acesso a escola. Eu fui alfabetizada pelas minhas irmãs. Então eu cultivei um sonho dentro de mim e determinei que iria estudar e que um dia eu seria professora para poder ajudar aquelas pessoas que assim como eu não tiveram acesso as escolas. Meu sonho era dar aulas para pessoas adultas que não tiveram oportunidade de frequentar uma escola. Esse sonho eu ainda não realizei, não sei se algum dia eu realizarei; mas é uma coisa muito forte dentro de mim. Então quando eu terminei o que naquela época era o ginásio, eu já tinha determinado que faria o magistério. E vindo da zona rural, eu precisava desenvolver um pouco mais a comunicação, pois eu me achava muito tímida, muito fechada. Então, ser professora foi por essas duas coisas.

__ E por que escolheu História como área de graduação?

__ História é uma coisa que eu sempre gostei muito e uma das coisas que influenciou também foi uma minha professora de professora. Até hoje eu gosto muito de História Antiga e ela contava aqueles mitos gregos assim de uma forma tão bonita. De uma forma tão dramatizada que ela fazia nas aulas delas, tinha tanto entusiasmo que isso me cativou, mesmo eu sendo apaixonada por Matemática mas a História prevaleceu.

__ E porque quis trabalhar na sala de tecnologia?

__ Foi pelo fato de ser uma coisa nova. Era um desafio novo e eu sempre gostei de desafios. E apenas com seis meses que estava na escola do município eu comecei a trabalhar na sala de tecnologia. E outra coisa porque me dava oportunidades de novos conhecimentos, de novos caminhos porque eu sempre gostei. Acho que você não pode ficar parado em uma única coisa. E ali me dava oportunidade de todos os dias estar aprendendo coisas novas e ter mais acesso também a questão de ter mais acesso e não ficar parado só ali na escola porque a tecnologia faz com eu tenha uma comunicação assim com o mundo todo e acho que hoje você tem que estar inserido no mundo todo. Eu não penso só na minha escola. Quando penso em algum projeto, em alguma coisa eu penso nisso como um todo, até no Brasil todo, de estar dividindo isso com os outros professores, com as outras pessoas, mostrando para os outros professores aquelas coisas novas que estão acontecendo na escola. É assim a minha forma de ver a educação.

__ E como que foi a sua entrada para essa área? Que tipo de formação você recebeu para você atuar na sala?

__ Quando decidi que ia para a sala de tecnologia porque fui convidada por uma ex professora minha de Matemática eu recebi o curso básico. Na verdade eu já sabia mais ou menos o básico porque numa época eu precisei fazer eu tive que trabalhar tipo com digitação e não tinha o curso, então eu aprendi na medida em que ia precisando usar uma ferramenta ia perguntando para alguém e ia descobrindo. Então quando eu fui fazer esse curso básico na verdade eu já tinha o conhecimento básico e depois do conhecimento básico eu fui me aperfeiçoando, fazendo outros tipos de cursos.

_ E como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na sala de tecnologia?

Fiz especialização na UNIDERP que era Informática na Educação, faço parte da primeira turma da UNIDERP e nunca parei assim de ir me aperfeiçoando, sempre buscando aprender mais. Fiz o curso avançado que eram dados nas escolas do município e depois fiz curso de especialização também que era nessa área porque ia aperfeiçoando mais e fiz também o curso de mídia aqui da Universidade Federal conveniado com a Universidade Federal e continuo fazendo. Um aperfeiçoamento diário que eu faço hoje.

__ Como você se vê no espaço da sala de tecnologia?

__ Eu me vejo como uma colaboradora, como uma parceira do professor regente. Eu me coloco como uma parceira não só do professor regente como dos alunos também. Eu me vejo dentro da sala como se eu fosse uma espécie de orientadora, de estar ajudando mesmo, quando eu vejo que o aluno está trabalhando, vamos supor numa ferramenta lá e que eu vejo que ele ainda não desenvolveu todo o potencial. Eu sento do ladinho dele e pergunto você quer aprender como que faz tal coisa, ele fala quero. Daí assim eles vão descobrindo. E me vejo mostrando um mundo novo para eles ali dentro, a todo o momento, quando eles estão precisando de mim. Porque de certa forma eu estou sempre buscando o professor regente para utilizar a sala e estou de uma certa forma orientando ele. Eu vou mostrando as ferramentas, olha! Que assunto você vai trabalhar. Ele diz vou trabalhar determinado assunto então falo, tem essa ferramenta, essa. E vou mostrando para ele todas as possibilidades que tem ali dentro, porque a escolha é dele, a aula é dele. A minha função ali no dia a dia, no meu trabalho diário e estar mostrando as ferramentas que existem e as possibilidades que existem para eles executarem uma aula. A decisão final vai ser dele. E sempre todos os dias eu estou mostrando: olha estou aqui quando precisar da minha ajuda, você pode estar solicitando e orientando o aluno e professor no dia a dia. A minha rotina é essa... porque ser professor nesse espaço é ter a mesma responsabilidade do professor lá na sala de aula enquanto regente. Eu acho assim, que dentro da sala de tecnologia o professor não deixa de ser educador, pelo contrário, acho que a responsabilidade é maior porque ele tem mais oportunidade de estar mostrando coisas mais aprofundadas para o aluno dele. É assim que eu me vejo na sala de tecnologia.

__ Os professores e alunos procuram bastante? Como é a dinâmica?

__ Depende mais do período, quando eu trabalhei no período vespertino, quando eu chaguei na escola os professores não tinham aquele hábito de utilizar a sala ai eu fui buscando, mostrando, como eu estou falando, o importante é estar mostrando para o

professor o que existe de possibilidade porque lá na sala de aula ele não tem noção as vezes da ferramenta. Ele acha que é só o aluno chegar, pesquisar, usar o Word, usar o Power Point, mas ele não tem idéia de quanto as outras ferramentas importantes tem para o aluno. E ai eu fui buscando e mostrando. Até tem um fato interessante, uma professora de Língua Portuguesa que ela falava para mim que não gostava daquela sala que ela tinha horror do computador e ai um dia eu levei ela lá na sala e ela começou a trabalhar com os alunos e de repente ela começou..., pelo fato de eu estar mostrando para ela o que ela podia trabalhar naquele assunto que era o machismo que ela foi trabalhar e quando ela descobriu as ferramentas de tudo ela foi se apaixonando e quando ela chegou um dia e ela nunca sabia quais eram os caminhos que o aluno entrava na pasta e chegou um dia ela falou: professora pode deixar que eu já sei mostrar para meu aluno o que ele tem que fazer.

__ Quais as ferramentas que eles usam mais e que você mostra para o professor?

__ Depende da evolução de cada professor. Essa professora, por exemplo, nós íamos trabalhar usando o moviemacker, esses programas mais avançados, sofisticados. Geralmente para o professor que está começando eu vou mostrando as possibilidades, dou uma melhorada no Power Point, no uso do Word e com o tempo a gente vai encaminhando outras coisas tipo fazer um blog, mesmo o moviemacker que eu gosto muito dele, não só eu porque eu vejo que o aluno gosta muito de usar uma coisa diferente eu vou mostrando as possibilidades principalmente o blog que é uma ferramenta muito usada que chama muito a atenção do aluno.

__ E como que os outros professores, a direção, os alunos te vêem dentro da sala de tecnologia?

__ Eu acho que eles me vêem como uma parceira mesmo. Porque eu estou aqui na sala, mas esta sala não é minha, ela é nossa. Geralmente no inicio do ano eu falo para eles: Eu estou aqui para auxiliar vocês! Eu deixo bem claro que a STE é a sala de aula deles também. E que eles estarão ali utilizando e eu estarei ali para auxiliá-los. Então eu acho que é assim que eles me vêem. Porque no decorrer do tempo a gente constrói uma amizade tão gostosa, que eu consigo fazer com que eles sintam que eu estou ali para ajudá-los, não para mandar e nem ditar regras ou normas.

__ E você considera que a sua atividade docente se diferencia espaço da sala de aula?

__ Eu considero que sim porque eu vejo pelo entusiasmo dos alunos e professores que vão adquirindo com aquele trabalho. Porque lá na sala de aula é assim uma coisa mais monótona. Cada dia você pode estar fazendo uma coisa diferente enquanto lá na sala de aula, você não tem tantas opções e ali as opções são bem variadas, porque hoje os alunos se não tem uma câmara digital, a maioria tem um celular que permite que ele filme e que ele faça alguma coisa. Eu já vi alunos criarem pequenos vídeos usando o próprio celular deles. Então esse tipo de coisa que eu falo que é diferente. Então eu vejo que o professor tem que ter sensibilidade para descobrir o que está motivando o aluno para a aprendizagem. A partir do momento que descobre o objeto de motivação ele transforma aquele objeto em uma ferramenta pedagógica. Então pra mim a sala de tecnologia é um local de aprendizagem e aprendizagem diversificada. É onde você oportunidade de ter comunicação com todo tipo de conhecimento em um único lugar. Mas acho assim, para chegar no aluno, antes tem que chegar no professor, como eu te disse a aula ali dentro é dele e não minha, então 1º eu tenho

que atingir o meu objetivo com o professor. Veja um exemplo: Nós começamos a montar um blog com a professora para discutir a questão da violência[...]Eu motivei ela a fazer o blog, porque tem que partir dela, mas mesmo assim, às vezes no meu contato com aluno, por exemplo, se ele terminou a atividade eu sempre estou ensinado alguma coisa a mais para ele, porque dá gosto de ver a descoberta do aluno. Eles falam: __ Nossa professora! Eu não sabia que podia fazer isso assim! Eu só sabia de tal jeito. Não sabia fazer isso.

. O que eu gosto é de ver a descoberta do aluno, eles falam, nossa professora! Eu não sabia que podia fazer isso assim, eu só sabia de tal jeito, não sabia fazer isso. Então na verdade tenho contato com os dois, mas para atender o objetivo maior para que a sala de tecnologia realmente seja um objeto de aprendizagem, acho que eu tenho que atingir 1º o professor regente. Ele vai motivar o aluno dele. E como o Augusto Cury, eu gosto muito de ler os livros do Augusto Cury porque ele diz lá que o aluno só aprende aquilo que mexe com a emoção dele, então acho que tenho que mexer com a emoção do professor. E o professor se estiver motivado vai conseguir motivar o aluno dele. Ele vai contagiar. Este contágio geralmente chega até o aluno, porque as vezes eu fico tão empolgada que tem um professor lá de Alagoas que diz que eu sou como criança, quando descubro puma coisa eu saio falando para todo mundo, fulano descobriu isso que faz assim! Quer dizer eu consigo motivar meu professor de uma forma que ele consiga estender essa motivação para o aluno dele e aí o trabalho começa a ser diferente, assim mais produtivo dentro da sala de tecnologia.

__ E nesse espaço da tecnologia você poderia me apontar os aspectos positivos e os negativos?

__ Os positivos é que o professor pode incrementar a aula dele fazendo coisas diferentes para o aluno. E outra coisa, ali, o aluno tem contatos com outros alunos até de outros países. Não só com o mundo escolar dele, mas com comunidades escolares de outros lugares. Nós já fizemos experiências com alunos de Joinvile que eu achei uma coisa interessante que lá tem uma professora de Joinvile que tem um blog e de repente os alunos daqui eles estavam trabalhando sobre o sonho de vida de cada um e aí aqueles alunos que ficam ali um ou dois anos, que reprovam por ns fatores e aí de repente eles contando os sonhos deles e um aluno disse assim: eu sei que não vou conseguir mesmo ir para frente porque eu já reprovei duas vezes e sei que tenho dificuldades na aprendizagem e disse que tinha um sonho. Agora não me lembro qual era o sonho dele, mas dizia que nunca ia conseguir realizar o seu sonho porque não conseguia estudar. Aí os alunos de lá diziam, não, você não pode desistir do seu sonho, você tem que ir em frente. Como você vai desistir de um sonho, só depende de você, não depende de outra pessoa. Então é um tipo de incentivo de um outro aluno lá de outra escola que as vezes tem um tipo de cultura até diferente ele está ajudando aquele aluno ali, na escola dele, enquanto que na sala de aula você não tem essa possibilidade de estar trocando idéias com alunos de outros lugares por exemplo.

__ E os negativos?

__ As vezes a sala de tecnologia ainda é vista como algo assim..., ainda existe aqueles professores que acham que a sala de tecnologia é uma sala de diversão, aqui é a recreação, vem aqui só para entrar no orkut, só para brincar, só para bater papo. Então ainda tem muito disso na escola que cabe aos professores também irem mudando essa idéia dentro deles, preparando aulas, assim estimulando antes para ir tirando eles daquele vício de achar que vou entrar ali para jogar. Eu já trabalhei em

escolas que o professor só levava os alunos..., e que os próprios professores da sala de tecnologia já tinham aquela rotina de alunos que iam lá só para entrar no jogo da Mônica e aquilo era a aula que se tinha ali dentro. Então eu tive que romper algumas barreiras lá dentro para que mudasse essa visão. Porque existe aquele professor que leva o aluno para descansar um pouco do aluno. Então o aluno, entra as vezes no orkut em outra máquina e deixa a coisa rolar e existe aquele professor que não que tem compromisso com a educação e chega e diz não, no finalzinho você pode até dar uma olhadinha mas agora nós vamos trabalhar o nosso conteúdo e que consegue fazer com esse aluno desenvolva a aula dele.

__ E como você percebe que o professor só estar lá somente para descansar do aluno?

__ Bom ai é complicado, a gente dá uns toquezinhos de vez em quando, sutilmente para ver se ele faz uma aula diferente, só que eu também não posso chegar para o professor, porque a aula é dele, e falar olha professor vamos mudar de atitude, vamos fazer uma outra coisa na aula. Posso até chegar e falar para ele, da outra vez tem essa ferramenta que pode ser usada, agora depende da boa vontade do professor também.

__ Mas quando ele vai lá ele não faz o planejamento antes?

__ Ele faz o planejamento antes mas as vezes lá no planejamento ele coloca que ele vai trabalhar pesquisas sobre determinado assunto ai eles dão uma que estão lá resolvendo uma questão, que os alunos responde em 5 minutos daí ele vai ficar fazendo o que também ele vai jogar.

__ E ai você faz o que?

__ Ai como a aula é dele fica meio complicado para eu chegar. Às vezes eu falo os alunos não podem..., assim, eu faço com que o professor procure e entenda que ali é a sala de aula só está num ambiente diferente, mas é a sala de aula. É a continuidade da sala de aula.

__ Você falou que sobre o espaço de aprendizagem. Por que você considera que é um espaço de aprendizagem? O que é possível, você da área de História aprender ali naquele espaço com os outros professores?

__ Para mim é muito enriquecedor porque enquanto professora de História. Tudo existe puma História a Língua portuguesa existe uma História, então acho que existe assim um fio de ligação entre todas as outras disciplinas. Em todas elas a História é importante, e todas elas também é importante para a História, então a aprendizagem para mim é muito importante porque a História ela busca o conhecimentos gerais, então ali eu posso absorver um pouco de cada coisa. Eu acabo aprendendo um pouco de cada área, isso para mim é muito importante e muito enriquecedor até no meu trabalho enquanto regente depois.

__ Hoje você incentivaria um colega para ir para a sala de tecnologia?

__ Eu incentivaria desde que ele tenha consciência do que é puma sala de tecnologia. Porque as vezes o professor não tem idéia do que seja a sala de tecnologia. Ele acha que é um lugar assim talvez mais fácil, que ele vai trabalhar menos, mas quando ele depara com a sala de tecnologia talvez ele tenha mais trabalho do que como regente. Eu incentivaria desde que ele tenha essa consciência e tivesse compromissado também com a sala de tecnologia. Não fosse usar a sala de tecnologia para ter um conhecimento estagnado e da mesma forma da sala de aula.

__ E seria possível todas as aulas de História acontecerem nesse espaço?

__ Sim, acho que tem a possibilidade de acontecer sim, todas no mesmo espaço. Porque quando eu digo que este é um local de aprendizagem é porque através da internet, ali você tem todos os tipos de conhecimentos que abrange todas as áreas e todas elas as vezes até menos fragmentada do que na sala de aula, porque ali você tem como completar, porque ali por exemplo, se eu sou professora de História mas de repente apareceu lá o nome de alguém que faz parte da História, vamos supor da medicina antiga por exemplo, eu tenho oportunidade de adentrar dentro de um outro conhecimento, sendo que no meu livro didático, lá no meu material didático isso não me dá possibilidade.

__ Estamos encerrando, mas você gostaria de falar mais sobre este seu trabalho?

__ Eu espero que possa me aperfeiçoar cada vez mais. Ainda não realizei todos os meus sonhos que eu tenho lá dentro de projetos. Eu desenvolvi um projeto que era de intercambio, isso só aconteceu em pequenos paços, ainda não consegui desenvolver até pelo fato de ter saído do vespertino para noite. E agora eu estou tendo que fazer todo o trabalho novamente com os professores e a noite é totalmente diferente, mas eu ainda espero um dia que consiga desenvolver esse projeto.

__ Como que era esse projeto?

__ Projeto seria assim, na verdade foi o professor Mena do NTE que me chamou para trabalhar com ele nesse projeto. Quando ele imaginou este trabalho de intercambio, ele imaginou assim, lá na região das Moreninhas, onde ele coordena as escolas pelo NTE, quando ele me falou desse projeto, isso me subiu a cabeça, já imaginei em termos de Brasil, em termos de mundo. Porque acho assim, se é para fazer um trabalho então que faça um trabalho assim completo. Ai eu escrevi este projeto que seria um intercambio entre as escolas de Campo Grande com escolas de outras cidades, de outros Estados. Eu cheguei a fazer um contato para criar puma página, não criei a página, mas não perdi o contato com os professores de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, com Minas Gerais, Pernambuco, o Sertão de Pernambuco, Alagoas que eu tenho contato com esses professores que a gente troca às vezes informações. Chegamos a fazer algumas reuniões virtuais através do msn discutindo certos assuntos com eles, como que seria esse nosso projeto e isso parou um pouco por ai porque às vezes o professor regente ainda tem um pouco de medo quando fala, vou fazer um trabalho com outra escola, então ainda não consegui, mas esse ano, a partir do segundo semestre eu também sou professora regente. O ano que vem eu pretendo assim retomar esse projeto.

-- Então muito obrigada e vamos ouvir agora.

ENTREVISTA 13

- Porque que você escolheu a Pedagogia como área de graduação?

__ Escolhi a Pedagogia porque desde criança já brincava de professora e eu me achei nessa profissão quando cheguei na hora de escolher minha profissão que eu queria,

minha mãe me encaminhou para o Magistério foi ali que eu vi que era isso mesmo que eu ser professora.

__ E porque quis ser professora?

__ Ser professora? Foi desde criança mesmo. Foi influência da minha mãe. Ela era professora e coordenadora também. E eu sempre substituía as professoras. Quando eu estava na 5ª série eu já ia dar aula para criançada de 1ª a 4ª.

__ Porque você quis trabalhar na sala de tecnologia?

-- Bom a sala de tecnologia, a principio foi uma oportunidade. Foi um pouco político também. Porque eu perdi minha vaga na sala de aula porque de 1ª a 4ª série a escola já estava fechando a sala de aula, então como eu perdi minha vaga e a diretora não queria que eu fosse embora da escola. Então por isso que eu disse que foi uma oportunidade. Ela sabia que eu tinha já um pouco de conhecimento de informática em casa. Então ela falou: vamos juntar o útil ao agradável. Então eu fui para a sala de tecnologia e lá na sala de tecnologia eu pude ver que realmente dava para trabalhar mesmo com aquela tecnologia no ensino. Porque no início eu não sabia bem o que era a sala de tecnologia. Mas sabia que seria um desafio para mim! Agora como usar computador? Como trabalhar na sala de aula com aquilo? Isso eu não sabia. Mas aos poucos eu fui descobrindo, junto com o NTE que tinha a Fátima, tinha o Roberto e eles foram ensinados para a gente, capacitando a gente, como trabalhar com os professores, aliás, a trabalhar mesmo o conteúdo usando o computador.

__ Como foi a sua entrada nessa área do conhecimento?

__ Bem, eu já, já tinha computador em casa. Então eu já tinha uma idéia do que era o Word, PowerPoint.. Eu tinha idéia do pacote básico.

__ E você aprendeu?

__ Aprendi em casa, sozinha.

__ E que formação inicial você recebeu para desempenhar sua atividade docente na sala de tecnologia educacional?

__ Tivemos o apoio do núcleo de tecnologia educacional. Logo que começamos, lá no núcleo de tecnologia nós tivemos cursos, vamos dizer bem intensivo mesmo, porque naquela época, nós aprendemos a configurar rede, fazer manutenção dos computadores para poder atender bem os professores e a parte pedagógica foi bem intensiva também para saber usar o Word, o PowerPoint, o Excel, aprendi até um pouquinho do Access que era mais difícil ainda. Mas o Access eu não fiz a aplicação dele até hoje com aluno não.

__ E como é que vem sendo esse seu processo de formação para continuar trabalhando na sala?

__ Agora, lá no NTE não é tão intensivo como no começo. Então as capacitações que a gente tem no NTE é conforme a necessidade que tem cada professor, vai lá e faz a sua capacitação. Mas eu faço muita pesquisa na internet para poder atender os professores e ai eu descubro puma metodologia diferente, vou e mostro para o professor, incentivo ele. Estou sempre em busca, de ver o que outros lugares estão fazendo. Já vi que Minas Gerais, Rio Grande do Sul tem muita coisa que gosto deles lá. Eles têm publicado na internet, então eu sempre estou procurando, na escola BR.

Eu procuro lá em Minas Gerais, o que eles estão fazendo, aí eu trago para cá também.

__ O que você acha da idéia da internet nesse estudo?

__ Para mim a internet é um recurso indispensável. É maravilhoso, porque a gente consegue realmente uma biblioteca bem mais atual.

__ E como você se vê no espaço da sala de tecnologia?

__ Eu não sei se é por causa do momento que a gente está vivendo agora, mas eu estou me sentindo, agora nesse exato momento, eu estou me sentindo um pouco enfraquecida. Eu sinto que os professores, eles estão indo na sala de informática por ir. Como é o horário fixo e eles tem que ir na sala de informática por obrigação, então indo por obrigação..., é uma pesquisa que eles fazem, porque 50m não dá para fazer outra coisa. Então é uma pesquisa na internet para escrever no caderno ou então uma atividade que ele poderia fazer na sala de aula usando o quadro aí passa para o computador para responder no computador, eu acho isso..., sai totalmente daquilo que a gente estava trabalhando antes. Porque antes o aluno produzia, então ele precisava de mais do que uma aula, então ele voltava na sala de aula e em menos de uma semana..., eu atendia uma sala duas vezes na semana, ela começava e concluía o trabalho dele. Agora não. Eles são obrigados a ir. Eu não sei o que oferecer para esse professor que está ali contra a sua vontade. Então eu estou achando difícil porque estou na sala de aula também. E a sala de necessita de muita dedicação. Para eu fazer um planejamento eu fico muitas horas fazendo planejamento. Eu não trabalho só na escola eu trabalho na escola e em casa. E é difícil porque o trabalho na sala de tecnologia é assim,.. a primeira coisa é a conquista. Conquistar o professor. Eu ofereço o que eu sei...todas as metodologias eu mostro que há possibilidades para o professor poder trabalhar com conteúdo dele. Eu não sei o conteúdo de ninguém praticamente. Matemática eu sou fraquíssima, Física, Química são coisa que eu não sei. Mas Metodologias e Práticas eu sei. Então um (Web quest) pode ser aplicado em qualquer conteúdo, então eu só vou ensinar os caminhos, como ele poderia fazer puma (Web quest). Uma rádio na escola, esse ano o André cortou minha idéia. Este semestre já estava prontinho o projeto para fazer a rádio da Grécia, então a professora já estava com tudo pronto e como eu tive que voltar para a sala de aula, ficou abandonado o trabalho. Então são tipos de atividades que não são atividades prontas, onde o aluno tem que criar e fazer alguma coisa para produzir aquilo que ele aprendeu.

__ Você falou que você não sabe praticamente o conteúdo de ninguém, mas até que ponto você pode afirmar isso, quando você tem um contato com todas as áreas?

__ Quando a gente conversa com um professor ele me dá assim, sobre o que ele está trabalhando, mas na verdade não tenho idéia do que é que ele quer com aquilo. Então eu preciso conversar bastante com o professor para saber qual o objetivo dele naquele conteúdo. Quando ele me fala o objetivo dele, aí a gente procura uma prática mais apropriada que se encaixe naquilo que ele quer.

__ E aí como é que fica a questão do conteúdo dele para você? O que significa esse conteúdo para você? Não tem sentido nenhum?

__ Tem, ai até no final eu acabo aprendendo, porque junto com o professor, a gente pesquisa o que ele quer, dou as idéias, ele já sabe o conteúdo que ele quer. Então ele vai direcionando aquilo. Nós montamos a aula juntos. Quando a gente monta a aula juntos, ele já sabe o que quer, como é o objetivo dele, ele também faz a avaliação dele com os alunos.

__ E como os demais segmentos te vêem?

__ Olha eu acho que sem problemas. Porque eu estou sempre junto dos meus colegas . É nos corredores, é no corredor que a gente se encontra, fala: eu achei tal site que fala assim, assim..., então ele fala vê isso para mim, depois ele vai na sala de tecnologia dá uma olhada rápida do que eu achei, ele confirma se é aquilo mesmo que ele queria ou não. Na hora do recreio a gente conversa de novo, e assim a gente vai trabalhando. Mas eu já ouvi professor dizer que eu não faço nada, porque eles acham que lá não tem trabalho é só pesquisar na internet e é um trabalho gostoso, pesquisar na internet e eles acham que o trabalho deles na sala de aula é ruim porque tem que aturar aluno que responde, que não faz, e que tem diário para preencher.. Mas eu acho que aqui na sala de tecnologia tem muito trabalho sim.

__ Então você participa de todas as atividades da escola?

__ Participo, assim...Tem algumas atividades, por exemplo, como conselho de classe eu não participo. Essa eu gostaria de participar, porque eu queria ter puma idéia da sala de informática, se realmente teve aproveitamento. Porque os professores falam que a sala de informática ajuda muito, mas eu queria ver o rendimento deles. Isso eu ainda não consegui ver.

__ E você considera que a sua atividade docente na sala de tecnologia se diferencia da atividade docente no espaço da sala de aula? Por quê?

__ É diferente, porque quando eu estou dando aula eu que estou no comando do que realmente eu quero, como que o aluno deve se portar e fazer. Na sala de tecnologia eu não estou no comando. Na sala de tecnologia só estou auxiliando. Só auxilio o professor no planejamento e depois eu auxilio só os alunos tecnicamente, não acompanho os alunos assim, no conteúdo. Então é diferente, o trabalho. Mesmo porque o trabalho de comandar é mais difícil que o de auxiliar. Na sala de aula, você está ali constantemente com aluno. Você tem vínculo com aluno, na sala de tecnologia você não tem vínculo com aluno. É um trabalho diferente. Eu não estou diretamente com o aluno. A gente tem uma relação de mediadora com aluno. Eu passo a conhecer todos os alunos da escola e todos eles me respeitam como professora. Quando acontece de um ou outro entrar numa página indevida a gente conversa com eles e eles respeitam a gente. E eles têm consciência disso. É raríssimo encontrar uma coisa desagradável. Eu acho que e uma relação bem mais prazerosa com o aluno na Sala de Tecnologia,.

__ Você considera que exercer a sua atividade docente no espaço, da sala trás aspectos positivo e negativos? Quais seriam?

__ Negativo é quando a gente tem que trabalhar imposto, com imposições de trabalhar com horário fixo, eu acho isso negativo. E a positiva é positivo é quando o professor tem liberdade de usar quando ele precisa, quando ele necessita. É positivo também o fato de eu ter tempo para poder pesquisar, para poder trabalhar. Agora, vê

o que está acontecendo! Como ter tempo para pesquisar se eu tenho que trabalhar 20 na sala de aula e 20 na STE? É, muito difícil trabalhar da maneira que está agora. O professor que vem obrigado, ele chegam assim.. chega com disquete e falam, vou passar isso amanhã. Quando eu vou olhar a atividade, é uma atividade que poderia ser feita no quadro. Uma coisa onde os alunos olham e falam, mas que chato. Tem que responder isso aqui? Então é uma coisa desanimadora, é triste a gente ver isso. Parou de ser uma coisa gostosa de trabalhar.

__ E ai você incentivaria alguém a fazer a prova e concorrer para a sala de tecnologia?

__ Eu não, porque nem eu estou querendo fazer isso.

__ Por que? Você não quer fazer a prova?

__ Eu não tenho medo da prova, mas acho que esta prova vai ser ridícula. Eles acham que é necessário fazer uma prova, que faça, mas é pelo jeito de trabalhar que eu não estou querendo mais, por exigência de trabalhar nessa estrutura que eles querem não me agradou.

__ Você teria mais alguma coisa que você gostaria de comentar e que a gente não falou.

__ Só acho assim, que a longo prazo, os professores vão chegar num conhecimento maior de tecnologia e tem mais acesso, porque antigamente, televisão era um ou outro que tinha, hoje em dia todo lugar tem televisão. Porque o computador, eu acho que está caminhando para ser igual a televisão. Está baixando de preço, este ano baixou bastante. E esse projeto do presidente... O Lula vai dar computadores pros alunos.. então , já tem o projeto, então essa parte do Lula...Já pensou quando todos os alunos tiverem computadores? Essa sala de tecnologia vai ficar de que jeito? Agora eu quero ver, esse professor ..Ele precisa desse tempo de estudo, ele precisa desse tempo de pesquisa, ele precisa de mais conhecimento porque o aluno vai passar ele para trás. É isso que eu enxergo lá na frente.

__ Muito obrigada, você contribuiu bastante para o meu trabalho.

ENTREVISTA 14

__ Por que você escolheu a Pedagogia como área de graduação?

__ Porque eu fiz o Magistério. Então a Pedagogia foi para ter mais conhecimento de como ensinar e aprender mais.

__ Por que quis ser professora?

__ Acho que foi vocação mesmo, porque fiz eletricidade no 2º grau e depois eu fui para o Magistério e depois comecei a atuar como professora. Preparei-me para ser professora, gostei da didática, da metodologia e segui isso profissionalmente como professora, eu gosto de ensinar, de aprender. Gosto de orientar os alunos para que eles consigam aprender mais alguma coisa na vida deles.

__ E porque quis trabalhar na sala de tecnologia educacional?

__ Porque é uma inovação na educação e nós devemos conhecer como professor como se usa esse recurso o computador um recurso como retro-projetor. Esses recursos nós temos que dominar. É uma mídia que deve ser usada na educação.

Então eu participei do processo de seleção da escola. Fiz o projeto para a sala, a parte teórica precisava ser feita. Tinha a parte física do projeto, aí o diretor me comunicou que seria feita a parte teórica para encaminhar ao núcleo de tecnologia educacional do Estado para ser aprovado. Cheguei lá o orientador me orientou fez algumas correções arrumei o projeto aí abriu as salas de tecnologia na escola que são 3 e comecei atuar como professora e tinha que fazer também um plano de ação para mandar para o NTE.

__ E como foi a sua entrada nessa área?

__ Depois que eu fiz o curso de Pós-graduação em Informática na Educação. Eu fiquei sabendo do curso através da internet, olhei..., li o folder, que curso, o que era, quando que começava, quando que podia ser frequentado. Apesar das dificuldades comecei acompanhar esse curso, me interessei e gostei. Foi bom porque eu queria uma coisa nova na educação. A educação sempre a mesma coisa, mas pensei deve ter alguma coisa de diferente, mudança social que ocorre, mudança no mundo, então a educação deve acompanhar essas mudanças.

__ E como está sendo o seu processo de formação continuada para continuar exercer sua atividade na sala de tecnologia educacional?

__ Depois que fiz a Pós-graduação, eu fiz o curso de Gerenciamento, o curso à distância de Mídias na Educação pela UFMS. Eu também li muito sobre o sistema operacional, sobre computadores, troco informação com outras pessoas que conhecem, independente da parte pedagógica, mas para saber mais um pouco. E estou sempre em busca de mais capacitações também na área da educação.

__ Como você se vê no espaço da Sala de Tecnologia Educacional?

__ Quando eu estou aqui na Sala de Tecnologia é um dos momentos que eu mais gosto da minha vida. Porque aqui eu acesso muitas coisas, eu estudo à distância. Eu faço mil coisas; já fiz coisas que demoraria muito tempo para fazer e estando aqui o processo é muito rápido. Eu gosto muito do meu trabalho aqui. Eu ensino os alunos, troca informações com eles. Às vezes o aluno traz experiências da realidade dele, do cotidiano dele e vamos trocando informação, vamos interagindo um com o outro... Aqui a gente aprende muito. Porque pega informações de outra área, por exemplo em Física, o professor tem o simulado de Física. Nossa! Vamos ver o simulado. Aí você vai ver, o aluno está fazendo, você se interessa para saber como que é aquele simulado. Você pergunta para ele, eles respondem, então a gente aprende muito mais. Inclusive eu procuro até ficar por perto para aprender mesmo. Porque conhecimento nunca é demais.

__ E como que é a rotina aqui?

__ Todos os dias tem aula, por agendamento. Se o professor está interessado em dar as 5 aulas, 5 aulas, geralmente tem 4, 5 aulas diárias. Nós temos nosso PL. A gente abre vaga para o PL, porque tem dia que não tem aula, às vezes tem reunião pedagógica, às vezes tem um contratempo, então a gente procura atender o regente porque ele tem um planejamento e se ele não cumprir os alunos vão ficar perdidos, então a gente procura que eles cumpram esse planejamento para chegar ao objetivo do que ele esperava do aluno com aquele trabalho.

__ E como que os outros segmentos da escola vêem você? Professores, direção, os alunos, como que é isso?

__ Os alunos me elogiam, e modéstia parte eu falo obrigado. A direção também, tudo que eu busco ela me atende, a direção reconhece o trabalho da gente. Eles me elogiam bastante.

__ **E você participa de todas as atividades da escola?**

__ Se eu não aparecer lá eu apanho, como diz o outros colegas, porque chega 5 min. para a 1 h eu tenho que estar lá porque tem professor que às vezes esquece que tem aula de informática. Eu aviso, hoje você tem aula comigo, não vai esquecer tal tempo, eu sempre estou lá, na hora do recreio também se precisar alguma coisa eu estou lá. É o único horário que a gente tem. É na entrada e no recreio.

__ **Você considera que a sua atividade docente no espaço da Sala de Tecnologia Educacional se diferencia da atividade docente no espaço da sala de aula?**

__ É diferente. É muito diferente. Aqui o aluno pode aprender a construir um texto, buscando muitas informações através de links, o que dá uma liberdade para o aluno, porque ele tem um potencial muito grande e se lá na sala de aula você tem giz, quadro e só aquela formação.. você bloqueia o aluno. Aqui não. Aqui você tem que estar sempre bem informado, estar sempre em busca de mais informações. Porque aqui o aluno vai extrapolar aquele seu objetivo..., ele vai além, como por exemplo: uma aluna que eu observei.. ela fez todo o trabalho dela, mas ela buscou gifs animados sobre água, meio ambiente que eles estavam estudando. Eu achei o trabalho dela muito interessante. Foi lá pegou o movimento, bolou, então é por ai. O aluno se interessa mais. Aqui é um apoio para os alunos, um apoio para a coordenação e direção. Eu estou sempre aqui fazendo o meu trabalho, estou aqui sempre atendendo as pessoas que precisam desse recurso. Então aqui eu oriento, eu planejo, eu crio e é assim.. Porque o aluno aqui ele fica estudando, se ele não sabe ele já pergunta para o outro do lado ou chama a professora e o professor fica observando todo mundo. Parece que o professor observa mais que na sala de aula, da mais atenção individual. Aqui parece que ele tem mais paciência de ensinar. E eu estando por perto eu aprendo. Quer ver oh! por exemplo, aquele moviemacker mesmo, o professor ensinava os alunos e me ensinava, então aprendi mais alguma coisa boa da informática. Esses dias eles precisavam fazer um trabalho de apresentação no Power Point, e a professora regente, queria mais conhecimento do Karl Marx, eu li a obra dele, estudei sobre o socialismo científico, quando eu cheguei aqui eu queria já o novo Liberalismo e fui pesquisar então eu complementei o que a sala de aula, estava precisando.

__ **E quais seriam os aspectos positivos e negativos de trabalhar aqui dentro?**

__ Negativo se o aluno não quiser participar é um ponto negativo, porque é mais individual. Às vezes ele não quer mesmo estudar. Positivo é que o conhecimento rende, a gente aprende mais. Pode mandar por e-mail, as atividades, se quiser terminar em casa.

__ **Você incentivaria algum colega para assumir a sala de tecnologia?**

__ Claro. A maioria já vê o trabalho da gente e fica motivado e querem ser professores da sala de tecnologia, apesar que tem aqueles que falam, na sala de tecnologia não faz nada. Então falo, vai lá fazer.

__ **Você tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?**

__ Que a gente precisa melhorar esse CPU, as máquinas estão um pouquinho para trás, tem que vir mais recursos novos, mas velocidade, porque às vezes fica lenta demais. Eu não sei porque que fica tão lenta. A gente chama os técnicos tudo, parece que é o computador mesmo. A velocidade mesmo não tem condições, é muito lento. Já são 5 anos, tem que trocar.

__ **Bom, por enquanto obrigada e vamos ver como é que ficou.**

ENTREVISTA: 15

__ **Porque escolheu Letras como área de graduação?**

__ Fui fazer porque gostava e achava legal os professores dessa área ensinarem. E eu sempre fui boa aluna de português. Então queria fazer alguma coisa assim parecida . Então escolhi Letras .

__ **Porque quis ser professora?**

__ Porque gostava e achava legal, os professores ensinarem. E eu sempre fui boa aluna. Então eu queria fazer alguma coisa parecida.

__ **Porque quis trabalhar na Sala de Tecnologia?**

__ Acho que a sala de tecnologia estava predestinada para mim. Porque quando eu fazia Letras na Universidade Federal, , acho que no último período surgiram aquelas bolsas para monitores e eu fiz uma provinha, passei e foi destinado para mim, o professor de Línguas Daniel. E tinha o laboratório de Letras. Eu terminava o eue eu tinha que fazer e depois ficava trabalhando lá. Era uma sala como essa, tinha muitos computadores, muito mais que esses. Eu terminava os trabalhos que tinha para fazer e ficava trabalhando lá. Então hoje eu me lembro daquele tempo. Não é semelhante com eu faço aqui mas o ambiente era parecido.

__ **Como foi a sua entrada nessa área do conhecimento?**

__ Foi por causa do professor Daniel lá na Federal e do ambiente que eu trabalhava. O laboratório de línguas que eu trabalhava ali algumas horas por dia como monitora.

__ **Que formação inicial você recebeu para desempenhar sua atividade docente na sala de tecnologia educacional?**

__ Quando lançaram o projeto de sala de tecnologia nas outras escolas que não tinham ainda salas de tecnologias, foram disponibilizadas 3 vagas por escolas, um para cada turno e a nossa diretora na época viu que gostaria quem não gostaria. E foram selecionados 3 professores, um do matutino, um do vespertino e outro do noturno. Eu não fui selecionada. Só que o professor do matutino não foi fazer o curso no NTE. E como eu gostaria de fazer o curso e de trabalhar aqui na sala. Eu fui lá no NTE e conversei com o Roberto e falei que a nossa escola tinha perdido a vaga da manhã do curso, porque o professor não havia feito. E que eu gostaria de fazer. Ele me disse então deixe o seu nome e espera a ultima turma se tiver vaga você vem e se não tiver vaga, fazer o que. Ai eu esperei no final do ano abriu a ultima vaga e eles me ligaram, eu fui e fiz o curso, fiz o projeto e foi aprovado, daí eu continuei fazendo os cursos.

__ **Como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia Educacional?**

___ Fizemos mais de 10 cursos. Era curso final de semana. Era curso a noite, poque aqui a gente desenvolve projetos com os professores, nós já fizemos vários projetos com os professores porque antes de chegar aqui com os alunos, o professor faz o planejamento e já tem tudo na pastinha ou se for um trabalho com pesquisa ou se não tem o trabalho previamente na pasta dele, a gente vai organizando com eles. Por exemplo, desenhos, datas comemorativas. A gente pede a ferramenta da máquina e abre para eles, para os pequenos, os maiorzinhos já dão conta e quando há planejamento que já há alguma atividade na pasta, isso é feito anteriormente, 3, 4 dias até uma semana antes ai já fica ali na pastinha deles a gente só tem o trabalho de abrir e professor vai explicar e se o professor tem alguma dúvida com outra ferramenta, a gente ajuda o professor. E assim é preciso estar sempre se reciclando.

___ **Como você se vê no espaço da Sala de Tecnologia Educacional?**

___ Olha Aqui eu encontrei o que eu gosto de fazer. Eu gosto muito do que eu faço porque é uma coisa nova e os professores que quiserem abraçaram a causa pode ver que o aluno adora essa aula. Ele adora vir para cá. Quando ele não vem para cá ele se sente como se tivesse recebido uma punição. Porque é uma outra visão que eles têm do mundo. Aqui eles podem se abrir. Fazer pesquisas, saber um monte de coisas que muitas vezes eles não teriam acesso se não fosse essa sala aqui. Aqui para muitos é o único recurso que eles têm. Olha se você não barrar um pouco, eles vem todos os dias . Então eu devo ser uma pessoa legal porque eles gostam vir aqui. Eles não se inibem, eles não são mal educados. Eles compreendem..., quando tem que sair eu falo vocês tem que saírem porque acabou o tempo e vai vir outro professor. Temos outras coisas para ler. Eles não ficam brigando. Não tem atrito com os maiores. E como eu gosto de ensinar, mas esse negócio tradicionalismo e de quadro eu não acho muito bacana. E como aqui a gente não tem muito recurso na sala de aula, a gente fica basicamente no livro, quadro e giz. Aqui a gente tem um leque de opções. De trabalhar com várias ferramentas como o power point que eu acho bem bacana. A gente faz uma atividade, por exemplo, uma festinha. Eu venho fotografo a festinha, depois a gente monta no power point e joga na pasta dos alunos para eles se olharem lá. Para eles verem a realização do trabalho deles. Isso ai é muito bacana. Eu gosto disso. Porque na verdade não é que eu ensine o aluno. O professor ensina a gente só complementa. Eu não posso chegar e tomar a frente do professor. Eu ajudo o professor, tem dois ali precisando de ajuda, eu vou para um, ela vai para o outro. E é isso.

___ **Como os demais segmentos da escola te vêem?**

___ Eu acho que ele me vêem como uma colaboradora deles. Porque aqui eu procuro facilitar o trabalho de todo mundo que precisa daqui da sala. Então eu me sinto muito satisfeita. O pessoal aqui também colabora. A diretora dá bastante apoio. A nossa coordenadora também. Os trabalhos também passam por ela e eu só posso agradecer a você, por poder falar desse trabalho.

___ **Você participa de todas as atividades da escola?**

___ Na medida do possível procuro participar das atividades, inclusive porque na maioria das vezes sou eu quem fotografa os eventos.

___ Você considera que sua atividade docente na espaço da sala de tecnologia educacional se diferencia da atividade docente no espaço da sala de aula?

___ Totalmente diferente. Aqui eu procuro mediar, tornar mais possível aquilo que o professor não consegue com os alunos. Aqui na Sala de Tecnologia eu procuro tornar possível aquilo que não conseguimos com o aluno na Sala de Aula. Procuro fazer a ponte entende? Porque na sala de aula eu tenho a obrigação de passar o conteúdo, de facilitar, de ser mediadora do conteúdo para os meus alunos. Aqui não, aqui a obrigação maior é do professor regente. Mas eu estou aqui para ajudá-los no que for preciso, no que eu puder fazer também. Os nossos alunos eles chegam com os professores e eu mais o monitor Cássio a gente dá assistência para os nossos pequeninhos de manhã porque a gente trabalha de 1ª a 4ª série, a gente da assistência para eles e para os professores. Tem professores que tem mais conhecimentos outros tem menos. Tem uns que não tem conhecimento nenhum, então isso tudo é para a gente..., e com os outros alunos de outros turnos a gente conforme a máquina disponível a gente aceita eles entrarem para poder fazer os trabalhos deles porque muitos não têm acesso em casa, muitas vezes não tem dinheiro para ir numa lanhouse. Você que vê um projeto bacana ...Por exemplo, o projeto jornal que a professora Isabel do 4º B fez com os alunos dela. Olha assim a seqüência, tudinho assim. Ela fez o esqueleto ai os alunos vinham aqui na sala ...até fora do horário. A professora agendava para eles para irem fazendo por etapas. Então tem muita coisa ali que eles foram pesquisar que eu não tinha conhecimento, sobre nossa escola mesmo. Quem foi Joelina? Onde foi o primeiro prédio da nossa escola? Os primeiros diretores? Entendeu... e por ai a fora.

___ O que você considera de positivo e negativo aqui na sala?

___ Olha! Positivo é aprendizagem dos alunos. Acho que aqui ela corre mais rapidamente do que sala de aula..Você dá um tema para eles. Eles vão, pesquisam..., esse negócio de falar assim o aluno foi lá copiou e colou, não. Antes de copiar eles vão ler. Eles sabem se o tema é legal, é bacana. É do interesse deles, eles vão pesquisar..., sabe. Muitas coisas que eles descobrem que a gente não sabe. Isso ai é positivo. A aprendizagem é positiva. E o ambiente também satisfaz eles estarem aqui. E também há trocas. A gente desenvolve atividades aqui e eles levam para outra escola. Tem muitos trabalhos nossos andando por ai em outras escolas. As atividades deles. Historinhas..., tem muita coisinha assim que a gente faz, assim para o primeiro aninho por exemplo, eles levam. Tem o Maestro, uma sala de recursos que a professora pediu várias atividades e a gente mandou para lá.

___ E negativo?

___ Olhe é essa situação que a gente ta vivendo porque será injusto mesmo, tirar você do ambiente em que você está que você está trabalhando e está desenvolvendo bem o seu trabalho. Porque se não tivesse desenvolvendo bem, a direção, a coordenação e até mesmo o próprio NTE já teria visto, porque já são 4 anos que a gente ta aqui.

___ Você incentivaria outros colegas a serem professor da Sala de Tecnologia Educacional?

___ Sim, se percebesse nele boa vontade e vontade de está sempre descobrindo possibilidades que facilitem o ensino aprendizagem.

___ Professora se você quiser dizer mais alguma coisa...

___ Eu que agradeço a oportunidade de poder contribuir com o seu trabalho E enquanto eu poder ajudar, estou aqui para ajudar.

___ **Muito obrigada professora.**

ENTREVISTA 16

___ **Por que quis ser professora?**

___ Pode parecer brincadeira, mas todo mundo sonha em ser professora e não foi diferente comigo não. A minha mãe, não que ela seja formada, mas para quem morava na fazenda e tinha um pouco mais de estudo do que os outros, era sempre chamado para dar aulas para as crianças e para as pessoas que tinham dificuldades de ler um documento, de entender alguma coisa. Então minha mãe sempre era chamada nesses momentos. E para a gente isso era admirável. Então isso foi ficando na nossa cabeça e entre 8 irmãos você acaba ensinado seus irmãos menores. Ou seja, daí para o Magistério foi um passo e desde então, não sai mais da sala de aula.

___ **E por que Pedagogia?**

___ Hora se eu já comecei a dar aula já no Magistério, comecei e falei, vou me especializar no que vou fazer. Então a Pedagogia foi o próximo passo, foi uma especialização que depois do curso do 2º grau que era o Magistério e em seguida, claro eu fiz a Psicopedagogia para entender melhor as dificuldades que a crianças, que a gente enfrenta na sala de aula com as crianças.

___ **E porque quis trabalhar na sala de tecnologia?**

___ Bom sala de tecnologia...(risos), olha só, eu era assim, embora tivéssemos computador, quem mexia era só as crianças, minha irmã, você fica só olhando, até para elaborar uma prova, a gente acaba pedindo para alguém fazer. E você só fica de canto e quando eu estava na escola Lucia Martins Coelho, que aliás era a única escola que tinha sala de informática, pelo que me lembre na época, que era um projeto, a nossa diretora chamou todos os professores e falou assim: olha a Secretaria de Educação falou que vai recolher esses equipamentos se ninguém usar, se ninguém elaborar um projeto, nós temos que elaborar um projeto para segurar esses equipamentos aqui, está empacotado até hoje. Então eu e mais, eu era professora da 1ª série na época, junto com uma outra professora que hoje ela está lá no Hercules Maymone, ela era de 4ª série, ela falou ..., vamos fazer, você também tem computador em casa, você não sabe mexer um pouquinho? Eu falei, um pouquinho. Vamos fazer o projeto? Você com a sua turminha e eu com a minha turminha, vamos ver se a gente faz alguma coisa. E na época era só realmente nós duas que fizemos o projeto, apresentamos e seguramos as máquinas e daí você vai pegando gosto, vai continuando, até quando eu fui transferida aqui para o Adventor?, não foi diferente, todo mundo morria de medo, ninguém na verdade apresentou nomes, porque eles precisavam de três professores por turnos. Ai eu falei, já estou com a mão na massa mesmo, já comecei, vou terminar e gostei, fiquei, me apaixonei e não sai mais.

___ **E como que foi sua entrada nessa área do conhecimento?**

___ Na época em que eu apresentei o projeto lá no Lúcia Martins Coelho, era um projeto simplesinho, o básico, só do que eu conhecia. Daquilo que a gente aprende no dia a dia, eu ainda não tinha feito curso. O curso eu fiz quando eu tentei o mestrado

em 96 se não me engano e meu assunto, meu projeto era o impacto da informática na sala de tecnologia, na época já se cogitava muito isso, aí eu fiz o projeto em cima disso, precisei realmente aprender informática. Fiz um curso do SENAI na época. Era um curso de 4 ou 5 meses, longo. Aprendi o básico e o avançado e o restante foi no NTE mesmo, eram cursos hora dentro do nosso horário de trabalho, hora a noite ou nas férias. Lembro de um parte de gerenciamento que pegou as nossas férias de julho que desclassificou um monte de gente que já estavam meio contra a vontade de ir. Muitos desistiram nessa época. Aí foi a parte de especialização, a parte do avançado e o resto a gente vai fazendo conforme a necessidade, conforme você precisa de alguma coisa, você faz um cursinho daquilo.

__ E que formação inicial você recebeu para desempenhar a sua atividade docente na Sala de Tecnologia Educacional?

__ Toda a parte básica, o Word, toda a parte avançada, toda parte de trabalhar com a parte educativa dentro da informática. A parte do Webquest.

__ E como está sendo o seu processo de formação para continuar exercendo a sua atividade na Sala de Tecnologia Educacional?

__ A formação não termina, porque tem sempre um paço a mais que tem que fazer. O que antigamente era opcional agora não é mais opcional é considerado obrigatório. Quem não tem a preparação, quem não tem por exemplo, o curso da informática educativa, mídias na educação, que é o curso que estou fazendo nem estaria na sala de tecnologia. Então nós que fizemos a 1ª etapa, quem não está fazendo e está começando agora, porque agora é obrigatório daí vai ter que seguir todo esse processo. E sempre a secretaria de educação vai criar novas formas. A gente está em contato com eles. E na universidade, sempre novas coisas estão surgindo e a gente tem que entrar no processo e fazer mesmo. Eu também estou fazendo a 2ª etapa do módulo avançado do mídias pelo EPROINFO pela UFMS. Essa é a parte de como trabalhar, como analisar atividades teoricamente. Não é só mais uma coisa na prática, mas uma teoria em cima do assunto. A gente começa a ler artigos, textos, a gente já começa a teorizar em cima das atividades, elas já são muito mais pensadas do que aquelas que a gente costumava fazer rotineiramente, sem pensar.

__ E como está sendo isso? Quando que você deu conta disso?

__ Quando eu me dei conta disso, num primeiro momento, foram as primeiras oficinas que nós começamos a fazer quando a xxx era nossa orientadora, nós começamos a fazer cursinhos de como trabalhar com Webquest, como trabalhar com os blogs na educação, como analisar softwares, porque tem muito, tem softwares que está usando, baixa, às vezes não sabe o que é bom e o que não é. Se está de acordo com a linha da escola. Aliás, você sabe qual a linha da escola. As perguntas que se fazem no momento. Então a gente começou a trabalhar em cima disso e preparar as nossas oficinas em cima disso também, na escola, no nosso grupo. A gente separava por grupo para apresentar essas oficinas.

__ E o que você percebeu nesse processo todo? O que você sentiu quando começou a olhar para a parte pedagógica?

__ Crescimento, ver as coisas com outros olhos que a gente não estava acostumada a perceber. Às vezes a gente achava que aquilo que estava fazendo era bom. Aí você começa a questionar aquilo e fala não é bem assim. Tem que arrumar isso. Então

— você começa a olhar de forma mais crítica. Até as atividades que um professor prepara se você tem condições de melhorar aquilo, a mudar aquilo. E quando você faz uma coisa mais pensada, que você exige mais de você, você começa a exigir mais dele também. Ele passa a pensar mais no que ele está fazendo. Então essas atividades acabam sendo mais críticas. Por exemplo, quando nós preparamos as atividades que envolve uma WebQuest por exemplo, você faz um roteiro e a criança tem que seguir aquele roteiro e você pensou na forma do que você quer dele principalmente e ele está ciente do que ele quer de você. Ele começa a retribuir o que você está pedindo. Isso é ter uma certa lógica no que esta fazendo. Você pensou no que você quer dele. Agora quando você deixa solto, pesquisa isso, pesquisa aquilo e nem ele sabe exatamente o que você quer dele, fica muito solto e às vezes ele não vê o retorno do aluno. Esses é um dos momentos importantes da WebQuest que é pegar o retorno do que a criança fez. Você começa a fazer essa análise dessa volta para ele.

— Como que funciona esse WebQuest?

— É uma atividade que você prepara na internet. Ela tem todo um roteiro. Ela tem introdução, ela tem objetivo. Tem uma metodologia a ser trabalhada. O professor tem que deixar claro o recurso que ele vai utilizar ali. Se ele vai deixar inclusive links para outras páginas na internet. Ele vai limitar ou não dependendo do que ele quer. E ele vai ter uma avaliação final. Nessa avaliação ele vai colocar os conceitos que ele gostaria que a criança atingisse, olha, você vai ser considerado bom se você fizer isso, isso e isso, regular se você fizer isso, isso e isso. Então alguns critérios ele vai deixar claro para o aluno ali. E lê vai ter que ter o retorno do aluno. Se esta WebQuest pode ou não ser publicada. No caso da nossa escola a gente prefere publicar o resultado do aluno. Mesmo porque ele gosta de ver o que ele fez na internet.

— Como é que você se vê nesse espaço da sala de tecnologia?

— Eu me vejo como professora, como alguém, uma professora que está cumprindo o seu papel de educadora também, porque era uma das coisa que a gente se perguntava, será que a gente vai ser técnica lá dentro. Não, não é. Não é pelo seguinte, porque a gente não deixou de ser professora. Primeiro: ali tem o conteúdo do aluno, certo? Porque o professor vai preparar a aula dele junto com a gente, então você faz aquele papel de coordenação do professor, da sala, do aluno. Segundo: o professor não tem o domínio total da parte de informática. Então, ele faz o conteúdo dele, você que ajudou a preparar. Você também sabe parte do conteúdo. Um ajuda o outro. E como ainda é o começo e nem todos os professores tem o curso de informática, acaba a gente fazendo praticamente quase tudo. Ele vai lá e fala assim: olha vamos trabalhar isso e isso e pergunto: professor como é que o Srº quer fazer isso? Ai ele senta com você e fala: eu queria trabalhar dessa forma, dá para fazer assim? Dá, mas vamos ajeitar isso aqui, porque dessa forma a criança também aprende a parte de informática, a parte de como formatar um texto, a parte de busca na internet, porque não é só copiar e colar, isso ai não é pesquisa é um plágio, então a criança por exemplo, ela vai ter que organizar isso, arrumar, colocar o ponto de vista dela. Fazer a citação do jeito correto. Isso ele não precisa fazer aqui. Copiar e colar ele pode fazer em qualquer lugar. Ele faz na casa dele. Então essas coisas a gente tem que ajudar o professor. Ajudar ele na prática na hora. È como é que você pede isso para o aluno? Com as perguntas certas. Então você tem que fazer um roteiro para ele saber o que você quer dele. Não é só deixar solto É você pegar o que você aprende

na área de informática e aplicar na educação. Trabalhar com os alunos tudo o que você está aprendendo ali. Porque a informática educativa é nova. Aqui a gente nem ensina, por exemplo, vamos só aprender a formatar um documento. Vou só fazer isso. Tem que aplicar na educação essa informática. Curso de informática em qualquer lugar tem, qualquer esquina tem, em qualquer lugar tem, mas eles não levam para a educação.

__ Então como que é o seu trabalho com o professor e aluno? Fale um pouquinho para mim desse seu trabalho aqui dentro da sala de tecnologia?

__ Como fazer no dia a dia. Vou começar com exemplos de aulas – uma aula de Matemática, que essa professora preparou. Vou dar exemplo de uma aula no WebQuest, cujo objetivo é fazer com que a criança aprenda a planejar despesas e ajudar os pais no controle dessas despesas. Nessa aula nós pedimos que parte dela seja feita em sala de aula, onde as crianças tenham que trazer todas as despesas da casa dele. Junto com a professora eles fazem uma separação dessas despesas. Depois dessa separação, dessa classificação, os alunos já tem os dados para chegar na sala de informática e fazer a sua atividade. O que ele vai fazer lá? Ele vai fazer uma tabela de todos os dados. Nessa tabela, ele vai ter que pensar uma fórmula para somar mês a mês todas as despesas que tem em casa. Feito isso, ele terá que comparar a renda familiar com as despesas mensais. As despesas e as receitas são ilustradas em gráficos. Aí vem a parte mais importante. Ele terá que redigir uma opinião comparando o dele com o do colega dele e tecer críticas sobre as despesas que tem em casa.

__ E qual o objetivo?

__ O objetivo é a criança aprender a ter um planejamento das despesas futuras deles e ajudar os pais na casa. Por que? Porque tem coisas que a criança fala assim, olha eu quero um tênis naike e ele não sabe quanto custa um tênis naike. Será que o valor daquele tênis não está sendo demais pelo valor que o pai ganha e que o pai ganha. Será que não está na hora dele parar e pensar um pouquinho que não dá para o pai gastar com aquilo. E em determinado momento será que não está na hora dele falar com o pai dele que tem dinheiro sendo jogado fora desnecessariamente. Às vezes o pai não tem essa visão. É nessa WebQuest que nós fizemos específico teve um ponto importante, que alguns pais pediram para salvar a tabelinha do filho no disket para ele levar para casa, para poder colocar as despesas dele ali. Então serviu de ajuda para o pai. Para o pai aprender a se organizar. Ele achou interessante. Nós agradecemos aos pais que forneceram todos os dados para colocar publicamente na internet. Ele expôs na verdade as despesas da casa dele. Ele deixou comparar com a do coleguinha. Ele permitiu demonstrar que às vezes ele gasta tanto dinheiro com cigarro e tão pouco com a educação do filho. E aquele pai, aquela família festeira demais. Teve família festeira que faz churrasco todo final de semana, tem a cervejinha, tem a roda de amigos. E vive de aluguel até hoje. Por que tem lá a taxinha de aluguel. A família e depois a conversa com os alunos lá é para a criança perceber que dava para ele costumezar tudo isso. Não dava para ele diminuir alguma coisa. Economizar um dinheirinho e ter sua casa própria. Administrar melhor esse dinheiro. Por que o objetivo da escola é esse, aprender a administrar. E a própria criança aprender a ajudar o pai, porque ele algum dia vai ter que fazer isso. Vai ter que começar a administrar.

— **As crianças gostam de trabalhar na sala de tecnologia?**

— É assim, lá ele tem uma vantagem. É disputado, porque nós temos o horário. É um horário fixo rotativo. E dificilmente a gente tem caso de professor que não quer entrar. Então quando um ou outro falta. Ele já pergunta logo na entrada, tem alguém que vai desistir hoje? Eu posso terminar aquelas atividades que estavam programadas para tal aula. Nunca tive problema aqui com isso. Agora bem no começo eu segui o conselho da Terezinha Granja. Lembra daquela reunião geral que teve lá no Lúcia Martins Coelho e muitos falavam assim, olha, nós estamos enfrentando dificuldades com o professor. Muitas vezes era um depoimento, tem professores que não quer entrar. E foi criando assim, uma animosidade entre professor e o professor da sala de tecnologia. Antes de tudo isso acontecer o que que fiz. O primeiro passo meu com todo mundo aqui, a gente se dá bem com todos os colegas aqui. Não era a sala de tecnologia que vai dividir a gente agora. Então eu comecei a fazer assim, eu e a Marly, porque só tinha eu o dia inteiro e a Marly a noite. Agora que tem mais uma professora que é a Sandra. Nós trouxemos a Sandra para cá, porque a Sandra é ótima. Ai nós fizemos assim, todos os professores..., ia nas salas dos professores e falava, bem no começo, antes de iniciar as aulas, ia lá e falava, gente que sala quente, vamos lá para o ar e ficava lá – o que que vocês estão fazendo, estou fazendo isso, eu ia anotando. Olha vamos abrir e-mail para todo mundo, há eu não sei abrir e-mail. Eu fala vem cá vou te mostrar como se abre e-mail, porque a gente tem computador em casa e não sabe nem mexer, fica nas mãos dos filhos, que a maioria aqui, não sei se você percebeu estão beirando a aposentadoria e muitos já aposentaram, inclusive eu. Então eles não querem mais aprender nada. Eu tenho que fazer um jeito dele pegar naquela máquina, aprender a mexer, não deixar só nas mãos dos filhos assim como eu que também faço. Eu deixava nas mãos dos meus filhos e ficava só olhando de longe, pedia até para ele, deixava escrito a prova e pedia para eles fazerem para mim. Depois fui pegar para fazer isso e a gente acaba tomando gosto. Os primeiros passos foi fazer isso. Então o que que nós fizemos, o primeiro passo foi, chamar os professores, abrir e-mail para todos eles, isso todo mundo, não só os professores, mas funcionários, as meninas da limpeza, abrimos e-mail de todo mundo, ai começamos a mandar mensagens, olhe mandei um negócio legal para você ver e mandava mensagem bem chamativa, bem autêntica, que eleva a autêntica e deixava eles lerem, olha essa mensagem, inclusive da para trabalhar com os alunos. Começava a mexer em coisinhas simples, básicas. Olha isso aqui dá para você conversar com os alunos que está com problema com os pais, problemas com o filho, de relacionamento entre colegas, coisinhas simples que dá para eles mexerem. Até a formatação no slides, começava a mexer ali, colocar um negócio diferente. Fazer umas perguntinhas ali, ai você vai aumentando, porque dali você começa a colocar conteúdo e começava a mandar para o e-mail deles. Eles abriam, alguns que não conseguiam abrir em casa, não sabia abri o anexo, abria eu ensinava abrir aqui. A gente começou a fazer essa troca. E eu comecei a levar lá no horário de planejamento. Eu falava, esta sala está tão quente, vamos para lá e eles começavam a ir. Ai ele já sentava do meu lado, a gente já começava a fazer, ou seja, ele já estava preparando a aula dele ali e nem estava se dando conta disso. O passo mais difícil foi fazer eles preencherem oficialmente o planejamento. Parece que eles fogem daquilo. Estão tão acostumados a fazer no caderninho, ou seja mais um que eles tem que preencher no caderninho que tem que apresentar. Porque eles tem o caderno de planejamento. Agora fazer um outro planejamento e entregar para mim, é diferente. Então eu começava a fazer planejamento. Ai teve um tempo que nós cortamos o planejamento, olha vamos fazer um roteiro do próprio trabalho do aluno. Vamos

colocar qual o objetivo que queremos disso, o que a gente quer que ele faça. Um roteiro para o aluno, foi a forma que melhor funcionou. Então no próprio slides, ou no próprio word, não importa onde estava, ou se estava lá no excel. Ali já está o objetivo de tudo. Então já facilitou para mim. Agora esse ano voltamos ao velho planejamento porque a secretaria de educação pede o planejamento. Agora eles já pegaram um pouco mais de prática. No começo era bem difícil, tinha que estar ajudando como colocar os termos certos. O que é que a gente quer que o aluno atinja ali.

__ **E como que os outros segmentos te vêem?**

__ Acho que do jeito normal, não mudou. Eu não vi mudança nenhuma.

__ **Alunos, direção?**

__ Também. Eu não sei. Eu não vi mudança nenhuma no tratamento comigo.

__ **Você participa de todas as atividades da escola?**

__ Esse é o momento em que você fica mais participativa, porque antigamente você tinha seu limite de participação. Agora você obrigatoriamente está em tudo, não importa, porque tudo do que a escola faz, a gente tem o relatório para fazer. Tem os eventos que tem que colocar na página. Eu que coloco isso eu tenho que vir, independente do meu horário de aula ou não. Por exemplo, aconteceu um evento a noite, daí já combino com nosso diretor, ele fala você pode vir fotografar para a gente. Já comprei uma máquina só para isso, porque na época a escola não tinha máquina, agora ela já tem duas. Porque às vezes está acontecendo uma coisa que eu estou lá Universidade e não estou aqui, compraram uma máquina. E eles fotografam para mim e depois só me dão as melhores tomadas para eu colocar na página nossa.

__ **Você é como uma referência para eles. Eles recorrem a você?**

__ Não sei se posso chamar isso de referência, mas a gente acaba contribuindo com tudo. Nas coisas de secretaria a gente acaba contribuindo. Muita coisa de secretaria eu acabei aprendendo a fazer. Eles perguntam como é que faz isso? A gente tem que fazer um documento padrão na escola e agente que um cabeçalho como faz? A gente fala, você cria, fica bonitinho. Cria uma logomarca da escola. Olha o nosso diretor quer que faz uma planilha para anotar tudo o que gasta. Ultimamente ele tem feito só na mão, faz um aqui para a gente, como que faz? Ai você vai lá, você cria um, você ensina a moça a fazer. Ela vai criando cópias, ela vai salvando, ela pega o jeito. Então você vai contribuindo e vai aprendendo algumas coisas até de secretaria.

__ **Você é de Pedagogia e tem que trabalhar com professores de outras áreas. Como é que é isso?**

__ Acho que cresci muito com isso, porque, por exemplo, Matemática, você sabia a Matemática de séries iniciais, ai de repente você tem que ajudar um professor. Em pouco tempo que a gente estava lá na UFMS, que é um projeto do CNPq que trabalha com softwares e de repente tem que pegar um aplusix trabalhar com uma professora de 5ª a 8ª série, do Ensino Médio. É ela que domina o conteúdo dela. Você aprendeu a manusear aqueles softwares ali, então você vai trocando com ela. Acho que eu cresci com isso, porque tem coisa ali, que nossa, esse conteúdo não era do meu tempo e agora ainda tem que fazer com esse aparelho, com esse software e com esse equipamento. Então você vai crescendo, vai enriquecendo. Porque você mexe com os

aplicativos, mas se você vai colocar uma coisa nova, ainda mais um conteúdo que não é da sua área, você aprende até um pouquinho mais.

__ Você considera que a sua atividade docente na sala de tecnologia se diferencia da atividade em sala de aula?

__ Diferente porque você tem uma nova ferramenta, só por isso. Eu até falo com os professores da seguinte forma, Na escola tem muitos professores em trânsito. O que que é o professor em trânsito. Ele é um convocado. Ele está substituindo a professora que entrou de licença ou é novato. Você tem que fazer com que ele vá lá e prepare a aula dele, que ele não pode estar colocando que tem prova em sala por exemplo, porque a aula está programada lá. Lá é importante, tanto quanto aqui. Então eu coloco para eles o seguinte, lá é uma ferramenta, assim como você vai usar por exemplo um retro-projetor. Se você vai usar um laboratório na aula de Biologia por exemplo. Está a disposição para você enriquecer a sua aula e não para deixar ele de lado. E tem alguém lá que precisa ser respeitado, que tem que ser avisado dos horários, das mudanças que vão ter aqui. Eu sei que é um momento até de você passar por chata para eles, mas é necessário para a gente poder trabalhar bem, sem brigar com eles, sem mágoas, falar até de uma forma de brincadeira para ele não se chatear e achar que está impondo as coisas para eles. Porque é uma cobrança que você tem que fazer. E você tem que estar lembrando todo ano. Todo ano a gente faz aquela reunião inicial com todos os professores. Tem a reunião da direção com todos nós e tem a minha e agora da Sandra e da Marly na sala de tecnologia com todos eles. É o momento da gente colocar como é que funciona a sala, principalmente para os novos porque os antigos já sabem as regras da sala. O que é que ele deve fazer. As minhas atribuições, a deles, dos alunos. Tem um momento até de lavar roupa suja e cobrar algumas coisas. Aconteceu o ano passado, gostaríamos que esse ano não acontecesse, mas é um momento importante. E todo o ano a gente fica meio apreensiva. A gente já começa colocando umas mensagens bem legal até para não dar problema, para ninguém te olhar torto para depois você entrar no assunto que você precisa. Porque acho que significa você enriquecer a sua aula. É fazer o professor também crescer e ver a importância disso. Então eu trabalho com o professor e com os alunos. O meu relacionamento não é só o da máquina, porque a máquina ela te obedece, mas é principalmente com o professor. Você tem que fazer repasses para ele para ele fazer para o aluno. Ora ele não sabe fazer isso, então é você que tem que ir na sala e explicar algumas coisas. Não que ele não saiba a matéria dele lá, não não é isso, é que tem coisas que naquela atividade precisa de você. Porque ele entra na sala, ele já tem um mapinha onde os alunos vão sentar. Estes mapinhas só mudam quando tem uma máquina com problema. Cada professor tem o seu mapa. Logo no início era assim, era um mapa por sala, mas aí o professor falava eu queria mudar o aluno tal com a máquina tala, começou a mudar um pouco os mapeamentos.

__ Como que é feito estas escolhas? Este mapeamento?

__ No começo não tinha critério, a gente foi estabelecendo os critérios de acordo com o andamento da sala, porque não dava, você vai escolher um aluno que você não conhece e vai colocando meu aleatório. A gente só foi se organizando depois. Esse ano nós procuramos fazer diferente pela primeira vez. Cada professor fazer o seu mapa de sala. Então quando o aluno entra, ele nós vamos obedecer ao mapeamento da professora tal? Eu pergunto com quem você está hoje? Com a professora tal. Então é o mapeamento dela. Mas só que fica muitas mudanças de professoras no ano.

E tem professor que às vezes saiu e nem deixou mapeamento. Então eu falo, vocês vão obedecer ao mapeamento da professora tal. Porque tem uma lá que certinha com o mapeamento, ela obedece. Se ela chega e o aluno está fora do lugar ela já põe no lugar certo.

__ Vocês tem uma máquina para quantos alunos?

__ Para três alunos ou quatro aluno por máquina, dependendo do número de alunos em sala. Nós temos o problema de espaço como eu te falei. A nossa sala é muito pequena. Nós temos muitos alunos. A nossa escola não tem problema de evasão. Então quatro alunos por máquina numa sala apertadinha, é um banheiro, é um vestuário. Nós temos um projeto para ampliar. Então fica ruim, fica difícil.

__ Como que este trabalho de 4, 3 numa máquina?

__ Nós procuramos fazer eles se revezarem. Porque tem sempre aquele aluno que só ele quer mexer. Mas não é assim, a professora acaba sendo chata e nós também. Falamos deixa um pouco fulano pegar o mouse, no teclado, só você sempre. E tem aquele aluno que se omite, não professora deixa ele fazer. Não, você também tem que fazer. Você também tem que aprender e o dia que não vir você não vai ter que fazer. Então a gente procura fazer sempre isso. Isso é constante, tem que estar sempre pedindo para um ou outro aluno. E aquele, o 3º aluno aquele que nem tem espaço para ele ficar, ele fica praticamente no corredor, que ele contribua com comentários, porque na próxima é ele que vai sentar ali na frente do computador.

__ E nesse meio tempo você fica circulando?

__ É tem que ficar circulando na sala, alais quase circulando, porque quase não dá para andar na sala, então eu fico num canto e a professora fica no outro. Só quando eles chamam, a gente sai falando, dá licença, entra um pouco mais para dentro para a gente poder passar. A sala é apertada, tem que ver as fotos eu mandei para o Roberto. Ai a gente vai auxiliando, eles vão chamando.É um ensino assim, tem o geralzão que a professora faz e que explica tudo e depois o outro que eles vão chamando e a gente vai ter que ir individualmente de máquina em máquina.

__ Como que é trabalhar com esta ferramenta e trabalhar com a outra que você conhece?

__ Bem diferente. Lá tem muito mais possibilidades que isso aqui. Isso aqui está bem ultrapassado. Você pode fazer muito mais coisa lá, mas melhorado do que aqui. Agora tem professor que ainda quer fazer aquilo lá do quadro negro. Tenta só reproduzir algumas coisa. No comecinho a gente deixava, mas depois eu falei com a Leida em uma das reuniões que a gente apresentou algumas atividades. Me pediram para apresentar atividade e eu apresentei. Falei, não acha que fica muito ultrapassado o professor está fazendo no computador, está só reproduzindo. Eu falei Leida ela começou agora, acabou de voltar de licença, a primeira palavra dela foi: eu tenho horror dessa sala e eu não posso expulsar ela daqui. E vou mandar uma atividade dela. Tem que mostrar para ela que ela tem valor aqui, então ela começou a gostar. A gente não vai conseguir mudar agora, ela não queria nem entrar. Então nós falamos, escolhemos a sua atividade para entregar, ela ficou toda feliz de saber que a atividade dela foi encaminhada para o NTE junto com as outras que a Leila sempre pedia. Eu sei que é uma reprodução muito simplória, mas até ela pegar o jeito. Ela já ficou contente em escolher. Mas ai as coisas vão mudando porque ele vai vendo que aquilo

ali tem muito mais possibilidades, mudanças. Você incrementa uma aula do que fazer uma coisa tão simples, tão pobre.

__ Os alunos quando eles vão para eles gostam ou não?

__ Gostam.

__ Do que que eles mais gostam de fazer?

__ Internet. A gente procurou fazer com o professor dois tipos de aula. Uma aula dirigida, onde só vai entrar onde está programado e uma outra aula que inclusive a gente discute no nosso grupo que nem tudo pode ser dirigido. O aluno tem que aprender a buscar informação, se não ele nunca vai aprender. A gente sempre vai deixar o link certinho para ele lá. Não, ele tem que aprender a pesquisar. Ele tem que aprender a escolher também. Então a gente procura mesclar esse tipo de atividade. Ele vai ter que aprender a buscar o que a professora quer e fazer delimitações do assunto. Não é fazer qualquer coisa. É o assunto mais específico que responde aquilo que a professora pediu e trabalhar aquele assunto que ele trouxe. E no outro a gente deixa bem dirigido. São as aulas que acontecem até mais rápida do que aquela que ele tem que buscar. E nesse buscar a gente tem que ficar bem atento do que ele vai fazer. Por exemplo, numa das aulas de Inglês onde ele tinha que buscar características físicas das pessoas e fazer descrições de pessoas de todo jeito. A gente entrou no site que pedimos socorro para o Roberto. Entro no site de..., não é horrores, são pessoas que tem deformações físicas e aquilo ficou grudando na tela do computador, entrou vírus imediatamente, mas em termos, o aluno até assustou e a professora também, coitadinho ele ficou com tanto medo, que depois a sala saiu e eu vim aqui chama-lo ele estava com o olho arregalado, assustado, achou que a gente ia fazer alguma coisa conta ela. Não era isso o que a gente queria. A gente tem que fazer uma ata mesmo, para explicar, porque quando a gente vai pedir uma ajuda para o NTE a gente tem que justificar o que está acontecendo. Falei com o Roberto, expliquei, Roberto não foi intencional, eu vi lá no histórico a busca que a criança fez. Ai o Roberto teve que entrar, ai entrou aquele xerife que busca os vírus ai ele começava a fazer mais estragos na máquina ainda, grudar pornografia. Mas não foi atrás disso que a criança foi. Ele foi buscar pessoas com características físicas diferenciadas para ele poder fazer uma boa descrição, no entanto, veio tudo que não, podia. E é uma coisa livre, foi uma busca livre, porque eles pedem o seguinte, neste estudo que a gente está fazendo, não da para direcionar tudo. Ele tem que aprender a buscar, aprender a ser seletivo, se não nuca vai aprender. Se não ele vai trazer a primeira coisa que vê, porque quando traz tudo, ele tem que ler o enunciado, abrir só o que realmente ele quer, porque tem coisa que não adianta, ele tem que ver de tudo mesmo.

__ Para ele aprender a ser seletivo, o professor tem que fazer o que para isso?

__ Primeiro o professor tem que dar uma certa liberdade para ele aprender a buscar e depois ele tem que ler e entender o primeiro enunciado que ele abriu no link da página. Porque ali já diz quase tudo que você quer. E às vezes ainda você abra aquilo não era aquilo que você imaginava, ai tem que fechar e buscar outro. O professor tem que ajudar a criança a fazer isso. Ele tem que fazer perguntas para a criança. O que que nós estamos querendo mesmo? Isso que ele está falando é o que nós pedimos? Não. Então vamos buscar. Porque se ele não perguntar a criança não vai saber o que ele quer. E tem coisa que é na hora, embora tenha o roteiro, mas esse professor tem que interceder porque tem coisas ali que a criança fica na dúvida se aquilo lá pode ou não. Se está respondendo o que a professora quer ou não. Tem coisa que tem que

fazer na hora mesmo. Igual a gente quando faz uma pesquisa não vem tanta coisa e você fica na dúvida do que usar ali, a mesma coisa com a criança. Criança entre aspas, porque quando fazemos uma pesquisa, fazemos com todas as séries.

__ **Quais os aspectos positivos e negativos de trabalhar nesse espaço?**

__ Eu não vi aspecto negativo eu só vi positivo. Eu não sei se estou sendo positiva demais, mas é verdade. Foi um ganho para a educação e que não deve ser tirado. Então eu não vejo aspecto negativo nenhum. Eu só vejo que dali, dali para o quadro digital, dali para cada aluno ter facilidade para acessar notebook, para facilitar as suas pesquisas, dali para gente ter softwares para a escola, conseguir softwares específicos para a educação, porque a gente não tem nada, tem que ir atrás. Então eu acho que agente merece softwares específicos, que está na hora da educação comprar isso. Isso é caro. Então é dali para ser incrementado.

__ **Teria mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?**

__ Acho que já falei demais.

__ Professora. Por enquanto muito obrigada,.

ANEXOS

Anexo 1 Resolução 1570

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Resolução/SED nº 1.570, de 4 de setembro de 2002.

Dispõe sobre a lotação e atribuições de professor da Educação Básica para exercer a função de professor em sala de informática nas unidades escolares da rede estadual de ensino, e dá outras providências.

A SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, com fundamento na Lei Complementar nº 087, de 31 de janeiro de 2000, e na Lei Complementar Federal nº 101, de 4 de maio de 2000,

RESOLVE:

Art. 1º Fica assegurada às unidades escolares estaduais que possuam salas de informática a lotação de professor para ministrar as atividades pedagógicas relacionadas às referidas salas.

Parágrafo único. Para efeito de lotação de professor, será considerada sala de informática aquela dotada de, pelo menos, 08 (oito) microcomputadores e 01 (uma) impressora em um mesmo local, com infra-estrutura adequada e equipamento em condições de perfeito funcionamento, ressalvada a situação das unidades escolares que já contam com sala de informática com número inferior de computadores, anterior à edição desta Resolução.

Art. 2º A lotação de professor na sala de informática visará ao atendimento dos turnos de funcionamento nas unidades escolares da rede estadual de ensino constantes no Anexo II desta Resolução.

§ 1º Cada unidade escolar contará com atendimento na sala de informática de até 60 (sessenta) horas, distribuídas em 20 (vinte) horas para cada turno.

§ 2º Em cumprimento ao disposto no *caput* deste artigo, cada unidade escolar com sala de informática terá 01 (um) professor com jornada de 20 (vinte) horas designado para cada turno de funcionamento.

§ 3º Quando o professor for detentor de uma jornada integral de 40 (quarenta) horas terá sua lotação em dois turnos de funcionamento na sala de informática.

§ 4º O professor só poderá ser lotado em turno com número inferior a 04 (quatro) turmas mediante apresentação de proposta de trabalho que justifique a necessidade de sua lotação.

§ 5º As propostas de trabalho para a sala de informática deverão estar coerentes com a Política Pedagógica da escola e encaminhada para a Coordenadoria de Planejamento/SED, que procederá à sua análise em articulação com a Superintendência de Políticas da Educação/SED.

Art. 3º É condição necessária para lotação do professor em sala de informática que o mesmo pertença ao quadro efetivo de pessoal da Secretaria de Estado de Educação.

Parágrafo único. No caso de a unidade escolar não conseguir lotar professor em sala de informática, após ter seguido rigorosamente todos os critérios de lotação, poderá solicitar aulas complementares para professor que já possua um cargo efetivo na própria unidade escolar ou, em caráter excepcional, em outras unidades escolares estaduais, para atuar em sala de informática.

Art. 4º Quando houver vacância ou abertura de sala de informática, a unidade escolar divulgará, em seus murais, o Edital de Inscrição para fins de lotação de professor.

Art. 5º O professor, para efeito de lotação na sala de informática, deverá atender aos seguintes critérios:

I - possuir formação de nível superior;

II - comprovar conhecimento de sistema operacional, aplicativos de editor de texto, planilha e *software* de apresentação, noções de rede, de *hardware* e periféricos, através de documento expedido pelo Núcleo de Tecnologia Educacional, ou por instituições devidamente reconhecidas;

III - apresentar parecer emitido pela direção colegiada da unidade escolar quanto à aptidão e habilidade do professor para coordenar e incentivar a utilização pedagógica das modernas tecnologias da informação e da comunicação no trabalho em sala de informática.

Art. 6º O professor será lotado em sala de informática mediante formalização de processo administrativo que a unidade escolar deve instruir, contendo a seguinte documentação:

I - requerimento padronizado, planilha de lotação e cópia do último contracheque;

II - ata do Colegiado Escolar com a indicação do professor que assumirá a sala de informática, com o respectivo turno de atuação;

III - cópia do Edital de Inscrição;

IV - comprovante de conhecimento na área de informática, de acordo com o inciso II, do artigo 5º, desta Resolução, e parecer da direção colegiada da unidade escolar de acordo com o inciso III, do mesmo artigo;

V - Proposta de Trabalho para a sala de informática, consoante o Projeto Político Pedagógico da unidade escolar.

Art. 7º São atribuições do professor lotado em sala de informática:

I - ministrar aulas de informática aplicada à educação considerando os conteúdos programáticos constantes dos componentes curriculares;

II - planejar e organizar as atividades pedagógicas e o cronograma de uso da sala de informática do seu turno, em articulação com a coordenação pedagógica e corpo docente;

III - articular com a direção colegiada, coordenação pedagógica e assessor técnico escolar formas diferenciadas de organização curricular que possibilitem a realização de seminários, encontros e grupos de estudos relacionados à área de informática na educação, bem como a participação em eventos dessa natureza em âmbito local, regional ou nacional;

IV - registrar, diariamente, em diário próprio, o trabalho realizado na sala de informática e apresentar esse registro para apreciação da direção da unidade escolar, ao final de cada bimestre;

V - organizar e zelar pela conservação do espaço físico da sala de informática, mantendo em condições apropriadas os materiais, equipamentos e mobiliários.

Art. 8º O professor em sala de informática desenvolverá os trabalhos de forma articulada com o Núcleo de Tecnologia Educacional de sua jurisdição, conforme Anexo I, desta Resolução, a fim de:

I - trocar experiências com professores das outras unidades escolares;

II - adequar-se às orientações emanadas da Secretaria de Estado de Educação, através da Coordenadoria de Planejamento;

III - manter-se em permanente processo de atualização.

Art. 9º Os casos omissos serão dirimidos pela Secretária de Estado de Educação.

Art. 10. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogada a Resolução/SED nº 1552, de 9 de maio de 2002, e demais disposições em contrário.

Campo Grande, 4 de setembro de 2002.

ELZA APARECIDA JORGE
Secretária de Estado de Educação

Anexo I da Resolução/SED nº 1.570, de 4 de setembro de 2002.

Municípios jurisdicionados aos Núcleos de Tecnologia Educacional

Núcleos de Tecnologia Educacional			
Campo Grande	Corumbá	Dourados	Três Lagoas
Anaurilândia	Anastácio	Amambai	Água Clara
Bandeirantes	Aquidauana	Angélica	Alcinópolis
Bataguassu	Bela Vista	Antônio João	Aparecida do Taboão
Batayporã	Bodquena	Aral Moreira	do
Campapuã	Boimão	Caarapó	Brasilândia
Campo Grande	Caracol	Coronel Sapucaia	Cassilândia
Corguinho	Corumbá	Douradópolis	Chapadão do Sul
Coxim	Jardim	Douradina	Costa Rica
Dois Irmãos do Buriti	Guia Lopes da La	Dourados	Inocência

Jaraguari	gunga	Eldorado	Paranaíba
Maracaju	Ladário	Fátima do Sul	Ribas do Rio Pardo
Nova Alvorada do Sul	Miranda	Glória de Dourados	Santa Rita do Pardo
Nova Andradina	Nioaque	Iguatemi	Selvíria
Pedro Gomes	Porto Murtinho	Itaporã	Três Lagoas
Rio Brilhante		Itaquiraí	
Rio Negro		Ivumbema	
Rio Verde de Mato Grosso		Japorá	
Rochedo		Jateí	
São Gabriel D'Oeste		Juti	
Sidrolândia		Laguna Carapá	
Sonora		Mundo Novo	
Taquarussu		Naviraí	
Terenos		Novo Horizonte do Sul	
		Paranhos	
		Ponta Porã	
		Sete Quedas	
		Tacuru	
		Vicentina	

Anexo II da Resolução/SED nº 1.570, de 4 de setembro de 2002.

Quadro de Lotação para professor de sala de informática na rede estadual de ensino em 2002.

NTE	UNIDADES ESCOLARES	MUNICÍPIO	PROGRAMA	CH
Campo Grande	EE Dolor Ferrisira de Andrade	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Lúcia Martins Coelho	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Profa. Maria de Lourdes T. Areias	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Maestro Heitor Villa Lobos	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Maria Constança Barros Machado	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Olinda Conceição Teixeira Bacha	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Sebastião Santana de Oliveira	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Waldemir Barros da Silva	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Austrílio Capilé de Castro	Campo Grande	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Professora Élia França Cardoso	Campo Grande	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Professor Bráz Sinigaglia	Bataguassu	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Miguel Sutil	Campapuã	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Marechal Rondon	Nova Andradina	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Otávio Gonçalves Gomes	Rio Negro	ProInfo -2ª etapa	60h
Corumbá	EE Silvío de Oliveira	Campo Grande	Amigos da Escola	60h
	EE Miguel Couto	Campo Grande	Doação	60h
	EE Leontino Alves de Oliveira	Rio Negro	Aquisição da Escola	60h
Dourados	EE Júlia Gonçalves Passarinho	Corumbá	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Coronel Pedro José Rufino	Jardim	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Maria Corrêa Dias	Anastácio	ProInfo -2ª etapa	60h
Três Lagoas	EE Antônia da Silveira Capilé	Dourados	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Menadora Fialho Figueiredo	Dourados	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Presidente Vargas	Dourados	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE João Brembatti Calvo	Ponta Porã	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE 4 de Abril	Sete Quedas	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE Enail Vargas	Cel. Sapucaia	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Edwyriges Coelho Derzi	Doiápolis	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Professora Floriana Lopes	Dourados	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Silo Vargas Batista	Eldorado	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Weimar Torres	G. de Dourados	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Olivia Paula	Itaporã	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Princesa Izabel	Itaporã	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE José Juares Ribeiro de Oliveira	Itaquiraí	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE D. Fernando C. Capiberibe Saldanha	Ponta Porã	ProInfo -2ª etapa	60h
EE São José	Vicentina	ProInfo -2ª etapa	60h	
EE Emanuel Pinheiro	Vicentina	ProInfo -2ª etapa	60h	
EE Salomé de Melo Rocha	Cel. Sapucaia	Doação	60h	
Três Lagoas	EE Fernando Corrêa da Costa	Três Lagoas	ProInfo -1ª etapa	60h
	EE João Ponce de Arruda	Três Lagoas	ProInfo -2ª etapa	60h
	EE Profa. Romilda Costa Carneiro	Alcinópolis	Doação e aquisição da escola.	60h

EXTRATO DO PRIMEIRO TERMO ADITIVO AO CONTRATO DE LOCAÇÃO Nº 045/2001

PROCESSO:29/060462/2001

PARTES: Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, através da Secretaria de Estado de Educação e a Sra Vanderlina Madalena Menezes.

OBJETO: prorrogação do contrato de locação pelo período de 31.08.2002 a 30.08.2003, EE Romalino Alves de Albrês/Anastácio.

FORO: Desta Comarca

Anexo 2 Resolução 1842**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**

Resolução/SED nº 1.842, de 8 de abril de 2005.

Publicada Diário Oficial nº 6463 páginas 12 e 13 de 11 de abril de 2005

Dispõe sobre a criação das Salas de Tecnologias Educacionais, a lotação e atribuições de professor da Educação Básica para exercer a função de professor regente nessas salas nas unidades escolares da rede estadual de ensino, e dá outras providências.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, com fundamento na Lei Complementar nº 087, de 31 de janeiro de 2000, e na Lei Complementar Federal nº 101, de 4 de maio de 2000,

RESOLVE:

Art. 1º Fica criada a Sala de Tecnologias Educacionais - STE nas unidades escolares da rede estadual de ensino.

Art. 2º Será considerada Sala de Tecnologias Educacionais a sala da unidade escolar equipada com, pelo menos, 08 (oito) microcomputadores e 01 (uma) impressora, com infra-estrutura adequada e equipamentos em condições de perfeito funcionamento.

Art. 3º A criação de Sala de Tecnologias Educacionais nas unidades escolares tem como objetivo utilizar as tecnologias educacionais no processo pedagógico para a promoção da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Art. 4º Para a criação da Sala de Tecnologias Educacionais, a unidade escolar deverá formalizar o respectivo processo e encaminhá-lo para a Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/SUPAE/SED.

Parágrafo único. Após a regular tramitação do processo, a Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/SUPAE/SED incluirá o nome da escola no Anexo II desta Resolução e publicará o ato, em Diário Oficial/MS.

Art. 5º O processo de criação da Sala de Tecnologias Educacionais deverá conter em sua instrução os seguintes documentos:

I - solicitação da inclusão da unidade escolar no Anexo II desta Resolução, contendo a carga horária de funcionamento da Sala de Tecnologias Educacionais, o número de microcomputadores instalados e a procedência desses equipamentos;

II - relatório de inspeção, emitido pela Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/SUPAE/SED, ou por quem autorizado por ela;

III- Projeto Tecnológico para Sala de Tecnologias Educacionais, consoante com a Proposta Pedagógica da unidade escolar, analisado e aprovado pelo Núcleo de Tecnologias Educacionais – NTE de sua jurisdição.

Art. 6º Fica assegurada às unidades escolares estaduais que possuam Sala de Tecnologias Educacionais a lotação de professor para o atendimento dos turnos de

funcionamento nas unidades escolares da rede estadual de ensino, constantes no Anexo II desta Resolução.

§ 1º A unidade escolar contará com atendimento em cada Sala de Tecnologias Educacionais de até 60 (sessenta) horas, distribuídas em 20 (vinte) horas para cada turno.

§ 2º Em cumprimento ao disposto no caput deste artigo, cada unidade escolar com Sala de Tecnologias Educacionais terá 01(um) professor com jornada de (20) horas designado para cada turno de funcionamento.

§ 3º Quando o professor for detentor de um cargo com jornada integral de 40(quarenta) horas terá sua lotação em dois turnos de funcionamento em Sala de Tecnologias Educacionais.

§ 4º Só poderá ocorrer lotação de professor em turno com número inferior a 04(quatro) turmas mediante apresentação, pela unidade escolar, de Projeto Tecnológico que justifique essa necessidade, devidamente aprovado pelo Núcleo de Tecnologias Educacionais e Coordenadoria de Tecnologias Educacionais.

Art. 7º O professor será lotado na Sala de Tecnologias Educacionais em seu cargo efetivo.

§ 1º No caso de a unidade escolar não conseguir lotar professor em Sala de Tecnologias Educacionais, após ter seguido rigorosamente todos os critérios de lotação, poderá solicitar aulas complementares para professor que já possua um cargo efetivo, na própria unidade escolar ou em outras unidades escolares estaduais.

§ 2º Na ocorrência de lotação de professor com aulas complementares, haverá vacância no final do ano letivo, ou a qualquer tempo, desde que haja interesse de outro professor que pretenda se lotar na Sala de Tecnologias Educacionais em seu cargo efetivo.

§ 3º O professor lotado em Sala de Tecnologias Educacionais com aulas complementares não poderá transferi-las para sua lotação no cargo efetivo e vice-versa, a qualquer tempo, podendo fazê-lo apenas no início do ano letivo, e, se o fizer, ocorrerá vacância, abrindo-se, assim, um novo processo seletivo para provimento da vaga.

§ 4º O professor lotado na Sala de Tecnologias Educacionais que vier a ocupar uma função gratificada ou cargo comissionado no âmbito da Secretaria de Estado de Educação, terá que assegurar sua vaga na disciplina de seu objeto de concurso.

Art. 8º Quando houver vacância ou abertura de Sala de Tecnologias Educacionais, a unidade escolar divulgará em seus murais, nos murais do Núcleo de Tecnologias Educacionais - NTE e do Conselho das Unidades Escolares - COUNE ao qual está jurisdicionada, o Edital de Inscrição para fins de lotação de professor.

Art. 9º O Presidente do COUNE deverá encaminhar cópia do Edital para todas as escolas de sua jurisdição, com solicitação para divulgação em seus murais.

Parágrafo único. O Edital de Inscrição deverá ser divulgado em período letivo e permanecer afixado nos murais das Escolas, do NTE e do COUNE durante, pelo menos, 10 (dez) dias úteis.

Art. 10. A vacância a que se refere o artigo 8º desta Resolução ocorrerá quando:

- I - o professor lotado em cargo efetivo desistir de sua vaga;
- II - o professor em Sala de Tecnologias Educacionais estiver lotado com aulas complementares, e surgir outro candidato efetivo com interesse na vaga, devidamente habilitado e aprovado pelo Colegiado Escolar, com base nos critérios estabelecidos por esta Resolução;
- III - a Direção Colegiada assim o determinar, devido ao não cumprimento das atividades e/ou compromissos inerentes à função, mediante relatório gerado a partir de avaliação da Coordenadoria de Tecnologias Educacionais e do Núcleo de Tecnologias Educacionais.

§ 1º Na ocorrência do inciso I, o professor deverá assinar um termo de desistência da vaga e encaminhá-lo, por meio da unidade escolar, para a Coordenadoria de Recursos Humanos da Secretaria de Estado de Educação.

§ 2º A avaliação a que se refere o inciso III deverá observar os parâmetros estabelecidos pela Coordenadoria de Tecnologias Educacionais e será aplicada durante todo o ano letivo pelo Colegiado Escolar, que deverá encaminhar relatório anual ao NTE ao qual a unidade escolar está jurisdicionada.

Art. 11. O professor, para efeito de lotação na Sala de Tecnologias Educacionais, deverá atender aos seguintes critérios:

- I - pertencer ao quadro permanente de pessoal da Secretaria de Estado de Educação;*
- II - possuir formação em nível superior com habilitação plena na área da educação;*
- III - possuir conhecimento de sistema operacional, aplicativos de editor de texto, planilha e software de apresentação, noções de rede, de hardware, periféricos, comprovados através de documentos expedidos pelo Núcleo de Tecnologias Educacionais, ou por instituição devidamente reconhecida/credenciada.

Art. 12. O professor será lotado em Sala de Tecnologias Educacionais mediante formalização de processo administrativo, que a unidade escolar deverá instruir, encaminhado à Coordenadoria de Tecnologias Educacionais, contendo a seguinte documentação:

- I - requerimento padronizado, planilha de lotação e cópia do último contracheque;
- II - proposta de trabalho a ser desenvolvida na Sala de Tecnologias Educacionais, aprovada pelo NTE;
- III - Curriculum Vitae com a comprovação de conhecimento na área de informática, devidamente aprovado pelo NTE de sua jurisdição;
- IV - ata do Colegiado Escolar com: registro do processo de escolha, tendo como base os critérios desta Resolução; parecer com a indicação do professor que assumirá a Sala de Tecnologias Educacionais e respectivo(s) turno(s) de atuação;
- V - cópia do Edital de Inscrição, com data de encaminhamento para o NTE e COUNE;
- VI - cópia da ata de posse do Colegiado Escolar com relação nominal de seus componentes, segmento que representa e respectivas assinaturas.

Parágrafo único. Caso haja empate no processo seletivo, deverão ser observados os critérios abaixo, na seguinte ordem:

- a) maior grau de escolaridade;
- b) maior tempo de trabalho com informática aplicada à educação;
- c) maior tempo de trabalho com informática;
- d) maior tempo de serviço no Estado.

Art. 13. São atribuições do professor lotado em Sala de Tecnologias Educacionais:

I - participar das capacitações promovidas pela Coordenadoria de Tecnologias Educacionais e Núcleo de Tecnologias Educacionais;

II - ministrar aulas, cujas atividades envolvam orientação e acompanhamento do uso das tecnologias educacionais disponíveis, bem como regência, em duplo grau de responsabilidade com o professor da disciplina das diversas áreas do conhecimento, dos conteúdos programáticos constantes nos componentes curriculares;

III - planejar e organizar as atividades pedagógicas e o cronograma de uso da Sala de Tecnologias Educacionais do seu turno, em articulação com a coordenação pedagógica e corpo docente;

IV - registrar diariamente as atividades desenvolvidas na Sala de Tecnologias Educacionais;

V - proceder à avaliação constante e sistemática da aprendizagem dos aplicativos utilizados no desenvolvimento das atividades pedagógicas dos alunos;

VI - entregar avaliação bimestral na secretaria da escola, observando o calendário escolar;

VII - encaminhar, semestralmente, para o NTE de sua jurisdição, nas datas de 30 de junho e 10 de dezembro, relatório com os resultados das avaliações, vistado pela direção da unidade escolar;

VIII - articular com a direção colegiada, coordenação pedagógica e assessor técnico escolar, formas diferenciadas de organização curricular que possibilitem a realização de seminários, encontros, grupos de estudos presenciais ou a distância, relacionados à área das tecnologias aplicadas à educação, bem como a participação em eventos dessa natureza em âmbito local, regional ou nacional;

IX - responsabilizar-se pela organização e conservação do espaço físico da Sala de Tecnologias Educacionais, mantendo em condições apropriadas os materiais, equipamentos e mobiliário.

Art. 14. A carga horária destinada para o planejamento pedagógico, junto aos demais professores e coordenadores pedagógicos, estará incluída no horário de funcionamento da Sala de Tecnologias Educacionais e será distribuída no decorrer da semana, resguardando ao professor da STE um horário para manutenção técnica, salvo os dias de cursos e capacitações realizados pelo NTE e/ou Órgão Central.

Art. 15. O professor em Sala de Tecnologias Educacionais desenvolverá os trabalhos de forma articulada com o Núcleo de Tecnologias Educacionais de sua jurisdição, conforme Anexo I, desta Resolução, a fim de:

- I - trocar experiências com professores das outras unidades escolares;
- II - adequar-se às orientações emanadas da Secretaria de Estado de Educação, por meio da Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/SUPAE;
- III - manter-se em permanente processo de atualização e reciclagem;
- IV - utilizar, no processo pedagógico, todas as tecnologias existentes na escola.

Art. 16. O professor lotado na Sala de Tecnologias Educacionais terá sua lotação assegurada quando for afastado de suas funções para:

I - gozar de licença para tratamento de saúde na pessoa do servidor ou de membro da família;

II - gozar de licença gestante, ou quando de adoção de recém-nascido.

Art. 17. Os casos omissos serão dirimidos pela Secretaria de Estado de Educação.

Art. 18. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogada a Resolução/SED n° 1570, de 4 de setembro de 2002.

Campo Grande, 8 de abril de 2005.

HÉLIO DE LIMA
Secretário de Estado de Educação.

Anexo 3 Resolução 2127

(*) OS TEXTOS DOS ATOS CONTIDOS NESTA BASE DE DADOS SÃO MERAMENTE INFORMATIVOS E NÃO SUBSTITUEM OS ORIGINAIS PUBLICADOS NO DIÁRIO OFICIAL.

Publicado no Diário Oficial nº 6.984, de 6 de junho de 2007.

RESOLUÇÃO/SED n. 2.127, de 5 de junho de 2007.

Dispõe sobre a implantação, implementação, monitoramento e avaliação das Salas de Tecnologias Educacionais na Rede Estadual de Ensino, e dá outras providências.

A **SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**, no uso das atribuições que lhe conferem o inciso II do art. 93 da Constituição Estadual e o disposto nos art. 37 da Lei Complementar n. 87, de 31 de Janeiro de 2000 e no Decreto n. 9.271, de 17 de janeiro de 1998, resolve:

Art. 1º Estabelecer critérios para implantação, implementação, monitoramento e avaliação das Salas de Tecnologias Educacionais nas unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

Art. 2º As salas de Tecnologias Educacionais implantadas nas escolas da Rede Estadual de Ensino objetivam:

- I – contribuir para a efetividade do processo de ensino e de aprendizagem;
- II – familiarizar os alunos com as ferramentas das tecnologias da informação e da comunicação necessárias à sua formação;
- III – enriquecer o ambiente de aprendizagem escolar;
- IV – privilegiar a construção do conhecimento de forma coletiva e cooperativa.

Art. 3º -As Salas de Tecnologias Educacionais constituem-se em dependências escolares, administrativa, pedagógica e financeiramente vinculadas às escolas onde se encontram instaladas.

Art. 4º As Salas de Tecnologias Educacionais são tecnicamente vinculadas ao Núcleo de Tecnologia Educacional/Coordenadoria de Tecnologias Educacionais/Superintendência de Planejamento e Apoio à Educação.

Art. 5º O horário de atendimento das Salas de Tecnologias Educacionais obedecerá aos turnos de funcionamento, ao calendário das unidades escolares e serão gerenciadas pelos professores de tecnologias.

Art. 6º Na seleção dos professores de tecnologias observar-se-á os seguintes critérios:

- I – pertencer ao Grupo do Magistério do Estado de Mato Grosso do Sul;
- II – possuir formação superior com habilitação plena nas áreas da educação;
- III – possuir conhecimento das ferramentas de informática;
- IV – ser aprovado no processo seletivo por competência técnica e pedagógica.

§ 1º O processo de seleção por competência técnica e pedagógica será definido e coordenado pela Superintendência de Planejamento e Apoio à Educação, por intermédio da Coordenadoria de Tecnologias Educacionais.

§ 2º O processo de seleção ocorrerá anualmente, no segundo semestre letivo.

§ 3º Serão considerados aptos os docentes que obtiverem média igual ou superior a 7.0 (sete), de um total de 10.0(dez) pontos.

§ 4º Os docentes selecionados passarão a integrar um banco de candidatos específico para Salas de Tecnologias Educacionais.

Art. 7º - Em caso de empate no processo seletivo, serão critérios para desempate:

I – maior grau de escolaridade;

II – maior tempo de trabalho com a informática educativa;

III – maior tempo de serviço na Educação do Estado;

Art. 8º O professor de tecnologias manterá as funções de regente por 20 horas, exceto quando perdê-las por motivos alheios a sua ação profissional.

Parágrafo único – O professor detentor de cargo único de 40 horas assumirá 20 horas de regência, respeitando seu objeto de concurso.

Art 9º Quando o número de turmas da unidade escolar não comportar a lotação por 20h, caberá à Coordenadoria de Tecnologias Educacionais, em articulação com a Coordenadoria de Recursos Humanos, ajustar a carga horária do docente.

Art. 10. O professor só estará apto para atuar na Sala de Tecnologias Educacionais após a divulgação do resultado da seleção e a formalização e aprovação do processo de lotação.

Art. 11. Compete à unidade escolar instruir o processo de lotação e encaminhá-lo à Superintendência de Planejamento e Apoio à Educação/ Coordenadoria de Tecnologias Educacionais, de acordo com as orientações da área de recursos humanos da Superintendência de Administração e Apoio Operacional.

Art. 12. Excepcionalmente quando a unidade escolar, resguardados todos os critérios de seleção, não conseguir lotar o professor na Sala de Tecnologias Educacionais poderá atribuir aulas complementares para o professor, detentor de cargo efetivo, com conhecimentos da área.

§ 1º A atribuição das aulas complementares cessará sempre que houver professor interessado e selecionado para a função.

§ 2º A atribuição de aulas complementares não implica na transferência das aulas para o cargo efetivo do professor.

Art. 13. O professor selecionado para a Sala de Tecnologias, lotado em seu objeto de concurso ou habilitação, que possuir apenas 20 horas receberá:

I – se efetivo, mais 20 horas de aulas complementares;

II – se convocado, mais 20 horas de convocação;

Art. 14. O professor, após a seleção deverá apresentar à direção escolar proposta do trabalho a ser desenvolvido na Sala de Tecnologias Educacionais.

Art. 15. Caberá à equipe técnica escolar e ao Núcleo de Tecnologias Educacionais de sua jurisdição analisar e aprovar a proposta apresentada pelo professor.

Art. 16. A proposta apresentada pelo professor deverá estar embasada:

I – nos Referenciais Curriculares da Rede Estadual de Ensino;

II – no Projeto Político Pedagógico da escola;

III – no Projeto Tecnológico da unidade escolar.

Art. 17. Os conteúdos a serem desenvolvidos nas Salas de Tecnologias Educacionais encontram-se estabelecidos nos Referenciais Curriculares da Rede Estadual de Ensino.

Art. 18. O professor lotado na Sala de Tecnologias Educacionais poderá ser afastado:

- I – pelo não cumprimento das suas atribuições;
- II – por desempenho insatisfatório comprovado, por meio da avaliação realizada, ou registros de ocorrência, expedidos pela unidade escolar e Núcleo de Tecnologia Educacional.
- III – por solicitação do professor;

Art. 19. O professor lotado na Sala de Tecnologias Educacionais terá sua lotação assegurada quando for afastado de suas funções para:

- I – gozar de licença para tratamento de saúde na pessoa do servidor ou membro da família, observado o que dispõe o Estatuto do Servidor do Estado de Mato Grosso do Sul;
- II – gozar de licença gestante ou quando de adoção de recém-nascido;

Art 20. As atividades desenvolvidas na Sala de Tecnologias Educacionais serão elaboradas pelo professor regente, com apoio do professor de tecnologias e acompanhamento do Coordenador Pedagógico e dos professores multiplicadores do Núcleo de Tecnologias Educacionais de sua jurisdição.

Art. 21. A carga horária destinada ao planejamento pedagógico será incluída no horário de funcionamento da Sala de Tecnologias e distribuída no decorrer da semana.

Art. 22. Caberá à Superintendência de Planejamento e Apoio à Educação, por intermédio da Coordenadoria de Tecnologias Educacionais:

- I – coordenar o processo de implantação e implementação das Salas de Tecnologias Educacionais;
- II – coordenar o processo de seleção dos professores de tecnologias;
- III – repassar aos Núcleos de Tecnologias Educacionais subsídios técnico-pedagógicos que contribuam para melhoria da qualidade do processo de ensino e de aprendizagem dos alunos;
- IV – acompanhar e avaliar as ações desenvolvidas pelos Núcleos de Tecnologias e pelas Salas de Tecnologias Educacionais da Rede Estadual de Ensino;
- V – propor aos Núcleos de Tecnologias Educacionais alterações das orientações prestadas às unidades escolares;
- VI – articular-se com a Superintendência de Políticas de Educação com vistas a subsidiar os Núcleos de Tecnologias Educacionais e as escolas no desenvolvimento de ações que contribuam para melhoria do processo de ensino e de aprendizagem;
- VII – responsabilizar-se pela formação continuada dos professores multiplicadores dos Núcleos de Tecnologias Educacionais, dos docentes e coordenadores pedagógicos da Rede Estadual de Ensino, no tocante ao uso pedagógico das Tecnologias Educacionais;
- VIII – coordenar os eventos de divulgação das experiências de sucesso das unidades escolares.

Art. 23. Caberá aos Núcleos de Tecnologias Educacionais:

- I – acompanhar, orientar e avaliar o processo de implantação e implementação das Salas de Tecnologias Educacionais;
- II – monitorar, acompanhar e avaliar as atividades desenvolvidas nas Salas de Tecnologias Educacionais;
- III – responsabilizar-se pela formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos em Tecnologias Educacionais;
- IV – oferecer subsídios técnico-pedagógicos aos professores que atuam nas Salas de Tecnologias Educacionais de forma que as atividades propostas garantam o alcance das habilidades e competências esperadas dos alunos;
- V – coordenar o processo de articulação Secretaria de Estado de Educação com as Salas de Tecnologias Educacionais;

VI – coordenar o processo de Integração das Tecnologias no âmbito da Rede Estadual de Ensino;

VII – avaliar o desempenho do professor de tecnologias;

VIII – auxiliar o professor de tecnologias na utilização dos equipamentos e programas de informática bem como dos demais recursos tecnológicos aplicados à educação;

IX – gerenciar, com o apoio da Coordenadoria de Tecnologias Educacionais, o processo de seleção do professor de tecnologias das unidades escolares sob sua jurisdição;

X – gerenciar os eventos de divulgação das experiências de sucesso das unidades escolares;

XI – estabelecer procedimentos que auxiliem os professores da Rede Estadual a utilizar as Tecnologias Educacionais;

XII – estabelecer mecanismos que facilitem a relação professor regente e professor da Sala de Tecnologias Educacionais;

XIII – assessorar professores regentes e coordenadores pedagógicos no planejamento das atividades das Salas de Tecnologias Educacionais;

XIV – orientar as escolas na elaboração, implantação e implementação de projetos pedagógicos que envolvam Tecnologias Educacionais;

XV – orientar a escola quanto ao cumprimento da carga horária dos professores;

XVI – prestar assessoria técnico-pedagógica aos municípios no processo de implantação, implementação e avaliação das salas de tecnologias municipais;

Art. 24. Caberá ao professor lotado na Sala de Tecnologias:

I – subsidiar os professores regentes na utilização das diversas Tecnologias Educacionais;

II – auxiliar os professores regentes no planejamento e desenvolvimento das atividades da Sala de Tecnologias Educacionais;

III – responsabilizar-se pelo gerenciamento das Salas de Tecnologias Educacionais;

IV – participar dos cursos de formação continuada oferecidos pela Secretaria de Estado de Educação;

V – cumprir a carga horária destinada ao planejamento pedagógico;

VI – encaminhar, semestralmente, ao Núcleo de Tecnologia Educacional, relatórios de atividades pedagógicas e do trabalho desenvolvido na Sala de Tecnologias Educacionais;

VII – manter atualizados e arquivados os registros do uso da Sala de Tecnologias Educacionais;

VIII – zelar pelo cumprimento do horário de utilização da Sala de Tecnologias Educacionais;

IX – participar dos eventos de divulgação das experiências de sucesso da unidade escolar;

X – cumprir o regimento escolar;

XI – avaliar o seu desempenho na Sala de Tecnologias Educacionais;

Art. 25. Caberá ao professor regente:

I – planejar, em articulação com o professor de tecnologias, as atividades a serem desenvolvidas;

II – participar dos cursos de formação continuada em Tecnologias Educacionais oferecidos pela Secretaria de Estado de Educação;

III – fazer uso da Sala de Tecnologias objetivando a efetividade e eficácia do processo de ensino e de aprendizagem;

IV – desenvolver com os alunos trabalhos e pesquisas que estimulem a construção do conhecimento;

V – responsabilizar-se pelo desenvolvimento das atividades pedagógicas na Sala de Tecnologias Educacionais;

VI – avaliar o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos;

VII – avaliar o seu desempenho na Sala de Tecnologias Educacionais;

Art. 26. Caberá à direção e à equipe técnica pedagógica da unidade escolar:

I – oferecer, à Sala de Tecnologias Educacionais, condições de funcionamento, disponibilizando o material de consumo necessário ao desenvolvimento das atividades;

II – acompanhar e avaliar as atividades desenvolvidas na Sala de Tecnologias Educacionais;

III – assegurar que os professores regentes cumpram, semanalmente, o planejamento das atividades na Sala de Tecnologias Educacionais;

IV – zelar pelo cumprimento da carga horária do professor de tecnologias;

V – incentivar o uso da Sala de Tecnologias Educacionais pelos professores regentes;

VI – acompanhar o processo de seleção do professor de tecnologias, no âmbito da unidade escolar;

VII – zelar pela conservação e manutenção dos equipamentos, mobiliário e materiais da Sala de Tecnologias Educacionais;

VIII – informar à Secretaria de Estado de Educação quaisquer irregularidades da Sala de Tecnologias;

IX – avaliar o desempenho do professor de tecnologias;

Art. 27. Ficam revogadas as disposições em contrário, em especial a Resolução SED n. 1.842, de 8 de abril de 2005.

Art. 28. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

CAMPO GRANDE-MS, 5 de junho de 2007.

MARIA NILENE BADECA DA COSTA
Secretária de Estado de Educação